



XXX CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRAPLIP

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PROFESSORES DE LITERATURA PORTUGUESA

LITERATURA PORTUGUESA: CONFLUÊNCIAS, AFLUÊNCIAS, MULTIPLICIDADES

INTERLOCUÇÕES DA LITERATURA PORTUGUESA CONSIGO MESMA,

COM OUTRAS LITERATURAS E OUTROS CAMPOS DO SABER

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA

01 A 05 DE SETEMBRO DE 2025

CADERNO DE RESUMOS

2025



XXX CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRAPLIP

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PROFESSORES DE LITERATURA PORTUGUESA

LITERATURA PORTUGUESA: CONFLUÊNCIAS, AFLUÊNCIAS, MULTIPLICIDADES

INTERLOCUÇÕES DA LITERATURA PORTUGUESA CONSIGO MESMA,

COM OUTRAS LITERATURAS E OUTROS CAMPOS DO SABER

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA

01 A 05 DE SETEMBRO DE 2025



XXX CONGRESSO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PROFESSORES DE LITERATURA PORTUGUESA - ABRAPLIP.

CONFLUÊNCIAS, AFLUÊNCIAS, MULTIPLICIDADES.

Interlocuções da literatura portuguesa consigo mesma, com outras literaturas e outros campos do saber.

De 01 a 05 de setembro de 2025, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR.





EXPEDIENTE

Reitora da Universidade Estadual de Londrina: Profa. Dra. Marta Regina Gimenez Favaro.

Vice-Reitor: Prof. Dr. Airton José Petris.

Pró-Reitora de Pesquisa e Pós-Graduação: Profa. Dra. Sílvia M. Ferreira Meletti.

Pró-Reitora de Extensão, Cultura e Sociedade: Profa. Dra. Zilda Aparecida Freitas de Andrade.

Diretora de Eventos, Cultura e Relações com a Sociedade: Profa. Dra. Ana Luisa Boavista Lustosa Cavalcante.

Diretora do Centro de Letras e Ciências Humanas: Profa. Dra. Laura Taddei Brandini.

Chefe do Departamento de Letras Vernáculas e Clássicas: Prof. Dr. Adilson dos Santos.

Presidente da Associação Brasileira de Professores de Literatura Portuguesa - ABRAPLIP: Prof. Dr. Silvio Cesar dos Santos Alves (UEL).

Vice-Presidente: Prof. Dr. Mauro Dunder (UFRN).

Secretária Executiva: Profa. Dra. Gabriela Farias da Silva (FURG).

Tesoureira Executiva: Profa. Dra. Andreia Alves Monteiro de Castro (UERJ).

Secretário Adjunto: Prof. Dr. Carlos Eduardo Soares da Cruz (UERJ).

Tesoureira Adjunta: Profa. Dra. Veronica Prudente Costa (UFRR).

Assessora de Comunicação: Profa. Dra. Tatiana Prevedello (CMC).



COMISSÃO ORGANIZADORA

1. Prof. Dr. Silvio Cesar dos Santos Alves (UEL) - Presidente (Gestão 2024-2025) e Coordenador da Comissão Organizadora
2. Prof. Dr. Mauro Dunder (UFRN) - Vice-Presidente
3. Profa. Dra. Gabriela Farias da Silva (FURG) - Secretária Executiva
4. Profa. Dra. Andreia Alves Monteiro de Castro (UERJ) - Tesoureira Executiva
5. Prof. Dr. Carlos Eduardo Soares da Cruz (UERJ) - Secretário Adjunto
6. Profa. Dra. Veronica Prudente Costa (UFRR) - Tesoureira Adjunta
7. Profa. Dra. Tatiana Prevedello (CMC) - Assessora de Comunicação
8. Profa. Dra. Claudia Barbieri (UFRRJ) - Zona Regional 1 (RJ e ES)
9. Prof. Dr. Jorge Vicente Valentim (UFSCar) - Zona Regional 2 (SP e MS)
10. Prof. Dr. Fábio Mario da Silva (UFRPE) - Zona Regional 4 (PE, PB, RN, CE, MA e PI)
11. Prof. Dr. Giuliano Lellis Ito Santos (UEPG) - Zona Regional 5 (RS, SC e PR)
12. Profa. Dra. Maria Luiza Scher Pereira (UFJF) - Zona Regional 6 (MG, GO, TO e DF)
13. Profa. Dra. Cátia Monteiro Wankler (UFRR) - Zona Regional 7 (AM, AP, AC, PA, RO, RR e MT)
14. Prof. Dr. Carlos António Alves dos Reis (Universidade de Coimbra) - Colaborador Internacional (Portugal)
15. Prof. Dr. José Cândido de Oliveira Martins (Universidade Católica Portuguesa) - Colaborador Internacional (Portugal)
16. Profa. Dra. Maria Teresa Duarte de Jesus Gonçalves do Nascimento (Universidade da Madeira) - Colaboradora Internacional (Portugal)
17. Profa. Dra. Susana Maria Loureiro da Silva Matos Antunes (University of Wisconsin-Milwaukee) - Colaboradora Internacional (EUA)
18. Prof. Dr. Maged Talaat Mohamed (Aswan University) - Colaborador Internacional (Egito)
19. Profa. Dra. Laysa Louise Silva Beretta (UEL) - Assessora de Atividades Culturais
20. Prof. Dr. Renato Forin Júnior (UEL) - Assessor de Atividades Artísticas
21. Profa. Dra. Dircel Aparecida Kailer (UEL) - Assessora de Cerimonial e Mestre de Cerimônias
22. Prof. Dr. Frederico Augusto Garcia Fernandes (UEL) - Colaborador *Ad Hoc*
23. Prof. Dr. Saulo Gomes Thimoteo (UFFS) - Colaborador *Ad Hoc*
24. Profa. Ma. Ana Paula Silva (UEL) - Assistente de Comunicação
25. Profa. Ma. Ana Cristina Pereira da Silva (UEL) - Coordenadora de Monitoria
26. Prof. Esp. André Luís Santos Fernandes (UEL) - Coordenador de Monitoria



COMISSÃO CIENTÍFICA

1. Prof. Dr. André Carneiro Ramos (UEMG)
2. Prof. Dr. Antonio Augusto Nery (UFPR)
3. Profa. Dra. Aldinida Medeiros de Souza (UFRN)
4. Profa. Dra. Claudia Maria de Souza Amorim (UERJ)
5. Prof. Dr. Daniel Marinho Laks (UFSCar)
6. Prof. Dr. Daniel Vecchio Alves (UFRJ)
7. Prof. Dr. Eduardo Soczek Mendes (UFPR)
8. Prof. Dr. Gérson Luiz Roani (UFV)
9. Prof. Dr. Helder Garmes (USP)
10. Prof. Dr. Jonas Jefferson de Souza Leite (UFPE)
11. Prof. Dr. Luís Claudio de Sant' Anna Maffei (UFF)
12. Prof. Dr. Luiz Eduardo Rodrigues Amaro (UFRR)
13. Profa. Dra. Madalena Simões de Almeida Vaz Pinto (UERJ)
14. Profa. Dra. Márcia Manir Miguel Feitosa (UFMA)
15. Profa. Dra. Maria Aparecida Ribeiro (Universidade de Coimbra)
16. Profa. Dra. Maria da Glória Bordini (UFRGS)
17. Profa. Dra. Márcia Maria de Arruda Franco (USP)
18. Prof. Dr. Márcio Jean Fialho de Sousa (UFVJM/Unimontes)
19. Prof. Dr. Mário César Lugarinho (USP)
20. Profa. Dra. Marisa Corrêa Silva (UEM)
21. Profa. Dra. Mônica Genelhu Fagundes (UFRJ)
22. Prof. Dr. Paulo Ricardo Braz de Sousa (UFRJ)
23. Prof. Dr. Paulo Ricardo Kralik Angelini (PUC-RS)
24. Profa. Dra. Raquel Trentin Oliveira (UFSM)
25. Profa. Dra. Roberta Guimarães Franco Faria de Assis (UFMG)
26. Prof. Dr. Rodrigo Alexandre de Carvalho Xavier (UFRJ)
27. Prof. Dr. Rodrigo Valverde Denubila (UFU)
28. Profa. Dra. Rosana Apolonia Harmuch (UEPG)
29. Profa. Dra. Rosana Cristina Zanelatto Santos (UFMS)
30. Profa. Dra. Teresa Cristina Cerdeira da Silva (UFRJ)



APRESENTAÇÃO

O ensino da Literatura Portuguesa compõe o currículo da Graduação de quase a totalidade dos Cursos de Letras no Brasil. Apesar da reformulação do Novo Ensino Médio, a Literatura Portuguesa ainda constitui conteúdo obrigatório em vários estados, sendo ensinada em outros independentemente dessa obrigatoriedade. Há cursos de Pós-Graduação em Literatura Portuguesa, seja como área de concentração, seja como linha de pesquisa, também em todos estados do país, consolidando a posição de destaque do Brasil nas pesquisas nessa área. A manutenção dessa atuação tão abrangente e dessa presença tão maciça em todos os níveis da educação brasileira, do Ensino Médio à Pós-Graduação, deve-se, em grande parte, à ABRAPLIP. Nos seus Congressos Internacionais, professores, pesquisadores e estudantes têm a oportunidade de trocar experiências, de discutir as inovações realizadas em todo país e de dialogar com estudiosos de Literatura Portuguesa de outros países, sobretudo de Portugal.

Desde que foi fundada, a Associação Brasileira de Professores de Literatura Portuguesa (ABRAPLIP) tem cumprido com o objetivo de reunir professores, pesquisadores e estudantes que desenvolvam pesquisas em Cultura e Literatura Portuguesas e dos povos falantes de Língua Portuguesa, como prevê seu Estatuto. Os seus eventos congregam trabalhos que abrangem variados campos do saber, registrando e divulgando, por meio de suas publicações, um amplo panorama das pesquisas realizadas em cursos de Graduação e Pós-Graduação do Brasil e do exterior. Para garantir a convergência de diferentes experiências investigativas, a difusão da inovação das pesquisas e a reflexão sobre o ensino da Literatura Portuguesa no Brasil, o XXX Congresso Internacional da Associação Brasileira de Professores de Literatura Portuguesa – “Confluências, Afluências, Multiplicidades”, propôs as seguintes linhas temáticas, com o objetivo de fomentar as “Interlocações da Literatura Portuguesa consigo mesma, com outras literaturas e outros campos do saber”: 1. Literatura Portuguesa em seus tempos; 2. Literatura Portuguesa e intertextualidade; 3. Literatura Portuguesa e outras literaturas; 4. Literatura Portuguesa e outros campos do saber; 5. Literatura Portuguesa e os discursos contemporâneos de resistência; 6. Literatura Portuguesa e práticas culturais; 7. Literatura Portuguesa e ensino. Estas linhas mostram o propósito da ABRAPLIP de: fluir com as atividades de pesquisa e de ensino de Literatura Portuguesa, sem deixar de focar as propostas formativas relacionadas à sua preservação nos currículos da Educação Básica e do Ensino Superior; fazer fluir para a sociedade o conhecimento acerca da Literatura Portuguesa produzido na Universidade; e se abrir para as diversas perspectivas teóricas, metodológicas e ideológicas que historicamente têm contribuído para o ensino e a pesquisa da Literatura Portuguesa.

O resultado dessa proposta são os 281 resumos aqui publicados, como registro parcial das 18 conferências plenárias, 68 conferências semiplenárias, 67 apresentações em mesas redondas e 128 comunicações efetivamente apresentadas no **XXX Congresso Internacional da ABRAPLIP**.



PROGRAMA DAS ATIVIDADES DO XXX CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRAPLIP

01/09/2025

1. Sessão e Conferência de Abertura: Cine Teatro Ouro Verde - Centro de Londrina (9:00/12:00);
2. Conferência Plenária A1: Anfiteatro Cyro Grassi - CCB (14:10/15:00);
3. Conferência Plenária A2: Anfiteatro Cyro Grossi - CCB (15:10/16:00);
4. Sessão de Homenagens 1: Anfiteatro Cyro Grossi - CCB (16:30/18:30);
5. Conferência Plenária B1: Anfiteatro Cyro Grossi - CCB (19:10/20:00);
6. Conferência Plenária B2: Anfiteatro Cyro Grossi - CCB (20:10/21:00).

02/09/2025

1. Mesa de Comunicações A1: Sala 121, Bloco C, CLCH (08:00/09:45);
2. Mesa de Comunicações A2: Sala 122, Bloco C, CLCH (08:00/09:45);
3. Mesa de Comunicações A3: Sala 129, Bloco C, CLCH (08:00/09:45);
4. Mesa de Comunicações A4: Sala 165, Bloco IFCH, CLCH (08:00/09:45);
5. Mesa de Comunicações A5: Sala 172, Bloco IFCH, CLCH (08:00/09:45);
6. Mesa de Comunicações A6: Sala 175, Bloco IFCH, CLCH (08:00/09:45);
7. Mesa de Comunicações A7: Sala 176, Bloco IFCH, CLCH (08:00/09:45);
8. Mesa de Comunicações A8: Lab-2, Bloco C, CLCH (08:00/09:45);
9. Mesa de Comunicações A9: Lab-3, Bloco C, CLCH (08:00/09:45);
10. Mesa de Comunicações A10: Lab-4, Bloco C, CLCH (08:00/09:45);
11. Mesa Redonda A1: Sala 105, Bloco A, CLCH (08:00/09:45);
12. Mesa Redonda A2: Sala de Eventos do CLCH (08:00/09:45);
13. Mesa Redonda A3: Sala 107, Bloco A, CLCH (08:00/09:45);
14. Mesa Redonda A4: Sala 126, Bloco C, CLCH (08:00/09:45);
15. Mesa Redonda A5: Sala 127, Bloco C, CLCH (08:00/09:45);
16. Mesa Redonda A6: Sala 123, Bloco C, CLCH (08:00/09:45);
17. Mesa Semiplenária A1: Sala 105, Bloco A, CLCH (10:00/12:00);
18. Mesa Semiplenária A2: Sala 106, Bloco A, CLCH (10:00/12:00);
19. Mesa Semiplenária A3: Sala 107, Bloco A, CLCH (10:00/12:00);
20. Mesa Semiplenária A4: Sala 109, Bloco A, CLCH (10:00/12:00);
21. Mesa Semiplenária A5: Sala de Eventos, Bloco A, CLCH (10:00/12:00);
22. Conferência Plenária C1: Anfiteatro Cyro Grossi - CCB (14:10/15:00);
23. Conferência Plenária C2: Anfiteatro Cyro Grossi - CCB (15:10/16:00);
24. Encontro com Ana Margarida de Carvalho: Anfiteatro Cyro Grossi - CCB (16:30/18:30);
25. Conferência Plenária D1: Anfiteatro Cyro Grossi - CCB (19:10/20:00);
26. Conferência Plenária D2: Anfiteatro Cyro Grossi - CCB (20:10/21:00).

03/09/2025

1. Mesa de Comunicações B1: Sala 120, Bloco C, CLCH (08:00/09:45);
2. Mesa de Comunicações B2: Sala 121, Bloco C, CLCH (08:00/09:45);
3. Mesa de Comunicações B3: Sala 129, Bloco C, CLCH (08:00/09:45);
4. Mesa de Comunicações B4: Sala 165, Bloco IFCH, CLCH (08:00/09:45);
5. Mesa de Comunicações B5: Sala 174, Bloco IFCH, CLCH (08:00/09:45);
6. Mesa de Comunicações B6: Sala 175, Bloco IFCH, CLCH (08:00/09:45);
7. Mesa de Comunicações B7: Lab-2, Bloco C, CLCH (08:00/09:45);
8. Mesa de Comunicações B8: Sala 177, Bloco IFCH, CLCH (08:00/09:45);
9. Mesa de Comunicações B9: Sala 176, Bloco IFCH, CLCH (08:00/09:45);
10. Mesa de Comunicações B10: Lab-3, Bloco C, CLCH (08:00/09:45);
11. Mesa Redonda B1: Sala 102, Bloco A, CLCH (08:00/09:45);
12. Mesa Redonda B2: Sala 107, Bloco A, CLCH (08:00/09:45);
14. Mesa Redonda B3: Sala 126, Bloco C, CLCH (08:00/09:45);
15. Mesa Redonda B4: Sala 127, Bloco C, CLCH (08:00/09:45);
16. Mesa Redonda B5: Sala 122, Bloco C, CLCH (08:00/09:45);
17. Mesa Redonda B5: Sala 123, Bloco C, CLCH (08:00/09:45);
18. Mesa Semiplenária B1: Sala 101, Bloco A, CLCH (10:00/12:00);
19. Mesa Semiplenária B2: Sala 102, Bloco A, CLCH (10:00/12:00);
20. Mesa Semiplenária B3: Sala 103, Bloco A, CLCH (10:00/12:00);
21. Mesa Semiplenária B4: Sala 106, Bloco A, CLCH (10:00/12:00);
22. Mesa Semiplenária B5: Sala 107, Bloco A, CLCH (10:00/12:00);
23. Mesa Semiplenária B6: Sala de Eventos, Bloco A, CLCH (10:00/12:00);
24. Conferência Plenária E1: Antiteatro Cyro Grossi - CCB (14:10/15:00);
25. Conferência Plenária E2: Antiteatro Cyro Grossi - CCB (15:10/16:00);
26. Sessão de Homenagens 2: Antiteatro Cyro Grossi - CCB (16:30/18:30);
27. Conferência Plenária F1: Antiteatro Cyro Grossi - CCB (19:10/20:00);
28. Conferência Plenária F2: Antiteatro Cyro Grossi - CCB (20:10/21:00);

04/09/2025

1. Mesa de Comunicações C1: Sala 120, Bloco C, CLCH (08:00/09:45);
2. Mesa de Comunicações C2: Sala 122, Bloco C, CLCH (08:00/09:45);
3. Mesa de Comunicações C3: Sala 129, Bloco C, CLCH (08:00/09:45);
4. Mesa de Comunicações C4: Sala 165, Bloco IFCH, CLCH (08:00/09:45);
5. Mesa de Comunicações C5: Sala 175, Bloco IFCH, CLCH (08:00/09:45);
6. Mesa de Comunicações C6: Sala 176, Bloco IFCH, CLCH (08:00/09:45);
7. Mesa de Comunicações C7: Sala 177, Bloco IFCH, CLCH (08:00/09:45);
8. Mesa de Comunicações C8: Lab-2, Bloco C, CLCH (08:00/09:45);
9. Mesa de Comunicações C9: Lab-3, Bloco C, CLCH (08:00/09:45);
10. Mesa de Comunicações C10: Lab-4, Bloco C, CLCH (08:00/09:45);
11. Mesa Redonda C1: Sala 104, Bloco A, CLCH (08:00/09:45);
12. Mesa Redonda C2: Sala de Eventos do CLCH (08:00/09:45);
13. Mesa Redonda C3: Sala 107, Bloco A, CLCH (08:00/09:45);

14. Mesa Redonda C4: Sala 126, Bloco C, CLCH (08:00/09:45);
15. Mesa Redonda C5: Sala 127, Bloco C, CLCH (08:00/09:45);
16. Mesa Redonda C6: Sala 123, Bloco C, CLCH (08:00/09:45);
17. Mesa Redonda C7: Sala 119A, Bloco C, CLCH (08:00/09:45);
18. Mesa Semiplenária C1: Sala 101, Bloco A, CLCH (10:00/12:00);
19. Mesa Semiplenária C2: Sala 103, Bloco A, CLCH (10:00/12:00);
20. Mesa Semiplenária C3: Sala 104, Bloco A, CLCH (10:00/12:00);
21. Mesa Semiplenária C4: Sala 106, Bloco A, CLCH (10:00/12:00);
22. Mesa Semiplenária C5: Sala 107, Bloco A, CLCH (10:00/12:00);
23. Mesa Semiplenária C6: Sala de Eventos, Bloco A, CLCH (10:00/12:00);
24. Conferência Plenária G1: Anfiteatro Cyro Grossi, CCB (14:10/15:00);
25. Conferência Plenária G2: Anfiteatro Cyro Grossi, CCB (15:10/16:00);
26. Assembleia Geral: Anfiteatro Cyro Grossi, CCB (16:30/18:30);
27. Conferência Plenária H1: Anfiteatro Cyro Grossi, CCB (19:10/20:00);
28. Conferência Plenária H2: Anfiteatro Cyro Grossi, CCB (20:10/21:00);

05/09/2025

1. Mesa de Comunicações D1: Sala 120, Bloco C, CLCH (08:00/09:45);
2. Mesa de Comunicações D2: Sala 122, Bloco C, CLCH (08:00/09:45);
3. Mesa de Comunicações D3: Sala 123, Bloco C, CLCH (08:00/09:45);
4. Mesa de Comunicações D4: Sala 124, Bloco C, CLCH (08:00/09:45);
5. Mesa de Comunicações D5: Sala 129, Bloco C, CLCH (08:00/09:45);
6. Mesa de Comunicações D6: Sala 165, Bloco IFCH, CLCH (08:00/09:45);
7. Mesa de Comunicações D7: Sala 174, Bloco IFCH, CLCH (08:00/09:45);
8. Mesa de Comunicações D8: Sala 176, Bloco IFCH, CLCH (08:00/09:45);
9. Mesa de Comunicações D9: Lab-2, Bloco C, CLCH (08:00/09:45);
10. Mesa de Comunicações D10: Lab-3, Bloco C, CLCH (08:00/09:45);
11. Mesa Redonda D1: Sala 105, Bloco A, CLCH (08:00/09:45);
12. Mesa Redonda D2: Sala de Eventos, Bloco A, CLCH (08:00/09:45);
13. Mesa Redonda D3: Sala 107, Bloco A, CLCH (08:00/09:45);
14. Mesa Redonda D4: Sala 126, Bloco C, CLCH (08:00/09:45);
15. Mesa Redonda D5: Sala 127, Bloco C, CLCH (08:00/09:45);
16. Mesa Redonda D6: Sala 119A, Bloco C, CLCH (08:00/09:45);
17. Mesa Semiplenária D1: Sala 103, Bloco A, CLCH (10:00/12:00);
18. Mesa Semiplenária D2: Sala 105, Bloco A, CLCH (10:00/12:00);
19. Mesa Semiplenária D3: Sala 106, Bloco A, CLCH (10:00/12:00);
20. Mesa Semiplenária D4: Sala 107, Bloco A, CLCH (10:00/12:00);
21. Mesa Semiplenária D5: Sala 108, Bloco A, CLCH (10:00/12:00);
22. Mesa Semiplenária D6: Sala de Eventos, Bloco A, CLCH (10:00/12:00);
23. Encontro com Lídia Jorge: Anfiteatro Cyro Grossi, CCB;
24. Sessão e Conferência de Encerramento: Anfiteatro Cyro Grossi, CCB.

SUMÁRIO

CONFERÊNCIAS PLENÁRIAS	29
CULTURAS DE AUTORIA E SOCIABILIDADE FEMININAS NAS MARGENS DO MODERNISMO PORTUGUÊS - Anna Klobucka (Universidade de Massachusetts).....	30
PARA UMA REVISÃO CRÍTICA DO CÂNONE QUEIROSIANO: CONTEXTOS E PRÁTICAS DE ESCRITA - Carlos António Alves dos Reis (Universidade de Coimbra).....	31
A <i>BIBLIOTECA MELANCÓLICA DE PEDRO MEXIA</i> - Helena Etelvina de Lemos Carvalhão Buescu (Universidade de Lisboa).....	32
ABORDAGENS ECO OU GEOPOÉTICAS DA POESIA PORTUGUESA DOS ANOS 70 DO SÉCULO XX À ATUALIDADE - Ida Maria Santos Ferreira Alves (UFF)	33
EDITAR E TRADUZIR PESSOA - Jerónimo Pizarro Jaramillo (Universidad de los Andes).....	34
A “PRATELEIRA HIPOTÉTICA” DE MÁRIO CLÁUDIO OU DA ARTE DE ESCREVER PREFACIOS - Jorge Vicente Valentim (UFSCAR)	35
ENTRE A ÉTICA DO CUIDAR E A CELEBRAÇÃO DA ESPERANÇA EM LÍDIA JORGE - José Cândido de Oliveira Martins (Universidade Católica Portuguesa).....	36
CAMÕES, UM PENSAMENTO DESEJANTE - Luis Claudio de Santanna Maffei (UFF).....	37
MANUEL BANDEIRA NA IMPRENSA PORTUGUESA - Maria Aparecida Ribeiro (Universidade de Coimbra).....	38
DIABOS, MORTOS E SEMI-MORTOS NA LITERATURA PORTUGUESA EM DIÁLOGO, DO SÉC. XIX - Maria Teresa Duarte de Jesus Gonçalves do Nascimento (Universidade da Madeira).....	39
3 VEZES COM SARAMAGO: <i>VIAGEM A PORTUGAL, MANUAL DE PINTURA E CALIGRAFIA E LEVANTADO DO CHÃO</i> - Patrícia da Silva Cardoso (UFPR)	40
CAMILO CASTELO BRANCO: AINDA ESTOU AQUI - Paulo Fernando Motta de Oliveira (USP)	41
LUÍS DE CAMÕES, POETA DE UM TEMPO EM MUDANÇA - Rita Maria da Silva Marnoto (Universidade de Coimbra).....	42
EDUARDO LOURENÇO, TRAGEDIÓGRAFO - Sabrina Sedlmayer Pinto (UFMG).....	43

O CAMÕES DE GARRETT (1815-1854) - Sérgio Nazar David (UERJ)	44
CAMILO CASTELO BRANCO: UM ROMANCISTA LIVRE E SEM COMPROMISSOS - Sérgio Paulo Guimarães de Sousa (Universidade do Minho)	45
HABITAR PORTUGAL: MIGRAÇÕES NA NARRATIVA PORTUGUESA CONTEMPORÂNEA - Sílvio Renato Jorge (UFF).....	46
“UM TERRITÓRIO DIFÍCIL, CUJOS LIMITES RECUAM CONSTANTEMENTE”: EM BUSCA DAS ESCRITORAS DO SÉCULO DE CAMÕES - Vanda Maria Coutinho Garrido Anastácio (Universidade de Lisboa)	47
CONFERÊNCIAS SEMIPLENÁRIAS.....	48
ARNALDO GAMA: UM CULTOR DO MODELO SCOTTIANO NO ROMANCE HISTÓRICO ROMÂNTICO - Aldinida Medeiros de Souza (UEPB)	49
TORNAR-SE MULHER: UMA LEITURA DA POÉTICA DE ADÍLIA LOPES ATRAVÉS DE <i>A REDOMA DE VIDRO</i> DE SYLVIA PLATH - Ana Beatriz Affonso Penna (UFPR)	50
UM TEMPO A SER LEMBRADO: A PACATA VIDA DE MARIA PEREGRINA DE SOUSA ENTRE O PORTO E LEÇA DA PALMEIRA - Ana Cristina Comandulli da Cunha (RGPL).....	51
FANTÁSTICO E IDENTIDADE CULTURAL: CONCEPÇÕES DE REAL EM “UMA NOITE EM LUDDENDEN” - Ana Marcia Alves Siqueira (UFC)	52
A HISTÓRIA MAIS ESQUECE DO QUE LEMBRA (OU SALAZARISMO, RESILIÊNCIA E MILES DAVIS): CONSIDERAÇÕES BENJAMINIANAS A PARTIR DO ROMANCE <i>REVOLUÇÃO</i> , DE HUGO GONÇALVES - André Carneiro Ramos (UEMG).....	53
PARA UMA HISTÓRIA DAS MULHERES NO TEATRO PORTUGUÊS NO OITOCENTOS - Andreia Alves Monteiro de Monteiro Castro (UERJ).....	54
MAIS ALGUMAS NOTAS SOBRE A RECEPÇÃO CRÍTICA DA OBRA CAMILIANA COM TEMÁTICA RELIGIOSA - Antonio Augusto Nery (UFPR/CNPq)	55
LER EM PÚBLICO: EÇA DE QUEIRÓS NOS TEMPOS DE SALAZAR - Breno César Góes (PUCRS).....	56
A TESSITURA DO HORROR EM <i>COMISSÃO DAS LÁGRIMAS</i> , DE ANTÓNIO LOBO ANTUNES: METONÍMIA, LIRISMO E (IN)VEROSSIMILHANÇA DA DOR - Camila da Silva Alavarce (UFSCar) ...	57
ESCRITORAS PORTUGUESAS NA IMPRENSA PROLETÁRIA OITOCENTISTA - Carlos Eduardo Soares da Cruz (UERJ/CNPq/Faperj)....	58

A PALAVRA COMO RESISTÊNCIA: NOTAS SOBRE A POESIA FEMININA DE PORTUGAL E DA AMAZÔNIA BRASILEIRA - Cátia Monteiro Wankler (UFRR)	59
O ENSAIADOR DRAMÁTICO E A ENCENAÇÃO NATURALISTA NO FINAL DOS OITOCENTOS - Claudia Barbieri (UFRRJ).....	60
MEMÓRIA, DESLOCAMENTO E IDENTIDADE EM <i>ESSA DAMA BATE BUÉ</i> , DE YARA NAKAHANDA MONTEIRO - Claudia Maria de Souza Amorim (UERJ)	61
JOÃO FRANCISCO LISBOA E EÇA DE QUEIRÓS: INTÉRPRETES CRÍTICOS DA SOCIEDADE BRASILEIRA E PORTUGUESA NA IMPRENSA OITOCENTISTA - Cristiane Navarrete Tolomei (UNIFESP)	62
A FIGURAÇÃO DA PERSONAGEM FEMININA RELIGIOSA EM NARRATIVAS DE LÍNGUA PORTUGUESA - Daiane Cristina Pereira (UEPG/UFPR/ CNPq)	63
LITERATURA COLONIAL NO SÉCULO XXI? MEMÓRIAS LAUDATÓRIAS DO COLONIALISMO PORTUGUÊS EM TRÊS ROMANCES CONTEMPORÂNEOS - Daniel Marinho Laks (UFSCAR)	64
OS EFEITOS LITERÁRIOS DA CONTRARREVOLUÇÃO EM JOSÉ SARAMAGO - Daniel Vecchio Alves (UFRJ).....	65
<i>LENDAS E NARRATIVAS (E OUTROS FOLHETINS): REAPRESENTAR, REPENSAR E REEDITAR ALEXANDRE HERCULANO (1810-1877)</i> - Eduardo Soczek Mendes (UFPR)	66
A LITERATURA PORTUGUESA: QUE BRASIS, QUE PORTUGAL? - Eliana da Conceição Tolentino (UFSJ).....	67
JUDITH TEIXEIRA E OS LOUCOS ANOS VINTE - Fabio Mario da Silva (UFRPE)	68
ENTRE DESASSOSSEGOS E SUBLIMAÇÕES: A NOVÍSSIMA FICÇÃO PORTUGUESA - Gabriela Farias da Silva (FURG)	69
URIEL DA COSTA - UM SUJEITO MARRANO EM <i>UM BICHO DA TERRA</i> , DE AGUSTINA BESSA-LUÍS - Gerson Luiz Roani (UFV)	70
ESCRITA ANTES DA ESCRITA: SOPHIA E FIAMA - Giuliano Lellis Ito Santos (UEPG).....	71
O DESCENTRADO EUROCENTRISMO DE EÇA DE QUEIRÓS - Helder Garmes (USP)	72
TRÊS MOMENTOS DO NEORREALISMO PORTUGUÊS - Izabel Margato (PUCRJ)	73
FLORBELA ESPANCA: UM CONTÍNUO CASO DE EQUÍVOCOS - Jonas Jeferson de Souza Leite (UFPE).....	74

SOBRE TRADUZIR CAMILO HOJE: O ROMANCE CONTRA A HISTORIOGRAFIA DA LITERATURA - Jorge Alberto Uribe Lozada (Universidad EAFIT)	75
O INFLUXO DE <i>FAUSTO</i> DE GOETHE NA CRIAÇÃO DO ÚLTIMO FRADIQUE - José Carlos Siqueira (UFC)	76
O OITOCENTOS EM UMA DAS <i>NOVELAS DO MINHO</i> , DE CAMILO CASTELO BRANCO - Luciene Marie Pavanelo (UNESP)	77
MANIFESTAÇÕES DAS MASCULINIDADES E SEUS DESDOBRAMENTOS EM CONTOS DE EÇA DE QUEIROZ - Luiz Carlos Santos Simon (UEL)	78
ANÁLISE LITERÁRIA E ICONOGRÁFICA DE <i>OS LUSÍADAS</i> E DAS REPRESENTAÇÕES IMAGÉTICAS DA OBRA E DE SEU AUTOR NAS EDIÇÕES DO TRICENTENÁRIO DE CAMÕES NO PERIÓDICO <i>O OCCIDENTE: REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO</i> (1878-1915): DIÁLOGOS, INTERTEXTOS, IDEOLOGIAS - Luiz Eduardo Rodrigues Amaro (UFRR)	79
LITERATURA PORTUGUESA PÓS-COLONIAL: FICÇÃO, HISTÓRIA, PROVOCAÇÃO - Madalena Simões de Almeida Vaz Pinto (UERJ)	80
O COLONIALISMO PORTUGUÊS EM <i>O ALEGRE CANTO DA PERDIZ</i> DE PAULINA CHIZIANE E <i>CADERNO DE MEMÓRIAS COLONIAIS</i> DE ISABELA FIGUEIREDO - Maged Talaat Mohamed Ahmed Elgebaly (Aswan University)	81
O SER-ESTAR-NO-MUNDO EM LÍDIA JORGE: <i>MISERICÓRDIA</i> E A VALORAÇÃO DAS DIMENSÕES INTRÍNSECAS DA VIDA - Marcia Manir Miguel Feitosa (UFMA)	82
A CLASSIFICAÇÃO DE <i>O REINO DA ESTUPIDEZ</i> COMO OBRA PORTUGUESA - Marcia Maria de Arruda Franco (USP)	83
A ESCRITA TERAPÊUTICA PELO PROCESSO DE ANACORESE EM <i>MARTHA FREUD</i> , DE TEOLINDA GERSÃO - Marcio Jean Fialho de Sousa (UFVJM/Unimontes)	84
PAULA TAVARES E A REPRESENTAÇÃO DO FEMININO - Maria da Glória Bordini (UFRGS)	85
MULTIDÃO E SOLIDÃO - Maria Luiza Scher Pereira (UFJF)	86
UMA OUTRA ESPÉCIE DE LIRISMO: UMA FICÇÃO CRÍTICA PARA LER ANTÓNIO FRANCO ALEXANDRE - Maria Silva Prado Lessa (USP)	87
NO RASTILHO DAS ESTRELAS MORTAS OU <i>A FEBRE DAS ALMAS SENSÍVEIS</i> - Maria Theresa Abelha Alves (UFRJ)	88
A VELHICE COMO DETENTORA DO PODER RECONSTRUTOR DA VIDA E DA MEMÓRIA EM <i>AS PEQUENAS MEMÓRIAS</i> , DE JOSÉ SARAMAGO - Marilda Beijo Fróes (IFSP)	89

A LITERATURA COLONIAL PORTUGUESA EM ACERVOS BRASILEIROS: O MUNDO PORTUGUÊS - REVISTA DE ARTES E LETRAS COLONIAIS - Mário César Lugarinho (USP).....	90
HELDER MACEDO E OS CORPOS DA MEMÓRIA: A TRANSITORIEDADE DO ETERNO - Marisa Corrêa Silva (UEM).....	91
VOZES DO TRAUMA: A GUERRA COLONIAL PORTUGUESA (1961-1974) E A LITERATURA PORTUGUESA DE AUTORIA FEMININA - Mauro Dunder (UFRN)	92
EM COAUTORIA COM OS MORTOS: NOTAS SOBRE DOIS LIVROS (IM)POSSÍVEIS - Mônica Genelhu Fagundes (UFRJ)	93
JOSÉ SARAMAGO: DO FORMATIVO AO ALEGÓRICO - Nefatalin Gonçalves Neto (UFRPE)	94
ADÍLIA LOPES E A CONDIÇÃO (IN) HUMANA - Paola Poma (USP)	95
“A ESCREVER/ESCREVO-ME”: A VITA NOVA ADILIANA - Paulo Alberto da Silva Sales (IFG)	96
ARRASAR TUDO COM HERBERTO HELDER - Paulo Ricardo Braz de Sousa (UFRJ)	97
A CIDADE HOSTIL NA NARRATIVA HIPERCONTEMPORÂNEA PORTUGUESA - Paulo Ricardo Kralik Angelini (PUCRS).....	98
AS LÁGRIMAS DE ALMEIDA GARRETT. ESPECTROS, VENTRILOQUISMO E NEGRITUDE EM FREI LUÍS DE SOUSA - Pedro Schacht Pereira (Ohio State University)	99
POÉTICAS DA MULTIPLICIDADE: CESÁRIO VERDE E SUA POTÊNCIA NO ENSINO DE LITERATURA - Raquel Brandão Sêro (Universidade de Coimbra)	100
O TEMPO NÃO-RECONCILIADO DA FICÇÃO DE LOBO ANTUNES - Raquel Trentin Oliveira (UFSM).....	101
MORRER A OCIDENTE: O EXÍLIO INTERIOR DE LUÍSA DACOSTA - Rita Aparecida Coelho Santos (UNEB/Cátedra Fidelino de Figueiredo)	102
UM CRAVO PARA OS PEQUENITOS (E NÃO SÓ): CONTAR A REVOLUÇÃO PARA OS HERDEIROS DA LIBERDADE - Roberta Guimarães Franco Faria (UFMG/CNPq)	103
ENTRE AUTORITARISMO, DISTOPIA E AFROFUTURISMO: ALGUMAS REFLEXÕES ACERCA DAS LITERATURAS CONTEMPORÂNEAS DE LÍNGUA PORTUGUESA - Rodrigo Valverde Denubila (UFU/FAPEMIG). 104	
TEXTOS EM MOVIMENTO: CAMILO E NARDO LEANDRO - Rosana Apolonia Harmuch (UEPG)	105

OS VELHOS TAMBÉM QUEREM VIVER: ALCESTE EM SARAJEVO - Rosana Cristina Zanelatto Santos (UFMS/CNPq/FUNDECT-MS).....	106
REVOLUÇÃO, DE HUGO GONÇALVES: UM NOVO OLHAR SOBRE UM TEMA QUE SE MANTÊM ATUAL - Rosemary Gonçalo Afonso (UFRRJ)...	107
“AS CARTAS E OS PEÕES ASSIM NARRADOS: OS LUSÍADAS EM UMA PRÁTICA DE LEITURA LUDO-LITERÁRIA” - Saulo Gomes Thimoteo (UFFS)	108
O AUTORRETRATO NA POESIA CONTEMPORÂNEA DE LÍNGUA PORTUGUESA - Silvio Cesar dos Santos Alves (UEL)	109
NEO-REALISMO E O TRÁGICO: UMA LEITURA DE <i>O TRIGO E O JOIO</i> DE FERNANDO NAMORA - Suely Leite (UEL)	110
DIÁLOGOS POÉTICOS EM <i>O OLHO E A MÃO</i> DE ANA MARQUES GASTÃO E SÉRGIO NAZAR DAVID - Susana Maria Loureiro da Silva Matos Antunes (University of Wisconsin-Milwaukee)	111
DO EQUÍVOCO ASTROLÓGICO À CRIAÇÃO DE FAKE NEWS: PERIPÉCIAS DE UMA NOVELA POLICIAL - Tatiana Prevedello (Colégio Militar de Curitiba)	112
DA CEGUEIRA À LUCIDEZ: PERCURSOS HUMANÍSTICOS E HUMANITÁRIOS, NOS ENSAIOS DE JOSÉ SARAMAGO - Tércia Costa Valverde (UEFS).....	113
<i>O DELFIM</i> : A PRODIGIOSA AGONIA DE UM MITO - Teresa Cristina Cerdeira (UFRJ/CNPq).....	114
ENTRE TRÂNSITOS E FRONTEIRAS: A EXPERIÊNCIA FEMININA EM <i>ESSE CABELO</i> , DE DJAIMILIA PEREIRA DE ALMEIDA E <i>ESSA DAMA BATE BUÉ!</i> , DE YARA NAKAHANDA - Veronica Prudente Costa (UFRR)	115
SILÊNCIO, ESCRITA E TEMPO: PENSAR COM VERGÍLIO FERREIRA E AGUSTINA BESSA-LUÍS - Viviane da Silva Vasconcelos (UERJ/FAPERJ) .	116
MESAS REDONDAS.....	117
A FIGURAÇÃO DO GATO COMO METÁFORA DO TESTEMUNHO IMPOSSÍVEL NAS NARRATIVAS DE ANA MARGARIDA DE CARVALHO - Adriana Gonçalves da Silva (UEMG)	118
TENDÊNCIAS DA LITERATURA PORTUGUESA CONTEMPORÂNEA PELA PERSPECTIVA DE ESCRITORAS - Alessandra Cristina Moreira de Magalhães (CEFET-RJ)	119
PROSAÍSMO E MODERNIDADE EM AUGUSTO DOS ANJOS E CESÁRIO VERDE - Alex Alves Fogal (CEFET- MG).....	120
A VIOLÊNCIA COMO FIO CONDUTOR EM NARRATIVAS CURTAS DE LÍDIA JORGE - Alyne Isabele Duarte da Silva (UERN)	121

CONEXÕES ULTRAMAR: O IMPACTO DO HOJE NAS FORMAS LITERÁRIAS DE BRASIL E PORTUGAL - Amanda Gomes do Amaral (USP)	122
A FORÇA FOLCLÓRICA DA NATUREZA E A RESISTÊNCIA PELA VOZ DAS MULHERES: ENTRE A UCRÂNIA DE LESIA E O PORTUGAL DE SOPHIA - Amanda Machado Sorgi (UEL)	123
DESDE ONTEM A CIDADE MUDOU: INTERAÇÕES DIALÓGICAS E INQUIETANTES ENTRE ALGUNS PERSONAGENS DE ÁLVARO DE CAMPOS - Ana Clara Magalhães de Medeiros (UnB)	124
DEUS NA ESCURIDÃO, DE VALTER HUGO MÃE: UMA POÉTICA DA TERNURA - Ana Claudia da Silva (UnB)	125
LUGARES DE VIVÊNCIA E RELATOS DE ESPAÇO N'AS PEQUENAS MEMÓRIAS DE JOSÉ SARAMAGO - Ana Cristina da Silva (UFG)	126
ENTRE A LITERATURA E A ECOLOGIA PODE-SE ENCONTRAR UMA ESPERANÇA OU O ADIAMENTO DO FIM DO MUNDO? - Ana Cristina Ribeiro Bonchristiano (USP)	127
O DIÁLOGO ENTRE TEOLINDA GERSÃO E HAN KANG - Ana Maria Wertheimer (PUCRS)	128
VEJO-ME A MIM, NA FILA DAS FINANÇAS: O AUTORRETRATO NA POESIA DE GOLGONA ANGHEL - Ana Paula Silva (UEL)	129
ANA HATHERLY NO BRASIL: CORRESPONDÊNCIAS E RELAÇÕES LITERÁRIAS - André Luiz do Amaral (UFMS)	130
ECOCRÍTICA E ESTUDOS CRÍTICOS ANIMAIS NA POÉTICA DE ADÍLIA LOPES - Angela Guida (UFMS)	131
CRÍTICO-POETA E POETA-CRÍTICO: A REFLEXÃO COMO ELEMENTO COMUM ENTRE AS POÉTICAS DE MÁRIO FAUSTINO E DE RUY BELO - Bárbara Del Rio Araújo (CEFET-MG)	132
NOVAS TEORIAS PARA O CÂNONE: PERSPECTIVAS FEMININAS PARA LER SARAMAGO - Bianca Rosina Mattia (PPGLit/UFSC)	133
ENTRE SILÊNCIOS E DESEJOS: UMA LEITURA HOMOERÓTICA E SENSORIAL DA SURDEZ EM LUANDA LUA, DE MARTA MORGADO - Bruno Lutianny Fagundes Monção (UFU)	134
O ESQUECIMENTO HISTÓRICO DO TEATRO DE CORDEL PARA UMA BOA HISTÓRIA DO TEATRO PORTUGUÊS - Carlos Gontijo Rosa (UFAC/USP)	135
HÉLIA CORREIA, OU A SOBREVIVÊNCIA DOS VAGA-LUMES - Carlos Henrique Fonseca (UERJ)	136

A FICÇÃO DE ISABELA FIGUEIREDO: ANALISANDO A CONSTRUÇÃO DA AUTORA COMO FICCIONISTA EM SEUS ROMANCES - Cinthia da Silva Belonia (UFSM)	137
MAR AMARGO: A TRAVESSIA DAS MULHERES EM UM DEFEITO DE COR E NÃO SE PODE MORAR NOS OLHOS DE UM GATO - Cíntia Bravo de Souza (SME/SEE-RJ).....	138
CLÁUDIA R. SAMPAIO E SEUS DIÁLOGOS PARA (SOBRE)VIVER - Cláudia Mentz Martins (FURG).....	139
CONFIGURAÇÕES LABIRÍNTICAS DO ESPAÇO EM NARRATIVAS DE JOSÉ SARAMAGO - Cleomar Pinheiro Sotta (UNESP)	140
NOVAS CARTAS PORTUGUESAS: UM ESTUDO SOBRE A DISCURSIVIDADE NA RESISTÊNCIA FEMININA - Daniela Imaculada Pereira Costa (UNIMONTES); Maria da Penha Brandim de Lima (UNIMONTES).....	141
RICARDO REIS: O HOMEM ESTILHAÇADO - Diogo Ballestero Fernandes de Oliveira (UFRJ)	142
FACETAS DO REAL EM POEMAS DE NOÉMIA DE SOUSA - Eduardo Prazeres dos Santos (UEL).....	143
OS MEMORÁVEIS, DE LÍDIA JORGE: A ANAMNESE HISTÓRICA DA ÚLTIMA REVOLUÇÃO EUROPEIA (A SUPERAÇÃO DE UMA ERA TOTALITÁRIA À ESPREITA) - Edvaldo A. Bergamo (UnB).....	144
A TOUPEIRA E AS RAÍZES DA NOSTALGIA COLONIAL - O PASSADO REVISITADO EM CADERNO DE MEMÓRIAS COLONIAIS, DE ISABELA FIGUEIREDO - Elanir França Carvalho (UFPA)	145
“E A TERNURA INTERROMPIDA PELO DESFAZER DOS DIAS”: LITERATURA MENOR E TERNURA NA POÉTICA DE INÊS DIAS - Evelyn Rocha de Souza (UERJ)	146
JOSÉ DURO, UM DECADENTISTA PORTUGUÊS - Felipe Frasson Fusco (UEL).....	147
PEDRO, LEMBRANDO INÊS COMO RELEITURA DO MITO - Flávia Maria Ferraz Sampaio Corradin (USP)	148
MONSTRUOSIDADE COMUM EM A MURALHA DE AGUSTINA BESSALUÍS - Gabriel Dória Rachwal (SEED-PR)	149
A TEORIA PSICANALÍTICA DO REAL E A ÉTICA TRÁGICA EM EDUARDO LOURENÇO - Gabriel Victor Rocha Pinezi (UnB)	150
FERREIRA DE CASTRO E A FORMAÇÃO DE UMA CONSCIÊNCIA ECOLÓGICA LITERÁRIA SOBRE A AMAZÔNIA - Guilherme José Purvin de Figueiredo (USP).....	151

ENTRE SILÊNCIOS E SONHOS: O OLHAR INFANTIL EM NARRATIVAS DE MANUEL DA FONSECA E GUIMARÃES ROSA - Gustavo de Mello Sá Carvalho Ribeiro (UNESP)	152
“INFORMAÇÃO DO PADRE CONFESSOR DA MADRE MARIANA DA PURIFICAÇÃO”: UM MANUSCRITO ATRIBUÍDO A FR. ANTÔNIO DE ESCOBAR (1618-1681) - Isabel Scremin da Silva (USP).....	153
FILHOS DE OUTROS/NOVOS TEMPOS: (DES)CAMINHOS E (IN)CERTEZAS DE FUTURO - Jair Zandoná (UFMS)	154
O FANTÁSTICO E O RACISMO EM <i>PRETO E BRANCO</i> , DE REINALDO FERREIRA - Jean Carlos Carniel (The Ohio State University).....	155
MELANCOLIA E PESSIMISMO NA FICÇÃO DO PÓS-GUERRA EM PORTUGAL E NO BRASIL - Jeanine Geraldo (IFPR/UFPR).....	156
AS NOTAS DE RODAPÉ EM A CAVEIRA DA MÁRTIR - Katrym Aline Bordinhão dos Santos (IFPR).....	157
ESCREVER UM DIÁRIO COM ADÍLIA LOPES - Leticia Nery (UFRJ)	158
DRAMATIZAR FLORBELA ESPANCA: A TRANSPOSIÇÃO DA POESIA À CENA NO ESPETÁCULO TEATRAL “FLORBELA, À MARGEM DE UM POEMA” - Luciana Morteo Éboli (UFRGS).....	159
(DES)LIRIZAÇÃO, RASURAS POÉTICAS E LEITURAS CONTEXTUAIS DOS POEMAS DE DEUS E DO DIABO, DE JOSÉ RÉGIO - Manoel Barreto Junior (UNEB)	160
ESTRATÉGIAS DE RESISTÊNCIA EM DIÁRIOS DE EMÍLIA BRAVO, DE MARIA JUDITE DE CARVALHO - Marcela Ansaloni de Azevedo (UERJ/CAPES).....	161
COMUNIDADES REIMAGINADAS - NOVAS CONFIGURAÇÕES NACIONAIS NA FICÇÃO DE DJAIMILIA PEREIRA DE ALMEIDA E KALAF EPALANGA - Marcelo Brandão Mattos (UERJ).....	162
AS ERRATAS NA EDITIO PRINCEPS DOS SERMOENS DE PADRE ANTÔNIO VIEIRA: UM ESTUDO SOBRE PARATEXTOS DA PRIMEIRA MODERNIDADE - Marcus De Martini (UFES)	163
ENTRE PORTUGAL E BRASIL: UMA LEITURA DAS IMAGENS NOS POEMAS DE FLORBELA ESPANCA E LUBI PRATES - Maria Alice Sabaini de Souza Milani (UFTPR).....	164
AS DERIVAS POÉTICAS ENQUANTO CORPO, ENTRE LÍNGUAS: ALINE MOTTA, ADÍLIA LOPES, NATALIE DIAZ - Maria Aparecida Oliveira de Carvalho (UNIMONTES)	165
“ASSUSTADA, COM UM SORRISO CÁLIDO DE GOZO DEVOTO”: O FANATISMO RELIGIOSO EM O CRIME DO PADRE AMARO, DE EÇA DE QUEIROZ - Mariana da Silva Lima (UNIFACCAMP)	166

MATERNAR DA CAMPA: A FIGURA MATERNA EM HUGO GONÇALVES - Monica Chagas da Costa (UFSM).....	167
O HUMANISMO DE JOSÉ SARAMAGO: UM DIÁLOGO COM MONTAIGNE - Naiara Martins Barrozo (UERJ)	168
OS OLHARES E AS CIDADES: O OLHAR ESTÉTICO-FICCIONAL E O OLHAR DA GEOGRAFIA - Orivaldo Rocha da Silva (Faculdade SESI de Educação).....	169
ENSAIO SOBRE AS TROVOADAS: IMAGENS DE PENSAMENTO EM FERNANDO PESSOA - Orlando Nunes de Amorim (IBILCE-UNESP-SJRP)	170
O RETORNO À ÁFRICA NA LITERATURA PORTUGUESA CONTEMPORÂNEA: PERFORMANCE, AUTOFICÇÃO E PÓS-MEMÓRIA - Rafaella Cristina Alves Teotônio (UFPE)	171
APONTAMENTOS SOBRE A TRADIÇÃO DA DRAMATURGIA PORTUGUESA E A ATUALIDADE DE TIAGO RODRIGUES - Renato Forin Junior (UEL).....	172
O EPITÁFIO COMO MODO DE CONVÍVIO NA POESIA PORTUGUESA MODERNA E CONTEMPORÂNEA - Roberto Bezerra de Menezes (UFMS)	173
PERCEPÇÃO NO ESPAÇO A PARTIR DAS INVESTIGAÇÕES GEOMÉTRICAS DO SENHOR SWEDENBORG, DE GONÇALO M. TAVARES - Robson José Custódio (UFPR).....	174
TRÂNSITOS AFRODESCENDENTES: MEMÓRIA E RESISTÊNCIA NA LITERATURA CONTEMPORÂNEA EM PORTUGAL.....	175
Rosângela Sarteschi (USP)	175
O REAL SEM CÓDIGOS: O DISPOSITIVO E O ROUBO EM MANUEL DE FREITAS - Sérgio Guilherme Cabral Bento (UFU).....	176
A LITERATURA PORTUGUESA APRESENTADA NO PROGRAMA NACIONAL DO LIVRO E DO MATERIAL DIDÁTICO (PNLD) LITERÁRIO E NO PROGRAMA NACIONAL BIBLIOTECA NA ESCOLA (PNBE) - Sileide France Turan Salvador (UFPR)	177
EPISTOLOGRAFIAS E MEMÓRIAS: O DIÁLOGO ANCESTRAL NA CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES AFRODIASPÓRICAS - Suzana Costa da Silva (UERJ).....	178
NOS 50 ANOS DE INDEPENDÊNCIA DE MOÇAMBIQUE, RELEITURA DA PAISAGEM COLONIAL EM A ÁRVORE DAS PALAVRAS, DE TEOLINDA GERSÃO - Tereza Maria Tavares dos Santos Jorge (UFF).....	179
DA ARTE DE SOBREVIVER ÀS VIOLÊNCIAS DE GÊNERO EM “APNEIA”, DE TÂNIA GANHO - Thaíla Moura Cabral (UFRJ).....	180

A POÉTICA DA AMIZADE E DA VELHICE: O DIÁLOGO ENTRE VALTER HUGO MÃE E JOÃO ANZANELLO CARRASCOZA NA LITERATURA DE LÍNGUA PORTUGUESA - Ulysses Rocha Filho (UFCAT).....	181
DE MORTOS A MORTOS: CONSIDERAÇÕES SOBRE A MORTE NO SERMÃO AO ENTERRO DOS OSSOS DOS ENFORCADOS DO PADRE ANTÓNIO VIEIRA - Valeria Evencio Zecchinello de Carvalho (UFPR)	182
JOSÉ SARAMAGO VAI À ESCOLA - Vera Lopes da Silva (PUC-Minas); Daniel Vecchio Alves (UFRJ / FAPERJ).....	183
A NOITE IMENSA: A EXPERIÊNCIA DA OUTRA NOITE EM “MISERICÓRIDA”, DE LÍDIA JORGE E NOS “HINOS ÓRFICOS” - Vinícius Richter Guimarães (UERJ)	184
COMUNICAÇÕES	185
EÇA DE QUEIROZ PARA JOVENS LEITORES: A AIA EM CORDEL - Adilson dos Santos (UEL).....	186
LUÍS FILIPE CASTRO MENDES: UM ESTRANHO ANIMAL DE DUAS CABEÇAS NO RIO DE JANEIRO - Adriana Girão Campiti Braga (UFF).....	187
MARGARIDA VALE DE GATO E MAYA DEREN: EXERCÍCIOS DE APROXIMAÇÃO - Adriele Lima de Figueiredo (UFF)	188
GONÇALO M. TAVARES E A ESTÉTICA DO FRAGMENTO - Alessandro Barbosa (USP)	189
A FIGURAÇÃO ANIMAL HUMANIZADA EM MIÚRA, DE MIGUEL TORGA, E ALANDELÃO DE LA PATRIE, DE JOÃO UBALDO RIBEIRO - Alexandre Leidens (UEL)	190
AS CARICATURAS E O NARRADOR EM ERA BOM QUE TROCÁSSEMOS UMAS IDEIAS SOBRE O ASSUNTO, DE MÁRIO DE CARVALHO - Aline Corte (PUCRS).....	191
INFÂNCIAS À DERIVA: A (DES)ESPERANÇA NAS PERSONAGENS DE MIGUEL TORGA E GUIDO WILMAR SASSI - Aline Majolo (UFFS).....	192
O FAZER POÉTICO EM FLORBELA ESPANCA E ALBELY BAKAR - Amanda Jahn Ribeiro (UFRGS).....	193
FLORAL LÚDICO: UM JOGO DE CARTAS SOBRE FLORES AO TELEFONE - Ana Luiza dos Santos (UFFS).....	194
IDENTIDADE, MEMÓRIA E AFETO EM NAS TUAS MÃOS, DE INÊS PEDROSA: UMA ANÁLISE DAS NARRATIVAS DE AUTODESCOBERTA E RELAÇÕES INTERPESSOAIS - Ana Paula Donida (UFFS).....	195
CONVERSA POÉTICA: UM CASO DE ELEGIA EPISTOLAR EM HERBERTO HELDER - Antonio Marcos Lescano de Oliveira (USP)	196

SOB O SIGNO DO MAL: O HOLOCAUSTO COMO HORIZONTE DO ESPAÇO URBANO NA LITERATURA DE GONÇALO M. TAVARES - Antônio Martins da Silva Júnior (PPGL/UEL)	197
O CONTO DA ILHA DESCONHECIDA E VIAGENS DE GULLIVER: A VIAGEM COMO EXPERIÊNCIA DO NOVO - Athalya Gabriela Santos Quinaglia (UEL)	198
ROUBAR A CARA CHAMEJANTE AOS ESPELHOS: UM RETRATO DE POETA NAS OBRAS DE HERBERTO HELDER - Beatriz Lopes Prats (UFRJ)	199
DUMAS FILHO, VERDI E EÇA: OS ESTUDOS INTERARTES EM O PRIMO BASÍLIO - Bianca de Oliveira Picaccio (UNESP)	200
ENTRE SANTAS E PECADORAS: AMOR E DESEJO SEXUAL NA CONTÍSTICA DE GUIOMAR TORRESÃO - Bianca Gomes Borges Macedo (UERJ)	201
QUESTÕES DE VERDADE E AUTORIA EM “A HISTÓRIA DE ROMA”, DE JOANA BÉRTHOLO - Bianca Rosina Mattia (PPGLit/UFSC)	202
A CEGUEIRA MORAL - DA ALEGORIA SARAMAGUIANA EM ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA AOS ABRIGOS NO RIO GRANDE DO SUL - Bruna da Silva Otto de Oliveira (UFSCar).....	203
O PREÇO DA ALMA E A FORÇA DO AFETO: PERDIÇÃO E REDENÇÃO FEMININA EM A NETA DO ARCEDIAGO (1860), DE CAMILO CASTELO BRANCO, E LUCÍOLA (1862), DE JOSÉ DE ALENCAR - Bruna de Oliveira Sales (UERJ)	204
A PALAVRA QUE FALTASSE INVENTAR: UM ENSAIO SOBRE O PERCURSO UTÓPICO EM “O ANO DE 1993”, DE JOSÉ SARAMAGO - Caio José Fontequê Gaspar (UEL)	205
O MATRIMÔNIO SOB O OLHAR FEMININO: UMA ANÁLISE DOS CONTOS MARIDO, DE LÍDIA JORGE, E I LOVE MY HUSBAND, DE NÉLIDA PIÑON - Carolina Montagnini do Nascimento (UEL).....	206
PAIXÃO E VIRTUDE: POESIA DE AMOR AO DIVINO EM VILHANCICO À MAGDALENA, DE SÓROR MARIA DO CÉU - Caroline Henrique Duda (USP)	207
A CONSTITUIÇÃO DO “EU” NA POESIA LÍRICA ORTÔNIMA DE FERNANDO PESSOA - Cecília de Oliveira Cavalcante (UFPR).....	208
A SOBREVIDA DE MILENE LEANDRO: UMA ANÁLISE DA ADAPTAÇÃO CINEMATOGRAFICA DA PROTAGONISTA DE O VENTO ASSOBIANDO NAS GRUAS - Cintia Tavares Saviam (UFSM)	209

O OLHAR DO VIAJANTE TRAPEIRO: ARQUIVO E MEMÓRIA EM DEBAIXO DA NOSSA PELE, DE JOAQUIM ARENA - Clarisse Dias Pessôa (UFF)	210
AS RELAÇÕES DA CENSURA NO TEATRO DE JOSÉ SARAMAGO NAS PEÇAS A NOITE E QUE FAREI COM ESTE LIVRO? - Cybele Regina Melo dos Santos (USP).....	211
UM MAPA DE SINAIS MÁGICOS EM FERNANDO PESSOA E SEUS HETERÔNIMOS - Daiane Rodrigues da Silva (UnB)	212
POÉTICA DA DEPURAÇÃO EM UMA ABELHA NA CHUVA - Daniel Rodrigues De Castro (PUC-Rio)	213
O ELEMENTO DE BRANCO ENCARNADO: ANA LUÍSA AMARAL E A EMOÇÃO POÉTICA - Domenique Rangel de Oliveira (UFRJ).....	214
INTIMIDADES QUE SE REVELAM? UMA LEITURA DOS DIÁRIOS DE MARIE BASHKIRTSEFF E DE FLORBELA ESPANCA - Eliane Soares Santa Brígida (UFPE).....	215
O IMAGINADO CONVÍVIO: SERES REAIS E SERES DE PALAVRAS - A PRESENÇA DE LILLIAS FRASER EM AS LUZES DE LEONOR, DE MARIA TERESA HORTA - Elisângela Aneli Ramos de Freitas (USP)	216
REPRESENTAÇÃO DO TRABALHO FEMININO NO PERIÓDICO O JORNAL DA MULHER SOB A DIREÇÃO DE ALBERTINA PARAÍSO - Erick Douglas Nascimento da Silva (UERJ)	217
A ORDO NATURALIS NA SEÇÃO SOBRE ENEIAS DA HISTORIA TROYANA DE PEDRO I DE CASTELA - Fabiana Nicoli Dias (USP/FAPESP)	218
“MARINHEIRO SEM MAR”, DE SOPHIA DE MELLO BREYER ANDRESEN: UMA RELEITURA CRÍTICA POR MEIO DA ECOPOÉTICA - Fabiane Gilberto Pereira Bicalho (USP).....	219
NOVAS CARTAS PORTUGUESAS: A LUTA FEMININA COMPREENDIDA A PARTIR DO GÊNERO POEMA - Fátima Petrazzini Grubler (UFFS)	220
O PODER CRÍTICO DA DISTOPIA EM ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA - Felipe Pereira de Carvalho (UFPR)	221
“UMA EUROPA MEIO ANTIEUROPEIA” EM O OUTRO AMOR DO DR. PAULO, DE GILBERTO FREYRE - Felipe Rodrigues Soares (USP)	222
“- E ERA UMA VERDADE AQUELE CORPO”: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE CORPO, MONSTRUOSIDADE E POLÍTICA EM O DELFIM E BALADA DA PRAIA DOS CÃES - Fernanda Gappo Lacombe (UFF/ UNIRIO).....	223

A VIAGEM COMO MÉTODO: A POESIA ULTRAMARINA DE SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN - Fernanda Sampaio Gomes dos Santos (USP)	224
O EXEMPLUM ROMANO A SERVIÇO DA LIBERDADE: O CATÃO DE ALMEIDA GARRETT COMO DRAMA POLÍTICO - Francesco Carlo Turilli (UEL)	225
DO DOURO À RÚSSIA: RAUL BRANDÃO, TCHEKHOV E O MAL-ESTAR MODERNO - Gabriel Fallaci Fernando (FFLCH-USP)	226
DA PÁGINA À TELA: A TRANSPOSIÇÃO MIDIÁTICA DE <i>ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA</i> NO CINEMA DE FERNANDO MEIRELLES - Gabriel Felipe da Silva (UFF/ PUC Minas)	227
A PARATEATRALIDADE NO CANCIONEIRO GERAL DE GARCIA DE RESENDE - Geraldo Augusto Fernandes (UFC)	228
NO CAMINHO DE CAMILO: DIÁLOGOS ENTRE A POESIA DE EUGÊNIO DE ANDRADE E DE SEU MESTRE - Géssica Moreira Ramos (UFRJ)	229
O DESASSOSSEGO PESSOANO NUMA ALUCINAÇÃO ÍTALO-PORTUGUESA - Giovane Moura (UnB)	230
IMERSÕES NA EXPERIÊNCIA LITERÁRIA: AS RESSONÂNCIAS ENTRE MAURICE BLANCHOT E SILVINA RODRIGUES LOPES, E AS NOVAS ABORDAGENS TEÓRICAS POR MEIO DOS ENSAIOS DA AUTORA PORTUGUESA - Gustavo Saraiva Silveira (UFSM)	231
CU, RELIGIÃO E HISTÓRIA EM "O NOSSO REINO", DE VALTER HUGO MÃE, E HISTÓRIA DO OLHO, DE GEORGES BATAILLE - Guyllherme Custódio (UFPR)	232
INTRODUÇÃO À LEITURA DA OBRA DE FRANCISCA POSSOLO DA COSTA - Hellio Fellipe Dalle Piagge (FCLar/UNESP)	233
QUADROS E ILUSTRAÇÕES EM FOCO N' O PRIMO BASÍLIO, DE EÇA DE QUEIRÓS: UM PANORAMA DOS DETALHES ARTÍSTICO-VISUAIS - Isabela Coradini Pinheiro (UERJ)	234
"O MITO É O NADA QUE É TUDO": A DIALÉTICA ENQUANTO VÁLVULA INTERPRETATIVA EM "O ANO DA MORTE DE RICARDO REIS", DE JOSÉ SARAMAGO - Isabela Padilha Papke (UFRGS)	235
TU ÉS MEU E EU SOU TUA... O ERÓTICO ENQUANTO RUPTURA DA VASSALAGEM CORTESÃ EM FLORBELA ESPANCA - Jade Luísa Martins Barbalho (UnB)	236
A EPISTOLARIDADE E O PROCESSO CRIATIVO DE EÇA DE QUEIRÓS: O PRIMO BASÍLIO - Jamila Zahara Juny (UEL)	237
ENTRE A TRADIÇÃO E A TRANSGRESSÃO: OS TECLADOS (1999) DE TEOLINDA GERSÃO COMO KÜNSTLERROMAN NA LITERATURA	

PORTUGUESA CONTEMPORÂNEA - Jéssika Aparecida Santachiara Nascimento Santos (USP)	238
A ESTÉTICA DO GROTESCO EM RUBEM FONSECA E JOSÉ CARDOSO PIRES: UM OLHAR SOBRE DOIS CONTOS - João Pedro Cardoso Faccio (UNICENTRO)	239
O JOGO DE MASCULINIDADES EM PÃO DE AÇÚCAR: REPRESENTAÇÕES DA MARGINALIDADE E DA VIOLÊNCIA EM TORNO DE UMA MULHER TRANS - João Pedro da Cunha de Almeida (UFPE).....	240
VOZES EM FAVOR DA HUMANIDADE EM GENTE DA TERCEIRA CLASSE, DE JOSÉ RODRIGUES MIGUÉIS - Jônatas Chagas Ramos (UERJ)	241
CONTRA CORAÇÕES FRIOS E ESTREITOS: OFENSIVAS DO SENSÍVEL NAS EXPERIÊNCIAS ESTÉTICO-PEDAGÓGICAS DE SEBASTIÃO DA GAMA - Juliano Andre Kreutz (UFSM/ IFRS)	242
ENTRE LUANDA E LISBOA: UMA LEITURA DE LUANDA, LISBOA, PARAÍSO, DE DJAIMILIA PEREIRA DE ALMEIDA - Julieny Souza do Nascimento (UFRJ)	243
RUBENA (1521) DO CAOS AO COSMO: A COMÉDIA DE GIL VICENTE - Keliene da Silva de Jesus (USP)	244
FLORBELA ESPANCA E A AUTOBIOGRAFIA DO SOFRIMENTO: PERFORMANCE, AUTOR-PERSONAGEM E A ESCRITA COMO CATARSE INVERTIDA - Kelvin Pablo Domingos Mendes (UEL)	245
A EPISTOLOGRAFIA E O ENSAIO JORNALÍSTICO COMO LABORATÓRIOS DA ESCRITA LITERÁRIA DO ÚLTIMO EÇA DE QUEIRÓ - Késia Palma Kobayashi (UEL)	246
O TEMPO NÃO-NATURAL COMO RECURSO NARRATIVO DE (DES)FIGURAÇÃO DA PERSONAGEM EM A PAIXÃO SEGUNDO CONSTANÇA H., DE MARIA TERESA HORTA - Kethlyn Sabrina Gomes Pippi (UFSM).....	247
NUANCES DO GÓTICO, DO FANTÁSTICO E DO SOBRENATURAL NA ATUALIZAÇÃO DO CONTO “A DAMA PÉ DE CABRA”, DE ALEXANDRE HERCULANO - Keuryn Stéfane Barbosa de Araújo (UERJ)	248
IDENTIDADES E ALTERIDADES EM JOGO NO ROMANCE CASAS PARDAS, DE MARIA VELHO DA COSTA - Lara Trevisan (UFSM)	249
“TORCEM-ME O CORPO DESEJOS”: EROTISMO E MODERNIDADE EM DECADÊNCIA (1923), DE JUDITH TEIXEIRA - Larissa Bistafa Antunes de Oliveira (UFSCar).....	250
A ÚNICA RAZÃO MORAL DE NOSSA EXISTÊNCIA: O ANSEIO PELO FUTURO EM ETERNIDADE, DE FERREIRA DE CASTRO - Larissa Isnardi Barreto (UNESP)	251

FÁBULAS MITOLÓGICAS EM PORTUGAL - Leonardo Zuccaro (DLCV/FFLCH/USP).....	252
UM RETRATO DA ARTE E DO ARTISTA NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA A PARTIR DA OBRA VAMOS COMPRAR UM POETA (2016), DE AFONSO CRUZ (1971) - Leticia Marina Kolb (UFPR)	253
“VIA-SE METADE AO ESPELHO PORQUE SE VIA SEM MAIS NINGUÉM”: A ALTERIDADE SOB O VIÉS DA EXPERIÊNCIA UTÓPICA EM O FILHO DE MIL HOMENS, DE VALTER HUGO MÃE - Liandra Corrêa Silva (UFMA/CNPq)	254
TRANSFORMAR-SE PELA LINGUAGEM: A POÉTICA DO DESEJO EM HELDER E CAMÕES - Lorraina Almeida Serrão de Souza (UFF)	255
ENTRE NEVE E VERSOS: O INVERNO NA POESIA DE JUDITH TEIXEIRA - Luan Emanuel Lupattini (UFFS).....	256
ENTRE A TERRA E O MAR: SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN E A CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO POÉTICO DA INFÂNCIA - Luana Boiani Leite (UFFS)	257
A ÁGUA EM TRÊS CONTOS DA LITERATURA DE LÍNGUA PORTUGUESA - Luana Catita Steffler (UFPR)	258
TRAGICOMÉDIA DA DIÁSPORA: REESCRITAS DO MITO CLÁSSICO E DO DRAMA HUMANO EM DJAIMILIA PEREIRA DE ALMEIDA - Lucas Breda Magalhães (USP)	259
“PROTEGEI-NOS, SENHOR?”: FACES DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER E AS ARMADILHAS DO SAGRADO NAS NARRATIVAS CONTÍSTICAS DE LÍDIA JORGE - Lucas Matheus da Silva de Carvalho (UEL); Bárbara Roberta Almeida Trevisan (UEL)	260
APOLOGIA DAS LETRAS EM CORTE NA ALDEIA - Lucas Padula D’avila (UNICAMP).....	261
A REPÚBLICA DO BRASIL COMO MODELO PARA PORTUGAL - UMA IMAGEM DISTORCIDA PELAS TURVAS ÁGUAS DO ATLÂNTICO - Luiz Eduardo Martins de Freitas (USP).....	262
O USO POLÍTICO-IDEOLÓGICO DAS ILUSTRAÇÕES E IMAGENS CAMONIANAS, PUBLICADAS DURANTE O TRICENTENÁRIO DE CAMÕES (1880), POR TEÓFILO BRAGA E SEUS CORRELIGIONÁRIOS, SOB A LENTE DE BAKHTIN E PANOFKY - Luiz Eduardo Rodrigues Amaro (UFRR/ CAPES).....	263
O (EN)TORNAR-SE DAS PAIXÕES - Luma de Almeida Espíndola (UFF) ..	264
A ESCRITA CONVENTUAL FEMININA NO BRASIL COLÔNIA - Luzia Ribeiro de Carvalho (UERJ).....	265

ARTICULAÇÕES POSSÍVEIS ENTRE ANÁLISE DO COMPORTAMENTO E O CORPO FEMININO NO CONTO “MARIDO” DE LÍDIA JORGE - Marcella Andrade Gomes do Nascimento (UEL); Bárbara Roberta Almeida Trevisan (UEL).....	266
CRÔNICAS E IMPRESSÕES: A CONSTRUÇÃO DO IMAGINÁRIO NA OBRA DE JULIÃO QUINTINHA (1885-1968) - Marcio Roberto Pereira (UNESP-Assis)	267
OS ANTÓNIOS DO ALTO DE SANTA CATARINA: ANTÓNIO FERRO E ANTÓNIO SALAZAR, UMA LEITURA POLÍTICA DO ANO DA MORTE DE RICARDO REIS - Maria Amélia Bezerra Serraninho (UnB)	268
A MATERNIDADE CULPOSA PORQUE FORA DO CASAMENTO EM SEGREDO DE AMOR E PROMETIDA - Maria do Carmo Almeida de Oliveira (UEPB)	269
A MÁSCARA DA MULHER NOS CONTOS REALISTAS DE MACHADO DE ASSIS E EÇA DE QUEIRÓS - Maria Eduarda Zorzin (UFFS).....	270
FRAGMENTOS DO PRETÉRITO: A MEMÓRIA EM ESTA NOITE SONHEI COM BRUEGHEL, DE FERNANDA BOTELHO - Maria Gabriela Silva de Macedo e Marques Guerra (UEFS).....	271
AS SOMBRAS DO GÓTICO EM O ESQUELETO, DE CAMILO CASTELO BRANCO - Maria Luísa Bruno Baumgart (UEPG).....	272
O ONÍRICO E O GÓTICO COMO EXPRESSÃO DA RELIGIOSIDADE EM “O CRIME DO PADRE AMARO”, DE EÇA DE QUEIROZ - Maria Luiza Medeiros Rios (UFSM).....	273
O LAGARTO ENTRE JOSÉS: ENCONTRO NARRATIVO DE TEXTO E XILOGRAVURA NA LITERATURA INFANTOJUVENIL - Mariana Miranda Máximo (Unicentro)	274
O “AUTO DA ALMA”, A MORALIDADE EXEMPLAR DE GIL VICENTE - Marina Gialluca Domene (FFLCH - USP).....	275
NAS ENTRELINHAS: DESNUDANDO O CORPO FEMININO NOS POEMAS DE IRENE LISBOA - Marina Otero Lemos da Silva (UERJ/CAPES).....	276
A AUTONOMIA DA LINGUAGEM E A INVENÇÃO DO EU: AMOR E POESIA EM O’NEILL E HELDER - Marinna Silva Santos (UFU)	277
DEMOCRACIA E DIREITOS HUMANOS EM JOSÉ SARAMAGO: CONSIDERAÇÕES A PARTIR DOS “CADERNOS DE LANZAROTE” (1993 - 1998) - Mateus Roque da Silva (UNICAMP)	278
ESCRITA FURTIVA: A RAPIDEZ, DE ITALO CALVINO (1990), NA FICÇÃO DE MANUEL ABRANTES, NA TERRA DOS OUTROS (2024) - Maurício Dutra Félix (UFSCar)	279

LIVROGRAFIA: LIVRO DO DESASSOSSEGO - Michelle Cardoso de Sá (UERJ)	280
DISCUSSÕES DE PAUTAS FEMINISTAS NO ROMANCE DESTINOS - Michelle Thalyta Cavalcante Alves Pereira (UEPB/PPGLI/GIELLus); Aldinida Medeiros (UEPB/PPGLI/GIELLus)	281
“HIPÓTESE REFUTADA: HÁ VIDA PARA ALÉM DA FICÇÃO”: UMA LEITURA DA OBRA ROMANESCA DE JOANA BÉRTHOLO - Milena Figueiredo Maia (PUC-SP)	282
UM OLHAR FRAGMENTÁRIO SOBRE ALEGORIA, FORMA E AURA EM “ENSAIO SOBRE A LUCIDEZ” - Pamera Ferreira Santos (UERJ)	283
FIOS DA MEMÓRIA: NARRATIVAS DO ESQUECIMENTO EM NOVAS CARTAS PORTUGUESAS E A TOCA DO LOBO - Patrícia Leitão de Almeida (UFRJ)	284
O ESTRANHO DAS CASAS: POEMAS DE LUIZA NETO JORGE, ESCULTURAS DE RACHEL WHITEREAD E AS VISÕES DE MUNDO QUE ERGUEMOS NOS ESPAÇOS DOMÉSTICOS - Paula Tims Carneiro Campello (UFRJ)	285
SOMBRIO APRUMO: TRAÇOS DO INSÓLITO E DO GROTESCO EM TEATRO VERTICAL (2017), DE MANUEL ALBERTO VIEIRA - Paulo Henrique Ribeiro Ratti (UFSCar)	286
O MARINHEIRO DE FERNANDO PESSOA: A CRISE DO NARRADOR E A FRAGMENTAÇÃO DO EU NO TEATRO MODERNO - Pedro Henrique de Brito Borges (PUC-RIO)	287
ESTA TERRA (MINHA) TÃO DISTANTE: O LUGAR DA POESIA EM RUI KNOPFLI E LEONEL NEVES - Pedro Martins Cruz de Aguiar Pereira (UERJ)	288
METAFICÇÃO NA NOVÍSSIMA FICÇÃO PORTUGUESA - Penélope Eiko Aragaki Salles (UFSCar)	289
O CONCEITO DE JUSTIÇA NAS OBRAS DE PRINCIPE, DE GIOVANNI PONTANO (1429-1503), E BREVE DOUTRINA E ENSINANÇA DE PRÍNCIPES, DE FREI ANTÓNIO DE BEJA (1493-?) - Ranieri Emanuele Mastroberardino (Fundação Araucária/UFPR)	290
A LÍNGUA ENTRE ESPÉCIES EM GAL FREIRE E ANDREIA C. FARIA - Raphael Felipe Pereira de Araujo (UFRJ)	291
ANÁLISE ESTRUTURAL DA EPISTOLOGRAFIA ENTRE: AS CARTAS DE AMOR (HERÓIDES) DE OVÍDIO E AS CARTAS PORTUGUESAS (LETTRES PORTUGAISES) DE SÓROR MARIANA ALCOFORADO - Regina Lúcia Gonçalves Pereira Silvestrini (UEM)	292

PAISAGEM URBANA NA NOVÍSSIMA FICÇÃO PORTUGUESA: UMA LEITURA DE PORTO À NOITE, DE AFONSO CURVAL E MORRO DA PENA VENTOSA, DE RUI COUCEIRO - Renan Henrique Messias de Paulo (UFSCar)	293
“ACENDER DE CARÍCIAS UM TEXTO NA MEMÓRIA”: DIÁLOGOS ENTRE O ENSAIO E A POESIA DE LUÍS MIGUEL NAVA - Rodolpho Pereira do Amaral (UERJ)	294
FERNANDO PESSOA E FRIEDRICH NIETZSCHE: UMA SIMBIOSE TEMÁTICA ENTRE POESIA E FILOSOFIA - Rodrigo Caetano Andreu (UNESP)	295
TRAVESSIA TEMPORAL EM HERBERTO HELDER - Rosely de Fátima Silva (USP)	296
MULTIPLICIDADE DE VOZES E SENTIDOS EM “MARIDO”, DE LÍDIA JORGE - Sabrina Perpetuo Ferreira (PUC Minas)	297
A INFÂNCIA SOB A PERSPECTIVA DA DESESPERANÇA EM VALTER HUGO MÃE: UMA ANÁLISE DA DISTOPIA EM O FILHO DE MIL HOMENS - Schaylla Cristina Pereira Nunes (UFMA/FAPEMA)	298
UMA ESCRITA, MUITAS VOZES: A VIDA E O ALÉM-MORTE NO ROMANCE O AMOR TUDO CONSEGUIE, DE MARIA O'NEILL - Sérgio Luís Silva de Abreu (UERJ)	299
O FILHO NATURAL E O ABANDONO NA INFÂNCIA EM CAMILO CASTELO BRANCO - Severina Jardeleia de Amorim Silva Cima (UERJ)	300
FRACTAL: REFLEXOS DE UM MELANCÓLICO NA ESTÉTICA DO ROMANCE "FAZES-ME FALTA" DE INÊS PEDROSA - Sidney Prando Lindini (UFSCAR)	301
REPRESENTAÇÕES DA MUSA NAS POÉTICAS DE ANA LUÍSA AMARAL E MARGARIDA VALE DE GATO - Tamara Roza Campos Amaral (UFF)	302
A VIOLÊNCIA E A LINGUAGEM VAMPIRESCA DE JOSÉ CARDOSO PIRES E DALTON TREVISAN - Tatiana Percio (UFFS)	303
NOSSA SENHORA DE TODAS AS ANGÚSTIAS: A FIGURAÇÃO AMBIVALENTE DA SANTA MESTIÇA EM NÃO SE PODE MORAR NOS OLHOS DE UM GATO, DE ANA MARGARIDA DE CARVALHO - Thai Zeilmann Machado (UFSM)	304
PARA CORRIGIR O ACASO: O JOGO NAS EDIÇÕES DE PEQUENOS BURGUESES - Thalles Candal Reis Fernandes (Capes/UFRJ)	305
O SUJEITO FEMININO E ESPAÇO NA LITERATURA PORTUGUESA - Vania Maria da Silva (USP)	306

ALICE IN THUNDERLAND (2020), DE TEOLINDA GERSÃO: “AS PALAVRAS NÃO DITAS QUEIMAM NA BOCA” - Venerson Cardoso Capuano Fontellas (USP)	307
ENTRE O SENTIDO E A SENSAÇÃO: OS DIÁLOGOS PRESENTES NO TEXTO LITERÁRIO E NA PINTURA EM DIJAIMILIA PEREIRA DE ALMEIDA E MAFALDA IVO CRUZ - Verônica Farias Sayão (PUCRS).....	308
AS VOZES QUE O LUTO LIBERTA: GESTOS DE ANÁLISE DE PASSAGENS, DE TEOLINDA GERSÃO, A PARTIR DA MEMÓRIA GERACIONAL - Victória Loureiro Bulling (UFSM)	309
O SONO E A ILHA: LITERATURA COMPARADA, INTERSECÇÕES ENTRE MURAKAMI E SARAMAGO - Vinícius Pedroza Morelato (Unicentro).....	310
O BRASIL COLONIAL SOB O OLHAR FEMININO: ANÁLISE DE DESMUNDO - Vitória Carolina Marinho (UEL)	311
EÇA DE QUEIRÓS E A EDUCAÇÃO: AS FARPAS EM UMA CAMPANHA ALEGRE - Wilian Augusto Inês (UFPR)	312
DRAMA EM GENTE, DRAMA EM JOGO: LUDOPESSOA E A ADAPTAÇÃO HETERONÍMICA PARA UM JOGO DE TABULEIRO - Willian Cecato dos Santos (UFFS).....	313
“DEIXA-ME QUE FUJA”: MÓNICA, PERSONAGEM SÍMBOLO DA SUBJUGAÇÃO AO PATRIARCADO - Yasmin Andrades Scapin (UFSM); Nycolas Tasca da Silva (UFSM)	314
LISTA DOS AUTORES EM ORDEM ALFABÉTICA.....	315



CONFERÊNCIAS PLENÁRIAS

CULTURAS DE AUTORIA E SOCIABILIDADE FEMININAS NAS MARGENS DO MODERNISMO PORTUGUÊS

Anna Klobucka (Universidade de Massachusetts)
aklobucka@umassd.edu

A historiografia canónica da época modernista em Portugal tem optado por realçar, de forma quase exclusiva, o protagonismo individual e coletivo de agentes culturais masculinos, com destaque na área da literatura para os grupos do Orpheu e da presença, revistas definidoras, respetivamente, da primeira e da segunda geração modernista. Não obstante o desenvolvimento robusto de pesquisas situadas que têm procurado expandir e diversificar este cenário fossilizado (com estudos sobre algumas literatas e intelectuais destacadas da época, sobre a imprensa feminina e sobre o associativismo feminista, entre outros focos), visões panorâmicas das primeiras décadas do século XX ainda tendem a marginalizar ou elidir inteiramente o significado e impacto das produções literárias e culturais de autoria feminina. Esta conferência traçará um esboço do projeto maior de historiar os protagonismos femininos e as redes de sociabilidade em que estes se inseriam – e que os potenciavam – no período modernista. O modernismo coincidiu em Portugal com a emergência robusta da primeira onda do ativismo feminista, que se manifestou também no foro cultural; esta coincidência, pouco comentada no âmbito dos estudos modernistas, merece ser sondada enquanto um dado epistemicamente impactante para uma melhor e mais inclusiva compreensão da época. A conferência procurará iluminar este cenário, focando em particular as consequências culturais da tomada de consciência feminista e as redes de sociabilidade entre ativistas e criadoras, uma formação sociocultural que se manifesta em paralelo, e por vezes em confronto, com os coletivos masculinos do modernismo canónico.

Palavras-chave: Modernismo; Feminismo; Sociabilidade

PARA UMA REVISÃO CRÍTICA DO CÂNONE QUEIROSIANO: CONTEXTOS E PRÁTICAS DE ESCRITA

Carlos António Alves dos Reis (Universidade de Coimbra)
c.a.reis@mail.telepac.pt

A conferência anunciada no título e no subtítulo acima reporta-se, antes de mais, a dois componentes relevantes da atividade de Eça de Queirós e aos seus efeitos socio-literários. Primeiro: a referência um projeto de escrita e de publicação literárias, concebido num envolvimento social, político e cultural que impulsionou uma presença própria no espaço público e condicionou o formato e o regime editorial das obras de Eça; segundo, a feição e o ritmo de desenvolvimento do projeto referido, implicando opções de vária ordem que configuraram o cânone queirosiano como elenco bibliográfico eventualmente instável. As oscilações que esse cânone foi conhecendo relacionam-se com uma espécie de imaginário do escritor, por vezes com representação metaficcional e sujeito a revisões valorativas, já para além do tempo de vida de Eça. Aquilo que aqui se designa como cânone queirosiano envolve obras publicadas em vida, edições póstumas, tentativas abandonadas (de que ficaram materiais em fases distintas de elaboração), romances reescritos, deslocamentos genológicos e textos cancelados. O cenário privilegiado para a análise de muitos dos temas enunciados é a edição crítica das obras de Eça de Queirós, empreendimento que não convoca apenas procedimentos técnico-filológicos, mas que busca uma relegitimização do corpus textual queirosiano. Os diferentes contextos de escrita e da sua materialidade, bem como as situações editoriais que a produção literária e paraliterária de Eça conheceu interferem de forma decisiva na conformação do cânone do escritor, incluindo questões de autoria e de coautoria que lhe estão associadas e a refiguração do seu legado literário.

Palavras-chave: Eça de Queirós; Cânone; Escrita.

A BIBLIOTECA MELANCÓLICA DE PEDRO MEXIA

Helena Etelvina de Lemos Carvalhão Buescu (Universidade de Lisboa)
hcbuescu@gmail.com

Tomo aqui como lugar central da minha reflexão a obra de Pedro Mexia, *Biblioteca* (2020), em conjunto com o título de *Poemas Reunidos* (2024). Trata-se de um livro extraordinário, que me permitirá falar de outros e que me permitirá desenvolver a minha visão sobre uma característica que reputo decisiva hoje, a partir da obra de Pedro Mexia e de outros autores da literatura portuguesa contemporânea: a vertente comparatista dentro da literatura portuguesa actual. Para tal, centrar-me-ei na obra poético-crítica de Pedro Mexia, tomando-o como um caso exemplar do que julgo ser uma das grandes vias da literatura portuguesa contemporânea. Começarei, todavia, por algumas reflexões mais gerais, em torno daquilo a que gostaria de chamar o presente imperfeito, para em seguida situar a obra deste escritor. Para tal, revisitarei brevemente alguns dos autores contemporâneos que julgo mais importantes no panorama actual da literatura portuguesa, após o que me dedicarei a uma leitura mais aprofundada das obras de Pedro Mexia acima referidas, dando conta de como as norteia um fundo melancólico que significativamente as caracteriza, numa descrição de um quotidiano menor e, todavia, cosmopolita.

Palavras-chave: Pedro Mexia; *Homo melancholicus*; Cosmopolitismo.

ABORDAGENS ECO OU GEOPOÉTICAS DA POESIA PORTUGUESA DOS ANOS 70 DO SÉCULO XX À ATUALIDADE

Ida Maria Santos Ferreira Alves (UFF)
idafalves@gmail.com

Nosso trabalho parte do desenvolvimento dos estudos ecocríticos para discutir abordagens eco ou geopoéticas possíveis em alguma poesia portuguesa do século XX, sobretudo a partir dos anos 70, com expansão na contemporaneidade. Ao questionarmos certas condições da relação entre homem e natureza, no contexto urbano, moderno e contemporâneo, discutiremos textos de Carlos de Oliveira, Fíama Hasse Pais Brandão, António Ramos Rosa e Joaquim Manuel Magalhães, na companhia também de alguns poetas mais recentes, para reconhecimento de um horizonte de trabalho poético resistente ao que se vem chamando de “Capitaloceno”. Esse trabalho preocupa-se, cada vez mais acentuadamente, com a habitação do mundo e, no campo da poesia, com uma po-ética que valoriza um novo sentimento da natureza e o pertencimento às matérias do mundo, com a defesa de novos modos de conceber a presença humana no planeta e “a tarefa do pensamento poético”, como defendem, por exemplo, Michel Deguy, Jean-Claude Pinson, Michel Collot, além de pensadores brasileiros como Ailton Krenak e Davi Kopenawa.

Palavras-chave: Poesia portuguesa moderna e contemporânea; Natureza; Paisagem; Geopoética; Eco-poética.

EDITAR E TRADUZIR PESSOA

Jerónimo Pizarro Jaramillo (Universidad de los Andes)
jeronimopizarro@gmail.com

Editar Fernando Pessoa implica lidar com a multiplicidade textual: variantes, rascunhos, versões concorrentes e testemunhos incompletos. A edição crítica, na maior parte dos modelos aplicados, exige decisões pragmáticas que conduzem à fixação de um único texto – mesmo quando esse gesto implica restringir o múltiplo ao uno. Também o tradutor, tradicionalmente, traduz um texto estabilizado, e não uma constelação de versões. Mas poderá o conhecimento dos rascunhos e variantes informar o gesto tradutório? E poderá, por sua vez, a tradução reabrir o que a edição fechou, reativando a pluralidade que a crítica textual frequentemente procura organizar ou reduzir? Esta conferência propõe uma reflexão sobre as tensões entre edição e tradução no caso pessoano, sugerindo que a tradução crítica pode tornar-se um espaço de reinscrição do múltiplo.

Palavras-chave: Crítica textual; Tradução literária; Variantes.

A “PRATELEIRA HIPOTÉTICA” DE MÁRIO CLÁUDIO OU DA ARTE DE ESCREVER PREFACIOS

Jorge Vicente Valentim (UFSCAR)
valentim@ufscar.br

A presente comunicação tem como objetivo analisar alguns dos prefácios produzidos pelo escritor português Mário Cláudio ao longo de mais de cinquenta anos de vida literária. A partir dos nomes escolhidos pelo autor para apresentar e introduzir uma obra, observa-se que existe uma escolha seletiva e pontual, que bem pode ser estudada a partir do conceito de “prateleira hipotética”, forjado por Ítalo Calvino (2009). Com este levantamento, será possível detectar um conjunto de paratextos que constrói uma espécie de biblioteca particular da cultura e da literatura portuguesas e, ao mesmo tempo, não só se confirma na categoria prefácio, mas também estabelece uma fronteira muito tênue com o ensaio.

ENTRE A ÉTICA DO CUIDAR E A CELEBRAÇÃO DA ESPERANÇA EM LÍDIA JORGE

José Cândido de Oliveira Martins (Universidade Católica Portuguesa)
martins.candido@gmail.com

O mais recente romance de Lídia Jorge, *Misericórdia* (2022), culmina uma poética literária dotada de fundas preocupações humanistas, assente em valores fundacionais. Lançando mão de peculiares estratégias ao nível da composição narrativa, servindo-se de um microcosmos concentracionário (cronótopo) e dando vida a um apreciável conjunto de personagens num lar de idosos, a diegese coloca-se questões de fundo verdadeiramente existenciais: a brutalidade da solidão e do fim da vida; a degradação do corpo e da doença; a emergência da banalidade do mal; a de-humanidade das relações interpessoais; a centralidade de memória na definição da identidade; a violência dos preconceitos e das relações interculturais; o lugar do amor e do cuidado do Outro; a oscilação entre o choro e o riso; enfim, a interrogação sobre o sentido da existência. Mesmo no cenário mais inóspito, mostra-se congenial ao ser humano o desejo da celebração possível da esperança; mesmo na maior desordem ou deserto afetivo, valoriza-se a "ironia da vida". Antes que a noite definitiva se abata, estas e outras questões afins são intensamente equacionadas no feminino – afinal, "o feminismo é um humanismo" –, dando assim corpo e voz a uma alargada e tocante meditação sobre a condição humana, ainda mais significativa quando desenvolvida em tempos de incerteza e de renovado desconcerto do mundo. Afinal de contas, o livro da vida tem absoluta necessidade de contrapor a beleza à fealdade do mundo.

Palavras-chave: Ética; Humanismo; Esperança.

CAMÕES, UM PENSAMENTO DESEJANTE

Luis Claudio de Santanna Maffei (UFF)

luismaffei@id.uff.br

A poesia camoniana, visitável por diversas portas giratórias (a expressão vem de um poema de Luiza Neto Jorge), se é um corpo a ser pensado, é também um corpo pensante. Meu projeto de pesquisa vigente, (Um) pensar Camões (CNPq), procura enfrentar um mundo, a poesia camoniana, que exige um esforço que vai além da mera relação com os (em desdobramento irresistível) sentidos que a obra proporciona, pois ela convoca uma enorme disponibilidade para pensar enquanto se elabora. Assim, pensar Camões é assumir a possibilidade de a poesia camoniana ser a encenação de um pensamento, não estritamente filosófico, mas pleno de filosofemas; não teórico, mas formulador de um *modus pensantis* próprio. Por um lado, como se pode pensar o mundo que é a poesia camoniana – não apenas criticá-lo, comentá-lo, mas pensá-lo? Por outro, em que medida se pode considerar a poesia camoniana como a produção de um pensamento, a construção, não de um sistema, mas de um conjunto organicamente elaborado, não obstante a sua abertura à ambiguidade (abertura, a propósito, que talvez seja um dos pilotes do conjunto)? Para lidar com a primeira questão, faz sentido pôr Camões para conversar com gente que pensou filosoficamente problemas que interessaram, de um modo ou de outro, ao poeta – um Camões parresiasta pode sentar-se com alguns gregos e com Foucault, um Camões da alegria (e das paixões tristes), com Spinoza, um Camões da crítica à não escuta de seu tempo, com Nietzsche. Para tatear a segunda, é necessário ir à carne do pensamento camoniano e recebê-lo como uma movimentação desejante, que parte ao esboço de compreensão do mundo enquanto se esboça como incompreensão (e falta) no mesmo mundo.

Palavras-chave: Camões; Pensamento; Desejo.

MANUEL BANDEIRA NA IMPRENSA PORTUGUESA

Maria Aparecida Ribeiro (Universidade de Coimbra)
aparecida@mail.telepac.pt

O papel de Ribeiro Couto e de Casais Monteiro na difusão da poesia de Manuel Bandeira. Reproduções e críticas de versos do poeta brasileiro, assim como interlocuções, nas revistas *Descobrimento*, *Panorama*, *Revista de Portugal*, *presença*, *Litoral*, *Távola Redonda*, *Cidade Nova*, *Mensagem*, *Prometeu*, *Vértice*.

Palavras-chave: Bandeira; Difusão; Interlocuções.

DIABOS, MORTOS E SEMI-MORTOS NA LITERATURA PORTUGUESA EM DIÁLOGO, DO SÉC. XIX

Maria Teresa Duarte de Jesus Gonçalves do Nascimento (Universidade da
Madeira)
mariatn@staff.uma.pt

Concluída que está a identificação do corpus do diálogo no Séc. XIX, podemos avançar com segurança quer na definição de conjuntos textuais, cruzados por temáticas afins, quer na consideração da recorrência ou variabilidade de interlocutores. De entre várias possibilidades de análise entrevistas, interessou-nos aquela que reúne, num conjunto vasto de diálogos, figuras associadas ao universo da morte ou aos seus domínios. Animados de propósitos diversos, encontraremos diálogos que convocam como protagonistas os Diabos e seus sequazes, além dos Mortos e dos Semi-Mortos. Independentemente do contexto de produção e recepção do género no Séc. XIX, o certo é que, pelo menos na sua primeira metade, o diálogo português assume com grande relevância o legado da tradição lucianesca de que estivera praticamente arredado, trazendo até nós, na interlocução, por entre intervenientes de menor visibilidade, outros de grande notoriedade, como Homero, Luís de Camões e o Marquês de Pombal, todos eles já então partidos desse mundo.

Palavras-chave: Diálogo português; Séc. XIX; Tradição lucianesca.

**3 VEZES COM SARAMAGO: VIAGEM A PORTUGAL, MANUAL DE
PINTURA E CALIGRAFIA E LEVANTADO DO CHÃO**

Patrícia da Silva Cardoso (UFPR)
cardoso.psilva@gmail.com

O comunicado lançado à imprensa pela Academia Sueca na altura em que conferiu o Nobel de Literatura a José Saramago encerra-se com a seguinte afirmação: “a sua obra assemelha-se a uma série de projectos, cada um deles a negar os outros mas constituindo uma nova tentativa de se confrontar com uma realidade difícil de apreender”. Nesta comunicação proponho uma abordagem das três obras do autor referidas no título a partir de uma perspectiva oposta à da Academia, por considerar que nesses seus “projetos” é possível acompanhar-se um processo, sem a presença do “confronto”, de tomada de consciência do indivíduo a respeito da sua condição, bem como do entrelaçamento da sua vida com as vidas alheias.

Palavras-chave: Individualismo; Identidade; Ficção.

CAMILO CASTELO BRANCO: AINDA ESTOU AQUI...

Paulo Fernando Motta de Oliveira (USP)
pmotta@usp.br

Em 1861 Camilo Castelo Branco publicou *O romance de um homem rico*, primeiro romance em que simula ser o narrador do enredo. Depois deste livro, serão muitas as narrativas em que reencontraremos a sua voz. Pretendemos rastrear esta imagem ficcional e analisar qual é o Camilo que ainda persiste, 200 anos depois de seu nascimento, em suas obras.

Palavras-chave: Romance oitocentista; Narrador; Camilo Castelo Branco.

LUÍS DE CAMÕES, POETA DE UM TEMPO EM MUDANÇA

Rita Maria da Silva Marnoto (Universidade de Coimbra)
rmarnoto@fl.uc.pt

Poeta lírico e épico, dramaturgo e autor de cartas em prosa, Camões abraçou, como poeta renascentista, o princípio de imitação, segundo o qual para escrever bem é necessário seguir os bons autores. Contudo, tal de modo algum o impediu de criar o novo, no espaço desse mesmo princípio de imitação. Sempre insatisfeito, Camões reconhece que o valor do ser humano passa pela indagação das suas possibilidades e dos seus limites, bem como das suas virtualidades e do modo de as cultivar. Surpreendeu o seu próprio tempo, lançou questões inquietantes a cinco séculos de história, e continua, hoje, a questionar o nosso tempo.

Palavras-chave: Luís de Camões; Renascimento; Literatura Portuguesa; Contemporaneidade de Luís de Camões.

EDUARDO LOURENÇO, TRAGEDIÓGRAFO

Sabrina Sedlmayer Pinto (UFMG)
sabrina.sedlmayer@gmail.com

A minha fala se concentra no conceito de "trágico", conforme elaborado por Eduardo Lourenço, reconhecendo nele um termo de contornos imprecisos, instável e suscetível a diversas interpretações. O ponto de partida é um texto particularmente instigante em que o pensador português sustenta a inexistência de uma visão trágica nas obras mais canônicas da literatura brasileira – de Machado de Assis a Clarice Lispector. A partir disso, buscarei problematizar o que ele denominou de "rasura do trágico", com o intuito de propor uma leitura que investigue a escassa sensibilidade e imaginação trágica presente nas obras literárias das últimas décadas. De modo complementar, será considerado o modo como essa rasura – entendida como risco, raspagem ou substituição – pode estar relacionada à afirmação de uma estética da alegria, tal como celebrada pelo Modernismo, sobretudo enquanto atitude crítica e projeto cultural. Para uma compreensão mais aprofundada da "expressão do trágico", será necessário recorrer à genealogia traçada por Peter Szondi, bem como às formulações de Schelling, momento crucial em que o conceito se emancipa do enquadramento aristotélico – no qual o trágico era concebido como um instrumento da tragédia – e passa a ser tratado de forma autônoma. É fundamental, portanto, distinguir: refletir sobre o trágico não é o mesmo que refletir sobre a tragédia. Enquanto, na cultura clássica, o trágico se manifestava por meio de uma forma literária – a tragédia –, a modernidade o elaborou como ideia filosófica. E mostrarei como na obra de Eduardo Lourenço há um acento ibérico (apoio a Unamuno) e a precisa diferenciação entre tragédia clássica e tragédia moderna.

Palavras-chave: Eduardo Lourenço; Trágico; Rasura do trágico.

O CAMÕES DE GARRETT (1815-1854)

Sérgio Nazar David (UERJ)
snazardavid@gmail.com

A conferência terá por objetivo mapear a presença de Camões na obra de Garrett desde os tempos de Angra, nos Açores, sob a tutela do tio bispo, D. Frei Alexandre da Sagrada Família, até a sua morte em Lisboa em 1854. Quatro pontos fundamentais por demonstrar: a) o jovem Garrett, ao examinar a obra de Camões, demonstra ter um projeto literário coerente e abrangente; b) a sua apreciação crítica adquire certa modulação relativamente ao público, nacional ou estrangeiro, a que se dirige; c) trata-se de um projeto literário interventivo, do poeta-cidadão, que vive e escreve sob o signo da Liberdade; d) por fim, Garrett se educa sob as diretrizes clássicas do tio, mas os seus horizontes, como escritor, apontam cada vez mais para a superação de tais modelos, também, segundo o seu ponto de vista, à semelhança de Camões. Sem dúvida Garrett se vê como um novo Camões. Disse-o Eduardo Lourenço: “Camões [o Camões que ele canta] é, sobretudo, um duplo Garrett (...) doravante inseparável da nova religião da Liberdade”. Disse-o Ofélia Paiva Monteiro: “Garrett [nunca] deixou de trazer o vulto e a poesia de Camões dentro de si”.

Palavras-chave: Garrett; Camões.

CAMILO CASTELO BRANCO: UM ROMANCISTA LIVRE E SEM COMPROMISSOS

Sérgio Paulo Guimarães de Sousa (Universidade do Minho)
spgsousa@elach.uminho.pt

Camilo Castelo Branco, autor de uma vastíssima e versátil obra literária, produziu-a sempre em função de um princípio de base: a incondicional liberdade do ato de escrever. Uma das consequências mais evidentes disso é o descompromisso do escritor com responsabilidades sociais e ideológicas. Dito de outro modo: os romances de Camilo, embora moralizem, não visam mudar o mundo. Por quê? Porque não defendem teses reformadoras.

Palavras-chave: Liberdade; Literatura; Moral.

HABITAR PORTUGAL: MIGRAÇÕES NA NARRATIVA PORTUGUESA CONTEMPORÂNEA

Sílvio Renato Jorge (UFF)
silvio_jorge@id.uff.br

Desde fins do século XX, a sociedade portuguesa tem sido confrontada com fluxos migratórios que seguem a direção contrária àquela observada durante os longos anos em que o país basicamente exportou mão de obra para outros países europeus e da América e colonos para os territórios africanos, em decorrência das condições de pobreza de sua população e da opressão vivida durante o Estado Novo. À forte presença de retornados e africanos no país, notada já nos anos de 1970, como consequência do fim do longo trajeto colonial do país, somaram-se imigrantes vindos de outras regiões, sobretudo do leste europeu, como consequência da guerra na Bósnia (1992-1995) e, mais recentemente, da guerra na Ucrânia. Na literatura, esse influxo aparece de forma ainda discreta, mas já consistente, seja pela escrita de romancistas consolidados no panorama do país, como Maria Velho da Costa, Lídia Jorge e António Lobo Antunes, seja pela mão de escritores que compõem uma segunda (ou mesmo terceira) geração de migrantes de origem africana, como Djaimilia Pereira de Almeida e Joaquim Arena, que cresceram em Portugal e lá constituíram suas histórias de vida. Proponho, portanto, estabelecer uma discussão acerca da forma como as obras desses autores interrogam o imaginário em torno da imigração, principalmente a partir de conceitos como desenraizamento, coabitação, acolhimento e repulsa, bem como problematizar processos de identificação cultural no país, questionando estereótipos e a imagem do “outro radicalmente diferente”. Pretendo, ainda, discutir a forma como estes textos problematizam o uso da língua portuguesa, a partir do confronto com as outras línguas que passam a circular no país, e os processos de interrogação da memória e dos complexos e fragmentários vínculos que recuperam para o estrangeiro as conexões familiares e culturais com uma origem deixada para trás.

Palavras-chave: Literatura Contemporânea; Imigração; Cultura e Sociedade.

**“UM TERRITÓRIO DIFÍCIL, CUJOS LIMITES RECUAM
CONSTANTEMENTE”: EM BUSCA DAS ESCRITORAS DO SÉCULO DE
CAMÕES**

Vanda Maria Coutinho Garrido Anastácio (Universidade de Lisboa)
vandaanastacio@mail.telepac.pt

Partindo de uma afirmação feita nos anos 1990 por Georges Duby quando se referiu ao estudo das mulheres medievais como “terreno difícil cujos limites recuam constantemente” procuraremos traçar um roteiro de pesquisa adequado ao estudo das mulheres do século XVI cujas produções textuais é possível recuperar. Interrogando fontes, discursos em circulação na época e, também, os silêncios da documentação e as omissões desses mesmos discursos, pretende-se chegar a propostas metodológicas concretas para a abordagem e para uma melhor compreensão da relação estabelecida pelas mulheres com a cultura escrita no século XVI.

Palavras-chave: Autoria feminina; Mulheres portuguesas do Renascimento; Genealogia culturais femininas; Repertórios de mulheres ilustres.

CONFERÊNCIAS SEMIPLENÁRIAS

ARNALDO GAMA: UM CULTOR DO MODELO SCOTTIANO NO ROMANCE HISTÓRICO ROMÂNTICO

Aldinida Medeiros de Souza (UEPB)
aldinidamedeiros@gmail.com

Um dos críticos mais antigos dos romances de Arnaldo Gama (1933), Manuel Pinheiro Chagas escreve que, embora tenha o romancista o pendor para “interessar o leitor”, erra a mão no aspecto melodramático das obras. Para alguns, Gama foi um romancista sempre `a sombra de Camilo Castelo Branco; para outros, um cultor mais fiel ao modelo scottiano do romance romântico, aspecto este que une críticos também contemporâneos. Esta comunicação revisita algumas das obras de Arnaldo Gama com o objetivo de apontar sua importância na estética literária romântica, em Portugal, visto que sua ficção aborda temas caros `a história portuguesa. Sua participação como ensaísta e crítico literário em jornais e folhetins, `a época, permite rever o lugar que a historiografia literária lhe destinou, sobretudo a partir dos estudos sobre romance histórico. Para respaldar nosso estudo, trazemos como aporte teórico Augusto Gama (1933), Jacinto do Prado Coelho (1947), Castelo Branco Chaves (1979), Maria de Fatima Marinho (1999) Ana Marques (2002), dentre outros também importantes a esta discussão.

Palavras-chave: Arnaldo Gama; Romantismo português; Romance histórico tradicional.

**TORNAR-SE MULHER: UMA LEITURA DA POÉTICA DE ADÍLIA LOPES
ATRAVÉS DE A REDOMA DE VIDRO DE SYLVIA PLATH**

Ana Beatriz Affonso Penna (UFPR)
anabeatriz.a.penna@gmail.com

Quando questionada em entrevista sobre como os três autores que reconhecia como grandes influências impactaram sua escrita, a poeta Adília Lopes menciona a ideia de uma ferida que lhe é comunicante nesses escritores. No caso da escritora Sylvia Plath, Lopes refere-se à ferida de “uma adolescente e uma jovem mulher” como ponto de comoção em seu trabalho. A partir dessa ideia de um lugar compartilhável de dor sexualizada em feminino na experiência de linguagem de uma jovem mulher, esta fala intenta pensar através da leitura de *A redoma de vidro* como a representação do processo de iniciação da vida sexual íntima e do sofrimento psíquico na novela de Plath são significativas para a constituição do sujeito lírico de Adília Lopes.

Palavras-chave: Adília Lopes; Sylvia Plath; Gênero.

UM TEMPO A SER LEMBRADO: A PACATA VIDA DE MARIA PEREGRINA DE SOUSA ENTRE O PORTO E LEÇA DA PALMEIRA

Ana Cristina Comandulli da Cunha (RGPL)
ana.comandulli@gmail.com

Maria Peregrina de Sousa e António Feliciano de Castilho mantiveram uma longa correspondência, durando até a morte do escritor, em 1875. Essas cartas desvelam momentos dos dois escritores desde a literatura, gosto musical, favores e até mesmo fatos do cotidiano de Lisboa e no norte de Portugal, o Porto, a Maia e Leça da Palmeira, locais onde viveu Maria Peregrina. Nesta comunicação, o interesse é utilizar Irene Vaquinhas, Maria Alexandre Lousada e Bourdieu como base teórica para “ler” as cartas trocadas entre os dois escritores, resultado da recolha dos manuscritos autógrafos dos dois escritores, resultado de longa pesquisa iniciada no doutorado sanduíche e aperfeiçoada no pós-doutorado, em 2024, no Centro de Estudos Clássicos da Universidade de Lisboa, sob a supervisão da Doutora Vanda Anastácio, de quem também não posso deixar de mencionar como base teórica, visto ser predecessora dos meus estudos sobre mulheres em séculos anteriores aos XX, em especial para mim, o oitocentos.

Palavras-chave: Maria Peregrina de Sousa; António Feliciano de Castilho; Cotidiano oitocentista; Correspondência.

FANTÁSTICO E IDENTIDADE CULTURAL: CONCEPÇÕES DE REAL EM “UMA NOITE EM LUDDENDEN”

Ana Marcia Alves Siqueira (UFC)
ana.siqueira@ufc.br

Esse estudo busca explorar, no conto *Uma noite em Luddenden*, de Hélia Correia, a tensão existente entre duas concepções de realidade sem correspondência, que não dialogam, relacionadas às distinções identitárias e culturais. Enquanto a existência de vampiros é inacreditável na visão do português António Pires, ironicamente acostumado com bruxas e lobisomens, ela é banal para os personagens ingleses moradores de Luddenden. Revela-se, pois, o fantástico contemporâneo arquitetado por Hélia Correia como uma perspectiva crítica que busca discutir a validade de convenções empíricas e objetivas sobre o que se concebe por realidade. Dessa forma, a tensão narrativa no conto não tem como fulcro a oposição entre possível e impossível, natural e sobrenatural, visto que a naturalização do insólito está presente nas duas identidades, mas, na distinção de perspectivas. Embora a narrativa lance mão a recursos como o mistério, a ambientação sombria de feição gótica e o insólito, o fantástico nesse conto surge naturalizado nas duas circunstâncias; porém, inquietantemente de formas diversas. Para revelar esta arquitetura crítica e artística, o trabalho tem como suporte inicial os estudos de Roas (2014), Ceserani (2006), Cardoso (2017), Simões (2018), Siqueira (2023) e Lecouteux (2005).

Palavras-chave: Fantástico contemporâneo; Identidade cultural; Hélia Correia.

A HISTÓRIA MAIS ESQUECE DO QUE LEMBRA (OU SALAZARISMO, RESILIÊNCIA E MILES DAVIS): CONSIDERAÇÕES BENJAMINIANAS A PARTIR DO ROMANCE *REVOLUÇÃO*, DE HUGO GONÇALVES

André Carneiro Ramos (UEMG)
andre.carneiro@uemg.br

Esta comunicação propõe uma leitura do romance *Revolução* (2023), de Hugo Gonçalves, à luz de alguns conceitos de Walter Benjamin, sobremaneira no que se refere ao tempo pretérito “(...) só poder ser apreendido como imagem irrecuperável e subitamente iluminada no momento do seu reconhecimento” (2018, p. 11). Tal premissa, mencionada no famoso texto *Sobre o conceito da História*, abre espaço para uma análise que contempla a força do texto literário na condição de ferramenta pedagógica, descortinando visões acerca dos descabros da ditadura salazarista, numa perspectiva até mesmo de ajuste de contas. Nesse ínterim, buscaremos compreender a prerrogativa de Benjamin em relação à História, no que tange ela ser revisitada/recontada não apenas sob o viés de um progressivo e linear relato, em certa medida afastado da realidade cotidiana, mas, sim, embasada/fortalecida pela condição de uma ativa memória, coligada a uma espécie de produtora e decolonial autoescuta (no caso deste nosso trabalho, amplamente alicerçada pela obra do romancista que escolhemos). *Revolução* inscreve-se, portanto, no campo da metaficção historiográfica (Hutcheon, 2004), mobilizando repertórios culturais e arquetípicos de um território luso que, em muitos pormenores, dialoga com uma renitente tradição, ainda que, por esse mesmo motivo, almejasse rasurá-la; assim, a narrativa em questão apresenta ao leitor difusas e necessárias versões de uma incontornável e nefasta página de uma luta pela liberdade (e sua manutenção) em pleno século XX, com desdobramentos para o XXI, ao tratar de sua traumática “oficialidade” nos dias atuais, algo passível mesmo de ser contemporaneamente dessacralizada pela *Geração dos Novíssimos na Literatura Portuguesa* (Silva, 2016), sob os auspícios de um discurso ficcional gerador de perspectivas abertas à ampliação das próprias fronteiras de um Portugal que, hoje, não se contentaria mais em ser aquele país “que o mar não quer” (rememorando aqui o poeta Ruy Belo). Para além de Walter Benjamin, esta análise ancorar-se-á igualmente nas contribuições de Maria Alzira Seixo (1984), Michel Foucault (1969), Valentin Volóchinov (2017), dentre outros, almejando ampliar as reflexões sobre a recepção desse corajoso romance de Hugo Gonçalves.

Palavras-chave: Literatura Portuguesa; Geração dos Novíssimos; *Revolução dos Cravos*; Walter Benjamin; Hugo Gonçalves.

PARA UMA HISTÓRIA DAS MULHERES NO TEATRO PORTUGUÊS NO OITOCENTOS

Andreia Alves Monteiro de Monteiro Castro (UERJ)
andreaacastro@gmail.com

A pesquisa analisa a participação feminina no teatro português e brasileiro do século XIX, destacando autoras, atrizes e empresárias cujas contribuições foram historicamente apagadas. O estudo contempla tanto figuras atualmente pouco reconhecidas, como Gertrudes Angélica da Cunha (1794-1850), Maria Cândida de Assis Viana (1828-1905) e Emília Eduarda (1848-1908), quanto nomes que desfrutam de maior projeção, como Antónia Pusich (1805-1883), Carlota Talassi (1811-1891), Maria Velluti, Eugênia Infante da Câmara, Guiomar Torresão (1844-1898) e Lucinda do Carmo (1861-1922). Por meio da análise de periódicos e documentos históricos, investiga-se os processos de profissionalização dessas mulheres e sua produção textual. Além disso, examina-se o impacto das companhias portuguesas lideradas por mulheres no Brasil, que se destacaram no mercado teatral da capital do Império e impulsionaram o intercâmbio cultural entre os dois países, considerando como esse cenário favoreceu a presença feminina e ampliou as redes de sociabilidade e de oportunidades na cena teatral.

Palavras-Chave: Teatro Luso-brasileiro; Escrita Feminina; Século XIX.

MAIS ALGUMAS NOTAS SOBRE A RECEPÇÃO CRÍTICA DA OBRA CAMILIANA COM TEMÁTICA RELIGIOSA

Antonio Augusto Nery (UFPR/CNPq)
gutonery@hotmail.com

Desde 2022 venho me dedicando mais sistematicamente a estudar a temática religiosa na obra de Camilo Castelo Branco, sobretudo a questão (anti)clerical. Como sabemos, sempre é preciso procurar algum recorte quando se tem em vista a investigação de toda a volumosa produção camiliana, por isso, inicialmente fixei-me em publicações da década de 1860, período no qual se constatam muitos textos com temática religiosa, e agora, em 2025, iniciei um novo projeto no qual proponho a análise de publicações dos primeiros anos de escrita, entre o final dos anos 1840 e durante a década de 1850. Como dentre meus objetivos sempre estive em perspectiva a lida com a fortuna crítica produzida sobre a Religião e a Religiosidade presentes na obra do autor, meu intento nesta intervenção é apresentar algumas dessas leituras e demonstrar que ao invés de se aterem especificamente ao significado do texto literário, elas acabaram ressaltando elementos biográficos relacionadas à formação religiosa de Camilo e/ou a sua relação com clérigos e com a religiosidade em si. Não deixarei de entrever, entretanto, o que as reflexões propõem sobre a forma complexa com que Camilo veicula os assuntos em seus textos.

Palavras-chave: Camilo Castelo Branco; Religião e Religiosidade; Fortuna Crítica.

LER EM PÚBLICO: EÇA DE QUEIRÓS NOS TEMPOS DE SALAZAR

Breno César Góes (PUCRS)
brenocesargoes@gmail.com

Em seu livro “O Ato de leitura”, o teórico alemão Wolfgang Iser descreve em detalhes o sujeito desse ato, o leitor, como um agente produtor de sentido. Sua obra, contudo, é bastante enfática ao descrever esse processo de produção como um momento silencioso, íntimo, essencialmente individual. O que há de produtivo quando cotejamos essas reflexões com um caso de estudo em que a dimensão pública da produção de sentido da obra literária é a mais fundamental? A proposta desta apresentação é tentar responder essa pergunta a partir da análise da recepção da obra do escritor oitocentista Eça de Queirós na ocasião de seu centenário, ocorrido no contexto da ditadura de António Salazar. Naquela ocasião, o Estado português valeu-se de seu aparato de propaganda para controlar o sentido de leitura dos romances queirosianos, mas a capacidade de produção de sentido dos leitores portugueses atuou naquele espaço público (ainda que censurado, interditado) para confrontar a leitura monolítica salazarista. Neste sentido, é possível tensionar a hipótese de Iser e falar de um ato de leitura público?

Palavras-chave: Wolfgang Iser; Eça de Queirós; Salazarismo.

**A TESSITURA DO HORROR EM *COMISSÃO DAS LÁGRIMAS*, DE
ANTÓNIO LOBO ANTUNES: METONÍMIA, LIRISMO E
(IN)VEROSSIMILHANÇA DA DOR**

Camila da Silva Alavarce (UFSCar)
camilaalavarce@ufscar.br

O trabalho prevê um estudo sobre a construção estética do horror no romance *Comissão das lágrimas* (2011), de António Lobo Antunes, cuja narrativa se concentra no período pós-independência das colônias africanas e, mais especificamente, na atuação de uma organização (A “Comissão das lágrimas”, como era chamada), que teria sido formada em Angola com o objetivo de perseguir os opositores ao MPLA – Movimento Popular de Libertação de Angola. Partindo das reflexões em torno do conceito de testemunho, pretendo pensar a relação ficção e realidade, que esse conceito mobiliza e, ainda, relacioná-lo (o testemunho) ao caráter irrepresentável do acontecimento violento que, escapando à malha simbólica da palavra e resistindo, portanto, ao atravessamento da linguagem, tende a situar-se no espaço daquilo que não é real. Partindo da nova concepção da linguagem inaugurada pelos românticos e caminhando para os estudos culturais, tenho a intenção de estudar o lirismo e a metonímia como estratégias fundadoras de silêncios mais capazes – pela evocação que provocam – de dar a ver o evento traumático como algo que, embora aparentemente insólito, é passível de ter acontecido.

Palavras-chave: Horror; Metonímia; Comissão das lágrimas.

ESCRITORAS PORTUGUESAS NA IMPRENSA PROLETÁRIA OITOCENTISTA

Carlos Eduardo Soares da Cruz (UERJ/CNPq/Faperj)
eduardodacruz@gmail.com

Nas últimas décadas, pesquisadoras e pesquisadores têm se dedicado a recuperar escritoras, revelando assim que, apesar de olvidadas do cânone nacional e das historiografias literárias, havia mulheres que escreviam, publicavam e foram reconhecidas como autoras em seu tempo. No caso da literatura oitocentista, a imprensa periódica é o principal manancial para essas pesquisas, dadas as características do campo literário, fortemente relacionado com esse meio de circulação. Contudo, certos estigmas ainda pairam sobre essas autoras, resultando em um “branqueamento” (Anastácio, 2005) de suas histórias. Por isso, esta proposta de comunicação se volta para mulheres ainda pouco conhecidas, especialmente no Brasil, apesar das relações que estabeleceram com a imprensa brasileira, como modo de investigar estratégias de profissionalização das mulheres de letras ao longo do século XIX, lutando contra o “memoricídio” (Duarte, 2022) que sofreram. Serão, então, apresentados alguns dados biobibliográficos de Maria José Canuto e de Angelina Vidal para refletir sobre a participação de escritoras na imprensa proletária.

Palavras-chave: Imprensa periódica; Escritoras oitocentistas; Feminismos.

A PALAVRA COMO RESISTÊNCIA: NOTAS SOBRE A POESIA FEMININA DE PORTUGAL E DA AMAZÔNIA BRASILEIRA

Cátia Monteiro Wankler (UFRR)
cmwankler@gmail.com

As reflexões acerca do lugar da mulher na sociedade por meio da observação histórica, seja a partir das teorias sociológicas, seja do ponto de vista dos Estudos Culturais, têm-se tornado prioritários no campo dos Estudos Literários, como forma de questionar as estruturas sociais que vêm invisibilizando sistematicamente a figura feminina, quando se trata da autoria, ou produzindo simulacros estereotipados pelo olhar de um “outro” (normalmente masculino), quando personagem. Em qualquer dos dois papéis, a mulher é quase sempre colocada em um lugar de invisibilidade e submissão apontado como sendo “natural”, fato observável até mesmo nos livros de História da Literatura, que tradicionalmente acompanham o cânone que, por sua vez, tem sido excludente em relação a mulheres. Nosso objetivo é empreender uma leitura intertextual acerca das vozes femininas nos poemas lírico-amorosos de autoras de Portugal e de Roraima à luz das teorias feministas. Cabe ressaltar que, ao tratar de Roraima, pretendemos ter um olhar mais abrangente, tendo em vista o fato de este estado fazer parte da Amazônia brasileira, cuja produção literária tem sido foco de interesse de nossas pesquisas, que têm se deparado com poemas de mulheres alinhados em temática e sentimentos manifestos pela linguagem literária. Assim, pretendemos demonstrar as questões aqui propostas por meio de poemas de autoras diversas, de acordo com o escopo proposto, dando voz aos poemas buscando contribuir para sua maior visibilidade.

Palavras-chave: Vozes femininas na literatura; Poesia lírico-amorosa feminina; Poesia de Portugal e de Roraima.

O ENSAIADOR DRAMÁTICO E A ENCENAÇÃO NATURALISTA NO FINAL DOS OITOCENTOS

Claudia Barbieri (UFRRJ)
barbiericlaudia.cb@gmail.com

Em 1885, no volume *Arte dramática*, Manuel de Macedo (1839-1915) apresentou pela primeira vez - em termos conceituais - a figura do ensaiador, descrevendo em pormenores as suas funções e atribuições no processo das montagens teatrais e na elaboração cênica. Ao ensaiador competia, essencialmente, a responsabilidade da encenação, termo que terá os seus contornos definidos apenas em meados do século XX. Entretanto, datam da última década do século XIX, a publicação de alguns livros e artigos basilares para a compreensão do sistema teatral finissecular português, uma vez que debatem as relações, nem sempre pacíficas, entre os autores e as peças; entre os atores e as companhias teatrais; entre os teatros e os empresários e, por fim, mas não menos relevante, entre a crítica e a imprensa. Interessam-nos, sobretudo, *O Manual do ensaiador dramático* (1890), do ator Augusto de Melo (1853-1933) e o artigo "Estudos e Doutrinas: da mise-en-scène" (1895), publicado em duas partes na *Revista Teatral*, de autoria de Augusto de Lacerda (1864-1926), que à época atuava como ensaiador da Companhia Lucinda Simões, escriturada no Teatro da Rua das Condes. Esta conferência pretende abordar a figura do ensaiador e a concepção da encenação naturalista a partir da elaboração textual dos seus próprios agentes criadores, ou seja, os sujeitos que não apenas pensaram o fazer teatral, mas que viveram o teatro em seus múltiplos palcos.

Palavras-chave: Teatro português oitocentista; Naturalismo no teatro; O ensaiador e a encenação.

MEMÓRIA, DESLOCAMENTO E IDENTIDADE EM *ESSA DAMA BATE BUÉ*, DE YARA NAKAHANDA MONTEIRO

Claudia Maria de Souza Amorim (UERJ)
claudia.amorim@uol.com.br

Se, como afirma Roberto Vecchi (2018), vivemos um tempo de trânsito entre as testemunhas, que protagonizaram os eventos que marcaram a derrocada do colonialismo, e as gerações seguintes, que herdaram a memória desses acontecimentos, a literatura e as artes parecem ser os espaços preferenciais da manifestação de distintas gerações acerca dessas tensões entre o fim do projeto colonial e a pós-colonialidade. Para além desse trânsito apontado por Vecchi, destacam-se, em muitas obras literárias desse início de século, outros trânsitos mais literais: regressos de retornados, imigrações, exílios, deslocamentos, que desencadeiam memórias fraturantes ou reencenam essas memórias através de novas vivências. Em *Essa dama bate bué* (2019), de Yara Nakahanda Monteiro, estamos diante de um desses romances em que os deslocamentos acionam a memória e reconfiguram identidades. Essa intervenção, baseando-se em estudos de Di Cesare, Calafate Ribeiro, Vecchi, entre outros, buscará analisar o romance de estreia de Monteiro, a partir dos lugares de memória, dos deslocamentos e das questões identitárias relacionadas à personagem principal da narrativa: Vitória, uma jovem que viaja de Portugal a Angola em busca da mãe. Narrado quase totalmente em primeira pessoa, a personagem afirma na abertura do romance: “A minha primeira memória é uma árvore; a segunda, uma onda”. A memória evocada por Vitória parece trazer nas imagens da árvore e da onda, respectivamente, a simbologia da terra em que nasceu, Angola, e da terra em que foi criada desde os três anos, Portugal. A princípio não excludentes, essas imagens marcam a complexa relação da personagem com os espaços por onde transita.

Palavras-chave: Ficção portuguesa contemporânea; Memória; Pós-colonialidade.

JOÃO FRANCISCO LISBOA E EÇA DE QUEIRÓS: INTÉRPRETES CRÍTICOS DA SOCIEDADE BRASILEIRA E PORTUGUESA NA IMPREENSA OITOCENTISTA

Cristiane Navarrete Tolomei (UNIFESP)
cntolomei@yahoo.com.br

Esta fala apresenta a crítica humorística do brasileiro João Francisco Lisboa e do português Eça de Queirós sobre as mazelas sociais, políticas e culturais das duas sociedades cortadas pelo Atlântico, haja vista que ambos se aproximam nas formulações estéticas e discursivas do humor para provocar o leitor e levá-lo a questionar a realidade de sua época. Para isso, analisa-se as publicações periódicas de Lisboa no *Jornal de Timon: Publicação Mensal* (1852-1853/1858), retiradas do livro *Obras de João Francisco Lisboa: natural do Maranhão* (2012), organizado por Jomar Moraes; e as páginas escritas por Eça no *Distrito de Évora* (1867), periódico compilado no *Texto de Imprensa II* (2019), por Ana Teresa Peixinho e Carlos Reis. Posto isto, no encontro entre um jornalista brasileiro mais maduro e um jovem jornalista português, observa-se como João Francisco Lisboa e Eça de Queirós expressam marcas de avaliação e julgamento, por meio de uma percepção crítico-humorística, do cenário político-social de seus países nos dois veículos de imprensa supracitados.

Palavras-chave: João Francisco Lisboa; Eça de Queirós; Imprensa Oitocentista.

A FIGURAÇÃO DA PERSONAGEM FEMININA RELIGIOSA EM NARRATIVAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Daiane Cristina Pereira (UEPG/ UFPR/ CNPq)
pereiracrisda@gmail.com

Este trabalho tem por objetivo analisar as personagens femininas de três romances importantes da Literatura em Língua Portuguesa: *O crime do Padre Amaro* (1880), de Eça de Queirós; *Fatal Dilema* (1907), de Abel Botelho, e *Tieta do Agreste* (1977), de Jorge Amado. Tendo em vista que eles foram escritos em épocas diferentes e representaram momentos distintos da figuração literária da personagem feminina, pretendemos observar como a figuração da beata se mantém ou adquire caracteres novos em cada um deles. Analisaremos também como essas personagens se configuram como elementos negativos e desajustados, quando se pensa num ideal de feminilidade, justamente por uma sexualidade feminina recalcada, hipócrita e mesmo reprimida pela religião e pelo sistema patriarcal, refletidos nas suas maneiras de agir, nas suas maneiras de pensar, mas principalmente nas descrições de seus gestos e configurações corporais. Assim, para realizar este trabalho, iremos utilizar o cabedal teórico da Literatura Comparada, dos Estudos Narrativos e da Figuração da Personagem, além dos Estudos de Gênero, visando observar como essa personagem se configura na literatura de maneira crítica, satírica ou mesmo trágica, mas também como elemento crítico ao sistema patriarcal e à moral religiosa vigente no período em que os livros foram escritos.

Palavras-chave: Romance; Personagens femininas; Eça de Queirós; Abel Botelho, Jorge Amado.

**LITERATURA COLONIAL NO SÉCULO XXI? MEMÓRIAS
LAUDATÓRIAS DO COLONIALISMO PORTUGUÊS EM TRÊS
ROMANCES CONTEMPORÂNEOS**

Daniel Marinho Laks (UFSCAR)
daniellaks@yahoo.com

O objetivo da presente proposta de comunicação é discutir as imagens do colonialismo português veiculadas em três romances portugueses contemporâneos: *O Anjo Branco* (2010), de José Rodrigues dos Santos, *Sagal – Um Herói Feito em África* (2012), de António Brito e *O Segredo de Lourenço Marques* (2024), de Eduardo Pires Coelho. As três narrativas, laudatórias ao colonialismo de forma geral e às ações do exército português durante as Guerras Coloniais, inserem-se em um panorama de disputas de memórias sobre o colonialismo português travado nas instâncias da cultura. Os três romances em questão apresentam-se como documentos de memórias familiares, advogando para si uma espécie de autoridade histórica que lhes conferiria um estatuto de verdade. Para pensar as relações entre literatura, história e memória pretendo utilizar autores como Reinhart Koselleck, Márcio Seligmann-Silva, Margarida Calafate Ribeiro, entre outros.

Palavras-chave: Romances contemporâneos; Disputa de Memórias Coloniais; Colonialismo Português.

OS EFEITOS LITERÁRIOS DA CONTRARREVOLUÇÃO EM JOSÉ SARAMAGO

Daniel Vecchio Alves (UFRJ)
danielvecchioalves@hotmail.com

Nesta apresentação, observaremos como que, derrotados os projetos políticos das esquerdas após a contrarrevolução do 25 de Novembro de 1975 em Portugal, fica em José Saramago um ressentimento crítico que ecoará por toda sua obra literária, preponderando em sua escrita a representação de uma memória incômoda do Período Revolucionário em Curso (PREC) e do que se seguiu adiante. Produzidas ininterruptamente a partir de 1976, em nossa hipótese de análise, a prosa saramaguiana será marcada por uma espécie de desilusão, levando o escritor a expressar esteticamente a experiência bastante amarga que viveu diante do fracasso da construção de um país socialista pelo qual nunca desistiu de lutar. Portanto, se é possível afirmar que os livros de José Saramago são uma conquista da revolução do 25 de Abril, visto que não podiam ter sido lançados durante a ditadura, é preciso salientar, por outro lado, que sua motivação e condição enquanto escritor foi efetivamente assumida com o desfecho do 25 de Novembro, quando o processo contrarrevolucionário iniciou um período de clara desvalorização política, social e econômica, em desfavor daqueles que bravamente haviam se oposto e resistido ao salazarismo. Sendo assim, veremos como tais circunstâncias estão entronizadas na ficção de Saramago produzida a partir de então, chamando atenção para os efeitos irônicos, distópicos, ucrônicos, fantásticos e dramáticos que serão explorados em cada uma de suas obras.

Palavras-chave: (Contra)Revolução; Representação; Romance saramaguiano.

**LENDAS E NARRATIVAS (E OUTROS FOLHETINS): REAPRESENTAR,
REPENSAR E REEDITAR ALEXANDRE HERCULANO (1810-1877)**

Eduardo Soczek Mendes (UFPR)
edu.soczek@gmail.com

Alexandre Herculano (1810-1877), autor português, publicou *Lendas e Narrativas*, em 1851, que colige nove textos literários anteriormente veiculados em periódicos. Tal obra é de suma importância para a língua portuguesa, pois são os embriões do romance histórico em nosso vernáculo. Além disso, há outros sete textos literários de Herculano que permaneceram nas páginas dos semanários e não foram anexados por ele à coletânea: são, portanto, ficções praticamente inéditas. Dada à ausência de edições recentes e, sobretudo, tiragens críticas e anotadas, trabalhamos, em nosso estágio pós-doutoral, para uma nova publicação de *Lendas e Narrativas*, com os textos transcritos segundo o acordo ortográfico vigente, mas também com introduções que apresentem o autor e a sua obra, discutam a relevância da imprensa na literatura do século XIX, discorram sobre a escrita do romance histórico no período e estabeleçam diálogos com outros críticos modernos. A edição deve contar, ainda, com notas elucidativas do editor, possíveis ensaios de aprofundamento, tábua cronológica e a inserção de imagens pertinentes. Devemos, ainda, acrescentar, em apêndice, com iguais elucidações, os outros textos que permaneceram dispersos em periódicos: denominaremos esse suplemento como *Outros folhetins*. Verificaremos, por fim, ao longo da pesquisa, se há certa unidade temática ou discursiva entre as ficções que compõem a obra e se há um diálogo entre os textos literários, que estão ambientados em momentos-chave do passado português, com o período histórico em que foram publicados, de consolidação do regime Liberal. Apresentaremos, pois, neste Congresso Internacional, o desenvolvimento desta nossa investigação: uma abordagem sobre algumas edições de *Lendas e Narrativas*, uma apresentação do que encontramos em periódicos oitocentistas e os critérios que elegemos para a construção de nossa futura edição anotada.

Palavras-chave: Alexandre Herculano; Romance histórico; Folhetins.

A LITERATURA PORTUGUESA: QUE BRASIS, QUE PORTUGAL?

Eliana da Conceição Tolentino (UFSJ)
elianat@ufs.edu.br

A Literatura Portuguesa e a Cultura Portuguesa, constitutiva da identidade brasileira, é muitas vezes vista como estrangeira para remetermos a importantes reflexões a respeito da leitura que de lá se faz sobre o Brasil e que daqui se faz sobre Portugal. Para fundamentar essa discussão postulações teóricas de Lourenço (2001), Mignolo (2003), Real (2001), Santos (2001) são aqui bases importantes para a discussão. A partir de uma trajetória que remonta tempos coloniais, discute-se a presença da literatura portuguesa no Brasil, refletindo as interrelações. Procura-se, neste sentido, na produção literária contemporânea de jovens escritores que se voltam tanto para seu país Portugal quanto para a problematização da presença do Brasil no imaginário cultural português, rastros de um imaginário. Assim, seja na escrita ou na reescrita da história literária portuguesa o que se segue nesta proposta é a percepção de que o Brasil figura na literatura portuguesa contemporânea como uma indagação.

Palavras-chave: Identidade; Rastros; Interrelações.

JUDITH TEIXEIRA E OS LOUCOS ANOS VINTE

Fabio Mario da Silva (UFRPE)
famamario@gmail.com

A década de 1920, chamada de “anos loucos”, traduziu um estilo de vida cultural e desenvolvimento econômico, tendo Paris como centro das capitais europeias, metrópole que transmitiu a ideia de prosperidade, modernização e boemia, através de uma burguesia sedenta por consumo e por diversas mudanças sociais, culturais e políticas. No contexto português, esse novo desejo de mudança ocorreu, principalmente, na capital, Lisboa. A década de 1920 é também a mais profícua da produção literária de Judith Teixeira, que foi, dentre as escritoras portuguesas, a que melhor expressou, certamente, essas várias tendências culturais e artísticas do seu tempo – no mesmo período em que surgiu a polêmica intitulada “literatura de Sodoma”. A nossa proposta é analisar como através da obra poética e em prosa de Judith Teixeira revelam-se nuances de um período de liberdade artística e comportamental.

Palavras-chave: Judith Teixeira; Loucos Anos Vinte; *Garçonne*.

ENTRE DESASSOSSEGOS E SUBLIMAÇÕES: A NOVÍSSIMA FICÇÃO PORTUGUESA

Gabriela Farias da Silva (FURG)
srtagabi@gmail.com

A ficção portuguesa do século XXI se caracteriza pela dualidade das aproximações com a história de Portugal, seus mitos e diferentes concepções acerca da constituição da identidade portuguesa desde o final do século XX. Cada voz ficcional emerge de um determinado posicionamento que se alinha ao que podemos enunciar como “desassossego” através de díspares e autônomas representações nos romances, contos e novelas do século XXI que se coadunam com a premissa do cosmopolitismo. O desassossego que se encontra espaço na escrita de Fernando Pessoa e se expande em José Saramago traz em si o constante questionamento do indivíduo sobre sua identidade e “lugar no mundo” e no seu tempo. A sublimação, por sua vez, proposta aqui como elemento norteador dessa leitura, está associada às aproximações e leituras do passado português que encontramos em determinadas obras da “novíssima ficção portuguesa” na tentativa de compreensão de um espaço ainda por preencher com reflexões e leituras.

Palavras-chave: Novíssima ficção portuguesa; Contemporâneo; Desassossego.

**URIEL DA COSTA - UM SUJEITO MARRANO EM *UM BICHO DA TERRA*,
DE AGUSTINA BESSA-LUÍS**

Gerson Luiz Roani (UFV)
roani@ufv.br

Em *Um Bicho da Terra*, de Agustina Bessa-Luís, Uriel da Costa transfigura a existência do sujeito marrano, cuja identidade oscila entre o cristianismo e o judaísmo. Ao trocar Portugal pela Holanda, o portuense Uriel carregava a trágica experiência dos cristãos-novos, desejando ser aceito plenamente pelos judeus portugueses de Amsterdam. Todavia, os seus conterrâneos o receberam como uma figura estranha, conflituosa e herética em relação à fé judaica. Exilado em Amsterdam, as dolorosas dúvidas de fé vivenciadas pelo refugiado português ocasionaram o seu rompimento definitivo, tanto com o cristianismo, quanto com o judaísmo. Tal ruptura manifesta a oposição da personagem a qualquer dogmatismo religioso, sublinhando a sua saga de estrangeiro, excomungado e de perseguido, tanto pelo segmento cristão, quanto pelo judaico. Com maestria, Agustina Bessa-Luís reinventa a figura de Uriel da Costa como um símbolo da luta pela liberdade de expressão e de pensamento em um tempo adverso.

Palavras-chave: Uriel da Costa; Marranos; Exílio.

ESCRITA ANTES DA ESCRITA: SOPHIA E FIAMA

Giuliano Lellis Ito Santos (UEPG)
giuito@alumni.usp.br

Essa apresentação parte da ideia de que a poesia produzida depois de 1945 emerge como ação e reflexão sobre as vanguardas do início do século XX, posicionando-se diante do próprio fazer poético como um momento de revisão. Para entender melhor esse período, tomamos dois poemas, um de Sophia de Mello Breyner Andresen e um de Fiama Hasse Pais Brandão. Dada certa distância temporal entre eles, já que o primeiro está incluído no livro *Coral*, publicado em 1950, e o segundo em *Área Branca*, publicado em 1978, podemos supor que tais reflexões perduram durante um tempo considerável no campo da poesia. Tais poemas, ambos sem título, refletem sobre o que antecede a própria escrita, ou seja, sobre o momento imediato entre a criação mental e a transposição para o papel. A partir de uma leitura embasada na questão do sensível, pretendo buscar explicações sobre a relação que se estabelece entre autor e leitor dentro desses parâmetros, que parecem apontar para um impulso fora da escrita. A partir disso, meu objetivo é entender como essa poesia pode determinar formas de emancipação social através da experiência estética.

Palavras-chave: Sophia de Mello Breyner Andresen; Fiama Hasse Pais Brandão; Poesia; Emancipação social; Experiência estética.

O DESCENTRADO EUROCENTRISMO DE EÇA DE QUEIRÓS

Helder Garmes (USP)
helder@usp.br

Partindo da constatação de que Eça de Queirós, um escritor europeu do século XIX, era inevitavelmente eurocêntrico, o que se pretende demonstrar nesta apresentação é que seu eurocentrismo era tão repleto de relativismo social e cultural que acabava por promover a sua própria negação. Essa forma contraditória de lidar com seu eurocentrismo nos permite afirmar que o conjunto de sua obra acaba por produzir um descentramento da ideia de eurocentrismo, fazendo com que a valorização que promove da igualdade entre todos os indivíduos e povos suplante em muito a hierarquização que circunstancialmente referenda.

Palavras-chave: Eça de Queirós; Eurocentrismo; Relativismo Cultural.

TRÊS MOMENTOS DO NEORREALISMO PORTUGUÊS

Izabel Margato (PUCRJ)
izabelmargato@gmail.com

Identificação dos traços que particularizam o Neo-Realismo português a partir de três movimentos. O primeiro busca localizar e delimitar o movimento no período compreendido entre o final dos anos 30 e as décadas de 40 e 50 em Portugal. O segundo recupera dados da polêmica permanente que envolveu os artistas e escritores neo-realistas, priorizando a focalização da polêmica interna, travada em torno da assertiva “a redução do artístico ao ideológico”, como um lugar-comum constantemente atribuído às produções e propostas do Neo-Realismo. O terceiro movimento volta-se para a questão do peso político atribuído ao trabalho com a linguagem. Esse último movimento busca evidenciar as propostas revolucionárias desenvolvidas por vários poetas e escritores neo-realistas.

Palavras-chave: Neorrealismo Português; A escrita Revolucionária; Literatura e Política.

FLORBELA ESPANCA: UM CONTÍNUO CASO DE EQUÍVOCOS

Jonas Jeferson de Souza Leite (UFPE)
jonasleite@hotmail.com

A recepção crítica da obra de Florbela Espanca sempre foi marcada por chaves interpretativas, no mínimo, contestáveis. Inicialmente, associou-se toda a sua produção literária à vida, na tentativa de encontrar nos seus textos indícios para uma interpretação biográfica causalista, chegando-se a interpretações maniqueístas e redutoras, que, ainda, permanecem ao longo de mais de 90 anos de história. No entanto, é preciso evidenciar que se erigiu um modo de se ler e interpretar a obra florbeliana de forma séria e com rigor científico, com destaque aos estudos de Maria Lúcia Dal Farra, que balizaram e influenciaram sucessivas gerações de críticos florbelianos. Portanto, esta comunicação visa refletir acerca desses aspectos equivocados da crítica da autora portuguesa e, sobretudo, a sua recorrência.

Palavras-chave: Florbela Espanca; Crítica Literária; Equívocos.

SOBRE TRADUZIR CAMILO HOJE: O ROMANCE CONTRA A HISTORIOGRAFIA DA LITERATURA

Jorge Alberto Uribe Lozada (Universidad EAFIT)
jorgeuribe19@gmail.com

Como conciliar a afirmação de Paulo Franchetti de que *Coração, cabeça e estômago* (1862) representa um dos momentos mais luminosos e “um dos que reúne mais probabilidades de permanecer como referência viva na história da prosa contemporânea de língua portuguesa” (Franchetti, 2003), com a constatação da inexistência de traduções deste romance para o espanhol? A cristalização de perspectivas críticas que consagraram *Amor de perdição* (1862), traduzido diversas vezes ao espanhol, como paradigma único da vasta produção camiliana contribui, em parte, para essa lacuna. Entretanto, tal fenômeno também evidencia as dificuldades de promover uma leitura estrangeira capaz de reconhecer as inovações do romance para além dos modelos canonizados, apesar da proximidade temporal entre ambas as obras. Justifica-se, assim, uma tradução pioneira do romance *satírico* de Camilo, por tratar-se de peça-chave para uma compreensão não linear de motivos literários, estilísticos e de metalinguagem, aspectos com impacto sobre a compreensão de formas narrativas posteriores, mais associadas ao modernismo americano do que ao romantismo ou ao realismo naturalista e os seus modelos franceses. Propõe-se, em suma, uma reafirmação da modernidade e atualidade da obra camiliana além das fronteiras da língua portuguesa.

Palavras chave: Romantismo; Realismo; Modernismo; Autoria; Tradução.

O INFLUXO DE *FAUSTO* DE GOETHE NA CRIAÇÃO DO ÚLTIMO FRADIQUE

José Carlos Siqueira (UFC)
jsiqueira@ufc.br

A obra máxima de Goethe, o poema dramático *Fausto I e II*, marca presença por toda a produção de Eça de Queirós, começando já nos primeiros artigos escritos para a *Gazeta de Portugal* (1866-67) e passando pelas ficções *O primo Basílio*, *O mandarim* e *Os Maias*, obras com referências diretas ao *Fausto*. N' *A correspondência de Fradique Mendes* o influxo de Goethe está implícito, mas tem um grande significado na leitura global das cartas, o que procuraremos demonstrar nesta comunicação.

Palavras-chave: Eça de Queirós; *A correspondência de Fradique Mendes*; *Fausto* de Goethe.

O OITOCENTOS EM UMA DAS NOVELAS DO MINHO, DE CAMILO CASTELO BRANCO

Luciene Marie Pavanelo (UNESP)
lucienemp@gmail.com

Frutos da maturidade literária alcançada por um escritor de 50 anos de idade e três décadas de carreira, as *Novelas do Minho* foram publicadas por Camilo Castelo Branco numa época em que Portugal já estava sob o Realismo-Naturalismo: as Conferências do Casino tinham ocorrido há quatro anos, e a primeira edição de *O Crime do Padre Amaro*, de Eça de Queirós, tinha acabado de ser lançada. Comparando com as obras escritas por Camilo nas décadas anteriores, percebem-se algumas mudanças na forma – no maior detalhe das descrições, por exemplo –, mas a essência de seu conteúdo permanece: o autor continua denunciando as mazelas sociais que sempre criticou. A novela *Gracejos que Matam*, publicada no primeiro volume, de 1875, traz uma forte crítica do escritor de São Miguel de Seide às convenções da sociedade portuguesa de sua época, bem como à própria literatura em voga, mostrando um painel realista do Oitocentos. Em 2025, comemoram-se os 200 anos do nascimento do escritor mais profícuo da história da Literatura Portuguesa e um dos seus melhores: um convite à sua (re)leitura é o que pretendemos com esta comunicação.

Palavras-chave: Camilo Castelo Branco; Crítica social; Século XIX.

MANIFESTAÇÕES DAS MASCULINIDADES E SEUS DESDOBRAMENTOS EM CONTOS DE EÇA DE QUEIROZ

Luiz Carlos Santos Simon (UEL)
csimon@uel.br

Abordar os contos de Eça de Queiroz é em si um passo significativo para dinamizar os estudos acerca do grande autor português do final do século XIX. Contudo, o que se firma como motor para a permanência das atividades de pesquisa e de ensino em literatura portuguesa e, mais especificamente, em torno de Eça é a relevância de romances como *O primo Basílio*, *O crime do Padre Amaro*, *Os Maias*, *A ilustre casa de Ramires* e *A cidade e as serras*. São essas longas narrativas dotadas de evidente representatividade quanto à produção do autor em seu tempo. Com o destaque acentuado dos romances tanto como opções de pesquisa quanto na seleção de leituras em cursos de literatura portuguesa, redirecionar o olhar para Eça contista constitui medida que pode estimular o acesso a material menos explorado ou mesmo desconhecido por jovens leitores e estudiosos. Os contos selecionados para a discussão aqui proposta são *Singularidades de uma rapariga louca* e *No moinho*. Em ambos, é possível perceber traços do ideário realista do autor, tão importante para o conhecimento aprofundado de sua obra. O que se pretende avaliar é como tal ideário se articula com as manifestações das masculinidades nos contos, permitindo, assim, uma interpretação mais consistente dessa rede.

Palavras-chave: Eça de Queiroz; Contos; Masculinidades.

ANÁLISE LITERÁRIA E ICONOGRÁFICA DE OS LUSÍADAS E DAS REPRESENTAÇÕES IMAGÉTICAS DA OBRA E DE SEU AUTOR NAS EDIÇÕES DO TRICENTENÁRIO DE CAMÕES NO PERIÓDICO O OCCIDENTE: REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO (1878-1915): DIÁLOGOS, INTERTEXTOS, IDEOLOGIAS

Luiz Eduardo Rodrigues Amaro (UFRR)
amaro@uol.com.br

Os Lusíadas (1572), de Camões, ultrapassam a esfera do literário. Trata-se de uma epopeia que traz consigo a história de Portugal, um painel social do país, vozes ideológicas e uma intertextualidade que vai além de simples referências. A significação que emana dela envereda-se pela construção da identidade coletiva portuguesa. Durante o Tricentenário de Camões (1880), Teófilo Braga, que lançou uma edição de *Os Lusíadas* na época, juntamente com seus correligionários, repercutiu a ideia dos valores morais do povo estarem sintetizados na epopeia camoniana por meio da comemoração do evento em questão, enviesando politicamente esse pensamento. Analisamos as ilustrações publicadas no periódico *O Occidente: Revista Illustrada de Portugal e do Estrangeiro* (1878-1915) por meio das teorias de Bakhtin (1895-1975), Panofsky (1892-1968) e Ginzburg (1939), e revelamos em que medida as ideologias ali presentes colaboraram na reconstrução da identidade portuguesa, aqui referenciada como *ethos* português, ao utilizarem a obra e a imagem de Camões.

Palavras-chave: Camões; Intertextualidade; Identidade.

LITERATURA PORTUGUESA PÓS-COLONIAL: FICÇÃO, HISTÓRIA, PROVOCAÇÃO

Madalena Simões de Almeida Vaz Pinto (UERJ)
vazpinto.mada@gmail.com

A literatura portuguesa pós-colonial, entendida nesta apresentação é a literatura produzida em Portugal no período pós-colonial. Não significa, portanto, o conjunto de textos que tematizam questões coloniais, mas sim textos produzidos em um contexto em que Portugal se apresenta, territorialmente falando, reconfigurado, sem colônias, com as implicações sociais e culturais profundas que daí resultaram. Interessa-nos pensar a posição ética do escritor português em atividade no Portugal democrático, múltiplo e plural, quais seus modos de se abrir e estar atento às novas configurações. Por outro lado, ao falarmos de literatura, estamos nos referindo a um texto que se caracteriza pela presença de 'espaços vazios', um texto incompleto, portanto, a ser preenchido pela subjetividade do leitor. Fundamental este aspecto. A partir destas premissas iniciais, pretendemos apresentar em nossa comunicação uma breve análise do último romance de Maria Velho da Costa, *Myra*, publicado em 2008, um romance no qual Portugal aparece estranhado e habitado por vozes excêntricas.

Palavras-chave: Ficção; História; Provação.

**O COLONIALISMO PORTUGUÊS EM O ALEGRE CANTO DA PERDIZ DE
PAULINA CHIZIANE E CADERNO DE MEMÓRIAS COLONIAIS DE
ISABELA FIGUEIREDO**

Maged Talaat Mohamed Ahmed Elgebaly (Aswan University)
elgebalymaged@gmail.com

Esta intervenção busca analisar o colonialismo português em duas obras literárias contemporâneas: *O Alegre Canto da Perdiz* (2008), da escritora moçambicana Paulina Chiziane, e *Caderno de Memórias Coloniais* (2009), da autora portuguesa Isabela Figueiredo. Ambas as obras abordam o colonialismo português em Moçambique, mas a partir de diferentes perspectivas e posições de fala. Enquanto Chiziane escreve a partir da experiência moçambicana e pós-colonial, refletindo sobre as continuidades e rupturas provocadas pelo colonialismo, Figueiredo oferece uma narrativa testemunhal que explora as contradições e tensões internas da condição de colona. Este estudo examina como essas autoras constroem a memória do colonialismo e como esse comparativismo solidário questiona as estruturas de poder e identidade derivadas desse passado comum.

Palavras-chave: Literatura pós-colonial; Memória; Colonialismo português.

O SER-ESTAR-NO-MUNDO EM LÍDIA JORGE: MISERICÓRDIA E A VALORAÇÃO DAS DIMENSÕES INTRÍNSECAS DA VIDA

Marcia Manir Miguel Feitosa (UFMA)
marciamanir@hotmail.com

Misericórdia (2022), de Lídia Jorge revela-se uma obra enovelada, visto transitar por vários gêneros e representar possibilidades férteis de leitura: fruto de depoimentos gravados entre 2019 e 2020 por Maria Alberta Amado durante o período em que esteve “exilada” no lar de idosos Hotel Paraíso, redonda em uma ficção inspirada na realidade descrita por Maria dos Remédios, mãe da escritora, quando dos últimos anos de vida na Santa Casa de Boliqueime, concelho de Loulé. Romance ou narrativa ficcional, *Misericórdia* aviva não os derradeiros momentos de personagens envelhecidas, antes as alternativas possíveis, mesmo distantes do convívio familiar. O mote é a “misericórdia”: o compadecimento com a condição alheia na tentativa de olhar o próximo com empatia. Este trabalho objetiva contemplar a expressão heideggeriana “ser-estar-no-mundo” – a existência autêntica do Ser na sua íntima relação com a Terra, Céu, mortais e deuses, sentido que expressa a ideia de habitar. À luz da fenomenológica do espaço, daremos ensejo à geograficidade na obra enquanto modo de ser-no-mundo. Constituirão o aporte teórico Heidegger (2001), Dardel (2011), Relph (2012) e Marandola Jr. (2023).

Palavras-chave: *Misericórdia*; Ser-estar-no-mundo; Geograficidade.

A CLASSIFICAÇÃO DE O REINO DA ESTUPIDEZ COMO OBRA PORTUGUESA

Marcia Maria de Arruda Franco (USP)
marciarrudafranco@gmail.com

Escrito entre 1782 e 1785, durante o período conhecido como Viradeira, de queda de Pombal, durante o reinado de D. Maria I, este poema herói-cômico circulou anonimamente, quer em livros de mão quer em edições impressas no século XIX, até 1868, quando foi atribuído a Francisco de Melo Franco, médico formado em Coimbra, que exerceu a medicina em Portugal, embora tenha nascido no Brasil, de família portuguesa. Como manifestação do gênero misto e baixo da sátira, faz a caricatura da entrada da Estupidez na Universidade de Coimbra, defendendo as Luzes, isto é, o primado da razão e da ciência natural nos estudos superiores portugueses. Cabe questionar, portanto, a sua classificação como obra brasileira no âmbito da historiografia literária dos séculos XIX e XX, de Teófilo Braga a Antonio Candido.

Palavras-chave: História literária; Sátira estudantil anônima; Letras portuguesas; Século XVIII; Manuscritura; Impressos do século XIX.

A ESCRITA TERAPÊUTICA PELO PROCESSO DE ANACORESE EM *MARTHA FREUD*, DE TEOLINDA GERSÃO

Marcio Jean Fialho de Sousa (UFVJM/Unimontes)
pcopmarciojean@gmail.com

A *Autobiografia não escrita de Martha Freud*, o mais recente livro de Teolinda Gersão, publicado no ano de 2024, aparece como obra prima de maturidade da escrita literária da autora, que está em pleno exercício de sua escrita. O foco autodiegético presente nesse romance chama a atenção por sua originalidade, pois parte de cartas reais para a construção ficcional da narrativa. Nesse sentido, tendo como *corpus* de estudo a obra supracitada, o objetivo desta conferência é analisar o foco narrativo autodiegético presente na obra, com o intuito de identificar aspectos da escrita como processo terapêutico aliada aos aspectos da anacorese. Para esse fim, será fundamental a contribuição de Michel Foucault, acerca da escrita de si, publicado no livro *O que é o autor?* (1981), assim como as observações acerca do contexto de produção da escrita gersiana apresentadas por Annabela Rita e Miguel Real, em seu livro *O essencial sobre Teolinda Gersão* (2021), aliada a leituras críticas sobre os gêneros autobiográficos de Clara Rocha (1992), entre outros teóricos pertinentes.

Palavras-chave: Teolinda Gersão; Martha Freud; Gêneros Autobiográficos.

PAULA TAVARES E A REPRESENTAÇÃO DO FEMININO

Maria da Glória Bordini (UFRGS)
mgbordini@gmail.com

Cada poeta compõe suas obras empregando determinados recursos que a língua lhe oferece, nos seus diversos planos de estruturação. Seu trabalho é jogar com a língua, reinventando-a sempre, para alcançar sua especificidade em relação a outros poetas e às tradições literárias correntes. A poética de Paula Tavares, aqui analisada à luz de seu poema “A mãe e a irmã”, afeta o leitor pelo impacto de suas imagens metafóricas. Suas metáforas provocam, por meio de associações simples, um retrato pleno de emoção de sua Angola, tradição e sofrimento, de seu povo e das guerras que o consumiram. A poeta sobrepõe, numa mesma imagem, componentes ora extraídos da natureza de seu país, como rios, florestas, prados, animais, ora de seus costumes, como vida rural, trabalhos domésticos e passividade feminina para contrastá-los com o que significa ser mulher num país despedaçado por conflitos ideológicos e de formação patriarcal.

Palavras-chave: Paula Tavares; Processos poéticos; Figuras femininas; Metáforas.

MULTIDÃO E SOLIDÃO

Maria Luiza Scher Pereira (UFJF)
mlscherp2@gmail.com

Breve análise da questão da cidade como tema e território em dois contos lidos em paralelo: *O homem da multidão*, de Edgard Allan Poe (1840) e *Descobrimento*, de Herberto Helder (1963)

Palavras-chave: Cidade, experiência, (des)memória.

**UMA OUTRA ESPÉCIE DE LIRISMO: UMA FICÇÃO CRÍTICA PARA LER
ANTÓNIO FRANCO ALEXANDRE**

Maria Silva Prado Lessa (USP)
mariasplessa@gmail.com

Em mais de um ensaio dedicado a António Franco Alexandre, Luís Miguel Nava identificou o problema do “eu” como um dos obstáculos iniciais para a leitura desse poeta, articulando-o ao que chama de “quebra com a normal articulação discursiva” que leva o poema a despir-se tanto de uma “psicologia” que dê sustentação à sua ação, quanto de uma “configuração antropomórfica”. Nesta comunicação, apresentaremos uma ficção crítica para lidar com a dimensão não-antropomórfica na poesia de AFA. Com ela, buscamos demonstrar como a ficcionalização do sujeito não-humano pressupõe uma radicalização da experiência com a alteridade do poema, para a qual devemos convocar uma espécie outra de lirismo. Acreditamos que essa solução responde à incessante galeria de animais não-humanos, plantas, organismos híbridos e máquinas que atravessam os seus poemas e que não se resumem a um espaço objetual ou à constituição de uma paisagem, mas são postos insistentemente a funcionar, a agir, a ditar os seus passos.

Palavras-chave: António Franco Alexandre; Poesia portuguesa contemporânea; Lirismo.

NO RASTILHO DAS ESTRELAS MORTAS OU A FEBRE DAS ALMAS
SENSÍVEIS

Maria Theresa Abelha Alves (UFRJ)
mtabelha@uol.com.br

A novíssima literatura portuguesa tem surpresas. Uma delas é Isabel Rio Novo. Seu segundo romance, *A febre das almas sensíveis*, promove o encontro da História Europeia (Primeira e segunda Guerras Mundiais, Guerra Civil Espanhola, Estado Novo, Revolução dos Cravos) com a história privada da família Reis Novo, e com a história da principal causa de óbitos na primeira metade do século XX, em Portugal. Sem a farmacologia adequada, os doentes eram aconselhados a procurarem estâncias climáticas em localidades altas. O romance focaliza a estância curativa da serra do Caramulo aquando de seu apogeu e de seu declínio, num instigante jogo temporal. Armando, segundo filho da família Reis Novo, contraíra tuberculose e, em busca da cura, foi internado no Caramulo, tendo sucumbido à doença. Ele é narrador póstumo, que, pela condição de fantasma, pode ir e vir no tempo. Entrelaçam-se na narrativa trechos de carta e de diário, reflexões metapoéticas e biografias de poetas, as almas sensíveis vitimadas pela febre, tais como Cesário Verde, Júlio Dinis, Soares de Passos, António Nobre, Casimiro de Abreu, Castro Alves e outros. O registro biográfico é feito por uma pesquisadora que vasculha os escombros do Grande Sanatório e lá encontra um manuscrito assinado por RN, contendo considerações sobre a morte do ponto de vista fisiológico que, pelo grotesco e crua objetividade, destrói o idealismo romântico tecido em torno da doença. Literatura, História, Pedagogia e Medicina se cruzam na composição de vidas reais e fictícias e de seus amores, em geral, frustrados.

Palavras-chave: Literatura e história; Literatura e medicina; Biografia; Fantástico.

**A VELHICE COMO DETENTORA DO PODER RECONSTRUTOR DA
VIDA E DA MEMÓRIA EM AS PEQUENAS MEMÓRIAS, DE JOSÉ
SARAMAGO**

Marilda Beijo Fróes (IFSP)
marilda@ifsp.edu.br

O presente estudo propõe uma análise da obra *As pequenas memórias* (2006), de José Saramago, a partir da intersecção entre memória, narrativa autobiográfica e velhice. A investigação parte da compreensão de que a velhice, ao proporcionar distanciamento temporal e introspecção, assume um papel privilegiado na reconstrução subjetiva do passado. Com base nas contribuições teóricas de Paul Ricoeur e Philippe Lejeune, discute-se como a memória se constitui enquanto um processo interpretativo, permeado por lacunas, reinvenções e tensões entre verdade e ficção. A obra de Saramago evidencia que recordar não é apenas reviver, mas reconstruir afetivamente episódios marcantes, dando-lhes novos sentidos sob a ótica da maturidade. A velhice, nesse contexto, revela-se como um tempo fecundo para ressignificar experiências, visitar a identidade e compreender a narrativa da vida como uma contínua negociação entre o real vivido e o real reconstruído. Assim, Saramago transforma a autobiografia em um espaço de criação poética e filosófica sobre a memória, reforçando a ideia de que somos feitos das lembranças que (re)construímos.

Palavras-chave: José Saramago; Memória; Identidade.

**A LITERATURA COLONIAL PORTUGUESA EM ACERVOS
BRASILEIROS: O MUNDO PORTUGUÊS - REVISTA DE ARTES E LETRAS
COLONIAIS**

Mário César Lugarinho (USP)
lugarinho@usp.br

A revista *O mundo português* circulou entre os anos de 1934 e 1947 e foi uma publicação conjunta do Secretariado de Propaganda Nacional e a Agência Geral das Colónias. Apesar do foco na divulgação de artes e literatura coloniais, o periódico foi um instrumento vigoroso de propaganda colonial junto às comunidades portuguesas espalhadas pelo mundo, disseminando, sobretudo, além da mística imperial, aspectos da atuação do estado português e de portugueses nos territórios colonizados. No Brasil, seus exemplares podem ser encontrados em inúmeras bibliotecas públicas e em acervos existentes de associações de emigrantes e bibliotecas dos gabinetes portugueses. Nossa proposta, além de apresentar a revista, é verificar o conjunto formado pelas várias narrativas exploratórias nas quais o espaço colonial é introduzido ao leitor jovem, público-alvo da revista.

Palavras-chave: Colonialismo português; Espaço; Narrativa de exploração.

HELDER MACEDO E OS *CORPOS DA MEMÓRIA*: A TRANSITORIEDADE DO ETERNO

Marisa Corrêa Silva (UEM)
mcsilva5@uem.br

O livro de poemas do autor português Helder Macedo trata do processo envelhecimento e da expectativa da morte de forma corajosa e aberta. Como notou Vaz Pinto (2025), cada vez mais “a morte vem sendo desgastada, decomposta em trocos para aliviar o pavor dos que nunca souberam digerir essa constatação”. Ao menos na cultura ocidental, tal descrição é exata: vive-se a negar a morte, a buscar narrativas de superação, de permanência, de transcendência... a morte é a última obs-cenidade, o palavrão a jamais ser enunciado. Da mesma forma, chama-se a idade avançada de “melhor idade”, receitam-se suplementos e atividade física e o discurso vigente parece desejar disfarçar evidências das consequências naturais da longevidade. Na contramão dessa tendência, os poemas do novo livro de Macedo tratam do tema com franqueza, sem assumir a postura estoica mas também recusando a autopiedade. É um livro duro, de uma honestidade extrema, que coloca sob os holofotes um tema cuja abordagem é necessária, mas que só parece colocado em cena quando traz a pátina da tragédia e/ou da violência.

Palavras-chave: Helder Macedo; *Corpos da Memória*; Imortalidade; Évenement.

**VOZES DO TRAUMA: A GUERRA COLONIAL PORTUGUESA (1961-1974)
E A LITERATURA PORTUGUESA DE AUTORIA FEMININA**

Mauro Dunder (UFRN)
mauro.dunder@ufrn.br

Fruto do projeto de pós-doutorado em andamento na Universidade Estadual de Campinas, esta comunicação, representativa dos resultados iniciais da pesquisa em curso, parte do cruzamento entre representações da guerra colonial na imprensa portuguesa e o tratamento que a literatura portuguesa de autoria feminina emprega ao representar o assunto, com foco primordial nas representações e imagens da mulher portuguesa. Nesse sentido, serão abordadas, em relação com textos jornalísticos da época do conflito e no contexto da literatura portuguesa de autoria feminina, excertos das *Novas Cartas Portuguesas* (1972), de Maria Isabel Barreno, Maria Velho da Costa e Maria Teresa Horta, e dos romances *A Costa dos Murmúrios* (1988), de Lídia Jorge, e *O Retorno* (2012), de Dulce Maria Cardoso, sob a perspectiva teórica da metaficção historiográfica, como a compreende Hutcheon (1991).

Palavras-chave: Literatura Portuguesa de Autoria Feminina; Guerra Colonial; Metaficção Historiográfica.

EM COAUTORIA COM OS MORTOS: NOTAS SOBRE DOIS LIVROS (IM)POSSÍVEIS

Mônica Genelhu Fagundes (UFRJ)
monicafagundes@gmail.com

Quando morreram, a mulher do editor David-Alexandre Guéniot e o pai da escritora Djaimilia Pereira de Almeida deixaram livros por fazer. A fotógrafa Patrícia Almeida planejava uma história pessoal da fotografia em formato de ensaio visual. O jornalista Joaquim Pereira de Almeida sonhava um romance imenso que fosse a história da sua vida e da África. Os recortes, as fotografias, os rascunhos encontrados nos arquivos de computador pelo marido de Patrícia e pela filha de Joaquim seriam sua herança escolhida. No tempo tarde demais da morte de seus autores, David e Djaimilia imaginaram a montagem e a escrita possíveis daqueles livros impossíveis. A quatro mãos com seus mortos, fizeram livros assombrados pelos fantasmas daqueles outros, nunca conhecidos e irrecuperáveis, que teriam sido os livros deles. *O livro da Patrícia*, de David-Alexandre Guéniot, não é o livro que Patrícia teria feito; *O livro do meu pai*, de Djaimilia Pereira de Almeida, não é o livro que seu pai teria escrito. Não são capazes de ressuscitar os mortos, nem o esperam, mas puderam manter vivos seus herdeiros, que vão aprendendo como morte, luto e sobrevivência se enredam no trabalho da imagem e da escrita.

Palavras-chave: Literatura portuguesa contemporânea; Luto; Herança; Montagem.

JOSÉ SARAMAGO: DO FORMATIVO AO ALEGÓRICO

Nefatalin Gonçalves Neto (UFRPE)
nefatalin.goncalves@ufrpe.br

A partir de uma gama de perspectivas, a obra saramaguiana parece perder-se em seu conjunto, tendo a leitura da separação como mote para pensar o autor em ciclos que, excludentes, parecem ignorar certas linhas de força dessa produção. Tendo por base tal problemática, nos propomos a pensar como o ciclo formativo de Saramago (percucientemente analisado por Costa, 1999) apresenta traços de sua escrita alegórica, que se fará presente em romances escritos a partir de 1995 com *Ensaio sobre a cegueira*. Partiremos do livro de contos *Objecto quase* - em especial os textos "Embargo", "Refluxo" e "Coisas" - para comprovar como o uso da alegoria se faz presentes nesses contos e como a técnica será reaproveitada em romances como *Ensaio sobre a cegueira*, *O homem duplicado* e *Todos os nomes* para convocar, literariamente, o leito à reflexão cultural, política e inclusive filosófica.

Palavras-chave: Alegoria; José Saramago; Intratextualidade.

ADÍLIA LOPES E A CONDIÇÃO (IN) HUMANA

Paola Poma (USP)
ppoma@usp.br

Este trabalho pretende apontar algumas imagens poéticas em que a autora evidencia a maldade entranhada no ser humano. Partindo de algumas considerações psicanalíticas, em especial aquelas que asseguram a importância do afeto na infância para a construção de um sujeito mais pleno, é possível verificar a fragilidade do sujeito poético diante da violência expressa, explícita ou implicitamente, na linguagem do outro.

Palavras-chave: Poesia; Violência; Psicanálise.

“A ESCREVER/ESCREVO-ME”: A VITA NOVA ADILIANA

Paulo Alberto da Silva Sales (IFG)
paulo.alberto@ifgoiano.edu.br

Em sua poética, Adília Lopes se vale de biografemas que registram momentos nos quais a poeta sempre está a fazer algo, o que nos faz remeter diretamente aos escritos biografemáticos barthesianos, que sempre registram acontecimentos a sua volta. Embora a poesia de Adília estabeleça diálogos diretos com a escrita e com o pensamento de Barthes desde suas primeiras publicações, verifica-se, precisamente, a construção de um sujeito pela escrita em seus últimos livros. Isso nos leva a crer que Adília está a criar, hipertextualmente, a sua *Vita nova*, isto é, seu próprio percurso poético-ficcional semelhante ao que Barthes, anteriormente, se propôs a fazer. Traços desse percurso poético-narrativo adiliano se encontram, a nosso ver, em *Manhã*, *Bandolim*, *Estar em casa*, *Dias e Dias* e *Pardais*. Nesses livros, também é possível pensar a sua poesia como uma arte de colecionar referencialidades de diferentes contextos, que são entrecruzados pela ironia típica de sua poética. Pautados pelo hibridismo que flerta entre a escrita ficcional e a escrita diarística, tais livros são arquitetados como espécies de “álbuns” em que a colecionadora, na ânsia arquivista de tudo guardar e de se ficcionalizar, lê e reescreve incessantemente fatos, textos e biografias de sujeitos da família acoplados a uma imensa rede de citações deslocadas que permeiam temporalidades diversas. Entretanto, assim como o autor de *Critique et vérité* deixara seu projeto ficcional inacabado em 1980, Adília também deixara o seu com sua morte em dezembro de 2024, aos 64 anos.

Palavras-chave: Adília Lopes; Roland Barthes; *Vita nova*.

ARRASAR TUDO COM HERBERTO HELDER

Paulo Ricardo Braz de Sousa (UFRJ)
brazpr@letras.ufrj.br

Muitas catástrofes frequentam a obra de Herberto Helder. Apresentam-se sob a face da desordem, do excesso, do ilimitado – modos de transgressão que a sua poesia tematiza e incorpora como a dar forma ao informe. Nesse espaço poético, a palavra acolhe “a confusão e a violência da vida” (HELDER, 2010, p. 11), sintonizando-se, assim, com a sua exuberância. Logo, a poética herbertiana concede à destruição um estatuto criativo, porque entende a vida como metamorfose, dependente de um processo de decomposição germinativa que continuamente faz e desfaz os corpos. Como nos ensina Annie Le Brun, a catástrofe identifica-se com “destruição, calamidade, desastre, cataclismo, flagelo, drama.” (BRUN, 2016, p. 40), mas é, antes de tudo, “um acontecimento decisivo que perturba a ordem do mundo, embora também possa levar a um outro mundo”. (BRUN, 2016, p. 40). É, portanto, movimento dinâmico que articula caos e cosmo. Nesse estudo, propomos ler a poesia herbertiana tomando a catástrofe como dispositivo teórico, uma vez observado o protagonismo assumido pelas imagens da destruição no contexto dessa obra.

Palavras-chave: Herberto Helder; Catástrofe; Metamorfose.

A CIDADE HOSTIL NA NARRATIVA HIPERCONTEMPORÂNEA PORTUGUESA

Paulo Ricardo Kralik Angelini (PUCRS)
paulokralik@gmail.com

O romance português hipercontemporâneo apresenta, seja formalmente, seja tematicamente, uma série de elementos desafiadores à crítica, que precisa readequar suas ferramentas teóricas de análise. Essas novas obras exigem, como afirma Ana Paula Arnaut (2018), novos olhares e novas perspectivas de abordagem. Este estudo pretende debater um dos tantos eixos que irradiam desse conjunto complexo de obras recentes: a percepção da cidade, do centro urbano, como espaço de esgotamento e de opressão. Essa temática, sabe-se, não é propriamente nova na abordagem literária, mas é evidente a reincidência e a potencialização dessa temática nos textos publicados muito recentemente, em sintonia com a própria percepção da nossa realidade global. Neste sentido, serão resgatados exemplos de obras que se ocupam dessa temática e trazem tanto personagens à deriva nas grandes cidades, como o próprio espaço urbano enquanto algo nocivo ao humano, em textos de autores como Joana Bértholo, Catarina Gomes, Manuel Bivar, entre outros. Como apoio teórico, serão resgatados os autores Walter Benjamin, Marc Augé, Ana Paula Arnaut, Byung-Chul Han, Robert Park

Palavras-chave: Narrativa Portuguesa Hipercontemporânea; Urbano; Neo-Ruralismo; Crise; Esgotamento.

**AS LÁGRIMAS DE ALMEIDA GARRETT. ESPECTROS,
VENTRILOQUISMO E NEGRITUDE EM *FREI LUÍS DE SOUSA***

Pedro Schacht Pereira (Ohio State University)
pereira.37@osu.edu

Através da análise detalhada de uma nota do autor ao discurso de Telmo Pais no início de *Frei Luís de Sousa* (1843), nota essa tão ignorada quanto desvalorizada pelos estudos literários garrettianos, esta comunicação visa demonstrar que a negritude desempenha um papel central na fundação da moderna literatura portuguesa, ainda que se manifeste apenas por via do ventriloquismo, enquanto voz espectral que assombra a associação entre literatura e identidade nacional promovida e questionada pelo projeto literário de Almeida Garrett.

Palavras-chave: Ventriloquismo; Negritude; Romantismo.

POÉTICAS DA MULTIPLICIDADE: CESÁRIO VERDE E SUA POTÊNCIA NO ENSINO DE LITERATURA

Raquel Brandão Sêro (Universidade de Coimbra)
raquelserro@esec.pt

A poesia de Cesário Verde é atravessada por figuras e vozes que, em língua portuguesa, ajudam a moldar o corpo fragmentado do sujeito moderno. Sua obra configura-se como um inventário pulsante de personae poéticas em trânsito: o flâneur melancólico, o poeta enfermo, o crítico mordaz da sociedade, a mulher observada e observadora, o operário e o marginalizado. Essas figuras percorrem seus versos, instaurando zonas de tensão que revelam não apenas a complexidade estética e temática da poesia cesariana, mas também sua surpreendente atualidade. A partir da leitura de Helder Macedo – que vê em Cesário um “sujeito cindido”, multiplicado em diversas personae líricas – propomos pensar o valor pedagógico dessas vozes errantes. Por sua elaboração cuidadosa e densidade simbólica, elas oferecem caminhos de escuta, mediação e deslocamento, abrindo espaço para um ensino de literatura que acolhe a diversidade, enfrenta dilemas contemporâneos como saúde mental, exclusão social, identidade e urbanização, e resgata o potencial formativo da leitura poética.

Palavras-chave: Poesia; Cesário Verde; Ensino; Literatura; Intertextualidade.

O TEMPO NÃO-RECONCILIADO DA FICÇÃO DE LOBO ANTUNES

Raquel Trentin Oliveira (UFSM)
raqtrentin@yahoo.com.br

A ficção de António Lobo Antunes trama tempos que se multiplicam, bifurcam-se, rompem uma perspectiva cronológica e sucessiva. O tempo passa então a ser concebido não mais como linha e ordem, mas como “emaranhado”, “turbilhão”, “variação infinita”, “alucinação” (PELBART, 2015). Para analisar esse rizoma temporal antuniano, parto do estudo crítico de Peter Pál Pelbart (2015) sobre a obra de Gilles Deleuze, volto às reflexões deste filósofo (1990, 1987) sobre tempo e imagem, e diálogo com a perspectiva narratológica de Brian Richardson (2000) sobre temporalidade não-natural, sempre com base no exame de imagens-tempo do universo romanescos de Lobo Antunes, especialmente do romance *Até que as pedras se tornem mais leves que a água* (2017).

Palavras-chave: Tempo; Narrativa não-natural; António Lobo Antunes.

MORRER A OCIDENTE: O EXÍLIO INTERIOR DE LUÍSA DACOSTA

Rita Aparecida Coelho Santos (UNEB/Cátedra Fidelino de Figueiredo)
ritaaparecidacoelho@gmail.com

Luísa Dacosta (1927–2015) foi uma das vozes mais singulares da literatura portuguesa contemporânea. Com um estilo lírico e introspectivo, destacou-se pela sensibilidade estética, consciência social e atenção às vozes marginalizadas da história. Sua obra transita entre vários gêneros, do conto ao romance, do ensaio à literatura infantil, revelando uma escrita marcada pela inquietação existencial. Neste artigo, propomos uma leitura da obra *Morrer a Ocidente* (1990), centrada na articulação entre os temas da morte, do exílio interior e da escrita como forma de resistência diante da ameaça do apagamento e do silenciamento. Este percurso será guiado pelos conceitos de Maurice Blanchot, Giorgio Agamben e Georges Steiner, a partir dos quais analisaremos a escrita de Luísa Dacosta como espaço de confronto em que a finitude, o silêncio, o fragmento e o exílio não apenas configuram o cenário simbólico da obra, mas também operam como categorias estruturantes de uma linguagem que resiste à morte, dizendo o indizível e sustentando o sujeito na iminência da sua própria desintegração.

Palavras chaves: Morte; Exílio interior; Escrita.

UM CRAVO PARA OS PEQUENITOS (E NÃO SÓ): CONTAR A REVOLUÇÃO PARA OS HERDEIROS DA LIBERDADE

Roberta Guimarães Franco Faria (UFMG/CNPq)
robertagf@uol.com.br

O Estado Novo português não deixou de pensar nas crianças e adolescentes como receptáculos das ideologias do regime, por exemplo, com a criação da “Mocidade portuguesa” em 1936, a distribuição nas escolas primárias da série “A Lição de Salazar” em 1938 e a construção do parque “Portugal dos pequenitos”, inaugurado em 1940. Portanto, em um país redemocratizado é necessário que a memória sobre os anos da longa noite, bem como sobre a Revolução que deu fim ao fascismo português, seja transmitida para as gerações já distanciadas até mesmo de uma memória herdada. Nesse sentido, esta proposta pretende analisar cinco livros, destinados a faixas etárias distintas, publicados em 2024, ano de comemoração do cinquentenário da Revolução dos Cravos: *Rua 25 de Abril*, de Ana Faro com ilustrações de Dulce Nunes, *Sílvio, herdeiro do cravo*, de Francisco Duarte Mangas com ilustrações de Ana Biscaia; *O meu primeiro 25 de Abril*, de José Jorge Letria com ilustrações de Helder Teixeira Peleja; *25 mulheres*, de Raquel Costa (texto e ilustração) e a HQ *Utopia*, de Raquel Varela com ilustrações de Robson Vilalba. Este trabalho é parte das reflexões realizadas no âmbito do projeto “A Longa Duração do Pós-25 De Abril: Testemunho, Pós-Memória e Pós-Migração na Narrativa Portuguesa Contemporânea”, financiado pelo CNPq.

Palavras-chave: Revolução dos Cravos; Literatura infanto-juvenil; Herança.

ENTRE AUTORITARISMO, DISTOPIA E AFROFUTURISMO: ALGUMAS REFLEXÕES ACERCA DAS LITERATURAS CONTEMPORÂNEAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Rodrigo Valverde Denubila (UFU/FAPEMIG)
rodrigo.denubila@ufu.br

De que forma obras recentes das literaturas de língua portuguesa retratam, especulam e projetam cenários futuros? A distopia equivale a uma reação crítica ao capitalismo predatório e ao autoritarismo? Partindo dessas problemáticas, refletimos sobre os romances *O quase fim do mundo* (2008), do angolano Pepetela, e *A nossa alegria chegou* (2018), da portuguesa Alexandra Lucas Coelho. Essas obras oferecem perspectivas para responder a tais indagações, uma vez que exploram o futuro sob uma ótica pessimista e de crítica à tirania. Em *O quase fim do mundo*, o pós-apocalipse serve como pano de fundo para reflexões sobre a reconstrução de uma nova ordem social, explorando a opressão e o colapso das estruturas de poder. Por sua vez, *A nossa alegria chegou* apresenta um cenário sombrio, em que a repressão política e o controle sobre as emoções são formas de opressão, ressaltando a resistência pela cultura. Valendo desses universos narrativos e conectando-os às duas interrogações problematizadoras, abordamos o autoritarismo, a distopia e o afrofuturismo à medida que dialogamos com as reflexões de Frederic Jameson presentes em *Arqueologias do futuro: o desejo chamado utopia e outras ficções científicas*; de Hannah Arendt em *As origens do totalitarismo*, de Adam Roberts em *A verdadeira história da ficção científica*; de Gregory Claeys em *Dystopia: a natural history* e de Ytasha Womanack com *Afrofuturismo: o mundo da ficção científica preta e a cultura da Fantasia*.

Palavras-chave: Distopia; Autoritarismo; Literaturas de Língua Portuguesa; Futuro; Afrofuturismo.

TEXTOS EM MOVIMENTO: CAMILO E NARDO LEANDRO

Rosana Apolonia Harmuch (UEPG)
rosanaharmuch@uepg.br

A produção de textos literários que retomam narrativas ou personagens promove uma importante mobilidade entre autores e contextos diversos. Mais que um diálogo entre obras, esse movimento contribui para atualizar a memória da literatura e também o conceito de referencialidade. Para refletir sobre a importância dessa produção, escolhi o texto 'Vingança', de Nardo Leandro, publicado em 2024. Nesse conto, o movimento se dá em direção a *O carrasco de Vítor Hugo José Alves*, publicado por Camilo Castelo Branco, em 1872.

Palavras-chave: Camilo Castelo Branco; Nardo Leandro; Escravidão.

OS VELHOS TAMBÉM QUEREM VIVER: ALCESTE EM SARAJEVO

Rosana Cristina Zanelatto Santos (UFMS/CNPq/FUNDECT-MS)

rzanel@terra.com.br

Tanto na tragédia de Eurípedes *Alceste* quanto no texto de Gonçalo M. Tavares (2014) *Os velhos também querem viver*, a esposa de Admeto, Alceste, dispõe-se a dar-se à morte pelo esposo por um sacrifício esquecido junto à deusa Ártemis depois que outras tantas pessoas são convocadas para isso e não aceitam. Se em ambas as textualidades, o corpo da mulher será sacrificado/projetado para a manutenção da vida do homem, em Tavares assistimos também ao confronto entre o pai e o filho, o velho e o novo, numa disputa que coloca em jogo o heroísmo e a covardia não como situações díspares, mas como uma equação que tem como denominador comum o sacrifício em meio a uma guerra como a da Bósnia (1992-1995), com o cerco de Sarajevo por 1425 dias. Para que(m) sacrificar-se; por que (não) se sacrificar nesse cenário? Essas são as perguntas que movem nossas falas.

Palavras-chave: Análise comparatista; Literatura portuguesa contemporânea; Heroísmo.

REVOLUÇÃO, DE HUGO GONÇALVES: UM NOVO OLHAR SOBRE UM TEMA QUE SE MANTÊM ATUAL

Rosemary Gonçalo Afonso (UFRRJ)
rosemaryafonso@gmail.com

O trabalho apresenta uma análise do romance *Revolução*, de Hugo Gonçalves, publicado pela primeira vez em outubro de 2023. Inspirado na Revolução dos Cravos, a narrativa gira em torno de uma família cujos membros assumem diferentes posições políticas no cenário português condicionado pela ditadura salazarista e pelo Processo implementado logo após o dia 25 de Abril de 1974, quando o regime totalitário foi derrubado. Tendo como pano de fundo esse acontecimento histórico decisivo para o país, personalidades reais e ficcionais se misturam, numa abordagem que se debruça sobre as relações humanas em momentos de crise, tendo a liberdade de preencher “lacunas” que a história oficial nem sempre pode ou quer registrar. Nossa análise observa a escrita de Hugo Gonçalves em seu conteúdo e forma, evidenciando a pertinência de um tema que se mantém atual, como se verifica pela referência direta ou indireta a esse período da história do país em textos de diferentes autores e autoras. A narrativa expõe a complexidade da transição de um governo autoritário, que articula sua permanência no poder, para um governo democrático, que busca garantir seu espaço, sugerindo uma luta que não se resume ao período observado, mas se estende ao longo do tempo, refletindo a conjuntura do país. Demonstramos a preocupação do autor em não restringir a revolução ao que pode ser entendido como o seu clímax: a deposição de Marcelo Caetano num dia específico, estendendo sua importância aos períodos anterior e posterior a esse fato que se tornou tão marcante, sobretudo pela adesão espontânea dos e das lisboetas quando foi solicitado que permanecessem em casa. Defendemos a importância da representação literária desse evento e a contribuição do texto ficcional, através de seus leitores, em debates essenciais, que dizem respeito a toda a sociedade. Nossa fundamentação teórica tem o apoio de Georg Lukács, Walter Benjamin, Chimamanda Adchie, António José Saraiva e José Cardoso Pires, dentre outros, e conta com a contribuição de entrevistas relacionadas à conjuntura do país entre 1970 e meados dos anos 1980, além de reportagens acerca do momento de escrita do texto.

Palavras-chave: Literatura Portuguesa; Hugo Gonçalves; Revolução dos Cravos.

“AS CARTAS E OS PEÕES ASSIM NARRADOS: OS LUSÍADAS EM UMA PRÁTICA DE LEITURA LUDO-LITERÁRIA”

Saulo Gomes Thimoteo (UFFS)
saulo.thimoteo@uffs.edu.br

Em seus quinhentos anos de nascimento, Luís de Camões permanece referência incontornável das culturas de língua portuguesa, embora, com os tempos e as vontades mudando, parece haver, em grande parcela dos leitores do século XXI, um distanciamento. Sabe-se quem ele foi, mas dificilmente se entra no texto, nos versos e no universo camoniano de lutas e deuses e conquistas. Nesse sentido, um dos principais caminhos para essa redescoberta é a mediação leitora, isto é, a apresentação à nova geração de leitores de seu direito de conhecer Camões em sua força lírica e em seu peso épico. Essa mediação tem diversas maneiras de ocorrer, desde a leitura compartilhada, a desvendar os versos e explorar as alegorias e a musicalidade, até as múltiplas medias que abordam a obra camoniana e que complementam e expandem a visão literária de quem lê. Por meio de um jogo de tabuleiro, em que figura tanto a viagem marítima da frota de Vasco da Gama quanto vários episódios secundários e eventos do livro, pode-se criar um espaço lúdico de interação. Tal proposta, desenvolvida no âmbito do Projeto *Adamastor: laboratório de criação de jogos literários*, articula os movimentos teóricos sobre adaptação e ludicidade de autores como Johan Huizinga, Roger Caillois, Linda Hutcheon e António Cabral com a análise literária de textos clássicos da literatura portuguesa. Assim, elaboram-se espaços para que, concomitantemente, leitores neófitos criem um contato mediado e interativo, e os leitores já conhecedores possam revisitar as obras sob outro prisma.

Palavras-chave: Mediação de Leitura; Ludicidade; Interação; Jogos de Tabuleiro.

O AUTORRETRATO NA POESIA CONTEMPORÂNEA DE LÍNGUA PORTUGUESA

Silvio Cesar dos Santos Alves (UEL)
silvioalves@uel.br

O petrarquismo é um fato cultural ainda carente de reflexões mais aprofundadas. A sua origem é uma poesia descentrada e despersonalizada, mas que se alimenta da base de dados biográficos do poeta como garantia da verdade do contado, embora a forma do autorretrato, na qual essa tradição se exprime, não possa ser considerada autobiográfica, já que se caracteriza pela montagem, num ordenamento lógico, de elementos substituíveis, a partir de sobreposições e analogias que têm como ponto de partida o vazio, e não um referente passível de ser verificado por meio de fatos linear e cronologicamente ordenados. Mas o petrarquismo, enquanto tradição, também se caracteriza pela recorrência do tema do dissídio, por meio de tópicos como a desavença subjetiva, a cisão do sujeito e a inconsistência do eu, ou mesmo a sua hipertrofia textualista, diante do desconcerto do mundo. O autorretrato, no entanto, não faz referência senão ao próprio texto que o engendra e ao circuito fechado da memória intratextual, no qual a vida individual dá lugar ao esquecimento de si mesmo, para que fique registrada a memória de toda uma cultura, na experiência nua da linguagem, onde tudo não passa de um conjunto de remendos, a colcha de retalhos em que se costura uma autoimagem oca e sem o eu, a partir do vazio que o antecede. Talvez por isso o autorretrato seja um gênero cada vez mais presente na poesia moderna e contemporânea de língua portuguesa, onde o tema do dissídio ainda tem sido recorrente, por meio da atualização epistemológica de seus tópicos. Portanto, é possível afirmar que, tradicionalmente, o petrarquismo tem dado origem a uma poesia de estatuto epistemológico, ao colocar em questão a capacidade do sujeito para o autoconhecimento, e é nesse sentido que essa tradição se mostra atrativa para uma investigação, por ter atravessado diferentes paradigmas, não sendo indiferente a essa transição, como pretendo demonstrar neste trabalho.

Palavras-chave: Autorretrato; Poesia; Contemporâneo.

NEO-REALISMO E O TRÁGICO: UMA LEITURA DE *O TRIGO E O JOIO* DE FERNANDO NAMORA

Suely Leite (UEL)
suelyleite@uel.br

Desde a sua origem até os dias atuais, poucos gêneros artísticos nos legaram uma herança tão rica e controversa quanto a tragédia grega. Poucas manifestações do passado acalentaram tantas aspirações e idealizações quanto a um período clássico e às possibilidades de remontá-lo: inúmeros estudiosos e dramaturgos perseguiram seu modelo em peças teatrais, ensaios filosóficos e tratados estéticos. Sua recorrência histórica permite afirmar que, mesmo intermitente e modificada ao longo dos séculos, a tragédia sobreviveu ao fim das condições sociopolíticas, culturais, históricas, econômicas e geográficas que a engendraram. Ainda que a tragédia não seja um gênero literário difundido na atualidade, seus rastros permanecem entre nós na forma do adjetivo “trágico”. O trágico na literatura moderna, apesar de manifestar-se de forma mais complexa e menos convencional do que nas tragédias clássicas, continua a ser um elemento importante e recorrente. Ele se expressa através de diferentes mecanismos, como a presença de personagens em situações de conflito, o sofrimento, a morte e a reflexão sobre o destino. O romance *O trigo e o joio*, do escritor português Fernando Namora, aponta para uma chave de leitura que acessa o termo trágico, seja na figura do personagem protagonista Loas, um homem que depende constantemente da natureza e que não pode lutar contra forças adversas, seja na queda de seu mundo ilusório que se concretiza em uma situação trágica. No romance português em questão estamos diante de uma narrativa que rumo a uma poética do trágico cotidiano em que seu protagonista é um sujeito sem epopeia, cuja vida é isenta de grandes atos heroicos, mas que, na condição trágica de indivíduo degradado pode, de maneira mais profunda, estabelecer a possibilidade de se pensar um destino humano.

DIÁLOGOS POÉTICOS EM *O OLHO E A MÃO* DE ANA MARQUES GASTÃO E SÉRGIO NAZAR DAVID

Susana Maria Loureiro da Silva Matos Antunes (University of Wisconsin-
Milwaukee)
antunes@uwm.edu

O livro *O Olho e a Mão*, de Ana Marques Gastão e Sérgio Nazar David, propõe um exercício raro de coautoria poética a partir da pintura: cada poema é uma resposta sensível e criativa a obras visuais de artistas, convocando o leitor para um duplo gesto de contemplação – o olhar que vê e a mão que escreve. Neste ensaio, exploramos os diálogos poéticos que se constroem no interior dessa obra singular, onde os limites entre imagem e palavra, crítica e criação, dissolvem-se em tessituras estéticas compartilhadas. A escrita de *O Olho e a Mão* não se limita à descrição da imagem (*ekphrasis* tradicional), antes submerge nas suas atmosferas simbólicas e afetivas, acionando o corpo, a memória e a alma como lugares de leitura. A experiência poética torna-se, assim, um prolongamento do gesto pictórico – uma “mão que pensa” e um “olho que sente”. Ao investigar os modos como esses diálogos se configuram, destacamos o papel da percepção como fundamento estético, bem como a forma como os poemas reconfiguram as imagens a partir de uma escuta visual e sinestésica. Nesse sentido, o livro realiza a antiga máxima de Horácio, *ut pictura poesis*, ao corporizar a poesia não apenas como um espelho da pintura, mas um território próprio de reinvenção da imagem. Ao investigar os modos como esses diálogos se configuram, destacamos o papel da percepção como fundamento estético, bem como a forma como os poemas reconfiguram as imagens a partir de uma escuta visual e sinestésica. Deste modo, *O Olho e a Mão* afirma-se como um espaço de resistência ao silenciamento do talento e da linguagem, recuperando a potência do olhar poético diante do mundo e da obra de arte. O presente estudo propõe, portanto, uma leitura crítica e sensível desses encontros entre pintura e poesia, em que o verbo e a cor se entrelaçam para dar corpo à imagem e alma à palavra.

Palavras-chave: Interartes; Poesia; Pintura.

DO EQUÍVOCO ASTROLÓGICO À CRIAÇÃO DE FAKE NEWS: PERIPÉCIAS DE UMA NOVELA POLICIAL

Tatiana Prevedello (Colégio Militar de Curitiba)
t_prevedello@hotmail.com

O livro *Encontro Magick seguido de A Boca do Inferno (novela policiária)*, organizado por Miguel Roza, sobrinho de Fernando Pessoa, reúne, em sua primeira parte, a correspondência que se estabeleceu entre o mago britânico Aleister Crowley e Fernando Pessoa, motivada em virtude de uma correção que Pessoa realizara no mapa astrológico de Crowley. Roza também compila notícias veiculadas pela imprensa portuguesa acerca da passagem de Crowley por Lisboa e do seu desaparecimento, evento que gerou investigações norteadas pela hipótese, legitimada pelo próprio Pessoa, do suicídio do satanista, que teria sido praticado na Boca do Inferno, penhasco à beira-mar localizado a oeste de Cascais. Já a segunda parte do livro reproduz o romance policial escrito por Pessoa, cujo objeto é a própria viagem de Crowley por Portugal. Pretendo, em minha apresentação, analisar as estratégias empregadas por Pessoa na composição do romance, tendo como fundamento as fontes primárias compiladas por Roza, que registram as relações entre o seu tio e Crowley, motivadas pela astrologia e pelo ocultismo, do que resultaria a criação da *fake news* que serviu de base para a escrita da referida novela policial.

Palavras-chave: Pessoa; Crowley; Romance policial.

DA CEGUEIRA À LUCIDEZ: PERCURSOS HUMANÍSTICOS E HUMANITÁRIOS, NOS ENSAIOS DE JOSÉ SARAMAGO

Tércia Costa Valverde (UEFS)
tecaverde05@outlook.com

José Saramago, em seus últimos anos de vida, se dedicou a falar de geopolítica em inúmeros países, através de variados meios de comunicação. Desde o princípio, já havíamos percebido, dentro e fora de suas obras, não só o escritor humanista e humanitário que ele deixa transparecer em suas narrativas, mas, o leitor apurado, vidente e lúcido da vida e da (des)ordem social ocidental. Baseando-nos nessas vertentes politizadas e socialmente engajadas de Saramago, objetivamos tecer um crítico diálogo entre as obras *Ensaio sobre a cegueira* (1995) e *Ensaio sobre a lucidez* (2004), que sugerem o descaso dos governantes perante a população carente e desassistida, de Portugal ou de qualquer outra nação mundial. Ironicamente, essas pessoas os colocaram no centro do poder, durante o período de eleições políticas. Na primeira obra, há a queda da visão de si, do outro e do espaço ao redor. No segundo ensaio, presenciamos o baque da democracia e o seu posterior declínio, quando os eleitores são massacrados pelas autoridades, por tentarem enxergar a real situação de cárcere eleitoral em que vivem. Na cegueira, o ser humano revela-se escravo da própria existência. Na lucidez, cativo do poder governamental. Sendo assim, ao trilharmos por esses percursos humanistas e humanitários, tão latentes nestas narrativas saramaguianas, também destacaremos a alegoria da compaixão vidente, que sai de uma obra e ingressa na seguinte, continuando a atuar como pastora de um rebanho sedento de acuidade. Como suporte teórico deste estudo sobre o José Saramago leitor e pintor atento às malhas de poder, que oprimem aqueles indivíduos economicamente mais fracos, utilizaremos algumas ideias de Reis (1998), Arnaut (2007), Seixo (2015), dentre outros.

Palavras-chave: Cegueira; Lucidez; Leitor Saramago.

O DELFIM: A PRODIGIOSA AGONIA DE UM MITO

Teresa Cristina Cerdeira (UFRJ/CNPq)
teresacerdeira@gmail.com

O Delfim de José Cardoso Pires exibe a árdua tarefa de escrever sob censura. As estratégias utilizadas são, no nível do enunciado, a “clandestinização do narrado”, como bem definiu Maria Lucia Lepeki em seu primoroso trabalho ensaístico de 1977, em que ela observa o deslocamento que a narrativa opera ao encobrir o gérmen do processo revolucionário – que é a tomada da Lagoa pelo povo da Gafeira com a queda do poder dos Palma Bravo – através de uma aparente tessitura de romance policial que, afinal, não cumpre seus supostos objetivos. Contudo, para além da agonia desse mito do poder, o romance intui a necessidade da agonia de um outro mito, desta vez estrutural, e relacionado, já agora, ao processo de enunciação. Como se José Cardoso Pires, na charneira entre a proposta neorrealista e o advento do *nouveau roman*, intuisse a necessidade de caminhar na contramão do mito do escritor que guia o seu leitor, cuidando para que ele não se perca, de modo a se tornar, supostamente, um agente eficaz da revolução. Ora, *O Delfim*, ao contrário, desafia o leitor, fragmenta o discurso, impede que o texto se ofereça abertamente à leitura, multiplica as versões, enfim, exige o esforço o “olho vivo” diante da crise do romance. Sem qualquer vislumbre de pedagogia, mas sem abdicar da História.

Palavras-chave: Neorrealismo; *Nouveau roman*; Engajamento; Fragmentação; Excursão.

**ENTRE TRÂNSITOS E FRONTEIRAS: A EXPERIÊNCIA FEMININA EM
ESSE CABELO, DE DJAIMILIA PEREIRA DE ALMEIDA E *ESSA DAMA
BATE BUÉ!*, DE YARA NAKAHANDA**

Veronica Prudente Costa (UFRR)
prudente.veronica@gmail.com

Esse trabalho visa discutir sobre narrativas que contam histórias sobre mulheres que migraram de espaços africanos para Portugal e sobre as experiências vividas por elas no novo espaço. Racismo, feminismo, colonialismo e identidade são conceitos requeridos para pensar as obras *Esse cabelo* (2015), de Djaimilia Pereira de Almeida (escritora portuguesa nascida em Luanda) e *Essa Dama Bate Bué!* (2018), de Yara Nakahanda Monteiro (escritora portuguesa nascida em Huambo). As experiências de mudança, aceitação e diferença, convocam o leitor a experimentar narrativas contundentes sobre a condição feminina e sobre como o feminismo ainda tem muito a avançar para as mulheres no que respeita ao pleno domínio de seus corpos e de espaços de conquista. Por fim, recorreremos à última obra ensaística de Djaimilia Pereira de Almeida: *O que é ser uma escritora negra hoje, de acordo comigo: Ensaios* (2023) em que ela reflete sobre o lugar da escrita da mulher negra, entrelaçando aspectos de raça e cultura e a complexidade de ser uma mulher negra em sociedades racistas.

Palavras-chave: Escrita feminina; Raça; Cultura; Migração.

SILÊNCIO, ESCRITA E TEMPO: PENSAR COM VERGÍLIO FERREIRA E AGUSTINA BESSA-LUÍS

Viviane da Silva Vasconcelos (UERJ/FAPERJ)
vvasconcelos@gmail.com

Voltar a certos textos críticos, correspondências e apontamentos de escritores do século XX, como Vergílio Ferreira e Agustina Bessa-Luís, parece ser um movimento necessário nos últimos anos, momento em que o exercício atento de leitura se desvaloriza, dando lugar às conclusões apressadas de uma realidade que fabrica a percepção de aceleração do tempo. Seguindo essas observações iniciais, pensar nos textos de Vergílio Ferreira e Agustina Bessa-Luís como condutores de uma reflexão sobre a relevância de um elogio à leitura, como também ao silêncio, na sua relação mais direta com as formulações acerca do tempo, é uma maneira de reinserir uma análise sobre a forma literária. É Vergílio Ferreira, no livro "Conta-corrente IV", quem define que "para baixo de tudo o que em nós é ser de facto ser vivente, há o silêncio mole, a placidez do tédio, o desinteresse mineral, o fóssil de nós" (FERREIRA, 1994, p. 172). Falar da arte, um dos temas que une os dois escritores, também permite a elaboração de uma escrita que desenvolve uma reflexão sobre a atitude silenciosa diante da realidade. Em "A legibilidade do mundo" (2023), Hans Blumenberg nos apontará para a ideia de uma relação histórica da representação do mundo por meio do livro, imagem que sintetiza "esse desejo de conhecer a verdade que não é aprendida nem estudada" (BESSA-LUÍS, 2016, p.63), como observa Agustina Bessa-Luís, em um dos textos reunidos em "Crónica da Manhã". Um dos objetivos do texto é articular esses pensamentos sobre o tempo e a verdade que servem como orientadores críticos para uma análise sobre a escrita e a história contemporâneas.

Palavras-chave: Agustina Bessa-Luís; Vergílio Ferreira; Tempo.

MESAS REDONDAS

A FIGURAÇÃO DO GATO COMO METÁFORA DO TESTEMUNHO IMPOSSÍVEL NAS NARRATIVAS DE ANA MARGARIDA DE CARVALHO

Adriana Gonçalves da Silva (UEMG)
adri.lletras@gmail.com

A presente proposta investiga a recorrente figuração do gato na obra de Ana Margarida de Carvalho, compreendendo-a como metáfora do testemunho impossível. Tomando como ponto de partida a possível existência de um projeto estético relacionado à insistência destas aparições, argumenta-se que o gato nas narrativas carvalhianas parece encarnar uma ética da co-presença - que reconhece a distância e a diferença sem dissolvê-las -, funcionando como operador narrativo de uma alteridade inapreensível. Nesse sentido, no olhar opaco do animal que observa desvela-se o sintoma do trauma e da precariedade do testemunho, que, como propõem as reflexões de Walter Benjamin, Giorgio Agamben e Márcio Seligmann-Silva, carrega em si o paradoxo de dizer o indizível e de representar o irrepresentável. Em outros termos, a presença do gato nestas narrativas evoca como estratégia narrativa o deslocamento do olhar para a realização do testemunho, que convoca o leitor a uma partilha responsiva e ética. Assim, a presença felina revela-se chave para a leitura da memória, da alteridade e da vulnerabilidade do século XXI inscritas no tecido narrativo de Ana Margarida de Carvalho.

Palavras-chave: Ana Margarida de Carvalho; Testemunho; Gato.

TENDÊNCIAS DA LITERATURA PORTUGUESA CONTEMPORÂNEA PELA PERSPECTIVA DE ESCRITORAS

Alessandra Cristina Moreira de Magalhães (CEFET-RJ)
alessandrademagalhaes@yahoo.com.br

Esta comunicação tem como objetivo apresentar as tendências da literatura portuguesa contemporânea, a partir da perspectiva da escrita de autoras mulheres, principalmente a partir de romances escritos nos últimos dez anos. A escrita das autoras demonstra, como afirmou Carlos Reis (2004), a presença de personagens que têm total consciência das questões que a condição feminina carrega histórica, social e culturalmente, por isso essas mulheres buscam um diálogo com o seu presente histórico, um tempo marcado por fraturas, conflitos e desencantos, tendo em vista a emergência climática, a pandemia de covid-19, a precarização do trabalho, os relacionamentos mediados pelas redes sociais, a onda de desinformação, o esgotamento da saúde mental, as guerras. Além disso, como afirmam Miguel Real (2012) e Gabriela Silva (2016), tal escrita passou por um processo de internacionalização, pensando em um leitor global e não mais apenas local, abordando em suas obras tanto o papel das problemáticas sociais que predominam na agenda pública quanto a relação disso com seus problemas privados, ou seja, como ensinaram as feministas: “o pessoal é político”. Para tanto, tal análise se voltará para obras de escritoras que alcançaram reconhecimento acadêmico e crítico, inclusive recebendo importantes prêmios: Djaimilia Pereira de Almeida, Dulce Maria Cardoso, Isabela Figueiredo, Joana Bértholo e Patrícia Portela. Em suma, este trabalho buscará compreender de que maneira a ficção escrita por mulheres vem respondendo às questões contemporâneas.

Palavras-chave: Autoria feminina; Literatura portuguesa contemporânea; Literatura escrita por mulheres.

PROSAÍSMO E MODERNIDADE EM AUGUSTO DOS ANJOS E CESÁRIO VERDE

Alex Alves Fogal (CEFET- MG)
alexfogal@yahoo.com.br

O intuito desta comunicação é estabelecer uma relação comparativa entre as obras de Augusto dos Anjos, poeta brasileiro do início do século XX e Cesário Verde, poeta português do século XIX. Sem que seja aventada aqui a possibilidade de influência de um poeta sobre o outro, o foco é aproximá-los a partir de confluências entre seus métodos de criação poética, neste caso específico, será enfatizado o modo como se apropriam de uma concepção prosaica sobre a realidade e a linguagem para que extraíam dali a força estética de seus poemas. Além de tentar compreender o elemento prosaico como fator importante na construção artística de Augusto dos Anjos e de Cesário Verde, o presente trabalho buscará abordar o prosaísmo também como aspecto incontornável para a sedimentação do teor de modernidade presente em suas composições. Para atingir essas metas, a comunicação se baseará na análise dos poemas dos dois autores e se apoiará nos pressupostos críticos de Erich Auerbach em *Ensaio de Literatura Ocidental*, especialmente em suas reflexões sobre a mescla de estilos e também nas formulações de Alfonso Berardinelli em *Da Poesia à Prosa*, principalmente no que diz respeito à sua reflexão sobre a comunicabilidade da poesia moderna.

Palavras-chave: Augusto dos Anjos; Cesário Verde; Prosaico; Modernidade.

A VIOLÊNCIA COMO FIO CONDUTOR EM NARRATIVAS CURTAS DE LÍDIA JORGE

Alyne Isabele Duarte da Silva (UERN)
alyneisaduarte@gmail.com

Não é incomum que a violência seja um tema recorrente nas narrativas de Lídia Jorge. Permeia nos escritos da autora níveis de atos violentos ora perceptível no campo macro da palavra, ora indizível, mas percebidos em gestos e ações das personagens. Isto é, transpassando por muitos espaços, a violência percorre os romances e contos de Lídia Jorge em atos físicos e simbólicos, e se insere em uma atmosfera de conflito, seja em uma superfície social, seja em uma superfície íntima de desordem. Desta maneira, o presente trabalho busca refletir sobre a forma como esse elemento conduz alguns contos da escritora portuguesa, destacando diferentes camadas de violências sofridas ou praticadas pelas personagens. Perceptível em superfícies discursivas, físicas e simbólicas, os atos violentos contornam, sobretudo, as personagens femininas, permitindo reflexões sobre um tema importante na contemporaneidade.

Palavras-chave: Lídia Jorge; Contos; Violência.

CONEXÕES ULTRAMAR: O IMPACTO DO HOJE NAS FORMAS LITERÁRIAS DE BRASIL E PORTUGAL

Amanda Gomes do Amaral (USP)
amanda._amaral@hotmail.com

A indissociabilidade de raça e gênero nas relações de poder em países de passados coloniais é fato fundamental. E não só. Categorias como classe e nação também são trazidas à baila. Isto é notório quando analisamos a construção da poesia contemporânea de língua portuguesa escrita por mulheres negras. Esta comunicação tem por objetivo pensar a negritude nos países de língua portuguesa pela poesia de Lubi Prates (2019), escritora brasileira, e Raquel Lima (2019), escritora portuguesa. Como a produção de poetisas negras se movimenta em meio às construções de gênero e qual seu impacto nas formas literárias e nas experiências de racismo? Segundo Martins (2024), o pensamento anticolonial, pós-colonial e decolonial permaneceu até bem pouco tempo intocado por uma crítica de gênero e racialidade. Pensar a relação entre cultura literária, território e raça se faz necessário quando as ‘novas formas de racismo’ (Kilomba, 2019) operam violências não mais por diferenças biológicas. As justificativas agora são culturais, além da incompatibilidade com a ideia universal de ‘cultura nacional’. Não encarando a produção cultural negra como feito apenas antropológico, olharemos para sua dimensão enquanto dispositivo literário, sem a suspensão de seu valor estético. Iremos analisar a estética dos poemas em sua dupla possibilidade: dar forma ao que se produz hoje, não fixando parâmetros, e olhar para sua vinculação com o futuro, enquanto projeto artístico.

Palavras-chave: Literatura; Contemporâneo; Decolonialidade; Poesia.

A FORÇA FOLCLÓRICA DA NATUREZA E A RESISTÊNCIA PELA VOZ DAS MULHERES: ENTRE A UCRÂNIA DE LESIA E O PORTUGAL DE SOPHIA

Amanda Machado Sorgi (UEL)
amanda.sorgi11@uel.br

A pesquisa propõe uma aproximação entre textos poéticos de resistência da literatura ucraniana e da literatura portuguesa feitos por mulheres, nos quais haja uma relação trajetiva entre homem e natureza. O percurso de início é a origem de ambas as literaturas, marcada pelas vozes de mulheres dos cantos folclóricos ucranianos e das cantigas de amigo portuguesas, nos quais a resistência à fome e ao frio, do lado ucraniano; e à solidão e à saudade, do lado português, se dá por uma ligação simbiótica do eu-lírico com a natureza. A análise segue para poemas mais recentes selecionados das obras das autoras Lesia Ukrainka, ucraniana, e Sophia de Mello Breyner Andresen, portuguesa, nos quais se fazem presentes o diálogo com as origens folclóricas e medievais, respectivamente, de suas literaturas, bem como a temática da resistência expressa pela ligação do eu-lírico com a natureza, ainda que frente a novos desafios. Ao longo do trabalho, empregam-se os métodos qualitativo e dedutivo de pesquisa, utilizando-se da pesquisa bibliográfica, partindo dos estudos de Augustin Berque, Eric Dardel e Michel Collot sobre a relação entre homem e paisagem, além da análise dos cantos folclóricos, cantigas medievais e poemas selecionados.

Palavras-chave: Poesia escrita por mulheres; Resistência; Paisagem.

DESDE ONTEM A CIDADE MUDOU: INTERAÇÕES DIALÓGICAS E INQUIETANTES ENTRE ALGUNS PERSONAGENS DE ÁLVARO DE CAMPOS

Ana Clara Magalhães de Medeiros (UnB)
a.claramagalhaes@gmail.com

A partir do poema *Cruz na porta da Tabacaria* (1930), que Jerónimo Pizarro (2014) classificou como possivelmente atribuível a Álvaro de Campos (“Maybe Campos”, Pizarro, 2014), identificamos e debatemos a figura de Alves, o “Dono da Tabacaria”, em alusão ao poema *Tabacaria* (1928) – este tradicionalmente atribuído a Campos. Explorando elementos formais dos dois textos líricos, propomos analisar dialogicamente: a presença da Tabacaria na cidade; a relação deste espaço comercial-literário com a urbe, bem como com as pessoas a ela vinculadas; a interação inquietante/infamiliar (Freud, 2010) entre sujeito poético, Alves (Dono da Tabacaria) e Esteves (homem que entra na Tabacaria “para comprar tabaco?”). Considerando-se, sobretudo, os contributos críticos de Eduardo Lourenço, Jerónimo Pizarro e Hermenegildo Bastos, propomos a leitura comparada dos dois poemas que focalize a emergência da cidade e o estranhamento entre seres humanos/literários. Busca-se, tangencialmente, discutir a autoria do poema do ano de 1930, levantando-se problemáticas relacionadas ao heteronimismo e ao fantasmático autor fictício pessoa no Álvaro de Campos.

Palavras-Chave: Álvaro de Campos; Tabacaria; Cruz na porta da Tabacaria.

DEUS NA ESCURIDÃO, DE VALTER HUGO MÃE: UMA POÉTICA DA TERNURA

Ana Claudia da Silva (UnB)
aclaudasilva@gmail.com

Na sua etimologia, a palavra ternura tem como significado o estado ou qualidade daquilo que é delicado, suave. A leitura do último romance de Valter Hugo Mãe, *Deus na escuridão* (2024), sugere uma escrita atravessada pela ternura, que se expressa na linguagem densamente poética da narrativa, nos antropônimos e nos gestos do narrador personagem, Felicíssimo, cujo nome quer ser superação da tristeza. O ápice da narrativa está no capítulo central, que dá nome ao livro, no qual a narrativa se suspende e o texto se desloca do rés-do-chão das personagens para espiar Deus em sua morada, retornando, depois, aos conflitos do amor fraternal vivenciados por Felicíssimo. Para este estudo, nos acercaremos do conceito de ternura do Papa Francisco (2024), que a nomeia como o estilo revolucionário de Deus.

Palavras-chave: Ternura; Valter Hugo Mãe; Deus na Escuridão.

LUGARES DE VIVÊNCIA E RELATOS DE ESPAÇO N'AS PEQUENAS MEMÓRIAS DE JOSÉ SARAMAGO

Ana Cristina da Silva (UFG)
ana.iesa.ufg@gmail.com

As pequenas memórias despertam o interesse de leitores e estudiosos da obra de Saramago por sua característica autobiográfica. É justamente por ser uma autobiografia que põe alguns desafios à investigação: como fonte de pesquisa, como uma das modalidades de produção de si, no mundo moderno, a escrita de si e como objeto de estudo para a teoria literária. A memória é fundamental para a compreensão da natureza da autobiografia. A primeira, ancora-se nos espaços, paisagens e lugares de vivência, juntamente com o tempo vivido; a segunda, demanda uma narrativa que dê sentido à história de vida. Para aceder a essa obra nos orientamos pelos aportes teóricos de Ricoeur quanto à teoria do texto e do discurso e sua fenomenologia da memória.

Palavras-chave: Memória; Vivência; Lugar.

ENTRE A LITERATURA E A ECOLOGIA PODE-SE ENCONTRAR UMA ESPERANÇA OU O ADIAMENTO DO FIM DO MUNDO?

Ana Cristina Ribeiro Bonchristiano (USP)
ana.bonchristiano@usp.br

As mudanças climáticas e o risco de um conflito nuclear global são as duas ameaças que pesam atualmente sobre a humanidade, segundo o linguista e filósofo americano Noam Chomsky. Nesse contexto, Lídia Jorge, plenamente consciente da situação planetária contemporânea, vem incorporando cada vez mais a temática ambiental em seus romances. O tema surge tanto nos diálogos entre personagens quanto na construção de cenários cada vez mais devastados ambientalmente. No romance *Estuário* (2018), essa perspectiva se manifesta na intersecção entre crise climática e crise social, revelando um mundo em ruínas e personagens imersos em um cenário de destruição e desamparo. A pergunta colocada é sobre a possibilidade de se encontrar uma esperança ou o adiamento do fim do mundo com a interseccionalidade de literatura e ecologia. *Estuário*, ao mesmo tempo que denuncia a degradação da natureza e a inação diante do desastre, também sugere que a literatura pode ser um espaço de resistência e esperança, onde a escrita serve como testemunho e como imaginação de um novo futuro possível.

Palavras-chave: Lídia Jorge; Estuário; Ecologia; Literatura.

O DIÁLOGO ENTRE TEOLINDA GERSÃO E HAN KANG

Ana Maria Wertheimer (PUCRS)
ana.wertheimer@pucrs.br

A motivação para a presente pesquisa é o ponto de contato entre duas obras aparentemente distantes no tempo e no espaço, mas indubitavelmente próximas nas temáticas mulher, opressão e desumanização. A escritora portuguesa Teolinda Gersão na obra *Alice e outras mulheres* (2020), especificamente no conto *Um casaco de raposa vermelha*, dialoga com a obra *A vegetariana* (2013) da escritora sul-coreana Han Kang, distinguida em 2024 com o Prêmio Nobel de Literatura. Para além da questão da desumanização das personagens, evidencia-se uma construção dialógica que revela temas subjacentes aos fatos narrados, relacionados com a opressão da personagem feminina. A transmissão do discurso do outro, sistematizada pela teoria de Bakhtin, leva a uma reflexão acerca da participação do narrador na construção das personagens: duas mulheres em crise. Na interdependência da voz da personagem (o discurso a transmitir) e do discurso do narrador (o discurso narrativo), Bakhtin sustenta que o narrador, ao utilizar as suas próprias palavras para reproduzir as vozes das personagens, confere ao discurso um grau de subjetividade que, no caso das narrativas em estudo, revelam a construção dialógica que perpassa as duas narrativas e as aproximam.

Palavras-chave: Personagem Feminina; Teolinda Gersão; Han Kang; Dialogismo.

VEJO-ME A MIM, NA FILA DAS FINANÇAS: O AUTORRETRATO NA POESIA DE GOLGONA ANGHEL

Ana Paula Silva (UEL)
ana.jobs.2024@gmail.com

Este projeto de pesquisa investiga o autorretrato na poesia da autora contemporânea Golgona Anghel, com foco em como ela explora o eu poético em meio a uma sociedade europeia marcada por alienação, burocracia e fragmentação identitária. A obra de Anghel utiliza uma voz irônica e desencantada para retratar a condição do sujeito moderno, confrontando-o com as exigências de conformidade e a precariedade das relações humanas. Esta pesquisa organiza-se em torno de três eixos temáticos – Nomes e Pronomes, Espelhos e Lentes e Relógios e Calendários –, que orientam a análise dos recursos formais e imagéticos que Anghel utiliza para compor um eu poético fragmentado e crítico. A metodologia adota uma abordagem crítico-interpretativa, fundamentada em teorias de autorreflexão e autorretrato literário, com apoio em autores como Borzello (1998), Pimentel (2005), Sampaio (2009), Ferreira (2019) e Gomes (2020). A pesquisa visa compreender como a poética de Anghel incorpora e ressignifica a tradição do autorretrato na poesia portuguesa, propondo uma leitura da identidade como espaço de resistência cultural. Em um contexto globalizado, onde o sujeito é frequentemente despersonalizado, a poesia de Anghel evidencia a literatura como um meio de questionamento e introspecção, desafiando o leitor a refletir sobre as condições de alienação na sociedade contemporânea. Com isso, este projeto contribui para os estudos literários ao analisar como o autorretrato poético pode funcionar como uma crítica social e uma forma de explorar as contradições da modernidade.

Palavras-chave: Autorretrato Poético; Poesia Portuguesa; Golgona Anghel.

ANA HATHERLY NO BRASIL: CORRESPONDÊNCIAS E RELAÇÕES LITERÁRIAS

André Luiz do Amaral (UFMS)
amaral.andre@ufms.br

Investiga-se a relação epistolar de Ana Hatherly (Porto, 1929 – Lisboa, 2015) com escritores brasileiros. Tem-se em vista a hipótese de que esse contato é fruto da aderência a movimentos literários análogos – a Poesia Experimental Portuguesa (Po.Ex), o Grupo Tendência e a Poesia Concreta Brasileira – e se desdobra na colaboração de Hatherly em jornais, suplementos e revistas literárias no Brasil. O corpus analisado é composto por três partes: 1. 35 cartas de e para escritores mineiros doadas pela autora ao Acervo de Escritores Mineiros (Fale-UFMG), mantidos sob a designação de Coleção Ana Hatherly. Essas missivas dizem respeito, em geral, a questões editoriais do Suplemento Literário de Minas Gerais, comentários críticos e assuntos pessoais; 2. Documentos, notas dispersas, cartões-postais e dedicatórias enviadas pela escritora portuguesa ao poeta Haroldo de Campos, mantidos pelo Acervo Haroldo de Campos (Casa das Rosas), os quais revelam, para além das afinidades entre os dois literatos, as relações teóricas que ligam o movimento da Poesia Concreta à Po.Ex.; 3. Anotações autógrafas em livros de outros autores, brasileiros ou portugueses radicados no Brasil, pertencentes à biblioteca do Acervo Ana Hatherly, mantido pelo Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana (NEPA) da Universidade Federal Fluminense. Procura-se, afinal, estabelecer nexos entre as fontes documentais e a obra literária.

Palavras-Chave: Literatura Portuguesa; Epistolografia; Ana Hatherly.

ECOCRÍTICA E ESTUDOS CRÍTICOS ANIMAIS NA POÉTICA DE ADÍLIA LOPES

Angela Guida (UFMS)
angelaguida.ufms@gmail.com

Em estudos recentes, tem se tornado prática comum voltar o olhar para formas outras de vida além da humana. Isso em termos teórico-conceituais, pois no que diz respeito à literatura e às artes de um modo geral o fenômeno é bem mais antigo, uma vez que plantas animais, vegetais sempre se fizeram presentes no monumento literário. O termo ecocrítica surgiu na década de setenta, mas ganhou relevo na década de noventa, nos Estados Unidos e, desde então, vem ganhando espaço nas discussões acadêmicas por propor a aproximação da literatura com os saberes ligados à ecologia. Os estudos críticos animais se notabilizaram na década de setenta com as reflexões do filósofo australiano Peter Singer e, entre outras questões, discute a questão de um saber animal que, obviamente passa por certo tipo de subjetividade animal. Pois bem, é na confluência da ecocrítica com os estudos críticos animais que esta proposta de trabalho se ancora para ler a poética contemporânea de Adília Lopes que, em muito do seu trabalho apresenta o que se pode chamar de zooliteratura. A poetisa portuguesa, em não raros momentos, traz para seus versos uma genuína preocupação com formas outras de vida que vão para além da humana, seja com bem-estar dos gatos ou com o corte de árvores nas ruas.

Palavras-chave: Adília Lopes; Ecocrítica; Estudos Críticos Animais.

CRÍTICO-POETA E POETA-CRÍTICO: A REFLEXÃO COMO ELEMENTO COMUM ENTRE AS POÉTICAS DE MÁRIO FAUSTINO E DE RUY BELO

Bárbara Del Rio Araújo (CEFET-MG)
barbaradelrio.mg@gmail.com

Esta comunicação pretende constatar a importância da reflexão permanente na poesia de Mário Faustino e Ruy Guerra. Partindo do pressuposto de que os poetas são também ensaístas que emitem frequentes comentários acerca da Literatura - o primeiro na seção *Poesia-experiência* (1950), o segundo *Na senda da poesia* (1969) -, ambos traçam perspectivas próximas ao confrontarem reflexivamente seu ofício com a sociedade. Mário Faustino, por exemplo, manifesta uma elaboração conceitual e uma ressignificação em cada estrofe de seus poemas. Isso faz com que a reflexão não seja apenas uma elaboração metapoética, mas, sobretudo, um desdobramento dos sentidos das palavras, atuando em um aspecto mais profundo e filosófico. Ruy Belo apela pelo duplo da linguagem que pretende ser didática ao mesmo tempo em que busca a subversão. Nesse sentido, a espontaneidade é criada no trabalho de invenção, configurando surpresas com implicações sociais problematizadoras. Portanto, a função de crítico-poeta e de poeta-crítico que cada um desempenha pode ser aproximada em um esforço comparativo a fim de entender como os pressupostos do fazer poético geram um caráter pedagógico, o qual desloca a composição para uma pauta ideológica sem perder de vista a elaboração formal. A execução dessa pesquisa conta com Benedito Nunes e Pedro Serra como referenciais importantes na medida em que auxiliam na relação entre o engajamento e a sua transfiguração em linguagem desestabilizadora, representando essa arte didática como uma estratégia potencializadora de resistência.

Palavras-chave: Poesia; Crítica, Hermenêutica; Mário Faustino; Ruy Belo.

NOVAS TEORIAS PARA O CÂNONE: PERSPECTIVAS FEMININAS PARA LER SARAMAGO

Bianca Rosina Mattia (PPGLit/UFSC)
biancamattia@gmail.com

“No entanto, a grande discussão sobre o cânone continua.”, escreve Edward Said (2003) na sequência de considerar as significativas mudanças teóricas e curriculares na área das humanidades, oriundas dos estudos feministas e pós-coloniais, dentre outros. Ao discorrer sobre a persistência de um debate que parece não avançar para além de que estaria diante da substituição de determinadas autoridades e dogmas por outros, o escritor lança mão da noção de mundialidade (“o oposto do separatismo e também o reverso do exclusivismo”), ou seja, a ligação de obras entre si, de modo a retirá-las do esquecimento ou do lugar secundário que ocupam, promovendo a sua devolução e reintegração ao cenário global. Trata-se aqui de inserir a obra no “seu contexto mais pleno e mais integrador”, o que repercute de forma inevitável no comprometimento do leitor com posições mais humanas e engajadas. A partir de tais reflexões, agora voltadas à análise literária, este trabalho objetiva apresentar uma leitura de romances de Saramago a partir de perspectivas feministas, o que permitirá destacar a presença de uma concepção política do amor manifestada por uma expressão ética na obra do escritor.

Palavras-chave: Cânone; José Saramago; Feminismos.

ENTRE SILÊNCIOS E DESEJOS: UMA LEITURA HOMOERÓTICA E SENSORIAL DA SURDEZ EM LUANDA LUA, DE MARTA MORGADO

Bruno Lutianny Fagundes Monção (UFU)
brunolutty@gmail.com

A presente comunicação propõe uma leitura crítica da obra *Luanda Lua*, da autora portuguesa e surda Marta Morgado, à luz das intersecções entre o homoerotismo e a surdez, evidenciando como a narrativa explora formas alternativas de vínculo afetivo, comunicação e constituição familiar. Tomando como base teórica os estudos queer, os estudos surdos e os fundamentos da crítica literária contemporânea, busca-se compreender como a linguagem visual e sensorial da obra convoca o leitor a repensar paradigmas hegemônicos de amor, escuta e expressão. Através da figura da cadela Luanda, que observa silenciosamente os gestos e desejos de suas duas mães, a autora constrói um universo onde o amor entre mulheres se manifesta com naturalidade, sem o recurso à palavra falada como elemento central. Essa escolha narrativa permite uma aproximação com a experiência da surdez, pois privilegia o olhar, a corporeidade e os vínculos emocionais que extrapolam os limites da oralidade. A obra destaca-se por seu caráter poético e sensível, criando um espaço de representatividade para identidades dissidentes e experiências comunicativas não verbais. A ausência de diálogos orais, somada à predominância de imagens, aproxima-se da estrutura visual da Língua Brasileira de Sinais (Libras), oferecendo uma narrativa acessível a sujeitos surdos e, ao mesmo tempo, desafiadora aos padrões linguísticos normativos. *Luanda Lua*, assim, afirma-se como uma literatura de resistência, que articula estética, política e inclusão. Ao entrelaçar homoerotismo, infância e sensorialidade surda, a obra propõe novas formas de ver, ouvir e sentir o mundo a partir da diferença.

Palavras-chave: Homoerotismo; Surdo; Marta Morgado.

O ESQUECIMENTO HISTÓRICO DO TEATRO DE CORDEL PARA UMA BOA HISTÓRIA DO TEATRO PORTUGUÊS

Carlos Gontijo Rosa (UFAC/ USP)
carlosgontijo@gmail.com

A história, como qualquer outro enunciado posto no mundo, é permeada por posições ideológicas daqueles que a escrevem. Neste sentido, especialmente em propostas generalizantes, como a escrita de uma história nacional, a memória histórica é um constructo mobilizado para construir um ideário acerca daquela nação, invariavelmente incompleto. Assim, Rui Tavares, quando analisa o terremoto de 1755, vai falar de um “esquecimento histórico” já em 1775, muito próximo ao acontecimento. Nesta comunicação, buscamos primeiramente apresentar o teatro de cordel, um gênero de teatro definido por sua materialidade (ser vendido em cordéis) e relegado a breves apontamentos nas histórias do teatro português. Seu cariz popular, no sentido de agradar ao gosto do público leigo, destoa dos preceitos neoclássicos vigentes nos meios eruditos da segunda metade do século XVIII em Portugal. Em seguida, a partir de autores coetâneos e contemporâneos, buscamos rastrear as implicações que levaram a seu quase completo apagamento da história do teatro português – apesar de sua presença e relevância nos palcos portugueses pelo menos no período que cobre do Terremoto ao teatro de Garrett.

Palavras-chave: Século XVIII; Teatro de Cordel Português; Esquecimento Histórico; História Literária; Popular *vs* Erudito.

HÉLIA CORREIA, OU A SOBREVIVÊNCIA DOS VAGA-LUMES

Carlos Henrique Fonseca (UERJ)
c.henrique.sf@gmail.com

Há dez anos, Hélia Correia foi galardoada com o Prêmio Camões. Como forma de celebrar a década de um incontornável marco na trajetória de uma autora tão importante na Literatura Portuguesa, o presente trabalho tem por objetivo fazer uma (re)leitura do romance *Lillias Fraser* (2001), obra que destaca a maturidade de seu exímio trabalho artístico. Partindo, sobretudo, das reflexões de Georges Didi-Huberman no livro *A sobrevivência dos vaga-lumes* (2011), os deslocamentos da protagonista Lillias – órfã, bruxa, exilada – remetem a um tipo de resistência apontada no pensamento do teórico francês: não sendo dotada da ofuscância das estruturas dominantes, Lillias resiste ao figurar em si o lampejo daqueles que, recorrentemente, foram silenciados pelo jugo de um poder repressor; lampejo esse que permanece apesar de. Assim, privilegiando o olhar de uma personagem marginalizada em seu tempo referencialmente histórico – que atravessa momentos críticos e tenebrosos como a Batalha de Culloden, o Terremoto de 1755 e a Guerra dos Sete Anos –, a narrativa de Hélia Correia se constrói por assumir um rigor crítico de inserir, na memória cultural, as figuras e os discursos que foram alijados de compor o grande tecido que é a memória coletiva. Pela potência do discurso ficcional, então, Lillias Fraser encontra um meio de garantir a esses lampejos uma sobrevivência, fraturando, com a sua luminosidade, a noite escura imposta pelos silenciamentos da História.

Palavras-chave: Hélia Correia; Lillias Fraser; Deslocamentos; Memória Cultural.

A FICÇÃO DE ISABELA FIGUEIREDO: ANALISANDO A CONSTRUÇÃO DA AUTORA COMO FICCIONISTA EM SEUS ROMANCES

Cinthia da Silva Belonia (UFSM)
cinthiabelonia@gmail.com

Isabela Figueiredo estreou na literatura portuguesa com o livro *Caderno de memórias coloniais* (2009). Nesta narrativa a autora aborda a colonização portuguesa em Moçambique já em seus últimos anos e o retorno de portugueses para a antiga metrópole. Enquanto este livro fora, muitas vezes, analisado pelo viés da autoficção, nos seus últimos dois romances, a autora se distancia do relato de memórias para se firmar na ficção. Em *A Gorda* (2016), por exemplo, Figueiredo aborda questões de auto-imagem acerca do corpo gordo de uma protagonista, assim como a escritora, também retornada de Moçambique. Já em seu terceiro e último romance até o momento, *Um cão no meio do caminho* (2022), a partir de um protagonista homem, o enredo trata da solidão em uma sociedade forjada no consumismo. Pensando na narrativa de Isabela Figueiredo até o momento e na construção de seus personagens, esta comunicação pretende analisar a construção de Figueiredo como autora e ficcionista a partir da escrita de si, da escrita do outro e do retorno do autor. Para esta análise, recorreremos aos autores Wolfgang Iser, Philippe Lejeune, Diana Klinger, Eurídice Figueiredo, dentre outros.

Palavras-chave: Isabela Figueiredo; Autoficção; Escrita de Si; Escrita do Outro; Retorno do Autor.

MAR AMARGO: A TRAVESSIA DAS MULHERES EM UM DEFEITO DE COR E NÃO SE PODE MORAR NOS OLHOS DE UM GATO

Cíntia Bravo de Souza (SME/SEE-RJ)
cinduma40@gmail.com

“Quanto do teu sal são lágrimas de Portugal!” E do Brasil? E de Daomé? Nessa travessia transatlântica os caminhos de Kehinde, Rosa e Maria se convergem, da mesma forma em que se conectam os três países de continentes distintos, mas unidos pelo terror da escravidão, e tendo como testemunha as águas do mesmo Oceano Atlântico. Uma santa e os orixás guiam os caminhos das personagens, mas há tanto sal e dor em suas trajetórias que é quase impossível mensurar, porque o oceano que as faz chorar é o mesmo que faz homens enriquecerem e ficarem mais poderosos. Os romances de Ana Maria Gonçalves e Ana Margarida de Carvalho nos trazem esse olhar feminino do século que recebe o nome de uma rainha (Vitória); mas que, infelizmente, deu pouca visibilidade às mulheres comuns. O século XIX, nesses romances do século XXI é ressignificado na perspectiva das próprias personagens que conseguem resistir e sobreviver. Essas heroínas (por que não?), resistem, pois percebem que para sobreviverem em tempos tão difíceis, foi preciso muito mais do que a força que o século exigiu aos homens.

Palavras-chaves: Mulheres; Escravidão; Século XIX.

CLÁUDIA R. SAMPAIO E SEUS DIÁLOGOS PARA (SOBRE)VIVER

Cláudia Mentz Martins (FURG)
claudiamartins@furg.br

Resumo: Cláudia R. Sampaio nasceu em Lisboa (1981), e é considerada uma das vozes mais significativas da novíssima geração. Poeta e artista plástica, sua produção consiste ainda em roteiros para o cinema e para a televisão. Frequentemente, a crítica literária aponta um aspecto terapêutico em seus versos, assim como também a presença da loucura e da tentativa de se libertar das convenções mundanas. Seu último livro, até então publicado, *Uma mulher aparentemente viva*, data de 2022, e é sobre ele que iremos nos debruçar. Nessa obra, temos um eu lírico em tentativa constante de diálogo: seja consigo ou com o leitor. Por meio da análise das imagens poéticas encontradas em seus poemas, buscaremos inferir os diálogos possíveis da poeta consigo mesma e com quem a lê, assim como desvendar os seus constantes esforços em se manter viva frente às dificuldades e, principalmente, à solidão. Como menciona Valter Hugo Mãe, na orelha da quarta capa do livro, “A força da sua poesia retira-nos a possibilidade de passarmos incólumes. [...] A força dessa poesia não é, contudo, por confrangimento. Muito ao contrário. É pela humanidade, pela fortuna ética, pela beleza de expressão tão nua, [...]”.

Palavras-chave: Poesia Portuguesa Contemporânea; Poética; Cláudia R. Sampaio.

CONFIGURAÇÕES LABIRÍNTICAS DO ESPAÇO EM NARRATIVAS DE JOSÉ SARAMAGO

Cleomar Pinheiro Sotta (UNESP)
cleomar.sotta@unesp.br

Ao analisar a construção de espaços em romances do escritor português José Saramago, é possível observar uma configuração labiríntica em sua construção. É o que ocorre, por exemplo, com o manicômio e a cidade representados em *Ensaio sobre a cegueira* (1995), ou com a *Conservatória e o Cemitério de Todos os nomes* (1997). Em linhas gerais, de acordo com Grimal (1993), Peyronie (2000) e Mello (2007), inspirado no mito do Minotauro, o labirinto na literatura ora se associa à representação de um mundo sem saída, habitado por indivíduos errantes; ora sinaliza um percurso iniciático, no qual, na busca pelo centro ou pela saída, o peregrino enfrenta inúmeros obstáculos, a fim de alcançar uma iluminação, a revelação de um mistério, o encontro de algo precioso e sagrado, destinado apenas aos iniciados. Nas narrativas saramaguianas predomina o segundo sentido, de modo que os personagens habitam espaços físicos com contornos labirínticos que representam o mundo e permitem iluminações sobre a sociedade, o ser humano e sua identidade. Desta forma, essa comunicação visa a comentar os espaços labirínticos de *Ensaio sobre a cegueira* e de *Todos os nomes*, demonstrando como eles representam a sensação de desorientação e como seu enfrentamento revela compreensões sobre a sociedade, o mundo e os homens.

Palavras-chave: José Saramago; Configuração do Espaço; Labirinto.

NOVAS CARTAS PORTUGUESAS: UM ESTUDO SOBRE A DISCURSIVIDADE NA RESISTÊNCIA FEMININA

Daniela Imaculada Pereira Costa (UNIMONTES)
danielaespanhol79@gmail.com

Maria da Penha Brandim de Lima (UNIMONTES)
mariadapenha.lima@unimontes.br

Este trabalho tem como finalidade explorar os discursos de resistência presentes em *Novas Cartas Portuguesas* (1972), uma obra de Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Horta e Maria Velho da Costa, que se destacou por sua habilidade em desafiar e questionar um sistema opressivo sob as perspectivas política, social e cultural. Para entender como o ritual ideológico apresenta falhas, ou seja, o que ocorre no nível discursivo que permite ao sujeito “revoltar-se”, conforme a concepção de Michel Pêcheux (2009), e escapar da total identificação ideológica, propondo novas formas de determinação dos discursos e das subjetividades, utilizamos a Análise do Discurso na sua vertente materialista. Em outras palavras, analisaremos discursos de resistência que tanto contestam a ideologia dominante quanto aqueles que desafiam saberes legitimados por leis ou direitos universais, como os Direitos Humanos. Assim, nossa análise abrangerá tanto os discursos que lutam contra a opressão quanto aqueles que validam a opressão de minorias, como os discursos de ódio direcionados às mulheres. Diante do aumento da disseminação da intolerância em nosso contexto social atual, é essencial compreender como essas formas de resistência funcionam, de que maneira esses discursos se opõem e quais sentidos estão em jogo. Que significados impulsionam e sustentam essa produção discursiva?

Palavras-chave: *Novas Cartas Portuguesas*; Discursividade; Feminismo.

Palavras-chave: *Novas Cartas Portuguesas*; Discursividade; Feminismo.

RICARDO REIS: O HOMEM ESTILHAÇADO

Diogo Ballestero Fernandes de Oliveira (UFRJ)
diogo.ballestero@gmail.com

A presente comunicação tem no heterônimo pessoano Ricardo Reis o seu objeto de estudo. O sistema heteronímico é um jogo de forças entre identidades poéticas, o que nos conduz naturalmente a pensar qualquer uma dessas identidades em função das outras, mas o que não nos impede de perspectivar um heterônimo em detrimento dos outros. A percepção da integridade do sujeito cartesiano, aquele de aspecto uno, com uma identidade estável, foi implodida pela modernidade. A esse modelo de sujeito, impõe-se o sujeito fraturado na e pela modernidade. Para o âmbito da poética, essa ruptura do sujeito interessa porque significou uma crise representacional da realidade pela linguagem verbal. Acentuou-se com isso uma consciência da impossibilidade de representação, sentimento espraiado para toda uma geração de autores, entre os quais, no âmbito da Literatura Portuguesa, destacamos Camilo Pessanha, Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro. O desconforto com a própria fratura identitária provocou uma crise de pertencimento não apenas no próprio corpo, mas também no espaço e no tempo. Não devemos ver Ricardo Reis como uma nostalgia pelo clássico, mas sim como um simulacro de nostalgia, e a voz ricardiana, como o eco dilacerado desse simulacro. Pensar a fratura pessoana, homem estilhaçado na e pela Modernidade, implica de modo mais complexo a noção de rompimento com a tradição, porque, em Pessoa, esse rompimento se faz pela possibilidade consciente de uma metamorfose, construindo com Ricardo Reis um simulacro clássico cujas raízes estão na tradição helênica, em um jogo que apenas finge a sua perfeita atualização. Ricardo Reis seria, assim, o heterônimo que personifica em versos a imagem fraturada da faceta clássica pessoana. Pessoa, como homem da Modernidade, não faria de Reis um poeta grego convencional. Com esta comunicação, perseguiremos os estilhaçamentos dessa fratura.

Palavras-chave: Fernando Pessoa; Ricardo Reis; Modernidade; Homem Estilhaçado.

FACETAS DO REAL EM POEMAS DE NOÉMIA DE SOUSA

Eduardo Prazeres dos Santos (UEL)
duprazeres@uel.br

O objetivo da presente proposta de comunicação é o de propor discussões sobre as facetas do real, nos apresentadas por poemas da lavra da poeta moçambicana Noémia de Sousa. Vivendo em uma realidade violenta e desigual imposta pelo colonizador português, a mãe dos poetas moçambicanos busca reafirmar a cultura de seu povo, através de uma reestruturação da linguagem realista. Como pressupostos teóricos serão utilizados os conceitos de Emmanuel Lévinas e Jacques Derrida sobre alteridade.

Palavras-chave: Noémia de Sousa; Poesia africana; Realismo.

**OS MEMORÁVEIS, DE LÍDIA JORGE: A ANAMNESE HISTÓRICA DA
ÚLTIMA REVOLUÇÃO EUROPEIA (A SUPERAÇÃO DE UMA ERA
TOTALITÁRIA À ESPREITA)**

Edvaldo A. Bergamo (UnB)
edvaldobergamo@gmail.com

O fascismo como forma emblemática do estado de exceção ditatorial foi um fenômeno político, econômico, social e cultural que marcou profundamente o “breve século XX”, a “era dos extremos” do continente europeu e não só e apresenta desdobramentos de complexa caracterização ainda na contemporaneidade, com marcas profundas nas sociedades sobrevividas na semiperiferia do sistema capitalista, como Portugal. A obra de Lídia Jorge (1946) não se apresenta de modo indiferente à necessidade, à possibilidade, e mesmo à inevitabilidade, de representação ficcional do período autocrático e reacionário que dominou o país ibérico cooptado pelo salazarismo, no conhecido andamento de ascensão, consolidação e deterioração. Nosso objetivo nesta exposição oral é examinar *Os memoráveis* (2014) como romance de extração histórica que problematiza a experiência e o legado do autoritarismo lusíada e seus reflexos na conformação ontológica do pós-25 de abril de 1974, em Portugal, em razão dos 50 anos da Revolução dos Cravos, dando a ver tanto a nação que se foi, entre a tirania e a sublevação, quanto a nação que emergiu, entre a revolução e a redemocratização, o que leva em conta a permanente disputa pelos rumos do movimento civilizatório da vida cotidiana no momento presente e a volatilidade da reminiscência constitutiva das eras passadas, e ainda, da necessidade de permanente vigilância e defesa da democracia em ocasiões de avanço da ultradireita em tempos hodiernos e/ou longínquos.

Palavras-chave: Romance de Lídia Jorge; Revolução dos Cravos; Os Memoráveis.

A TOUPEIRA E AS RAÍZES DA NOSTALGIA COLONIAL - O PASSADO REVISITADO EM CADERNO DE MEMÓRIAS COLONIAIS, DE ISABELA FIGUEIREDO

Elanir França Carvalho (UFPA)
elanirfc@gmail.com

Este estudo tem como escopo abordar o *Caderno de memórias coloniais*, de Isabela Figueiredo. A análise recai sobre o confronto - estabelecido de forma vigorosa na narrativas-, à ideia de um “colonialismo inocente”, persistente no pós colonial. Sob o gênero memorialista e autoficcional, a autora-personagem revisita o passado, repisa o solo da colonização portuguesa em África, momento da guerra colonial e de consequentes desdobramentos, a saber, a descolonização, com o retorno de cidadãos portugueses à metrópole. O relato que é profundamente pessoal, em que se revela cenas da vida íntima e cotidiana, é coletivo e entranhado na História dos países implicados. O enredo se compõe no lapso de tempo que cobre os estertores do Estado Novo até o desfecho das independências e o retorno dos nacionais. Esse período é coincidente com o da infância e adolescência da autora, nascida e vivendo com os pais em Moçambique, muda-se, como retornada, em 1975 para Portugal. Essas balizas temporais circunscrevem momentos decisivos e dramáticos da ruptura histórica. O relato é um “acerto de contas” com esse passado; avesso, portanto, à história oficial. Desnuda a experiência colonial, expondo as violências perpetradas, toda sorte de abusos e o racismo. O cerne deste objetivo é demonstrar, cotejando de perto o texto literário, o como e as perspectivas assumidas pela autora na desconstrução da ideia de uma “nostalgia colonial”.

Palavras-chave: Império Colonial Português; Nostalgia Colonial; Descolonização.

**“E A TERNURA INTERROMPIDA PELO DESFAZER DOS DIAS”:
LITERATURA MENOR E TERNURA NA POÉTICA DE INÊS DIAS**

Evelyn Rocha de Souza (UERJ)
evelyn.r.souza@gmail.com

Nesta comunicação, proponho uma leitura da poesia de Inês Dias a partir da ideia de “língua menor”, como pensada por Deleuze e Guattari, em articulação com o conceito de ternura, pensado pelo psicanalista Sándor Ferenczi, enquanto gesto poético e ético. Tomando como ponto de partida os versos “e a ternura / interrompida pelo desfazer / dos dias”, do poema *Ponto sombra*, analiso como a escrita da poetisa portuguesa se constrói no entrelugar entre o silêncio e a partilha, entre a hesitação e a resistência. Sua poesia, marcada pela melancolia, pela contenção e por imagens de afeto brando, enuncia uma voz que se afirma no avesso, recusando a espetacularização da dor sem esvaziá-la de sentido. A aproximação entre a noção de “língua menor” e a dicção poética inesiana permite compreender como a fragilidade se converte em força estética e política, tensionando o comum e abrindo caminho para uma escrita que sussurra o mundo, sem esmorecer diante dele. Ao friccionar zonas de saber como literatura, filosofia e psicanálise, a comunicação propõe que a poética de Inês Dias reinventa a ternura como linguagem que escapa da norma para encontrar, no balbucio, uma outra possibilidade de dizer.

Palavras-chave: Inês Dias; Língua Menor; Ternura; Poesia Portuguesa Contemporânea; Literatura e Filosofia; Melancolia; Voz Poética Feminina; Psicanálise.

JOSÉ DURO, UM DECADENTISTA PORTUGUÊS

Felipe Frasson Fusco (UEL)
felipefr.f@hotmail.com

O trabalho busca lançar olhares sobre a curta obra de José Duro (1875-1899), poeta do último quartel do século XIX em Portugal. Tendo publicado dispersos em periódicos, sobretudo alentejanos, e apenas dois volumes individuais – *a plaquete Flores e Fel* –, Duro permaneceu fora dos círculos maiores de produção e recepção literárias, o que auxilia a compreender o baixo comentário acerca de sua obra. O presente trabalho realiza, então, dois movimentos. Primeiro, ler o *Fel* dentro de um trânsito ideológico nas letras portuguesas, da cosmovisão romântica àquela do Decadentismo finissecular, trânsito esse que não apenas enforma o contexto da obra, mas que ela própria o dramatiza, conforme intento demonstrar. Na sequência, pretende-se desarticular a crítica de limitação biográfica de que Duro foi alvo nas raras abordagens especializadas por ele recebidas postumamente. Ao fim, conclui-se que José Duro deu, no *Fel*, um exemplar de poesia decadentista *sui generis*, dramatizando na própria obra a nova idiosincrasia que se levantava face às tendências românticas.

Palavras-chave: José Duro; Decadentismo; Neorromantismo.

PEDRO, LEMBRANDO INÊS COMO RELEITURA DO MITO

Flávia Maria Ferraz Sampaio Corradin (USP)
corradin@usp.br

O poema *A Pedro, lembrando Inês* (2002), de Nuno Júdice (1949/+2024), incluído no volume homônimo, insere-se na rica tradição da poesia portuguesa ao tratar de um dos mitos mais emblemáticos da literatura e da cultura lusas: a história de Inês de Castro. No entanto, o autor, reconhecido como poeta, ficcionista e ensaísta, oferece uma releitura e ressignificação desse mito, utilizando uma linguagem poética que o atualiza sob uma nova perspectiva. Nesse movimento dialógico, ao rememorar a figura de Inês, Júdice não apenas ressignifica a personagem histórica, mas enfatiza a temática do amor e da dor como elementos perenes da literatura portuguesa. O poeta transforma o mito em uma meditação sobre a permanência da memória e a transitoriedade do tempo, trazendo à tona uma história constantemente reinterpretada ao longo dos séculos. A figura de Inês, símbolo do amor trágico, é revisitada de forma a mesclar a memória pessoal do eu lírico com a memória coletiva do povo português. Esta comunicação pretende, portanto, examinar o poema à luz dos paradigmas que o antecederam, considerando o mito inesiano e a tradição lírica portuguesa.

Palavras-chave: Inês de Castro; Nuno Júdice; Mito Inesiano; Memória e Poesia; Releitura Literária.

MONSTRUOSIDADE COMUM EM A MURALHA DE AGUSTINA BESSA-LUÍS

Gabriel Dória Rachwal (SEED-PR)
gdoriarachwal@gmail.com

No romance *A muralha* (1957), de Agustina Bessa-Luís, leva-se ao paroxismo a questão da participação dos indivíduos nos acontecimentos, mesmo daqueles acontecimentos que se gostaria de afastar de si por meio do rótulo de “acaso”. Assim, nega-se a qualquer um o desvio da responsabilidade pela realidade, com isso alojando o monstruoso em cada “eu”. Esta comunicação se propõe a apresentar, então, o modo como a coletividade aparece neste romance, fazendo análises do entrelaçamento entre ensaio e narrativa que constitui o romance. No campo ensaístico, interessa a tensão que se vai estabelecendo entre a verdade do indivíduo e a degradante vontade de tornar pública essa verdade. No campo da narrativa, interessa fundamentalmente a forma como romance se aproxima de variadas e sucessivas perspectivas individuais que dão corpo a um pequeno coletivo de personagens apossados por uma onda modernizante de cariz pragmatista que subjuga os dias com sua “exatidão biológica”. O mundo criado por Agustina é da ordem do monstruoso, valendo a consideração da violência como “luta leal”, numa espécie de legitimação da luta de Caim, por exemplo. No desenrolar desse problema, não faltam alfinetadas dirigidas àqueles que se sentem acima, à parte, ou distanciados – por sua posição supostamente crítica – da realidade social vigente, já que não haveria legitimidade em julgar-se não tomando parte ativa nela. Este tipo de autoproclamada isenção seria ainda mais condenável do que um “deliberado espírito de extermínio”, conforme formulado no romance, por ser aquela mais nocivo que este. Nesse sentido, merecerá algum destaque na análise a personagem de Gerson, avessa que é à retórica.

Palavras-chave: Indivíduo; Coletividade; Monstruosidade; Violência.

A TEORIA PSICANALÍTICA DO REAL E A ÉTICA TRÁGICA EM EDUARDO LOURENÇO

Gabriel Victor Rocha Pinezi (UnB)
gabrielpinezi@gmail.com

A comunicação visa a discutir a maneira com que o crítico literário português Eduardo Lourenço concebe as noções de “trágico” e de “tragédia” em diálogo com as concepções psicanalíticas de “princípio de realidade”, em Freud, e de “real”, em Lacan. Levando em conta a crítica de Lourenço ao caráter “irrealista” tanto da literatura portuguesa quanto da literatura brasileira, em textos como *O Labirinto da Saudade* e *Da literatura brasileira como rasura do trágico*, visamos a demonstrar que sua concepção do que seja o trágico mantém um diálogo direto com a ética da psicanálise que, segundo Lacan, é uma ética trágica. Concluimos que é apenas por meio da compreensão dessa ética que se dissolve o aparente paradoxo de Lourenço criticar as tendências históricas tanto do Realismo quanto do Neorrealismo precisamente por sua visão irrealista – isto é, antitrágica – do mundo e da existência.

Palavras-chave: Real; Realismo; Trágico; Psicanálise; Eduardo Lourenço.

FERREIRA DE CASTRO E A FORMAÇÃO DE UMA CONSCIÊNCIA ECOLÓGICA LITERÁRIA SOBRE A AMAZÔNIA

Guilherme José Purvin de Figueiredo (USP)
guilherme.figueiredo@usp.br

Num contexto em que os riscos à biodiversidade e às populações tradicionais da floresta se agravam, propõe-se uma leitura comparada das representações literárias da Amazônia ao longo do século XX. Parte-se de *A Selva*, de Ferreira de Castro, obra pioneira escrita por um autor português que viveu diretamente a experiência amazônica, e que retrata a floresta como espaço de conflito ecológico, exploração econômica e resistência humana. A partir desse ponto de partida, abre-se um percurso comparativo com outras representações literárias da Amazônia na literatura latino-americana, em diferentes contextos nacionais e estilísticos. Busca-se observar como essas narrativas constroem visões diversas da floresta – ora como ambiente hostil, ora como espaço de memória, ruína ou utopia – e como articulam natureza, história e poder. A proposta privilegia os deslocamentos de ponto de vista e as estratégias narrativas que reconfiguram a Amazônia como paisagem simbólica em disputa, aberta a leituras cruzadas e em transformação.

Palavras-chave: Ferreira de Castro; Márcio Souza; Amazônia; Ecocrítica; Relações de Trabalho.

ENTRE SILÊNCIOS E SONHOS: O OLHAR INFANTIL EM NARRATIVAS DE MANUEL DA FONSECA E GUIMARÃES ROSA

Gustavo de Mello Sá Carvalho Ribeiro (UNESP)
mello.sa@unesp.br

O objetivo deste trabalho é investigar pontos de contato e de distanciamento entre obras do neorrealista português Manuel da Fonseca e do brasileiro Guimarães Rosa, partindo da forma como a infância é representada em algumas de suas narrativas. O corpus é composto, primeiramente, pelos contos *O primeiro camarada que ficou no caminho* e *Sete-estrela* de Aldeia Nova, por enfocarem, de modo mais específico, o olhar curioso da criança sobre o desconhecido. Secundamente, tomamos a novela de abertura do Corpo de baile, *Campo geral*, em que, pela focalização interna fixa numa criança – Miguilim – temos acesso ao universo que o circunda. Após análise das categorias que compõem tais narrativas – como focalização, espaço e personagens –, estabelecemos um paralelo entre o modo de representação do motivo infantil nos dois autores. Assim, percebemos traços comuns, como o uso da prosa poética como sugestão da linguagem da criança; a constante presença do medo da morte; e, por fim, o intenso embate entre o que é silenciado e o que sonhado pelas personagens infantis, algo que também marca uma notável diferença entre as histórias, uma vez que as de Manuel da Fonseca têm um tom mais pessimista e a de Guimarães Rosa uma possibilidade de transcendência. O embasamento teórico, após leitura em close reading, engloba estudos sobre literatura comparada, histórias das literaturas portuguesa e brasileira e trabalhos acerca das categorias narrativas, como *A personagem do romance*, de Antonio Candido.

Palavras-chave: Literatura Comparada; Neorrealismo; Manuel da Fonseca; Guimarães Rosa; Infância.

“INFORMAÇÃO DO PADRE CONFESSOR DA MADRE MARIANA DA PURIFICAÇÃO”: UM MANUSCRITO ATRIBUÍDO A FR. ANTÔNIO DE ESCOBAR (1618-1681)

Isabel Scremin da Silva (USP)
isabelscremin@gmail.com

Antônio de Escobar (1618-1681) foi um frade que granjeou fama de letrado dentro da Ordem do Carmo. Nascido em Coimbra, onde se professou carmelita, atuou em Évora na década de 1660, estabelecendo-se em Beja entre 1667 e 1670, no Convento da Esperança. Em Beja, foi confessor da sóror Mariana da Purificação, investigada pelo Santo Ofício por suas visões místicas, sobre as quais fr. Escobar testemunhou frente ao Tribunal da Inquisição. Mesmo alegando serem falsas as acusações de promover desordens no Convento de Beja e de incentivar os êxtases da sóror, o frade foi transferido para Lisboa, onde começou a imprimir seus escritos. Em 1672, veio a lume uma resolução de D. Pedro de Lencastre, Inquisidor Geral de Portugal, proibindo Escobar de divulgar notícias sobre Mariana da Purificação. Com efeito, o carmelita não menciona a freira em momento algum de seus impressos; contudo, conforme testemunhas setecentistas da Ordem do Carmo, Escobar teria sido autor de uma *Informação do Padre confessor da Madre Mariana da Purificação*, documento que, alega-se, teria circulado em várias cópias – das quais encontrei, na Biblioteca Pública de Évora, duas delas, provavelmente realizadas entre os séculos XVIII e XIX. É este manuscrito que proponho, na presente comunicação, apresentar e analisar, destacando seus elementos retóricos e poéticos, bem como sua atribuição a Antônio de Escobar e seu diálogo com os opúsculos impressos do frade.

Palavras-chave: Ordem do Carmo em Portugal; Século XVII; Retórica.

FILHOS DE OUTROS/NOVOS TEMPOS: (DES)CAMINHOS E (IN)CERTEZAS DE FUTURO

Jair Zandoná (UFMS)
jzandona@gmail.com

Resumo: Este trabalho se dedicará aos romances *Essa Dama Bate Bué!*, de Yara Monteiro (2021), e *Luanda, Lisboa, Paraíso*, de Djaimilia Pereira de Almeida (2018), em especial, as personagens Vitória e Aquiles, que nascem em tempos – não sem conflitos – de mudanças e de transições (pós-)coloniais. Na narrativa de Monteiro, Vitória, já adulta, abandona seu noivo e também deixa para trás seus avós, a única família que conhecia, parte de Portugal a Angola em busca de sua história, de seu próprio passado e de sua mãe – uma ex-combatente da guerra pela independência. No caso do romance de Almeida, são os (des)rumos da família Cartola de Sousa o foco, com destaque ao nascimento de Aquiles e o diagnóstico da malformação do calcanhar esquerdo que motivou a partida, quando adolescente, dele e de seu pai de Luanda para Lisboa a fim de conseguir tratamento adequado. As duas narrativas oferecem outros modos de situarmos um tempo não muito distante, que (re)articulam memórias (pós-)coloniais e os desdobramentos das lutas de libertação. Nesse sentido, é que tomamos as duas personagens como representativas de mundos e vidas possíveis – seja em Angola seja em Portugal –, mobilizados por estratégias de resistência, as quais caminham para a descolonização dos corpos, apesar das marcas, das memórias conflitantes, das cicatrizes, das dores resultantes das práticas coloniais (Henriques, 2017; Kilomba, 2019; Lugones, 2020).

Palavras-chave: Narrativa Pós-colonial; Descolonização; Resistência.

O FANTÁSTICO E O RACISMO EM *PRETO E BRANCO*, DE REINALDO FERREIRA

Jean Carlos Carniel (The Ohio State University)
jean.carniel@unesp.br

Reinaldo Ferreira (1897-1935), mais conhecido pelo pseudônimo Repórter X, foi autor de uma obra vasta. Além de escritor, atuou como jornalista, cineasta e dramaturgo. Neste trabalho, objetiva-se analisar *Preto e Branco* (1923), na qual há um personagem escritor que ouve a história do negro Jolué, que passa por uma metamorfose para se tornar branco. Pretende-se compreender o fantástico e o racismo na referida obra. Jolué é vítima de preconceito por ser negro. A hipótese de leitura é que *Preto e Branco* é uma narrativa fantástica, não apenas pelo recurso da metamorfose, mas também por apresentar uma hesitação. Defende-se a tese de que o efeito do fantástico contribui para a representação do racismo, ao mostrar a hipocrisia da sociedade materialista, que se aproveita do dinheiro de Jolué, mas o despreza por ele ser negro.

Palavras-chave: Fantástico; Racismo; Reinaldo Ferreira.

MELANCOLIA E PESSIMISMO NA FICÇÃO DO PÓS-GUERRA EM PORTUGAL E NO BRASIL

Jeanine Geraldo (IFPR/UFPR)
jeanine.geraldo@gmail.com

Este trabalho propõe investigar a representação da melancolia e do pessimismo na construção de personagens femininas em dois romances do pós-guerra: *A Gata e a Fábula* (1960), de Fernanda Botelho (1926-2007), e *Ciranda de Pedra* (1954), de Lygia Fagundes Telles (1918-2022). A proposta parte da hipótese de que esses sentimentos, ainda que nem sempre tematizados diretamente, refletem as perdas simbólicas e traumas sociais impostos às mulheres pelo contexto histórico de Brasil e Portugal no período. O problema central consiste em compreender como as ficções do pós-guerra elaboraram subjetividades femininas atravessadas pela frustração, pelo tédio e pelo desencanto diante de restrições sociais e afetivas. A plausibilidade dessa hipótese é sustentada por críticas literárias e estudos histórico-sociais que reconhecem a literatura do período como campo de elaboração simbólica das angústias coletivas, bem como por análises filosóficas e psicanalíticas que identificam a melancolia e o pessimismo como respostas ao mal-estar em tempos de crise. A pesquisa se valerá de uma revisão bibliográfica interdisciplinar e de análise comparativa das obras selecionadas, articulando estudos sobre subjetividade, gênero, literatura e filosofia. O objetivo é contribuir para a ampliação da fortuna crítica sobre Fernanda Botelho e para o entendimento das experiências femininas e do imaginário afetivo da ficção luso-brasileira do século XX.

Palavras-chave: Melancolia; Pessimismo; Personagens Femininas; Pós-guerra; Literatura Comparada.

AS NOTAS DE RODAPÉ EM A CAVEIRA DA MÁRTIR

Katrym Aline Bordinhão dos Santos (IFPR)
katrym.santos@ifpr.edu.br

Tomando como base a riqueza paratextual das obras camilinas, as notas de rodapé presentes em *A caveira da Mártir* são praticamente espaços digressivos em que as temáticas polêmicas abordadas no corpo do texto conseguem ter mais espaço. Por meio de olhar mais analítico, pretende-se demonstrar como a ironia camiliana continua presente na escolha de se aprofundar em alguns assuntos presentes na narrativa, e de que forma isso colabora para a compreensão do romance como ironicamente gótico.

Palavras-chave: Paratextos; Notas; Camilo Castelo Branco.

ESCREVER UM DIÁRIO COM ADÍLIA LOPES

Letícia Nery (UFRJ)
leticianerytomei@gmail.com

O verdadeiro colecionador, escreve Walter Benjamin, “(...) retira o objeto de suas relações funcionais”. O colecionador benjaminiano “(...) consegue lançar um olhar incomparável sobre o objeto, um olhar que vê mais e enxerga diferentes coisas do que o olhar do proprietário profano”. Em *Um jogo bastante perigoso* (1985), primeiro livro de Adília Lopes, a poeta, ao modo do colecionador, se apropria de reminiscências, dando a elas um novo olhar, um novo significado. Um olhar parecido, quem sabe, com o de uma menina que vê um rapaz e vê, com os mesmos olhos, as estrelas – confundindo-os – ou de quem ressignifica uma boneca de papel ou um quadro de Rubens. É justamente no ato de colecionar esses pequenos objetos e lembranças – e escrevê-los – que o poema, como reflexão de uma certa condição feminina e, simultaneamente, de poeta, surge. Num ato tão expressivo como o de uma criança que escreve um diário, de alguém que escreve poesia. Nos propomos, então, a fazer uma leitura de *Um jogo bastante perigoso* a partir da imagem benjaminiana do colecionador e também das memórias, dos fragmentos de passado e das relações diversas que Adília tece em seu livro.

Palavras-chave: Adília Lopes; Colecionar; Memória; Walter Benjamin; Fragmentos.

DRAMATIZAR FLORBELA ESPANCA: A TRANSPOSIÇÃO DA POESIA À CENA NO ESPETÁCULO TEATRAL “FLORBELA, À MARGEM DE UM POEMA”

Luciana Morteo Éboli (UFRGS)
lmeboli@gmail.com

O trabalho analisa a construção dramaturgical do espetáculo teatral *Florbela, à Margem de um Poema*, a partir das relações entre os escritos de Florbela Espanca com aspectos de cena, dramaturgia, linguagem poética e adaptação. Os códigos morais da época da escritora e a transgressão através dos sonetos fazem ponte com um discurso atual, no qual os papéis da mulher são problematizados. A aceção do feminino, as escolhas em todas as suas dimensões de vida e gênero, perpassaram o sofrimento da poeta, que arcou com a inadequação de seus anseios à sua época. A questão central do espetáculo teatral: o feminino em crise representado na mulher do início do século XX - quem foi Florbela Espanca? É problematizada a partir da análise da dramaturgia do espetáculo e da contextualização e transposição poética à cena, a partir de poemas, contos, cartas e do diário da poeta portuguesa. A dramaturgia original permeia textos de várias obras de Florbela Espanca, entre eles: *Livro de Mágoas*, *Livro de Sórora Saudade*, *Charneca em Flor*, *Trocando Olhares*, *O Livro d'Ele* e *Reliquiae*.

Palavras-chave: Florbela Espanca; Poesia Portuguesa; Teatro.

**(DES)LIRIZAÇÃO, RASURAS POÉTICAS E LEITURAS CONTEXTUAIS
DOS POEMAS DE DEUS E DO DIABO, DE JOSÉ RÉGIO**

Manoel Barreto Junior (UNEB)
mbjunior@uneb.br

Esta comunicação se debruça a partir da obra *Poemas de Deus e do Diabo* (1925), do escritor português José Régio, uma das mais importantes obras da literatura portuguesa do século XX. Nesse sentido, no ano do centenário de sua publicação, pretendemos discutir sobre o processo experimental pelo uso estético da linguagem articulado por Régio, através da (des)lirização da matéria-poética pela reconfiguração e protagonismo de subjetividades existenciais. Por este olhar, esta comunicação objetiva demonstrar como José Régio inflexiona convenções poéticas com traços modernistas, que viabilizam um mundo difuso que, por si, rasuram inexoráveis motes da lírica tradicional. Aspectos que ampliam questionamentos ontológicos que transitam entre o secular, o sacrossanto e às possibilidades, quase sempre, contraditórias da condição do ser. Com efeito, serão privilegiadas leituras contextuais da obra da obra *Poemas de Deus e do Diabo*, por meio da metodologia bibliográfica, pelo entendimento do fluxo interativo que se expressa pela necessidade existencial vazada entre palavras, versos e temáticas simbólicas. Desse lugar o poeta, reclama a possibilidade do acolhimento intersubjetivo dos signos poéticos e suas alegóricas mediações atemporais.

Palavras-chaves: José Régio; (Des)Lirização; Leituras Contextuais; Poéticas Rasuras Poéticas.

ESTRATÉGIAS DE RESISTÊNCIA EM DIÁRIOS DE EMÍLIA BRAVO, DE MARIA JUDITE DE CARVALHO

Marcela Ansaloni de Azevedo (UERJ/CAPES)
marcelaansaloni@hotmail.com

Embora Maria Judite de Carvalho (1921-1998) não seja considerada uma das artífices da militância literária de sua geração, sua obra revela, de maneira crua, direta e, por vezes, violenta, uma reflexão profunda sobre a autonomia feminina, o lugar – ou a sua ausência – reservado às mulheres nos espaços públicos e a luta pela igualdade de direitos num contexto social e político, rigidamente patriarcal e ditatorial. Nesta comunicação, detenho-me em *Diários de Emília Bravo*, coletânea de crônicas de Maria Judite assinadas sob o pseudônimo Emília Bravo, publicadas no suplemento “Mulher”, do Diário de Lisboa, entre janeiro de 1971 e junho de 1974. Nesses textos, Maria Judite de Carvalho delinea as vicissitudes do cotidiano a partir de uma perspectiva crítica, permitindo-nos apreender com nitidez os padrões comportamentais femininos da época. Nosso objetivo é observar as estratégias discursivas, discretas, porém certeiras, usadas por ela como arma de combate. São várias: compreendem desde a escrita em tom intimista, criando um laço mais forte com suas leitoras, até o uso de tropos como ironia, que lhe permite fazer críticas sutis sem confronto direto.

Palavras-chaves: Maria Judite de Carvalho; Crônicas; Diário; Estado Novo; Autonomia feminina.

**COMUNIDADES REIMAGINADAS - NOVAS CONFIGURAÇÕES
NACIONAIS NA FICÇÃO DE DJAIMILIA PEREIRA DE ALMEIDA E
KALAF EPALANGA**

Marcelo Brandão Mattos (UERJ)
marcelobmatt@gmail.com

Propõe-se, no presente trabalho, uma análise de obras ficcionais de Djaimilia Pereira de Almeida e Kalaf Epalanga com atenção às representações das novas paisagens nacionais em que se destacam, ao invés de ideias monolíticas, variabilidades e pluralidades identitárias. Como fundamentação, são referidos os trabalhos de pensadores como Frantz Fanon, Boaventura de Sousa Santos, Walter Dignolo, Néstor Canclini, Gayatri Chakravorty Spivak, entre outros teóricos do pensamento pós-colonial/decolonial. Utilizam-se também, para efeito de analogia, os relatos observacionais do jornalista afro-britânico Johny Pitts, em seu livro *Afropeu*, sobre as diásporas africanas em metrópoles europeias. Objetiva-se, com a pesquisa, apontar a força das literaturas lusófonas pós-coloniais em encenar as novas configurações nacionais em Portugal e Angola.

Palavras-chave: Literaturas Lusófonas Pós-coloniais; Literatura Portuguesa Contemporânea; Comunidades Reimaginadas.

**AS ERRATAS NA EDITIO PRINCEPS DOS SERMOENS DE PADRE
ANTÔNIO VIEIRA: UM ESTUDO SOBRE PARATEXTOS DA PRIMEIRA
MODERNIDADE**

Marcus De Martini (UFES)
marcusdemartini@gmail.com

Apesar de Padre Antônio Vieira haver pregado desde jovem, a publicação de seus Sermoens vai se dar tardiamente. A versão definitiva será organizada por Vieira em 12 volumes e publicada entre 1679 e 1699, com o acréscimo póstumo de mais três volumes, finalizando assim a Editio Princeps de seus sermões em 15 volumes. Dentre os diversos paratextos (cf. GENETTE, 1987) presentes nessa edição, pouco se falou das erratas, que, segundo Pécora (2010, p. 117), seriam uma manifestação do desejo já estampado por Vieira no prólogo, qual seja, o de fornecer versões de seus textos livres de corruptelas. No entanto, como este trabalho procura demonstrar, as erratas possuem uma importante função retórica na obra. Nelas, o autor se antecipa no reconhecimento de erros do próprio trabalho, a fim de corrigi-los antes que o leitor porventura fosse levado a uma má compreensão de suas ideias, ou ainda fizesse mau juízo de quem as escreveu. Por isso, a presença das erratas visa à correção dos vitia de elocução. Nesse caso, ao afetarem a clareza do texto, estamos diante de um vício de *perspicuitas* (“perspicuidade”) e de *Latinitas* (“latinidade”, ou, no caso, “vernaculidade”). Como afirma Lerer (2002), os atos de reconhecimento e correção de erros eram, para os humanistas da Primeira Modernidade, uma forma de estabelecerem autoridade intelectual. Essa autoridade compreendia, entre outras coisas, virtudes gramático-retóricas, particularmente o uso claro e correto das línguas, tanto do latim, como da “linguagem”, isto é, da língua portuguesa.

Palavras-chave: Erratas; Padre Antônio Vieira; História do Livro.

ENTRE PORTUGAL E BRASIL: UMA LEITURA DAS IMAGENS NOS POEMAS DE FLORBELA ESPANCA E LUBI PRATES

Maria Alice Sabaini de Souza Milani (UFTPR)
marialiceprbr@gmail.com

A reflexão sobre a relação entre a literatura portuguesa e outras literaturas requer a percepção do leitor, a fim de que este reconheça as visões do eu-lírico acerca de temas universais, decorrentes de uma interação do texto literário com o cenário e o sentimento que o invade, suscitando no leitor a possibilidade da criação de imagens surgidas do próprio texto. Pretendemos verificar, partindo dessa ideia, de que forma elementos da natureza, influenciam no estado de espírito do eu-lírico, valendo-se de alguns textos das obras poéticas *Trocando Olhares* (1915-1917) e *Sóror Saudade* (1923) escritas pela escritora portuguesa Florbela Espanca e de alguns poemas da obra *Um corpo negro* (2018) da poeta brasileira Lubi Prates. A importância de instituímos uma leitura que busque reconhecer e analisar a relação entre as duas poetisas sob a vertente texto/imagem deve-se ao fato de que a literatura propicia, por meio da linguagem imagística e dos recursos da retórica e da estilística, uma visão mais atualizada dos poemas. De acordo com Joly (1996), vivemos na era da imagem e na visão mais aprofundada do texto, pois não nos detemos apenas na sua superfície, mas também naquilo que nos possibilita visualizar. O suporte teórico são as noções teóricas sobre o gênero lírico e o espaço poético, de acordo com Blanchot (2011), Bachelard (1974), Paz (2003), Huberman (2013), entre outros. Neste sentido, nota-se, nos poemas analisados, que as imagens constituintes do cenário se apresentam como forma efetiva de revelação lírica para o eu-lírico reflexivo, contemplativo, e, por vezes, deslocado.

Palavras-chave: Poemas; Florbela Espanca; Lubi Prates.

AS DERIVAS POÉTICAS ENQUANTO CORPO, ENTRE LÍNGUAS: ALINE MOTTA, ADÍLIA LOPES, NATALIE DIAZ

Maria Aparecida Oliveira de Carvalho (UNIMONTES)
tidac92@gmail.com

Pretende-se nesta exposição buscar procedimentos e efeitos de circulação e recepção da poesia contemporânea entre os dois países, Brasil e Portugal, com as poetas Aline Motta e Adília Lopes, no movimento de aproximar as duas culturas poéticas e ao mesmo tempo evidenciar diferenças no interior mesmo da “unidade” linguística que lhes serve de fundamento. A água é uma máquina do tempo é um intenso trabalho de elaboração da relação mãe, filha e ancestrais, em que os lugares são permutáveis, criando uma ação redentora, que envolve tantas mulheres negras, em movimentos de visibilidade liberadora, que felizmente se aceleram nas últimas décadas, no desejo de elaborar origens, e projetar futuros, Aline Motta imagina o passado a partir de documentos, fotos, mapas, anúncios e lembranças. Adília Lopes em sua escrita como gesto de leitura, pensando em *Dobra*, sua poesia reunida em edição no Brasil, em agosto de 2024, na perspectiva do arquivo contemporâneo, em que desconstrói os significados originais para a criação de novos acontecimentos textuais, gestos de apropriação e desvio de arquivos, como o deslocamento de citações, bem como a figuração de referências advindas de diferentes contextos, que são entrecruzadas pela ironia típica de sua poética, em que lê e reescreve, incessantemente, fatos, textos e biografias de sujeitos da família articulados a uma imensa rede de citações de discursos vários e temporalidades diversas. De outro lado, abre-se o diálogo com a poeta mojava Natalie Diaz, indígena nascida às margens do rio Colorado, no sudoeste dos EUA. Poema de amor pós-colonial é um hino do desejo contra a rasura, em que a poeta faz um apelo para que todos os corpos que habitam suas páginas – corpos feitos de linguagem, de terra, de rios, de pessoas vivendo sob ameaça, de inimigos e de amantes – sejam tocados e abraçados como entes queridos. Por meio dos poemas, as feridas que os EUA constantemente impõem à população indígena podem germinar sob a forma de afeto e prazer. Vivemos um momento muito complexo da nossa história que inclui o desvelamento de quem realmente somos como países, em nossas bases: o genocídio e a escravização de negros e indígenas. A conversa apontará para essa mesma tensão de proximidade e distanciamento – mais radical ainda na medida em que estabelecida entre poéticas compreendidas como acontecimento numa língua ao mesmo tempo outra e mesma, e em uma outra língua que encenaria assim, um tête-à-tête “com olhos vesgos”, como uma deriva do corpo, estendida à deriva dos poemas e das línguas, e ao modo como pode se constituir um corpus poético num meio do caminho entre Brasil, Portugal e outras Américas.

Palavras-chave: Literatura Brasileira; Portuguesa; Indígena Americana.

**“ASSUSTADA, COM UM SORRISO CÁLIDO DE GOZO DEVOTO”: O
FANATISMO RELIGIOSO EM O CRIME DO PADRE AMARO, DE EÇA DE
QUEIROZ**

Mariana da Silva Lima (UNIFACCAMP)
prof.marislina@gmail.com

O Crime do Padre Amaro foi a primeira obra realista escrita em Língua Portuguesa, em 1875. Destacando e colocando sob os holofotes iconoclastas, Eça de Queiroz nos traz uma Igreja declinada e degenerada, onde o respeito já não mais se cabe, e apenas a devassidão é o que sobra entre os membros clericais. Entretanto, como o clero levava também a população portuguesa a satisfazer indiscriminadamente seus desejos e apetites? O presente estudo tem por objetivo apresentar o fanatismo religioso na obra eciana, destacando em trechos os perigos dos excessos religiosos.

Palavras-chave: Eça de Queiroz; Fanatismo Religioso; Realismo; Sociedade.

MATERNAR DA CAMPA: A FIGURA MATERNA EM HUGO GONÇALVES

Monica Chagas da Costa (UFSM)
monicachagasdacosta@gmail.com

O romance de Hugo Gonçalves, publicado no Brasil em 2019 inicialmente sob o título de *Filho da Mãe*, e posteriormente apenas *Mãe*, acompanha a narrativa da busca pelo conhecimento da mãe do protagonista, morta quando ele tinha apenas oito anos. O texto é uma investigação do impacto da morte materna na construção subjetiva do personagem principal, e uma busca através de rastros e de pequenos artefatos da memória de reconstrução da figura materna. Neste sentido, este trabalho propõe-se a analisar as estratégias empregadas pelo narrador na construção da figura da mãe morta a partir da construção de si mesmo. A obra de Gonçalves parece demonstrar que, para além de tornar-se mãe (como o devir mulher beauvoiriano), morre-se mãe sem se deixar matar a maternidade. É na permanência dessa figura em suas inscrições na experiência do filho que parece possível uma maternagem além da campa.

Palavras-chave: Hugo Gonçalves; Mãe; Maternidade.

O HUMANISMO DE JOSÉ SARAMAGO: UM DIÁLOGO COM MONTAIGNE

Naiara Martins Barrozo (UERJ)
naiara.barrozo@gmail.com

O caráter humanista que permeia a produção literária e a não ficcional de José Saramago é um ponto de consonância entre os especialistas responsáveis pela construção de sua fortuna crítica, como Fernando Gómez Aguilera, Carlo Salzani, Ana Paula Arnaut, e Pedro Fernandes de Oliveira Neto (2022). Em *O evangelho segundo Jesus Cristo ou a possibilidade de um humanismo*, este, aliás, ressalta o caráter particular da concepção do autor, ao dizer que ela “rejeita quaisquer teologias e metafísicas, centra-se no ser humano, mas não o considera entidade especial ou superior, tampouco o tem como indivíduo autocentrado, mas em relação de alteridade ou em sua busca, fazendo-se reconhecer como uma parte na coletividade”. Em vista disso, o objetivo desta fala é explicitar aspectos do vínculo que o humanismo heterodoxo de Saramago mantém com a ideia de humano de Michel de Montaigne. Isto será feito tendo em perspectiva a maneira como os autores percebem as noções de eu e de outro e como entendem a relação entre essas noções. Vamos observar como há um pressuposto básico de não-hierarquia trazido pelo pensador francês, por exemplo, nas afirmações sobre a vaidade da razão na *Apologia* de Raymond Sebond. Este pressuposto estaria presente em escritos como as notas que compõem os *Cadernos de Lanzarote*, em episódios específicos, como a fala sobre seus cães inscrita no *Diário IV*, de 9 de agosto e na nota de 1998 “Descrubramo-nos uns aos outros”, que proponho analisar.

Palavras-chave: Humanismo; Saramago; Montaigne.

OS OLHARES E AS CIDADES: O OLHAR ESTÉTICO-FICCIONAL E O OLHAR DA GEOGRAFIA

Orivaldo Rocha da Silva (Faculdade SESI de Educação)
orocha@uol.com.br

O objetivo deste trabalho é identificar e discutir as especificidades de olhares voltados às cidades, de modo a possibilitar diferentes apreensões dos espaços públicos e promover momentos de diálogo entre as abordagens da literatura e da geografia, a ponto de ressignificar a imagem dos núcleos urbanos. Considerando como ponto de partida um viés interdisciplinar no que tange aos olhares voltados às cidades, privilegiando, especificamente, os campos estético-ficcional (o olhar da literatura) e o das ciências humanas (o olhar da geografia), intenta-se, além disso, propor reflexões acerca de procedimentos metodológicos associados à análise literária, bem como aspectos de construção pedagógica de novas narrativas que possam permitir pluralidades de formas e maneiras de se conhecer, viver e imaginar a cidade e sua paisagem. Ainda no que se refere ao espaço literário, o recorte de abordagem considerado parte da constatação básica da existência de diferentes categorias de olhares no que tange à produção literária portuguesa compreendida em período delimitado por obras concebidas nos séculos XX e XXI, e que tiveram por objeto temático a cidade de Lisboa. O corpus em questão, nesse caso, é composto pelas obras *Livro do desassossego* (1999), de Fernando Pessoa, *História do cerco de Lisboa* (1989), de José Saramago e *A Cidade de Ulisses* (2011), de Teolinda Gersão. A base teórica consultada inclui, dentre outros, postulados de Bachelard (1978), Novaes (1988), Ascher (1998), Oliveira Jr. (2019).

Palavras-chave: Cidades; Olhares; Literatura.

ENSAIO SOBRE AS TROVOADAS: IMAGENS DE PENSAMENTO EM FERNANDO PESSOA

Orlando Nunes de Amorim (IBILCE-UNESP-SJRP)
orlando.amorim@unesp.br

A imagem da chuva violenta, tempestade ou trovoada, tem uma larga tradição moderna na literatura ocidental, desde, pelo menos, a sua presença crucial no *Rei Lear*, de Shakespeare, para expressar, metafórica ou alegoricamente, as conturbações características da construção do indivíduo moderno nas suas multifacetadas vertentes, e no seu (des)encontro com o mundo. Por outro lado, é sobejamente sabida “a assaz infantil mas terrivelmente torturadora fobia das trovoadas” de que era acometido Fernando Pessoa, que, como tudo o que lhe dizia respeito, não se furtou a transpôr essa fobia para diferentes contextos de significação artística. Este ensaio pretende tecer reflexões sobre a paisagem tempestuosa na obra de Pessoa, com destaque para o *Livro do desassossego*, considerando-a a partir da ideia de imagem dialética ou imagem de pensamento de Walter Benjamin, uma forma singular de conceber o ato de percepção do olhar como um ato de leitura de sinais que se manifestam na superfície da paisagem, de modo a encontrar o “corpo da ideia” que, no caso dos textos pessoanos a serem considerados, é o corpo configurado na sua nudez sob a incidência da trovoada.

Palavras-chave: Fernando Pessoa; Shakespeare; Tempestades.

O RETORNO À ÁFRICA NA LITERATURA PORTUGUESA CONTEMPORÂNEA: PERFORMANCE, AUTOFIÇÃO E PÓS-MEMÓRIA

Rafaella Cristina Alves Teotônio (UFPE)
faelacristina@gmail.com

Do desejo do outro, elaborado por Miguel Real (2017) acerca da identidade portuguesa como uma identidade que busca o outro, para o desejo de si mesmo, da chamada ficção pós-colonial portuguesa, na Literatura Portuguesa Contemporânea o tema do retorno à África emerge como tropos primordial elaborado para discussão em torno da colonização portuguesa. Desde as obras de autores da chamada cena afropolitana, como Djaimilia Pereira de Almeida, Yara Nakahanda Monteiro e Joaquim Arena, aos autores que abordam a questão dos retornados, como Dulce Maria Cardoso e Isabela Figueiredo, a literatura portuguesa produzida contemporaneamente busca discutir o trauma colonial a partir de narrativas que abordam questões identitárias, violência colonial e epistêmica, racismo e a condição das mulheres na história da colonização portuguesa e no período pós independência dos países africanos. Essas narrativas buscam, muitas vezes, um retorno à África colonial que se constrói a partir de estratégias narrativas ligadas à 1ª pessoa, como a autoficção, a performance e a pós-memória. Seria possível pensar que há um boom de narrativas em primeira pessoa na literatura portuguesa contemporânea? E como essas narrativas revelam o desejo de trazer para a literatura portuguesa as vozes invisibilizadas na história portuguesa? Nesse sentido, esse trabalho busca discutir acerca do retorno à África na Literatura Portuguesa Contemporânea e das estratégias narrativas utilizadas pelos autores que culminam em discussões em torno de conceitos como autoficção (Klinger, 2007), performance (Martins, 2022) e pós-memória (Hirsch, 2012; Sarlo, 2007).

Palavras-chave: Literatura Portuguesa Contemporânea; África; Performance.

APONTAMENTOS SOBRE A TRADIÇÃO DA DRAMATURGIA PORTUGUESA E A ATUALIDADE DE TIAGO RODRIGUES

Renato Forin Junior (UEL)
reforin@uel.br

A literatura portuguesa, celebrada pela qualidade de seus autores e obras, parece fundar sua tradição nos pilares do lírico e do narrativo. Apesar da importância de nomes que galgaram lugar no cânone, como Gil Vicente e Almeida Garrett, o gênero dramático não conquistou a mesma importância nos estudos literários portugueses a ponto de dar conta de uma cobertura criteriosa e continuada das produções dramáticas que atravessaram sua trajetória. Da mesma forma, quando tomamos obras fundamentais da crítica e da historiografia do teatro europeu, da tradição à modernidade, como as de Carlson, Bertrand e Szondi, há a citação de poucas linhas ou mesmo a ausência sobre a produção portuguesa. Esta comunicação reúne brevemente reflexões sobre a questão ao passo que comprova como, no processo de modernização do drama, na virada do século XIX para o XX, a dramaturgia portuguesa oferece exemplares que não devem, em invenção formal, às celebradas peças do teatro russo e alemão, por exemplo. Toma ainda para análise a obra contemporânea *By heart* (2013), do dramaturgo e encenador português Tiago Rodrigues, que trabalha friccionando a tradição literária. O objetivo é ler aspectos do texto e do espetáculo à luz da teoria de Jean-Pierre Sarrazac, para quem o drama moderno e contemporâneo se dá a partir de uma pulsão rapsódica, como um trabalho de cerzimento de fragmentos de referências múltiplas.

Palavras-chave: Dramaturgia Portuguesa; Tiago Rodrigues; Jean-Pierre Sarrazac.

O EPITÁFIO COMO MODO DE CONVÍVIO NA POESIA PORTUGUESA MODERNA E CONTEMPORÂNEA

Roberto Bezerra de Menezes (UFMS)
roberto.menezes@ufms.br

Em seu breve texto acerca das influências em poesia, Ruy Belo (2002) assinala que o diálogo entre poetas e poéticas, manifestado em poema, pode ser motivado por e se apresentar como um ato de homenagem. Partindo desse pensamento do autor de *Na senda da poesia*, buscaremos prolongar a discussão acerca dos poemas-homenagem com o intuito de analisar alguns exemplos de epitáfios escritos para amigos e poetas falecidos, estabelecendo assim uma relação de convívio na poesia. Para tanto, levaremos em conta tanto a moderna ideia de epitáfio poético quanto a de poesia de circunstância, ou seja, a poesia elaborada por ocasião de situações externas, constituindo-se como poema autônomo. Tomaremos como ponto de discussão poemas de alguns poetas portugueses, a saber: Eugénio de Andrade, Sophia de Mello Breyner Andresen, Herberto Helder, Mário Cesariny, Alexandre O'Neill, Luís Quintais e Margarida Vale de Gato, procurando mostrar as linhas de continuidade e de descontinuidade que perfazem nesses autores a ideia de epitáfio aqui proposta. Para problematizar a questão ao lado dos poemas, alguns pensamentos teóricos e críticos serão articulados, sobretudo os de Ruy Belo (*As influências em poesia*), Predrag Matvejevitch (*La poésie de circonstance*), Luciana di Leoni (*O convívio da poesia, Poesia e escolhas afetivas*), Celia Pedrosa (*Endereçamento*), Jacques Derrida (*Envios/ O cartão-postal*), Jean-Michel Maulpoix (*Introduction à une poétique du texte offert*) e Rosa Maria Martelo (*Antologia dialogante de poesia portuguesa*), textos fundamentais para se pensar as noções de influência, poesia de circunstância, leitura, tradição, convívio, endereçamento e posicionamento dialogante da moderna poesia portuguesa.

Palavras-chave: Epitáfio; Poesia Portuguesa; Morte.

**PERCEÇÃO NO ESPAÇO A PARTIR DAS INVESTIGAÇÕES
GEOMÉTRICAS DO SENHOR SWEDENBORG, DE GONÇALO M.
TAVARES**

Robson José Custódio (UFPR)
robsoncustodio@ufpr.br

O Senhor Swedenborg, sendo um rapaz que não se relaciona naturalmente com os outros senhores do bairro, procura divagar durante as longas palestras dos colegas, porém, por meio de suas investigações geométricas, temos múltiplas possibilidades de compreensão do presente, do cotidiano urbano, das relações entre os homens e das interações homem-espaço. Durante a obra, o senhor Swedenborg sempre segue a lógica da geometria – por meio de seus desenhos, rabiscos e formas –, para, de fato, compreender o mundo. A narrativa, inclusive, é toda feita com a interação do texto verbal com o não verbal – pequenos comentários e formas geométricas; as ideias são ilustradas pelo narrador para nos dar uma imagem concreta de como o seu raciocínio se encaminha. Assim, essa proposta de comunicação pretende apresentar uma análise do espaço na obra de Gonçalo M. Tavares, a partir de um dos registros da série *O bairro*, de mesmo nome do protagonista (publicado pela Casa da Palavra em 2011), pelo viés geoliterário. Para tal, discute-se conceitos de Maurice Merleau-Ponty e Milton Santos, sobretudo, acerca da espacialidade e a noção de totalidade.

Palavras-chave: Espaço; Geoliteratura; Literatura Portuguesa Contemporânea.

TRÂNSITOS AFRODESCENDENTES: MEMÓRIA E RESISTÊNCIA NA LITERATURA CONTEMPORÂNEA EM PORTUGAL

Rosangela Sarteschi (USP)
rosecpq@usp.br

Esta comunicação propõe traçar um panorama da produção literária de autores e autoras afrodescendentes no contexto contemporâneo português, com foco nas dinâmicas de memória, identidade e resistência. Investiga-se como as experiências negras em Portugal reconfiguram noções de pertencimento, especialmente em diálogo com as identidades nacionais e culturais europeias. Longe de constituírem um grupo homogêneo, as comunidades negras expressam vivências diversas, marcadas por tensões históricas, políticas e afetivas. Nesse cenário, a literatura surge como espaço de afirmação e contestação, onde se articulam tanto a denúncia das exclusões quanto o desejo de visibilidade e reconhecimento. As vozes afrodescendentes na literatura portuguesa contemporânea desafiam estereótipos e ampliam os horizontes da cultura europeia, ao reinscrever a presença negra como parte essencial de sua tessitura social e simbólica.

Palavras-chave: Literatura e Resistência; Autoria Negra; Literatura Afrodescendente.

O REAL SEM CÓDIGOS: O DISPOSITIVO E O ROUBO EM MANUEL DE FREITAS

Sérgio Guilherme Cabral Bento (UFU)
sergiobento@ufu.br

O poeta português Manuel de Freitas é, talvez, o maior exemplo em seu país de uma tendência global da arte contemporânea de se ater ao rés-do-chão do cotidiano e do real, o que implica esteticamente em um exercício de enxugamento da linguagem e da materialidade das obras, fenômeno diagnosticado por Hal Foster em *O retorno do real*. Na poética em tela nessa comunicação, isso fica visível em todas as suas obras, seja ao adotar a perspectiva de um boêmio, de uma caixa de supermercado ou de um traficante (evocando a ideia do “autor como etnógrafo”, de Hal Foster, ou ainda da literatura como uma “antropologia especulativa”, defendida por Juan José Saer e aprofundada por Alexandre Nodari); seja ao incorporar gêneros do discurso exteriores ao texto literário na tessitura de seus poemas, como conversas de bar, anúncios, narrativas orais e até o código de barras (“os poetas são sobretudo isso: roubadores”, afirma Manuel em um poema). Nesse caso, sua poesia parece aproximar-se do conceito de “dispositivo” trabalhado pelos poetas-críticos do grupo francês Questions Théoriques, que, segundo Christophe Hanna, “é um agenciamento de elementos textuais de formas e de naturezas variadas, retirados de um contexto-fonte e situados em um contexto-alvo”. Desse modo, o objetivo deste trabalho é identificar como essas formas do real e do dispositivo se dão na obra de Manuel de Freitas, em especial no livro *Isilda ou a nudez dos códigos de barras*, buscando compreender a interligação entre a crueza do cotidiano e da própria linguagem.

Palavras-chave: Manuel de Freitas; Christophe Hanna; Hal Foster.

A LITERATURA PORTUGUESA APRESENTADA NO PROGRAMA NACIONAL DO LIVRO E DO MATERIAL DIDÁTICO (PNLD) LITERÁRIO E NO PROGRAMA NACIONAL BIBLIOTECA NA ESCOLA (PNBE)

Sileide France Turan Salvador (UFPR)
sileidefrance@gmail.com

A ameaça que significou a proposta de retirada da obrigatoriedade da Literatura Portuguesa no currículo nacional brasileiro, durante a formulação da nova Base Nacional Comum Curricular (BNCC) em 2016, representou uma inflexão importante na política educacional e cultural do país. Tal cogitação repercutiu diretamente no Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) Literário que, desde 2018, passou a organizar as obras literárias escolares com base nas diretrizes da BNCC. Investigar como essa busca pela exclusão impactou a seleção e a representatividade da Literatura Portuguesa no PNLD Literário torna-se essencial para compreender os rumos da formação literária no Brasil. A construção dessa representatividade remonta ao Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE), que foi instituído em 1997, com o objetivo de promover o acesso à cultura e incentivar a leitura de livros por alunos e professores. Esta é uma pesquisa iniciada no primeiro semestre de 2025 e, nesta comunicação, apresentarei meu projeto de pesquisa de Pós-doutorado que tem como objetivo principal compreender a apresentação da Literatura Portuguesa, no âmbito do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) e do Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD - Literário), com foco nos editais: PNBE-2014, PNLD Literário 2018 e PNLD Literário 2024. O estudo, em andamento, adotará uma abordagem qualitativa baseada em análise literária e na Análise de Conteúdo (Bardin, 2002). Os resultados poderão contribuir na verificação se o PNLD Literário e o PBNE, na relação com a Literatura Portuguesa, apresentam caráter reflexivo e contribuem para a construção de uma educação emancipatória.

Palavras-chave: PNLD (Programa Nacional do Livro e do Material Didático); PNLD Literário; PNBE (Programa Nacional Biblioteca da Escola); Literatura Portuguesa. Livros Didáticos.

EPISTOLOGRAFIAS E MEMÓRIAS: O DIÁLOGO ANCESTRAL NA CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES AFRODIASPÓRICAS

Suzana Costa da Silva (UERJ)
suzanacost@yahoo.com.br

A narrativa contemporânea visa estabelecer as condições para a percepção da ancestralidade por meio de relatos sensíveis de memórias de sujeitos antes marginalizados pela história. Mulheres que usaram e usam da escrita para romper o silenciamento agudo, transformam as suas realidades e de seus descendentes dentro de uma concepção de mundo brancocêntrica. Autoras negras de grande impacto para a Literatura existem e resistem em suas narrativas, cuja ancestralidade moldam as escritas, são elas: Maya Angelou, Djamila Ribeiro, Teresa Cárdenas e Grada Kilomba. A partir de seus livros, pode ser constatado um aspecto comum, o caráter memorialístico de seus temas. As autoras revelam, em epistolografias e relatos, atravessadas por gênero e raça, a construção e o resgate de lembranças deixadas como uma herança de seus antepassados para as próximas gerações, o futuro do passado, de um futuro indizível, mas, agora, possível.

Palavras-chave: Mulheres negras; Ancestralidade; Memória.

**NOS 50 ANOS DE INDEPENDÊNCIA DE MOÇAMBIQUE, RELEITURA
DA PAISAGEM COLONIAL EM A ÁRVORE DAS PALAVRAS, DE
TEOLINDA GERSÃO**

Tereza Maria Tavares dos Santos Jorge (UFF)
terezamariatavares@gmail.com

No romance *A árvore das palavras*, a autora Teolinda Gersão apresenta uma significativa reconstrução da capital moçambicana durante o período colonial, quando ainda era chamada de Lourenço Marques, evidenciando as marcas deixadas pelo projeto imperialista português, comandado pelo Estado Novo, que moldou a estrutura arquitetônica da cidade ao longo de um processo de reestruturação urbana iniciado nas primeiras décadas do século XX. Essa transformação arquitetônica refletiu uma política de dominação resgatada por Gersão em sua narrativa, para desvelar a existência de um apartheid no espaço urbano da capital moçambicana, que ocorria mesmo sem cerceamento policial, mas que foi naturalizado, tendo papel relevante no desenvolvimento narrativo da obra. Nos 50 anos de independência de Moçambique, que estão sendo comemorados em 2025, o romance se mostra especialmente significativo, pois permite uma compreensão diferenciada do processo de dominação que a ditadura salazarista estruturou em suas colônias africanas, realizado, inclusive, através do seu reordenamento urbano feito em Moçambique, com o registro de áreas de exclusão, como as zonas residenciais da burguesia branca colonial, construídas separadamente dos nativos, assim como áreas delimitadas para negros e brancos circularem pela cidade. Para compreender a importância significativa dessa paisagem marcada pelo apartheid na narrativa de *A árvore das palavras*, recorreremos aos estudos de geografia humanista na relação entre espaço, percepção e experiência humana, realizando uma toponímia de microespaços significativos dentro da obra, que demonstre como a narrativa retratou o mapa colonial construído na capital de Moçambique e como ele se revela ao longo da narrativa.

Palavras-chave: A árvore das Palavras; Teolinda Gersão; Paisagem Literária.

DA ARTE DE SOBREVIVER ÀS VIOLÊNCIAS DE GÊNERO EM “APNEIA”, DE TÂNIA GANHO

Thaíla Moura Cabral (UFRJ)
thaila.mouracabral@gmail.com

Apneia, romance da novíssima ficção portuguesa da escritora Tânia Ganho, publicado em 2020 pela editora Casa das Letras, acompanha a intensa jornada de Adriana - artista, mãe e acadêmica - ao longo de seu processo de divórcio, assim como o crescimento de seu filho, Edoardo, dos cinco aos doze anos. A narrativa explora com intensidade as emoções humanas e apresenta ao leitor uma escrita ficcional autêntica e instigante. A violência doméstica configura-se como temática central da obra, incidindo tanto sobre a personagem feminina quanto sobre a infância. Enquanto, em autores como António Lobo Antunes, encontramos personagens marcadas por traumas já instalados e fadadas ao fracasso, em *Ganho* observamos a progressiva acomodação da violência no espaço íntimo e suas consequências na construção das subjetividades. Diante disso, nesta comunicação, propomos analisar, para além das violências sofridas por Adriana - que vão desde a violência psicológica no âmbito doméstico (associada às questões de gênero) até a violência jurídica (dos termos da linguagem à invalidação de sua integridade mental) -, os mecanismos metafóricos e alegóricos que a personagem mobiliza, como a arte e o desporto, não apenas como formas de resistência, mas como estratégias de sobrevivência e ressignificação diante dos limites psicológicos impostos. Para tanto, recorreremos aos pressupostos teóricos de Jorge Vicente Valentim (2023), Heloísa Teixeira (2019), Rita Segato (2025), Judith Butler (2021), bell hooks (2025), entre outros.

Palavras-chave: Violência; Gênero feminino; Apneia.

A POÉTICA DA AMIZADE E DA VELHICE: O DIÁLOGO ENTRE VALTER HUGO MÃE E JOÃO ANZANELLO CARRASCOZA NA LITERATURA DE LÍNGUA PORTUGUESA

Ulysses Rocha Filho (UFCAT)
ulysses_filho@ufcat.edu.br

O presente artigo investiga a poética da amizade e da velhice na obra de Valter Hugo Mãe e João Anzanello Carrascoza, destacando o diálogo literário que esses autores estabelecem no âmbito da literatura de língua portuguesa contemporânea. Analisando a recepção da obra de Valter Hugo Mãe no Brasil, o estudo evidencia como sua escrita problematiza a linguagem literária, ultrapassa os limites tradicionais do narrativo e explora a potência da poesia na prosa. De modo semelhante, a prosa de Carrascoza é marcada por um lirismo intenso e uma condensação poética que conferem densidade e sensibilidade aos seus textos. O artigo destaca, ainda, como a amizade e a velhice, enquanto temas recorrentes, são tratados com profundidade estética e ética, configurando um espaço de reflexão sobre as relações humanas e a passagem do tempo. Assim, a análise reforça a importância da produção literária desses autores para a renovação estética e temática da literatura em língua portuguesa no século XXI, ressaltando a continuidade e a transformação do diálogo entre Portugal e Brasil. Assim, ressalta-se a importância da poesia na prosa como elemento fundamental para a reinvenção dos modos de contar histórias e para a ampliação das possibilidades narrativas no século XXI.

Palavras-chave: VHM; Carrascoza; Amizade e Velhice.

**DE MORTOS A MORTOS: CONSIDERAÇÕES SOBRE A MORTE NO
SERMÃO AO ENTERRO DOS OSSOS DOS ENFORCADOS DO PADRE
ANTÓNIO VIEIRA**

Valeria Evencio Zecchinello de Carvalho (UFPR)
evencio.valeria@gmail.com

Este artigo objetiva apresentar que o *Sermão ao Enterro dos Ossos dos Enforcados*, pregado na Bahia, em 1637, pelo Padre António Vieira (1608-1697), explora o sentido da morte em um contexto de guerra e desordem, utilizando a ocasião fúnebre para suscitar uma profunda reflexão teológica e especialmente moral. O sermão critica a vaidade, a transitoriedade dos bens terrenos, e mesmo que os contrastando com a realidade última da morte e do julgamento divino, Vieira discursa recrudescendo a responsabilidade humana sobre suas ações. A decomposição dos corpos, reduzidos a ossos, retoma, por exemplo, o comportamento diante da morte dos menos favorecidos e em frente ao final da vida dos poderosos. A partir da ótica religiosa, inferem-se concepções sobre a morte por razões políticas, o fim da bondade, o acaso da misericórdia e o naufrágio da condição humana universal: sabendo que a morte virá, ignoramos que a vida é melhor quando se está afastado de preconceitos, violências, desatinos e guerras. Para além da justiça divina, que transcenderia a justiça terrena no entendimento de Vieira, deve-se buscar um plano de virtudes terrenas. À época desse sermão, o Brasil estava sendo invadido pelos holandeses e tais litígios decorriam de disputas geopolíticas na Europa, notadamente entre Espanha, Portugal e Holanda. As guerras ocorrem cada qual de acordo com o desenvolvimento bélico de seu tempo, mas as mortes parecem ser sempre um pouco as mesmas: os poderosos fazem alianças e escolhem quem irá morrer e como irá morrer. Ao tempo de Vieira, enforcados, atualmente, trucidados.

Palavras-chave: Sermão; Padre António Vieira; Morte.

JOSÉ SARAMAGO VAI À ESCOLA

Vera Lopes da Silva (PUC-Minas)

verasesamo@gmail.com

Daniel Vecchio Alves (UFRJ / FAPERJ)

danielvecchioalves@hotmail.com

José Saramago, no ano de 1978, em crítica contundente aos programas governamentais do Ministério da Educação e Cultura de Portugal, pronuncia o discurso *Intervenção em nome da Célula dos Escritores*, no qual convoca os escritores de seu país para serem agentes de intervenção que atuem nas escolas, associando-se ao trabalho dos professores, de modo a fazer da literatura instrumento de formação leitora, condicionada ao processo de conscientização e luta contra as iniquidades sociopolíticas. Guiados por essa proposição, empreendemos neste estudo a discussão relativamente a por quê e como as obras do autor português devem ser objeto de ensino e aprendizagem na escola básica, tomadas pela estética que as compõem - sua metalinguagem, sua sintaxe singular, temas desenvolvidos (justiça social, humanismo, crítica ao poder, dogmatismo religioso, patriarcado etc.). Além disso, uma outra linha de reflexão pode ser seguida: trata-se dos processos de editoração de obras consideradas não literárias que as transmudam em literárias, promovendo novas destinações de leituras e leitores, como ocorre com a obra *O silêncio da água*. Também o diálogo entre a produção saramaguiana e outras áreas, como cinema e teatro, permite a ampliação do leque que comporia um projeto de inserção do autor no mundo de leitura de crianças, adolescentes e jovens. Para realizar este estudo, tomamos como ponto de partida as reflexões de Gerard Genette, Karl Marx, Mikhail Bakhtin e Peter Hunt.

Palavras-chave: Ensino de Literatura; Literatura Infantojuvenil; Formação Leitora.

**A NOITE IMENSA: A EXPERIÊNCIA DA OUTRA NOITE EM
“MISERICÓRIDA”, DE LÍDIA JORGE E NOS “HINOS ÓRFICOS”**

Vinícius Richter Guimarães (UERJ)
richter.vinicius1@gmail.com

Esta comunicação tem por objetivo realizar uma leitura de aproximações e distâncias no que tange o signo da “noite imensa” entre a autora contemporânea Lídia Jorge e a tradição grega nos chamados *Hinos Órficos*. No nosso ponto de vista, as inflexões da obra *Misericórdia*, da portuguesa Lídia Jorge, ganham contornos atualizados e contemporâneos quando a noite aparece à narradora - em momentos pontuais da obra - em vista de uma representação que escapa a um simples período no qual se encontra o mundo obscurecido, em prol de uma personagem cuja figura assustadora engendra, na verdade, uma das potências do agir literário. Por outro lado, a sua presença “potente” e “intensa” dialoga diretamente com as dobras da poesia dita “órfica”, principalmente nos poemas dedicados à Nix (noite) e a Hypnos (sono), que corroboram parte significativa da tradição ocidental acerca desse fenômeno, tanto física, quanto esteticamente. No lugar de entremeio entre essa oscilação semântica da palavra, surge a ambiguidade noturna, ora benevolente, ora desafiadora, que reflete o espaço dessa palavra na literatura ocidental. Dessa forma, demarca-se uma dupla condição, que pode ser discutida sob a vista de uma diferença discutida por Maurice Blanchot, em *O espaço literário*, acerca da noite e da outra noite. Segundo o autor, por tanto, o sustento da dialética dessa diferença estaria posta na existência de duas noites. A primeira, onde se visita o espaço da neutralidade, da inexistência e do “oco”. E a outra noite, correspondente à esfera do outro, do fora, uma noite ontológica, experiência-limite.

Palavras-chave: Noite; Poética; Literatura Portuguesa.

COMUNICAÇÕES

EÇA DE QUEIROZ PARA JOVENS LEITORES: A AIA EM CORDEL

Adilson dos Santos (UEL)
adilson.santos@uel.br

Os clássicos são textos que transcendem as barreiras temporais e geográficas e continuam a dialogar com o leitor da atualidade, pois colocam em foco os principais conflitos da existência humana, além de permitirem conhecer outros povos, culturas e hábitos de diversas gerações. Considerando-se o inegável caráter formador dos clássicos, Ana Maria Machado, renomada escritora de literatura infantojuvenil, advoga pelo contato, já na mais tenra idade, com este patrimônio cultural e propõe como estratégia para aproximar o jovem leitor deste tipo de leitura as adaptações literárias. Embora tal postura não seja unânime na academia, uma adaptação bem realizada pode se tornar um forte convite à leitura do original e constitui uma excelente opção à mão do professor preocupado com a formação do leitor: primeiramente, por fazer parte da literatura canônica, já tão valorizada na esfera escolar e acadêmica; em segundo lugar, por estar adequada ao nível de proficiência do leitor alvo. Tendo em vista a relevância da reescritura de grandes expoentes do cânone para a formação do indivíduo e para o seu desenvolvimento enquanto leitor, o presente trabalho tem por objetivo a análise da obra *A aia em cordel*, texto e ilustrações de Laerte Silvino, publicada pela CEPE Editora. Trata-se da adaptação do conto *A aia*, de Eça de Queiroz, voltada para o público infantojuvenil. Finalista ao Prêmio AEILIJ 2024, na categoria adaptação ou reconto, os versos e as ilustrações de Laerte Silvino preservam a essência do texto queirosiano.

Palavras-chave: Adaptação; Cordel; Eça de Queiroz.

LUÍS FILIPE CASTRO MENDES: UM ESTRANHO ANIMAL DE DUAS CABEÇAS NO RIO DE JANEIRO

Adriana Girão Campiti Braga (UFF)
campitibraga@uol.com.br

O poeta e diplomata Luís Filipe Castro Mendes assume, em 1998, o Consulado Geral de Portugal no Rio de Janeiro, posto em que permanece durante cinco anos. Com um mandato bastante elogiado em razão dos intercâmbios culturais promovidos entre Brasil e Portugal, abre o Palácio de São Clemente – construído, na década de 1950, para sediar a Embaixada de Portugal no Brasil e atual residência oficial do cônsul-geral no Rio de Janeiro – para receber integrantes da comunidade portuguesa, mas também intelectuais brasileiros, em um processo de evidente diplomacia cultural. Durante esse período, para além da profícua atuação como diplomata, Castro Mendes publicou *Os amantes obscuros* (1999) e *Os dias inventados* (2001), obras que analisaremos nesta comunicação, com o objetivo de mostrar que o escritor-diplomata, esse “estranho animal de duas cabeças”, estrutura seu pensamento sempre com base na diversidade social, estética e cultural. O olhar em permanente trânsito, a abertura para outras formas de conhecimento e de expressão, bem como a constante necessidade de ressignificação de tempos e de memórias evidenciam um sentimento de estrangeiridade, com o qual ele tem de lidar de maneira inescapável. Para discutir o conceito de estrangeiridade, baseamo-nos no que defendem Julia Kristeva, em *Estrangeiros para nós mesmos* (1994), e Edward Said, em *Orientalismo* (1978).

Palavras-chave: Luís Filipe Castro Mendes; Poesia Portuguesa Contemporânea; Diplomacia Cultural; Estrangeiridade.

MARGARIDA VALE DE GATO E MAYA DEREN: EXERCÍCIOS DE APROXIMAÇÃO

Adriele Lima de Figueiredo (UFF)
adrielefigueiredo15@gmail.com

Ao longo do seu projeto poético, *Mulher ao Mar*, Margarida Vale de Gato articula diferentes vozes, materiais e registros de maneira crítica. Nesta comunicação, proponho uma leitura do poema *Maya Deren*, publicado no volume *Mulher ao Mar Brasil* (2021), observando como a poeta portuguesa constrói um diálogo com o cinema experimental da realizadora. Entendemos que seu poema é uma leitura efrástica do filme *Ritual in Transfigured Time* (1946), de Deren, e o reinscreve em uma linguagem poética. Para tanto, mobilizamos as contribuições de Roland Barthes, Hélène Cixous, Georges Didi-Huberman e Jean-Luc Godard, que nos permitem pensar os atravessamentos entre linguagem, montagem e processos de criação artística.

Palavras-Chave: Poesia Portuguesa Contemporânea; Margarida Vale de Gato; Intertextualidade.

GONÇALO M. TAVARES E A ESTÉTICA DO FRAGMENTO

Alessandro Barbosa (USP)
alessandrobarbosa@usp.br

A partir do livro *Investigações. Novalis*, de Gonçalo M. Tavares, pretendo refletir sobre a prática intertextual como um procedimento recorrente de apropriação e transfiguração na obra do autor português. Esse procedimento antropofágico característico em Tavares, assimila e - como não poderia deixar de ser no processo de (re)escrita - metamorfoseia outros autores; outros textos; outros procedimentos; interpretando-os por um diapasão diverso e desconstruindo-os e reelaborando-os na contingência de outra temporalidade e outros paradigmas experienciais. Fica evidente, por tudo o que foi até aqui exposto - e pela recorrência, no trecho anterior deste resumo, da palavra 'outro(s)' - a relevância da alteridade nessa lógica de exegese e transformação, além da importância dos aspectos histórico e cultural para perceber os pontos de contato e os elementos de dissonância entre a obra de Novalis que, na análise proposta, é o corpus e pretexto seminal para o livro de Tavares, que é ponto de chegada, num sentido estritamente cronológico, pois que elaborado e composto num contexto distinto do texto-gênese. Para discorrer sobre essa "atualização" textual específica (e as aspas pretendem salvaguardar a palavra 'atualização' de qualquer sentido qualitativo), destaco alguns textos de *Novalis*, comparando-os com *Investigações. Novalis*, de Tavares, interpretando-os à luz de textos de apoio que discorrem sobre metaliteratura e a estética do fragmento. Nesse intuito, considero o livro de Márcio Scheel, *Poética do Romantismo: Novalis e o fragmento literário*; de João Barrento, *O Gênero intranquilo: anatomia do ensaio e do fragmento*; de Leyla-Perrone Moisés, *Texto, crítica, escritura*; dentre outros.

A FIGURAÇÃO ANIMAL HUMANIZADA EM MIÚRA, DE MIGUEL TORGA, E ALANDELÃO DE LA PATRIE, DE JOÃO UBALDO RIBEIRO

Alexandre Leidens (UEL)
alexandre.leidens@uel.br

Este trabalho analisará dois contos, um português e outro brasileiro: “Miúra”, de Miguel Torga (1940), e “Alandelão de la patrie”, de João Ubaldo Ribeiro (1981). O objetivo é observar o processo de humanização na figuração animal, utilizando uma perspectiva de análise qualitativa e bibliográfica, de cunho comparativo. Em “Miúra” há uma morte assistida. O conto é narrado a partir da perspectiva do touro que, no caminho entre a arena e a morte, dá mostras de autopercepção, questionamentos e sentimentos como a cólera e angústia. O próprio foco narrativo coloca em xeque as atitudes do homem e a tradição da tauromaquia. Em “Alandelão de la patrie” há uma reprodução assistida. Narrada na perspectiva de um peão observador, profundo conhecedor do seu mundo. Ele estranha o modo automatizado com que fazem a reprodução e narra sua percepção daquilo. O peão caracteriza os animais seguidamente como humanos, para ele o Holandês é fino e educado, “Alandelão” é francês, mas compreende o idioma. A perspectiva de humanização animal, nesse caso, acontece sobretudo na leitura do narrador. Em “Miúra” o touro é utilizado para regozijo do homem porque a sua morte é a satisfação dele. Em “Alandelão de la patrie” o touro é utilizado para obter lucro por conta da sua genética. Da concepção à morte, por uma perspectiva própria ou alheia, os touros comungam de uma subserviência forçada, de uma obediência imposta. Observam, percebem, julgam e, mais do que isso, questionam seguidamente e de diferentes maneiras a racionalidade humana.

Palavras-chave: Miúra; Alandelão de la patrie; Figuração animal.

AS CARICATURAS E O NARRADOR EM ERA BOM QUE TROCÁSSEMOS UMAS IDEIAS SOBRE O ASSUNTO, DE MÁRIO DE CARVALHO

Aline Corte (PUCRS)
aline.corte@yahoo.com.br

Este artigo analisa o romance *Era bom que trocássemos umas ideias sobre o assunto*, de Mário de Carvalho, com foco na construção caricatural do narrador. Argumenta-se que, mais do que os próprios personagens ou a sociedade portuguesa retratada, é o narrador – com suas intervenções, ironias e digressões – quem constitui a principal caricatura da obra. Por meio de uma narração metalinguística e autoconsciente, o narrador desconstrói o enredo banal, evidenciando o artificialismo do romance contemporâneo e expondo as convenções da narrativa literária com humor e crítica. A partir de referências teóricas sobre a caricatura e a metaficção, como David Lodge e Carlos Alberto Rabaça, mostra-se como o romance opera uma sátira tanto do real quanto da própria estrutura narrativa. O narrador, ao exagerar suas prerrogativas e limitações, transforma-se em personagem central e revela, em sua instabilidade, uma crítica ao estatuto da literatura pós-moderna. Conclui-se que a obra é simultaneamente uma expressão do romance pós-moderno e uma sátira mordaz a suas formas e pretensões.

Palavras-chave: Metaficção; Narratologia; Ironia.

INFÂNCIAS À DERIVA: A (DES)ESPERANÇA NAS PERSONAGENS DE MIGUEL TORGA E GUIDO WILMAR SASSI

Aline Majolo (UFFS)
aline.majolo@estudante.uffs.edu.br

Este artigo explora as representações da infância nas obras de Miguel Torga e Guido Wilmar Sassi, autores que, embora distantes geográfica e culturalmente, compartilham o interesse em retratar a vida de crianças em contextos de adversidade. Em contos ambientados na região de Trás-os-Montes, em Portugal, e em narrativas de Santa Catarina, no Brasil, a (des)esperança se manifesta de formas distintas: Torga equilibra esperança e desilusão, revelando a resiliência infantil diante da pobreza e da perda em *O Cavaquinho* e *O Sésamo*, e celebra a pureza transformadora em outro conto intitulado *Jesus*, enquanto Sassi enfatiza a marginalização e a violência, apresentando um panorama sombrio em que a infância é sinônimo de opressão em *Piá* e *Escola*. Através da leitura dessas obras, o artigo busca compreender como as diferentes representações da infância refletem os contextos sociais e históricos de suas produções. Adicionalmente, inspirando-se nas reflexões de Walter Benjamin sobre o papel do narrador, o estudo investiga como as vozes narrativas de Torga e Sassi mediam a experiência infantil, transmitindo-a ao leitor e convidando à reflexão sobre a complexidade da infância.

Palavras-chave: Infância; Adversidade; Narrativa; Violência; Resiliência.

O FAZER POÉTICO EM FLORBELA ESPANCA E ALBELY BAKAR

Amanda Jahn Ribeiro (UFRGS)
amandajahnribeiro@gmail.com

O presente trabalho objetiva apresentar um cotejamento entre os poemas *Ser Poeta*, de Florbela Espanca, e *É raro um poeta ficar*, de Albely Bakar. As duas materialidades selecionadas abordam a questão do fazer poético de modos e interpretações diferentes. Florbela enaltece a importância da função do poeta com a concepção de um ser heroico. Em *Ser Poeta*, a autora indica o sofrimento do artista na sua criação, construindo uma elevação. Entretanto, essa admiração causa solidão. Em contraponto, Bakar desenvolve a escrita a partir de uma perspectiva mais irônica, sem o uso de glória por quem produz. O musicista caboverdiano estabelece o sarcasmo, sem idealização da figura do poeta, destinado ao sofrimento e incompreensão, com traços de solidão e o deslocamento da realidade. Ademais, a construção da imagem dos versos, por entendimentos distintos, traz o conhecimento do sujeito-lírico sobre o fazer poético por meio de um ponto de vista. O propósito do trabalho é realizar um paralelo dos escritos escolhidos com a análise dos elementos: significado e visão do fazer poético para cada escritor, intencionalidade, tom, linguagem, divisão de estrofes e versos, versificação, metáforas, imagens e intertextualidades. A metodologia é uma análise crítica com a demonstração dos poemas. A conclusão principal é que Bakar e Florbela identificam panoramas do fazer poético de contrastes distintos e, inclusive, contraditórios. Florbela e Bakar, portanto, conseguem criar o enfoque para a expressão dos sentimentos do que é fazer um poeta dos sujeitos-líricos e o processo de reflexão da intenção do poema, trazendo leituras de mundo.

Palavras-chave: Bakar; Fazer Poético; Florbela.

FLORAL LÚDICO: UM JOGO DE CARTAS SOBRE FLORES AO TELEFONE

Ana Luiza dos Santos (UFFS)
anna676658@gmail.com

A literatura abre caminhos para diferentes formas de leitura e interpretação, podendo ser explorada até mesmo por meio de jogos. *Flores ao Telefone*, de Maria Judite de Carvalho, apresenta uma narrativa sensível e crítica sobre a solidão, o tempo e os papéis sociais atribuídos às mulheres. Publicada no século XX, a obra reflete um contexto de mudanças sociais e questionamentos sobre a condição feminina. Inspirado nesse universo, o jogo de cartas proposto busca transformar os elementos centrais da narrativa em uma experiência interativa e acessível. O jogo é estruturado para que os participantes recriem situações do conto, compreendam os dilemas das personagens e reflitam sobre as temáticas abordadas. A simplicidade das regras permite que tanto leitores da obra quanto novos públicos possam se engajar de maneira intuitiva. Para embasar a proposta, serão utilizados conceitos de adaptação e ludicidade de Linda Hutcheon e Johan Huizinga, assim como reflexões sobre literatura e sociedade de Antonio Candido. A intenção é demonstrar como a transposição da literatura para o jogo pode ampliar a experiência do leitor, promovendo novas formas de imersão e diálogo com a obra de Maria Judite de Carvalho.

Palavras-chave: Maria Judite de Carvalho; Jogo de Cartas; Literatura e Ludicidade; Adaptação Literária.

IDENTIDADE, MEMÓRIA E AFETO EM NAS TUAS MÃOS, DE INÊS PEDROSA: UMA ANÁLISE DAS NARRATIVAS DE AUTODESCOBERTA E RELAÇÕES INTERPESSOAIS

Ana Paula Donida (UFFS)
anapauladonida@gmail.com

A obra *Nas tuas mãos*, de Inês Pedrosa, constrói uma narrativa que atravessa gerações, utilizando cartas, diários e memórias não apenas como recursos literários, mas como instrumentos de preservação e reinterpretação do passado. *Nas tuas Mãos* é uma obra que nos revela uma escritora que não se limita a questionar somente o desencontro amoroso e sim, os desafios e a evolução da mulher na sociedade portuguesa. A literatura aqui se revela uma ferramenta de autoconhecimento e resistência cultural, onde as histórias íntimas das personagens ecoam questões coletivas, como a herança colonial, a opressão feminina e a reconstrução identitária pós-ditadura. Ambientado em um Portugal em transição entre o regime salazarista e a democracia, entre o império ultramarino e a integração europeia, o romance entrelaça o político e o pessoal, mostrando as transformações históricas do século XX, especialmente a emancipação feminina. A escrita, portanto, surge como um ato de libertação, com as protagonistas desafiando silêncios impostos e reivindicam seu lugar na História. Inês Pedrosa descreveu sua obra como um “romance de valentes”, porém não só as três personagens mostram a pura valentia daquelas que viveram intensamente emoções e decepções, mas mulheres que mostravam sua força e se rebelavam diante do sistema e principalmente pela sociedade patriarcal. A obra demonstra que a experiência individual é sempre política, e que a literatura é um espaço privilegiado para ressignificar traumas coletivos e celebrar a agência feminina.

Palavras-chave: Memória; Identidade Feminina; Gerações; Ditadura e Democracia; Literatura Epistolar; Fragmentação; Intertextualidade.

CONVERSA POÉTICA: UM CASO DE ELEGIA EPISTOLAR EM HERBERTO HELDER

Antonio Marcos Lescano de Oliveira (USP)
amlescano@usp.br

Herberto Helder nunca deixou de conversar com o múltiplo e com as diferentes perspectivas e olhares. Em duas de suas raras concessões a entrevistas, aos jornalistas Fernando Ribeiro de Mello (1964) e João Almino (2004), depreendemos o entendimento de que no diálogo poético deve prevalecer a polissemia e a relação combinatória. Esta apresentação faz parte da pesquisa de doutorado desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Literatura Portuguesa da Universidade de São Paulo. Ela tem como objetivo verificar a elegia de Herberto Helder em conexão com elementos do discurso epistolar. Por meio de trabalho analítico, pretendemos discutir a questão da comunicação, considerando-a chave para o entendimento da relação poeta/destinatário. A inquietação desta apresentação nos faz indagar como Helder, no contexto de seu labor elegíaco, apropria-se da noção de comunicação poética, organiza-a e atualiza-a, chegando ao seu próprio recorte. Para tanto, utilizaremos como fundamento o pensamento de Walter Benjamin sobre a aura, a reprodutibilidade técnica e a obra de arte. Do ponto de vista metodológico, realizaremos um exercício de análise, tomando por texto-base o poema *Elegia Múltipla VII*, de Herberto Helder. Os resultados também mostram que ambos os gêneros, elegia e epístola, lidos e escritos frequentemente por autores do século XVI, como António Ferreira, Luís Vaz de Camões e Francisco de Sá de Miranda, ressaltam que a poesia não imita o mundo ou uma ordem pré-estabelecida, ela agrega múltiplos sentidos na produção do seu diálogo com o leitor.

Palavras-chave: Literatura Portuguesa; Herberto Helder; Elegia Epistolar.

SOB O SIGNO DO MAL: O HOLOCAUSTO COMO HORIZONTE DO ESPAÇO URBANO NA LITERATURA DE GONÇALO M. TAVARES

Antônio Martins da Silva Júnior (PPGL/UEL)
antonio.martins@uel.br

As múltiplas faces e representações do mal, enquanto potência, sempre ocuparam um lugar central nos debates culturais ao longo da história da civilização, mobilizando saberes diversos – da filosofia à teologia. Nesta comunicação, portanto, pretendemos refletir sobre os aspectos do problema do mal no romance *Uma menina está perdida do seu século à procura do pai* (2014/2015), de autoria do escritor português Gonçalo M. Tavares, examinando a representação do Holocausto como presença perene em um mundo marcado pelo signo do genocídio e da morte como instrumentos políticos. Deste modo, partimos da hipótese de que as diferentes figurações do evento histórico em questão apontam para o mal como uma presença silenciosa na ambientação deste romance. Nesse sentido, utilizaremos uma metodologia transdisciplinar, sem excluir os instrumentos próprios da teoria literária, nomeadamente aqueles de cunho formalista/estruturalista para uma análise da relação entre forma e conteúdo. Nosso aporte teórico, então, se constituirá pelos ensaios sobre a literatura e o mal, de Georges Bataille (2017), assim como pela abordagem deste conceito como problema filosófico e simbólico por Paul Ricoeur (1972). Esta comunicação constrói-se, inicialmente, a partir da noção de uma poética da paisagem (Collot, 2013) por se debruçar sobre o espaço urbano como categoria fundamental desta narrativa, além de considerar o conceito de paisagem do medo (Tuan, 2005) dada a representação literária de Berlim neste romance de Tavares.

O CONTO DA ILHA DESCONHECIDA E VIAGENS DE GULLIVER: A VIAGEM COMO EXPERIÊNCIA DO NOVO

Athalya Gabriela Santos Quinaglia (UEL)
athalyagabriela25@hotmail.com

Por meio da pesquisa bibliográfica este trabalho busca discutir as obras *O Conto da Ilha Desconhecida*, de José Saramago, e *Viagens de Gulliver*, de Jonathan Swift. O primeiro faz parte da Literatura Portuguesa e foi publicado pela primeira vez em 1997. Nele, o homem cujo nome não é citado, solicita ao rei um barco com o intuito de viajar para explorar uma ilha desconhecida. A requisição não foi fácil, insistências foram feitas a fim de que chegassem a um acordo. O homem, contudo, não cedeu, e com os que estavam presentes erguendo-se em coro para incentivar que o rei atendesse ao pedido de um desconhecido, assim o fez e a viagem metafórica aconteceu. Saramago, através desse conto, descreve o mundo, aspectos humanos, sentimentos e ambições através de metáforas. *Viagens de Gulliver*, segunda obra a ser analisada, foi publicado em 1726. O protagonista é um cirurgião naval, Lemuel Gulliver, que após enfrentar problemas nos negócios, decide voltar ao mar por receber uma vantajosa proposta, mas não imaginava o que lhe aguardava após o naufrágio: diversas terras, culturas estranhas e imaginárias. O trabalho propõe analisar a primeira viagem, a Lilipute, em que se depara com um povo minúsculo que é corajoso, mas cauteloso e ambicioso. Ambos os textos compartilham uma ideia central: a viagem transforma o sujeito. Tendo essas obras em vista, a presente comunicação discutirá o uso da representação da viagem como experiência do novo e debaterá aspectos humanos citados pelos autores, como fatores psicológicos e sociais.

Palavras-Chave: Viagem Literária; Intertextualidade; Transformação do Sujeito.

ROUBAR A CARA CHAMEJANTE AOS ESPELHOS: UM RETRATO DE POETA NAS OBRAS DE HERBERTO HELDER

Beatriz Lopes Prats (UFRJ)
beatriz.prats118@gmail.com

A noção de autoria é trabalhada persistentemente na obra do escritor português Herberto Helder (HH) através da imagem do poeta assassinado pelo seu papel de autor, do poeta como pai ou filho da sua obra, e do poeta como enunciador de um segredo. Em um dos seus últimos títulos, *Servidões*, o tema vem a ser trabalho em uma espécie de prólogo à obra, onde se afirma: para fazer poesia, é preciso “enriquecer e intoxicar a vida com essas misteriosas coisas roubadas”. E sobretudo, se faz menção à necessidade de se roubar a "cara chamejante aos espelhos", como se o poeta furtasse sua própria imagem junto das chamas para escrever. Esta figuração do escritor enquanto ladrão e sua associação ao fogo interessa a esse trabalho na tentativa de ler, em alguns poemas de HH, a imagem do poeta como Prometeu. Será pensado como esse roubo da própria imagem e do fogo são atos que aproximam essa figura ao herói trágico grego por meio de duas vias: como um sujeito poderoso, porquanto acessa os poderes de uma figura divina ou absoluta mais poderosa; e como autor vilipendiado por si mesmo, que se sacrifica na atividade de roubar para escrever. Para este propósito, serão valiosos os seguintes textos e conceitos: a obra de Hesíodo em torno da figura de Prometeu; a noção de poeta como ladrão de fogo, de Rimbaud; e a ideia de sacrifício a partir de Georges Bataille.

Palavras-chave: Herberto Helder; Prometeu; Poeta.

DUMAS FILHO, VERDI E EÇA: OS ESTUDOS INTERARTES EM O PRIMO BASÍLIO

Bianca de Oliveira Picaccio (UNESP)
bianca.picaccio@unesp.br

A partir da noção estabelecida por Clüver, os estudos interartes correspondem à “[...] comparação da Literatura com algo que, embora seja de outra ordem [...], possa ser submetido, juntamente com esta, a um conceito geral que costumamos chamar de ‘arte’” (CLÜVER, 2005, p. 11). Nesse sentido, a análise das relações entre o texto literário e a “inclusão direta ou indireta de mais de uma mídia com diversas possibilidades de comunicação e representação e de vários sistemas sígnicos” (CLÜVER, 2006, p. 14) presentes no romance *O Primo Basílio* (1878), de Eça de Queirós, faz-se pertinente, em função do caráter dialógico da obra, perspectiva de análise realizada por meio do estudo comparativo da Literatura com outras formas de Arte. Nessa comunicação, nosso foco de análise incidirá sobre as relações entre *O Primo Basílio*, *A Dama das Camélias*, de Alexandre Dumas Filho, obra apreciada pela protagonista de Eça, e a ópera *La Traviata*, de Giuseppe Verdi, mencionada, também, no romance queiroziano, de modo a valermos dos estudos comparativistas e interartes como instrumentos de análise da crítica social presente no romance.

Palavras-chave: Eça de Queirós; Estudos interartes; Personagens femininas.

ENTRE SANTAS E PECADORAS: AMOR E DESEJO SEXUAL NA CONTÍSTICA DE GUIOMAR TORRESÃO

Bianca Gomes Borges Macedo (UERJ)
biannca.mac@gmail.com

Este estudo analisa o tema do amor e do desejo sexual nos personagens do conto *Santas e Pecadoras* (1883), através do uso da ironia na representação da sociedade burguesa do século XIX. A forma cômica na representação do personagem masculino e a metaforização dos males sociais marcados na representação das personagens femininas são recursos presentes no conto de Guiomar Torresão (1844-1898). Atenta às transformações sociais do seu tempo, Torresão utiliza uma linguagem isenta de fixa significação em *Santas e Pecadoras* evidenciando a crise de valores que se expande a partir da década de setenta em Portugal. Segundo Duarte (2006), a ironia tem muita utilidade aqueles que discordam de comportamentos e atitudes e, pretendem provocar o pensamento gerando mudanças, entretanto, não o fazem de forma direta. Amor e desejo sexual são os elementos que envolvem os personagens desta narrativa de Guiomar Torresão, escritora portuguesa que, em certa medida, rompe com os valores conservadores e patriarcais oitocentistas.

Palavras-chave: Amor; Desejo Sexual; Personagens.

QUESTÕES DE VERDADE E AUTORIA EM “A HISTÓRIA DE ROMA”, DE JOANA BÉRTHOLO

Bianca Rosina Mattia (PPGLit/UFSC)
biancamattia@gmail.com

Ao tensionar as fronteiras entre ficção e realidade, o romance *A história de Roma*, da escritora portuguesa Joana Bértholo, publicado em 2022 (Caminho), possibilita a manutenção das discussões em torno especialmente da autoria na sua relação com o texto e com o leitor. A história narrada coloca em confronto as memórias de uma narradora-personagem de nome Joana, do romance vivido por ela com um homem em Buenos Aires, com quem se reencontra uma década depois em Lisboa. Memórias que transitam por outras cidades ainda: Berlim, Marselha, Beirute, e que pelo desejo de agora, nesse tempo do reencontro das personagens na escritura, ela tem de reescrever. Entram também em discussão, nesta proposta de leitura, questões em torno da verdade: da verdade da ficção, da realidade que existe – e assim precisa de o ser – nas páginas do romance e que não coincide com a ciência de uma autoria, ou seja, com a realidade de fato da autora. São discussões que permitem lembrar à leitora e ao leitor que, no exercício da leitura, não estamos presos aos limites de quem narra porque também já não estamos (ou não deveríamos estar) presos à sua autoria.

Palavras-chave: Autoria; Ficção; Memória; Verdade.

A CEGUEIRA MORAL - DA ALEGORIA SARAMAGUIANA EM ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA AOS ABRIGOS NO RIO GRANDE DO SUL

Bruna da Silva Otto de Oliveira (UFSCar)
brunaotto@estudante.ufscar.br

A presente proposta de comunicação pretende analisar a relação de abuso de pessoas vulneráveis em situação de catástrofe e a literatura samaguiana como representação desta realidade em *Ensaio sobre a cegueira* (1998). O estudo tem a finalidade de discutir o lugar da literatura como representação de eventos que desafiam a moralidade social, explicitando o olhar pós-neorrealista de José Saramago e sua relevância nas discussões em debates contemporâneos. A abordagem busca salientar como a escrita alegórica do autor funciona como testemunho diante das atrocidades sociais e pode servir como instrumento crítico do mundo e como denúncia em situações inconcebíveis. Como base teórica, pretendo utilizar *José Saramago entre a história e a ficção: uma saga de portugueses e Formas de ler*, de Teresa Cristina Cerdeira, assim como ensaios da autora na obra *José Saramago - o inventor de bússolas*, de organização de Paulo Ricardo Kralik Angelini; *O essencial sobre José Saramago*, de Carlos Reis e Sara Grünhangen, entre outros artigos de análise do romance, da representação da vulnerabilidade na literatura e pesquisas empíricas sobre o mesmo problema em comunidades que passaram por situação de desastres. A proposta será conduzida a partir de comparações entre a narrativa e episódios reais com base em estudos, artigos científicos e notícias sobre o desastre climático no Rio Grande do Sul ocorrido em 2024, principalmente aos eventos que se sucederam a ele em abrigos de acolhimento à vulneráveis. O trabalho tem, portanto, a pretensão de refletir sobre o poder ético e social da literatura diante de situações de violência.

Palavras-chave: José Saramago; Ensaio sobre a Cegueira; Violência; Vulnerabilidade.

O PREÇO DA ALMA E A FORÇA DO AFETO: PERDIÇÃO E REDENÇÃO FEMININA EM A NETA DO ARCEDIAGO (1860), DE CAMILO CASTELO BRANCO, E LUCÍOLA (1862), DE JOSÉ DE ALENCAR

Bruna de Oliveira Sales (UERJ)
b.oliveira2703@gmail.com

Esta pesquisa explora a dialética redenção/perdição nas trajetórias de Liberata, de *A Neta do Arcediago* (1860), e Lúcia/Maria da Glória, de *Lucíola* (1862), focando no papel do amor. Para isso, será feita uma análise comparativa dos romances, examinando ações, diálogos e relações interpessoais nas obras. A partir dos estudos de Antonio Candido (2000), Lúcia Castello Branco (1985), Jacinto do Prado Coelho (2002), Óscar Lopes (1984), entre outros, será possível analisar como o conceito de amor (espiritual versus pragmático) e os desfechos dessas personagens refletem as visões de mundo e as preocupações morais e sociais de ambos os autores, a saber: Camilo Castelo Branco e José de Alencar, respectivamente. Tal análise indica que a redenção de Lúcia, impulsionada por um amor espiritual e idealizado, é uma construção romântica que, embora purificadora para a personagem, revela a impossibilidade de sua reintegração social plena. Em contraste, a “perdição” de Liberata, marcada por um amor pragmático e leal, culmina em uma trajetória que paradoxalmente celebra sua resiliência e desafia as convenções morais, refletindo a visão mais cínica e realista de Camilo. Este estudo contribui para uma compreensão matizada da moralidade romântica e da representação feminina no século XIX, sugerindo novas direções para pesquisas sobre a complexidade das escolhas morais e a resiliência feminina em contextos sociais opressores.

Palavras-chave: Camilo Castelo Branco; José de Alencar; Moralidade.

A PALAVRA QUE FALTASSE INVENTAR: UM ENSAIO SOBRE O PERCURSO UTÓPICO EM “O ANO DE 1993”, DE JOSÉ SARAMAGO

Caio José Fontequê Gaspar (UEL)
caio.jose.gaspar@uel.br

O artigo propõe uma leitura da obra *O Ano de 1993* (1975), de José Saramago, a partir da tensão dialética entre utopia e distopia, articulando imagens de crise e esperança em um cenário de ruínas civilizatória. Publicado no contexto imediato ao fim do regime autoritário português (1926-1974), o livro configura-se como uma alegoria crítica da opressão, mas também como um exercício de imaginação projetiva sobre a possibilidade de transformação social. O principal objetivo do estudo é analisar como a utopia, entendida nos moldes da “utopia concreta” de Ernst Bloch, manifesta-se na obra como força motriz e horizonte de resistência. Para isso, o artigo se debruça sobre seis poemas-capítulos que marcam o percurso utópico da narrativa, destacando elementos simbólicos como a travessia, a criação de linguagem, o renascimento e a coletividade. O artigo evidencia que, mesmo em um universo marcado pela destruição, surgem imagens que sugerem reencantamento, construção de sentido e luta contra a imobilidade. A análise ressalta ainda a relevância da linguagem poética como instrumento de resistência e reinvenção, capaz de abrir espaço para o “sonho diurno” e para a reinvenção do mundo. Assim, a obra de Saramago é interpretada não apenas como denúncia das formas de dominação, mas como elaboração estética e política de novos possíveis. O artigo conclui que a utopia, longe de ser ingênua ou abstrata, é fundamental para pensar alternativas de futuro em meio à crise.

Palavras-chave: José Saramago; Narrador; Autor.

O MATRIMÔNIO SOB O OLHAR FEMININO: UMA ANÁLISE DOS
CONTOS MARIDO, DE LÍDIA JORGE, E I LOVE MY HUSBAND, DE
NÉLIDA PIÑON

Carolina Montagnini do Nascimento (UEL)
carolina.montagnini@uel.br

Recorrendo à historiadora Gerda Lerner, o presente trabalho parte da importância do simbólico na construção de verdades. Como os símbolos de nossa sociedade foram elaborados por homens, à mulher restou, por muito tempo, o papel de receptoras passivas dos significados. De tal modo, foi sendo consolidada a subordinação feminina como algo natural. Um dos veículos mais potentes dessa estrutura simbólica foi a literatura que, por muitos séculos, foi recusada à mulher. A partir do trabalho de resgate feito pela teoria feminista, muitas mulheres começaram a escrever e, assim, a participar desse sistema de elaboração dos signos, possibilitando mudanças significativas no entendimento das estruturas patriarcais, como, por exemplo, a do casamento. Tendo como base essa linha de raciocínio, foi elaborada uma análise de dois contos de escritoras que publicaram em países distintos, mas em épocas semelhantes: *I Love My Husband* (1980), da escritora brasileira Nélida Piñon e *Marido* (1989), da escritora portuguesa Lídia Jorge. Ambos os contos utilizam recursos semelhantes para denunciar a relação de subordinação da mulher ao marido e as violências que dela podem advir.

Palavras-chave: Literatura de Autoria Feminina; Nélida Piñon; Lídia Jorge; Violência; Casamento.

**PAIXÃO E VIRTUDE: POESIA DE AMOR AO DIVINO EM VILHANCICO
À MAGDALENA, DE SÓROR MARIA DO CÉU**

Caroline Henrique Duda (USP)
carolinehduda@usp.br

Vilhancico à Magdalena é um poema que integra as composições poéticas da obra *Enganos do bosque, dezenganos do rio, em que a alma entra perdida, e sahe desenganada*. Com muitas outras várias e admiráveis, de Sórora Maria do Céu (1658-1753), impressa em Lisboa, em 1736, pelo editor P. Francisco da Costa, em meio a um cenário efervescente para a produção da escrita conventual e para a cultura letrada. Esse contexto suscita o labor da escrita segundo preceitos teóricos definidos, amparados pela leitura e pelos comentários de tratados retóricos e poéticos, ao passo que mobiliza recursos do estilo lírico para suscitar as paixões do leitor por meio das imagens. O poema de elogio à Magdalena tem como estrutura o vilhancico, gênero popular de cantigas, oriundo da cultura oral e da teatralidade, especialmente adequado ao cenário religioso. O objetivo desta comunicação é demonstrar como esse poema se articula com a tradição da poesia de amor ao divino no século XVII, destacando as características que o constituem, a fim de evidenciar como as metáforas presentes na lírica operam com a finalidade de deleitar e, sobretudo, de transmitir uma virtude.

Palavras-chave: Literatura Conventual; Maria do Céu; Poesia Seiscentista.

A CONSTITUIÇÃO DO “EU” NA POESIA LÍRICA ORTÔNIMA DE FERNANDO PESSOA

Cecília de Oliveira Cavalcante (UFPR)
cecilia.olvr@hotmail.com

O presente trabalho tem como objetivo comunicar parte da pesquisa desenvolvida durante um projeto de Iniciação Científica, que se intitula *A lírica pessoana ortônima e a questão do individualismo na modernidade*. A pesquisa se ancora principalmente na concepção de modernidade discutida por Marshall Berman, em *Tudo o que é sólido desmancha no ar* (1998) e Ian Watt, em *Mitos do Individualismo Moderno* (1997) e propõe uma análise comparativa dos poemas *O menino de sua mãe* (1926), *O Andaime* (1931) e *Conselho* (1935), pertencentes à produção lírica ortônima do poeta português Fernando Pessoa (1888-1935). Neste trabalho, serão discutidos quais elementos formais e semânticos são mobilizados, nos poemas, em torno da representação de uma reflexão sobre a experiência do indivíduo na modernidade. A análise realizada busca demonstrar que, nos três poemas, é possível identificar uma temática central comum: a constituição subjetiva de um "eu", tratada através da problematização da concepção de indivíduo enquanto uma unidade coerente e passível de ser planejada e alterada conforme a vontade.

Palavras-chave: Fernando Pessoa; Indivíduo; Modernidade.

A SOBREVIDA DE MILENE LEANDRO: UMA ANÁLISE DA ADAPTAÇÃO CINEMATOGRÁFICA DA PROTAGONISTA DE O VENTO ASSOBIANDO NAS GRUAS

Cintia Tavares Saviam (UFSM)
cintiasaviam@gmail.com

O presente trabalho contempla a análise da figuração da personagem Milene Leandro – protagonista do romance português *O vento assobiando nas gruas* (2002), de Lídia Jorge –, comparativamente à sua adaptação no cinema. Através de um apanhado de conceitos sobre o estudo da personagem, difundidos por renomados autores como E. M. Forster, Carlos Reis e Jens Eder, foi analisada a heroína observando os artifícios ficcionais e retórico-discursivos utilizados por Lídia Jorge na composição da complexidade dessa personagem tão importante para a produção literária jorgeana. Do mesmo modo, também foi levado em consideração de que forma essa mesma figuração é configurada no texto cinematográfico, dirigido pela cineasta suíça Jeane Waltz. Para tanto, foram utilizados textos basilares a respeito da adaptação, como *Teoria da adaptação* (2011) de Linda Hutcheon, assim como os estudos de Christian Metz e Robert Stam, a respeito da significação do cinema, e as maiores diferenças que ele apresenta em comparação a literatura. Ademais, considerando os contextos histórico-sociais trabalhados pela autora do romance, e as tendências da literatura portuguesa contemporânea, visou relacionar a personagem a respeito das temáticas abordadas por Lídia Jorge em suas obras, tais como a figura da mulher portuguesa durante e após a Guerra Colonial, o pensamento colonialista ainda muito presente na sociedade portuguesa, além do racismo e do machismo estrutural. Por fim, procurou-se pensar em como a sociedade na qual Milene está inserida reage ao fato de a personagem possuir uma neurodivergência, e quais são as possíveis construções de sentido que podemos obter ao relacionarmos Milene com as problemáticas que permeiam a narrativa de *O vento assobiando nas gruas*, como a misoginia e o preconceito, seja ele racial, seja ele com pessoas que possuam alguma deficiência.

Palavras-chave: Figuração de Personagem; Literatura Portuguesa; Adaptação.

**O OLHAR DO VIAJANTE TRAPEIRO: ARQUIVO E MEMÓRIA EM
DEBAIXO DA NOSSA PELE, DE JOAQUIM ARENA**

Clarisse Dias Pessoa (UFF)
clarisse.pessoa@hotmail.com

O órgão privilegiado em *Debaixo da nossa pele* (2017) parece ser o olhar como ressalta um de seus subtítulos. A obra se destaca como uma jornada em que o ficcional se enlaça com o biográfico e o documental, com imagens sem legendas incrustadas ao longo do texto prolongando testemunhos que a linguagem não alcança. As pinturas, fotografias e esculturas mais do que documentos, surgem como visões fragmentárias e vestígios de uma memória de Portugal que passam ao largo da ficção e da história recente. Aos olhares que se cruzam com os do leitor atravessa a visão de uma Europa perdida, perigosamente enredada numa “tragédia do esquecimento”. O olhar do narrador, transfigurado pela memória pessoal, vai ao encontro do testemunho daquilo que, marcadamente, situa-se nos restos não acessados pela história. Para isso, empreende uma jornada, não pelo Tejo, mas pelo rio Sado. É na direção do olhar do narrador-trapeiro que essa comunicação irá pensar a complexidade entre memória e arquivo que surgem na obra. Para tal, as contribuições de Walter Benjamin, Georges Didi-Huberman, Jacques Derrida e Margarida Calafate Ribeiro serão de fundamental importância.

Palavras-chave: Debaixo da Nossa Pele; Joaquim Arena; Arquivo; Memória.

AS RELAÇÕES DA CENSURA NO TEATRO DE JOSÉ SARAMAGO NAS PEÇAS A NOITE E QUE FAREI COM ESTE LIVRO?

Cybele Regina Melo dos Santos (USP)
cyre@usp.br

A história de Portugal foi marcada por longos períodos de censura, seja ela inquisitorial (1536-1821) ou ditatorial (1933-1974), de forma a promover um dos cenários mais sombrios em termos de manifestações artísticas e culturais sofridas por uma nação. O impacto dos atos censórios nas produções literárias realizadas nesses dois momentos se registram em situações pelas quais muitos escritores portugueses enfrentaram ao longo dos anos, devido a uma imposição severa dos serviços de censura praticados pelo governo, nas ações realizadas pelos inquisidores do Santo Ofício e agentes da Polícia Internacional e de Defesa do Estado – PIDE. O escritor José Saramago ao escrever as peças teatrais *A Noite* (1979) e *Que Farei com este Livro?* (1980) buscou abordar aspectos da censura em Portugal destes dois momentos da História. Na primeira peça, ele apresenta as relações de poder e domínio que se faziam presentes nas comunicações, como os jornais, que diante de um sistema de vigilância sobre a vinculação e manipulação de suas notícias, eram submissos para atender aos interesses do governo. Na segunda, de forma ficcional, ele busca retratar as dificuldades e os percalços pelos quais o poeta Luís de Camões enfrentou para concretizar a publicação do poema épico *Os Lusíadas* (1572), relacionando os jogos de interesses presentes na corte, bem como as condições censórias que afetavam as produções literárias. Assim, o presente estudo consiste em uma análise crítica destes dois textos teatrais e o seu relacionamento da presença da censura na História de Portugal nos séculos XVI e XX.

Palavras-chave: Censura; História; Teatro.

UM MAPA DE SINAIS MÁGICOS EM FERNANDO PESSOA E SEUS HETERÔNIMOS

Daiane Rodrigues da Silva (UnB)
daiane.r.dasilva@gmail.com

O presente estudo propõe uma indicação de caminho para a leitura da obra de Fernando Pessoa: a astrologia. Os astros foram fundamentais e influentes na vida e obra do poeta português. Jerónimo Pizarro, destacado crítico e editor pessoano, indica que “ler Pessoa é entrar num universo, ou melhor, num “universão”, como Álvaro de Campos descreveu Walt Whitman (Pessoa, 2014c, 571).” (Pizarro, 2023, p.7). Em conjugação com essa ideia, nossa proposta é a de entrar nesse “universão” da astrologia, embora seja uma visita breve diante da grandeza que esse campo desempenhou na vida e na obra de Fernando Pessoa. Com base nos documentos astrológicos, densamente analisados por Paulo Cardoso (2011), pretende-se indicar como os astros impactaram o cotidiano de Pessoa, de modo a expandir a sua produção literária, seus relacionamentos e a própria criação dos heterônimos. Além dos heterônimos, destaca-se espaço para Raphael Baldaya, personalidade literária orbitante nesse universo pessoano, responsável por assinar diversos textos filosóficos e tratados sobre astrologia. Este estudo visa aprofundar-se nessa faceta subestimada e pouco explorada no campo acadêmico pessoano, apontando, mediante os próprios escritos de Pessoa, como a astrologia permite uma leitura criativa do fenômeno literário Fernando Pessoa.

Palavras-chave: Fernando Pessoa; Astrologia; Heterônimos; Raphael Baldaya.

POÉTICA DA DEPURAÇÃO EM UMA ABELHA NA CHUVA

Daniel Rodrigues De Castro (PUC-Rio)
danielrdcastro@gmail.com

Este trabalho propõe uma análise do romance *Uma Abelha na Chuva* (1953), de Carlos de Oliveira, e de sua adaptação cinematográfica homônima, dirigida por Fernando Lopes em 1972. Ambas as obras foram produzidas sob o contexto da ditadura portuguesa, sendo atravessadas por tensões políticas, sociais e estéticas. A análise parte do pressuposto de que tanto o romance quanto o filme operam por meio de uma poética da depuração, na qual um conjunto restrito de elementos – como a abelha, o ouro e os quatro elementos da natureza – é explorado até a exaustão, gerando múltiplas camadas de sentido. O romance, ambientado na região da Gândara, expõe a decadência das relações familiares e sociais, articulando as tensões entre desejo e repressão, indivíduo e coletivo. Inserido no neorrealismo português, Carlos de Oliveira combina um olhar social, de viés marxista, com uma pesquisa rigorosa da linguagem e da construção poética, característica que o aproxima mais da ideia de um “operário-artista”. A adaptação de Fernando Lopes, vinculada ao Novo Cinema Português, acentua procedimentos de condensação narrativa, ruptura com a linearidade e descontinuidade da montagem, suprimindo, por exemplo, a figura do Dr. Neto, fundamental no romance. Assim como a literatura, o filme adota uma estética marcada pela repetição de unidades simbólicas, que operam como tijolos de uma colmeia formal e poética. Ambas as obras demonstram ser possível aliar rigor estético e compromisso crítico com a realidade social.

Palavras-chave: Neo-Realismo Português; Adaptação cinematográfica; Carlos de Oliveira.

O ELEMENTO DE BRANCO ENCARNADO: ANA LUÍSA AMARAL E A EMOÇÃO POÉTICA

Domenique Rangel de Oliveira (UFRJ)
domrangel.oli@gmail.com

A poesia de Ana Luísa Amaral manifesta, com frequência, uma linguagem poética tramada nas inquietações da perda. Pela escritura dos objetos da memória — a amiga morta; o anel do avô; o nome da pessoa amada; o diário da infância —, a poeta inscreve em seus poemas uma dinâmica aurática de aproximação e lonjura. Há, em sua poesia, uma oscilação entre a evocação do passado reconstituído em uma inteireza de palavra poética e a lembrança de que esse passado apresenta sempre uma ausência, pois abre no sujeito lírico uma ferida e é, como nos mostra uma imagem oferecida pelo poema *As correções do amor*, uma “punhalada de tinta muito branca”: perda sentida como um golpe sensorial, como luz que ofusca, um cheiro que se alastra. Diante da ausência, porém, a poeta formula não uma busca pelo preenchimento do vazio, mas uma poética de exercícios de cultivo da ferida localizada na origem da palavra literária. Estabelecendo diálogo com os ensaios de Michel Collot em *A matéria-emoção*, com o prefácio de Hélène Cixous ao seu *Stigmata*, e com os estudos de Georges Didi-Huberman em *O que vemos, o que nos olha*, esta apresentação pretende analisar o trabalho de Ana Luísa Amaral com a transmutação da experiência emocional em emoção poética: procedimento de encarnar o elemento de branco, de atribuir-lhe um corpo de linguagem.

Palavras-chave: Ana Luísa Amaral; Memória; Ferida.

INTIMIDADES QUE SE REVELAM? UMA LEITURA DOS DIÁRIOS DE MARIE BASHKIRTSEFF E DE FLORBELA ESPANCA

Eliane Soares Santa Brígida (UFPE)
eliane.brigida@gmail.com

Tradicionalmente, a escrita de diários íntimos é marcada pelo tom confessional e pelo apego à privacidade. No entanto, os diários de Marie Bashkirtseff e de Florbela Espanca destoam dessas características por apresentarem um desejo de transcendência, escritos no afã de serem publicados. Partindo da relação intertextual de citação que Florbela faz acerca de Marie, este trabalho objetiva compreender as aproximações e distanciamentos entre os dois volumes, a partir das discussões da Escrita de Si, entendendo essas obras como parte de um projeto estético respectivo de suas autoras. Portanto, tal pesquisa se desenvolve por meio do estudo bibliográfico, organizado na busca de semelhanças, diferenças e particularidades entre os dois diários; e da análise dos contextos históricos, para debater como a escrita diarística de duas jovens artistas é capaz de exemplificar vidas que compreenderam, vivenciaram e compuseram ativamente. Como lastro teórico, as pesquisas de Lejeune (2008), Klinger (2023); Mourão (1994); Leite (2015; 2018); Dal Farra (1996; 2001; 2007); Gay (1999) fundamentam essa leitura.

Palavras-chave: Escrita de Si; Diários; Marie Bashkirtseff; Florbela Espanca.

**O IMAGINADO CONVÍVIO: SERES REAIS E SERES DE PALAVRAS - A
PRESENÇA DE LILLIAS FRASER EM AS LUZES DE LEONOR, DE MARIA
TERESA HORTA**

Elisângela Aneli Ramos de Freitas (USP)
elisangela.aneli@usp.br

As luzes de Leonor, romance publicado em 2011 pela poetisa e ficcionista portuguesa Maria Teresa Horta, debruça-se sobre a vida da Marquesa de Alorna (1750-1839), importante personagem histórica e literária de Portugal. Figura singular, a Marquesa de Alorna é transformada na apaixonante protagonista do romance cujo título carrega seu nome. O romance, em sua escrita literária, baseia-se em dois pilares: memória e invenção. Dentro dessa estrutura, a busca por uma ancestralidade dentro da literatura de autoria feminina é latente e pulsante, orientada por uma longa pesquisa empreendida pela autora aos arquivos públicos e privados da obra da Marquesa, bem como o seu labor de escritora preenche e ilumina a vida da ilustre poetisa do século XVIII. Um dos caminhos escolhidos pela autora é a intertextualidade, um dos pilares da obra hortiana. Em *As luzes de Leonor*, Lillias Fraser, a protagonista do romance homônimo de Hélia Correia (2001), é personagem que transita por Lisboa e encontra Leonor de Almeida em diversos momentos da narrativa. A beleza com que Maria Teresa Horta se apodera da personagem de outra escritora e fá-la participar de sua própria história invoca uma homenagem e convoca um reconhecimento à autora Hélia Correia. A intertextualidade, neste caso, retoma uma obra contemporânea, e, sendo de autoria feminina, provoca um panorama aparentemente estável e reforça os alicerces do romance afirmando, novamente, as suas intenções.

Palavras-chave: *As Luzes de Leonor*; Lillias Fraser; Intertextualidade.

REPRESENTAÇÃO DO TRABALHO FEMININO NO PERIÓDICO O JORNAL DA MULHER SOB A DIREÇÃO DE ALBERTINA PARAÍSO

Erick Douglas Nascimento da Silva (UERJ)
erickdouglas.ns@gmail.com

A imprensa periódica foi ferramenta fundamental para dar voz às mulheres entre o fim do século XIX e início do XX. Houve aí uma proliferação de revistas femininas, dirigidas e editadas, em sua maioria, por mulheres que buscavam suprir a falta da educação formal, que as ignorava. Um desses periódicos é *O Jornal da Mulher*, revista portuguesa inaugurada em julho de 1910. Até o seu número 28, de outubro de 1911, o quinzenal foi dirigido pela escritora e jornalista Albertina Paraíso (1864-1954). Albertina foi figura importante para o feminismo português, fundando e dirigindo o *Almanaque das Senhoras Portuguesas e Brasileiras* (1885-1887) e o *Almanaque das Senhoras Portuenses* (1886) e fundando, também, a revista semanal *Alma Feminina* (1907-1908), além d'*O Jornal da Mulher*. Pesquisadores como João Esteves (1999) e Teresa Salvador (2009) destacam que o feminismo nesse período era heterogêneo e essas diversidades de vozes por vezes estavam presentes em uma mesma publicação. Diante disso, notou-se que a representação do trabalho feminino nessas edições d'*O Jornal da Mulher* dirigidas por Albertina Paraíso apresenta uma aparente contradição: enquanto destaca e celebra mulheres notáveis em áreas intelectuais e artísticas, a revista reforça o trabalho doméstico como a principal função feminina, instruindo suas leitoras sobre culinária, trabalhos manuais e gestão do lar. Assim, este estudo analisa a representação do trabalho feminino, discutindo tal dualidade e buscando compreender como o periódico justifica as atividades intelectuais e artísticas femininas em relação ao papel atribuído às mulheres no ambiente doméstico.

Palavras-chave: Imprensa Periódica; Albertina Paraíso; O Jornal da Mulher; Escritoras Portuguesas; Feminismos.

A ORDO NATURALIS NA SEÇÃO SOBRE ENEIAS DA HISTORIA TROYANA DE PEDRO I DE CASTELA

Fabiana Nicoli Dias (USP/FAPESP)
fabianand@usp.br

Na *Historia troyana de Pedro I de Castela*, é possível verificar um continuum figurativo entre o passado pagão dos heróis gregos e troianos e o presente cristão dos reinos ibéricos, mais particularmente do reino de Castela durante e após o conflito sucessório entre tal rei e seu irmão bastardo, Enrique de Trastâmara. A composição é uma amplificatio da Crónica troyana de Afonso XI com a adição de cinco interpolações provenientes de materiais de trabalho da General estoria, de Afonso X (cf. PASCUAL-ARGENTE; PORTO, 2022; PICHEL, 2016). Seus testemunhos escritos são: uma espécie de manuscrito-guia em galego-português e castelhano (B, BMP ms. 558) e a cópia quatrocentista de um códice anterior (Mb, BNE ms. 10146). Propomos o estudo sobre o papel da ordo naturalis na seção de Eneias, presente na quinta interpolação afonsina, para o estabelecimento de um vínculo figurativo-genealógico entre o heroísmo antigo e o poder régio castelhano do século XIV na narrativa (cf. PASCUAL-ARGENTE, 2020; 2022). Para isso, baseamo-nos em tratados de Brunetto Latini (LT), Geoffrey de Vinsauf (Doc.; Poet.) e Marciano Capela (De nupt. Phil. Merc.). O entrelaçamento dessa interpolação enquanto digressão de um relato principal – sobre a guerra de Troia – e a ênfase na apresentação das ações de Eneias tal qual feitos orientados pela ventura, que se aproxima à ideia de Providência divina, conformam uma noção teleológica do tempo que reforça a associação entre a construção de uma Nova Troia e a resistência legitimista, antes e após a morte de Pedro I na Batalha de Montiel.

Palavras-chave: Ordo Naturalis; Historia Troyana de Pedro I de Castela; Eneias.

**“MARINHEIRO SEM MAR”, DE SOPHIA DE MELLO BREYER
ANDRESEN: UMA RELEITURA CRÍTICA POR MEIO DA ECOPOÉTICA**

Fabiane Gilberto Pereira Bicalho (USP)
fabiane.bicalho@usp.br

Esta comunicação tem por objetivo analisar o poema *Marinheiro sem mar*, de Sophia de Mello Breyer Andresen (1919-2004), publicado em *Mar novo* (1958), por meio de uma releitura crítica à luz da eco-poética. Trata-se de abordar o poema por meio dos elementos de análise deste campo de saber que relaciona o texto literário e os estudos ecológicos. A nossa intenção é demonstrar a integração do sujeito lírico (elemento humano) com a natureza (elemento não humano), analisando o poema por meio da relação dialética entre o homem e a sua ação na natureza (relação ética) com a própria natureza. A emergência climática torna necessária a discussão da ecologia integrada aos mais diversos campos do conhecimento (ecocrítica), de tal modo que a poesia, enquanto expressão estética, pode ser pensada como um instrumento de visibilidade à natureza para além do seu aspecto cenográfico, ou de objeto da experiência subjetiva do eu lírico, mas sim capaz de estabelecer uma relação de paridade e de unidade estável entre ambos.

Palavras-chave: Sophia de Mello Breyer Andresen; Eco-poética; Ecocrítica; Estudos comparados.

NOVAS CARTAS PORTUGUESAS: A LUTA FEMININA COMPREENDIDA A PARTIR DO GÊNERO POEMA

Fátima Petrazzini Grubler (UFFS)
fatimagrubler@gmail.com

A literatura humaniza e questiona os padrões sociais historicamente constituídos. Nesse jogo literário, a obra *Novas Cartas Portuguesas*, escrita por três mulheres (Maria Teresa Horta, Maria Velho da Costa e Maria Isabel Barreno) em conjunto e sem identificação individual de autoria reconstrói o universo feminista, elucidando o ser-se mulher como protagonista e transformadora da sua história. Publicado, inicialmente em 1972, o manuscrito foi imediatamente censurado e destruído, visto que Portugal era governado pelo regime Salazarista. Desse modo, a ditadura do Estado Novo acusou o livro de corromper a tradição portuguesa, considerado-o como “pornográfico e atentatório da moral pública”. Diante desse contexto, vozes femininas se ergueram em defesa da sua publicação, como Natália Corrêa e Simone de Beauvoir, assim sendo um marco para o movimento feminista, e uma das fontes da revolução de 25 de abril de 1974. *Novas Cartas Portuguesas* aborda temas sensíveis e antes suprimidos pela sociedade patriarcal, construindo-se em uma mescla de gêneros, como cartas, recortes de narrativa e poemas que reivindicam o papel da mulher, criticando o seu apagamento e o seu silenciamento, para um espaço de libertação do corpo e da voz, antes reprimidos e amordaçados. Nesse sentido, objetiva-se analisar a luta feminina dentro do gênero poema, a partir dos conceitos da Fenomenologia Feminista de Beauvoir e Butler. Os poemas escolhidos para análise (*Eis-nos* e *Poema de uma mulher chamada Mariana, morta por suicídio em 11 de agosto de 1971*) trazem a subjetividade feminina com uma linguagem lírica própria do ser-se mulher.

Palavras-chave: Literatura Portuguesa; Luta Feminina; Fenomenologia Feminista; Poema.

O PODER CRÍTICO DA DISTOPIA EM ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA

Felipe Pereira de Carvalho (UFPR)
felipe-carvalho15@hotmail.com

Ensaio Sobre a Cegueira, de José Saramago, projeta um cenário onde uma epidemia de “cegueira branca” desvela a fragilidade da civilidade, mergulhando a sociedade na barbárie. O romance pode ser lido como uma distopia crítica, já que transcende a mera projeção de um futuro sombrio ao colocar sob escrutínio direto a própria sociedade que vivencia a realidade distópica, tecendo assim uma crítica que vai muito além dos eventos narrados. A cegueira física serve como metáfora para a cegueira moral e ética da humanidade, expondo a desintegração de valores como solidariedade e dignidade diante de um estado de crise. Partindo do pressuposto, esta comunicação propõe-se a explorar o valor crítico e narrativo da distopia, levando em consideração que Saramago não apenas constrói um universo distópico, mas o utiliza como ferramenta para uma análise incisiva das patologias sociais e da condição humana, convidando à uma reflexão a respeito das falhas intrínsecas à nossa própria civilização.

Palavras-chave: José Saramago; Ensaio sobre a Cegueira; Distopia.

“UMA EUROPA MEIO ANTIEUROPEIA” EM O OUTRO AMOR DO DR. PAULO, DE GILBERTO FREYRE

Felipe Rodrigues Soares (USP)
felipe_frs@usp.br

O projeto ficcional de Gilberto Freyre, concebido primeiramente em *Dona Sinhá e o Filho do Padre*, de 1964, e em sua continuação *O outro amor do Dr. Paulo*, de 1977, sempre provocou olhares mistos da crítica literária mais especializada. Apesar da recepção relativamente positiva de *Dona Sinhá e o Filho do Padre*, tendo inclusive uma tradução para o inglês em 1968, sua sequência em 1977 não obteve a mesma voga e, no entanto, talvez seja nesse segundo romance que o sociólogo mais expressa suas afeições culturais. Em particular, interessa-nos pensar numa série de viagens que faz Paulo Tavares, protagonista do romance, com suas “sinhazinhas” por entre os países da Europa. Passando pela Alemanha, Inglaterra, Suíça e chegando até a “meio antieuropeia” península ibérica, o romance tece um imaginário cultural bastante particular do século XIX, colocando, inclusive, a figura de Eça de Queirós para dialogar com as protagonistas de sua “seminovela”. Dessa forma, objetiva-se pontuar de que maneira Gilberto Freyre repensa a Europa do século XIX e, em especial Portugal do século XIX, utilizando-se de um ideário muito particular dos anos 50 e 60 do século XX. Nesse sentido, nossa hipótese é que o texto se coloca em uma ambivalência um tanto específica, formatando uma estética ultrapassada e, ao mesmo tempo, antecipadora de tendências futuras.

Palavras-chave: O Outro Amor do Dr. Paulo; Gilberto Freyre; Século XIX; Portugal.

**“- E ERA UMA VERDADE AQUELE CORPO”: ALGUMAS
CONSIDERAÇÕES SOBRE CORPO, MONSTRUOSIDADE E POLÍTICA
EM O DELFIM E BALADA DA PRAIA DOS CÃES**

Fernanda Gappo Lacombe (UFF/ UNIRIO)
gappolacombe@gmail.com

Ao longo da história da filosofia política e dos estudos acerca da natureza do Estado, este foi diretamente relacionado com um corpo cuja integridade e coesão eram essenciais de serem mantidos. Desde os contratualistas, passando pela teoria das elites, até os diversos fascismos, o corpo ou a biologia humana são uma metáfora para o Estado, mas também, objeto de disputa deste, ao pretender estabelecer um domínio sobre os seus cidadãos e a soberania que deveriam (ou não) exercer sobre si mesmos. Dessa maneira, a representação dos corpos na literatura serviu tanto para reforçar ideais de integridade, pureza e ascetismo, como também uma possibilidade de ruptura com estes ideais. Dentro disto, os seres monstruosos trazem em si uma dupla denúncia, tanto das tentativas de normatização sobre corpos, mas também de sua liberdade, como aponta Jeffrey J. Cohen (1996). No centenário de José Cardoso Pires, pretendemos apontar de que maneira estas relações entre corpo e Estado estão presentes em dois de seus romances, *O Delfim* (1968) e *Balada da praia dos cães* (1982). Compreendendo que o debate acerca da disparidade entre gêneros no sistema capitalista, assim como o machismo lusitano foram constantes na obra cardosiana, apontaremos também os significados do uso da monstruosidade pelo autor, a partir dos conceitos de monstruosidade estabelecidos por Cohen(1996) e Margrit Shildrick (2002). Vampiros, lobisomens e a criatura de Frankenstein surgem em suas páginas para apresentar não apenas a fragmentação do país após o crime do Salazarismo, mas também, como uma possibilidade de revolta contra as imposições patriarcais de gênero e sexualidade, de duas maneiras: primeiro, contra o sistema de doutrinação de corpos já presente no sistema capitalista (Foucault, 2021); e em segundo lugar, uma revolta diante da ideologia do “Homem Novo”, como definido por Fernando Rosas. Voltar a Cardoso Pires é, desse modo, não apenas prestar homenagem merecida ao autor, mas também, buscar em suas obras uma chave de leitura para os ainda necessários debates acerca de gênero e sexualidade, assim como uma compreensão sobre o crescimento da extrema-direita em Portugal e no mundo.

Palavras-chave: José Cardoso Pires; *O Delfim*; *Balada da Praia dos Cães*; Monstruosidade; Política.

A VIAGEM COMO MÉTODO: A POESIA ULTRAMARINA DE SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN

Fernanda Sampaio Gomes dos Santos (USP)
fernanda.sampaio.santos@usp.br

A presente comunicação possui o intuito de apresentar uma parte da obra da poeta portuguesa Sophia de Mello Breyner Andresen, sobretudo os poemas que centralizam a temática das viagens ultramarinas dos séculos XV e XVI. Tendo como cenário a Revolução dos Cravos em Portugal, a poeta refaz o percurso das navegações portuguesas, realizando dessa maneira um movimento de reler a tradição para, em um segundo momento, caminhar em uma direção diametralmente oposta e romper com ela. É, portanto, nesse momento de ruptura histórica que a lírica surge como uma forma de repensar as grandes narrativas de viagens defendidas pelo antigo império português. Desse modo, é possível tecer relações entre a historiografia e a linguagem, além de tensionar as fronteiras entre os gêneros – nesse caso, o gênero lírico e o relato de viagem. Por outro lado, a viagem surge também como um método de escrita poética, em que o próprio sujeito lírico insere o seu campo de visão em locais que foram atravessados pela grande máquina colonial, por exemplo, Goa e São Tomé e Príncipe.

Palavras-chave: Sophia de Mello Breyner Andresen; Poesia; Salazarismo.

O EXEMPLUM ROMANO A SERVIÇO DA LIBERDADE: O CATÃO DE ALMEIDA GARRETT COMO DRAMA POLÍTICO

Francesco Carlo Turilli (UEL)
francesco.turilli@uel.br

Este trabalho apresenta uma análise do drama histórico *Catão* do escritor romântico português Almeida Garrett: uma obra juvenil composta durante o período da Revolução Liberal Portuguesa de 1820. Principal objetivo do artigo é analisar a maneira em que o autor, um poeta-patriota politicamente engajado, utilizou a figura de Catão de Útica como um símbolo paradigmático para veicular suas aspirações constitucionais e promover, em Portugal, a transição do absolutismo para uma monarquia constitucional. O drama, em cinco atos, concentra-se nos últimos momentos de Catão em Útica, retratando a resistência republicana contra César: a peça estabelece um diálogo constante entre a antiga história romana e a portuguesa contemporânea, de uma maneira que permite interpretar a luta que opõe Catão a César como uma alegoria do conflito entre liberalismo e absolutismo em Portugal. Garrett usa o passado romano como modelo e exemplo para uma leitura crítica do presente português. O Catão garrettiano é caracterizado como um herói cívico pragmático e militante, focado em deveres ético-políticos, distanciado de intrigas amorosas; seu suicídio, ainda, é interpretado não como gesto melancólico e desiludido, mas como um sacrifício pela liberdade e uma demonstração exemplar, no desfecho desse drama que tem como principais fontes literárias as Vidas de Plutarco, juntamente ao Cato de Joseph Addison. O interesse da obra reside em sua potente função política: Almeida Garrett põe sua arte a serviço da Revolução Liberal, tornando *Catão* uma pedra angular da literatura política portuguesa, capaz de refletir e criticar o presente através de um passado heroico.

Palavras-chave: Catão; Almeida Garrett; Revolução Liberal.

DO DOURO À RÚSSIA: RAUL BRANDÃO, TCHEKHOV E O MAL-ESTAR MODERNO

Gabriel Fallaci Fernando (FFLCH-USP)
fallacif.gabriel@gmail.com

A obra máxima do escritor português Raul Brandão (1867-1930), *Húmus*, permanece, até os dias de hoje, como um grande desafio para qualquer leitor. Isso se deve tanto à densidade do texto e das questões por ele abordadas quanto à necessidade de o leitor ampliar seu repertório literário ao estabelecer contato com a obra. O texto brandoniano é marcado por um alto grau de intertextualidade, apresentando referências diversas – ora explícitas, ora implícitas. Vale destacar que *Húmus* foi publicado pela primeira vez em 1917, ano da Revolução Russa, evento ao qual Brandão não era indiferente. Considerando-se o envolvimento do autor com a conjuntura política daquele momento e o modo como a obra trata os pobres e miseráveis – em múltiplas dimensões –, esta comunicação tem como objetivo apresentar possíveis vínculos entre *Húmus* e a denúncia da sociedade e do sofrimento humano presente em contos do escritor russo Anton Tchekhov (1860-1904). Para tanto, serão mobilizadas obras dos dois autores, textos críticos e estudos que tratam dos respectivos contextos histórico-sociais. A partir disso, pretende-se demonstrar os paralelos temáticos entre os escritos de Brandão e Tchekhov, situando-os como expressões de um mal-estar moderno compartilhado, que transcende limites geográficos e se vincula à condição do sujeito no mundo.

Palavras-chave: *Húmus*; Intertextualidade; Revolução Russa; Sociedade; Mal-estar Moderno.

DA PÁGINA À TELA: A TRANSPOSIÇÃO MIDIÁTICA DE ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA NO CINEMA DE FERNANDO MEIRELLES

Gabriel Felipe da Silva (UFF/ PUC Minas)
gabrielreflexo@hotmail.com

A relação entre literatura e cinema, especialmente no contexto das adaptações, revela dinâmicas complexas de transposição midiática (Medienwechsel) e recriação estética (Silva, 2024). Este trabalho propõe analisar a transposição midiática do romance *Ensaio sobre a Cegueira* (1995), de José Saramago, para o filme homônimo dirigido por Fernando Meirelles (2008). Partindo da perspectiva dos estudos de intermedialidade (Clüver, 2006; Rajewsky, 2012; Silva, 2025) e dos pressupostos do Novo Comparatismo (Coutinho, 2016), busca-se compreender como a obra literária, marcada pela escrita alegórica e por um estilo que tensiona convenções narrativas, como a ausência de pontuação, é reconfigurada no espaço audiovisual. A hipótese central é que a adaptação não apenas transpõe a narrativa para outra mídia, mas ressignifica o sentido político e ético da obra, enfatizando visualmente a dimensão distópica e a crítica social inerentes ao texto saramaguiano. Assim, o estudo investiga estratégias cinematográficas – como uso da luz, enquadramentos e linguagem visual – que dialogam com a experiência de cegueira narrada no romance, apontando para o caráter interpretativo da obra de chegada.

Palavras-chave: Narrativa distópica; Discurso literário e audiovisual; Transposição midiática

A PARATEATRALIDADE NO CANCIONEIRO GERAL DE GARCIA DE RESENDE

Geraldo Augusto Fernandes (UFC)
geraldaoAugust@uol.com.br

Contemporâneas ao teatro de Gil Vicente nos séculos XV e XVI, as letras, cimeiras, invenciones abundam nos ambientes de festa das cortes régias da Península Ibérica. Esse gênero de parateatralidade compõe-se de poemas breves e caracteriza-se por formar-se de duas partes, exibidas simultaneamente: uma escrita e outra visual; a parte escrita forma-se por frases usadas por cortesãos como se fossem máximas, provérbios, adágios; a visual sempre aliada ao texto escrito. Essas letras têm cunho edificante, próprio dos gêneros didáticos. Neste artigo propõe-se analisar a origem dessas letras/invenciones e sua evolução, especialmente no século XVI. Como contributo investigativo, estudos quatrocentistas/quinhentistas do Marquês de Santillana, Juan del Encina, Enrique de Villena, além de hodiernos de Maria Isabel Morán Cabanas, Aida Fernanda Dias, Sara Rodrigues de Sousa, Juan Miguel Valero Moreno, entre outros.

Palavras-chave: Parateatralidade; Letras; Invenciones; Poemas Breves; Cancioneiro Geral de Garcia de Resende.

NO CAMINHO DE CAMILO: DIÁLOGOS ENTRE A POESIA DE EUGÉNIO DE ANDRADE E DE SEU MESTRE

Géssica Moreira Ramos (UFRJ)
gessicamr@letras.ufrj.br

A presente comunicação pretende investigar as possíveis ressonâncias da poesia de Camilo Pessanha na obra de Eugénio de Andrade, tendo em vista que este considera o autor de *Clepsydra* como seu grande mestre: “o herdeiro daquela música magnífica sou eu.” (Andrade, 2022, p. 29). Essa percepção surge com o poema *Procuro-te*, de Eugénio de Andrade, presente no livro *As palavras interditas*. Se, por um lado, o poema aborda a claridade e as possibilidades de uma relação amorosa – “Um pássaro e um navio são a mesma coisa/ quando te procuro de rosto cravado na luz./ Eu sei que há diferenças,/ mas não quando se ama” (v. 20-23) –, por outro, há uma ruptura, como se estivesse em ritmo de queda, que ganha outro tom e afasta-se do que estava sendo construído anteriormente – “Ter só dedos e dentes é muito triste: / dedos para amortalhar crianças, / dentes para roer a solidão” (26-28). Com intuito de traçar um caminho interpretativo desses versos, eles serão postos em diálogo com a segunda seção de *Vénus*, de Camilo Pessanha, poeta exemplo de musicalidade, rigor poético e capacidade sugestiva para Eugénio de Andrade. Para desenvolver esta comunicação, será estabelecido um diálogo com outros textos críticos de Camilo Pessanha e de Eugénio de Andrade, como *Camilo Pessanha em dois tempos*, de Gilda Santos e Izabela Leal; *A forma informe*, de Rosa Maria Martelo; *Uma espécie de música*, de Óscar Lopes.

Palavras-chave: Eugénio de Andrade; Camilo Pessanha; Poesia Portuguesa do Século XX.

O DESASSOSSEGO PESSOANO NUMA ALUCINAÇÃO ÍTALO-PORTUGUESA

Giovane Moura (UnB)
giovanemoura.adm@gmail.com

Esta pesquisa se propõe a trazer uma análise sobre as relações entre o *Livro do Desassossego*, do escritor Português Fernando Pessoa, e o romance *Réquiem, Uma Alucinação*, do italiano Antônio Tabucchi, cuja narrativa, ambientada numa Lisboa do século XX, ocorre num domingo de verão enquanto o narrador passeia pela cidade aguardando o encontro com um importante escritor português já falecido. Durante esse processo, encontra e interage com personagens vivos e mortos, reais e imaginários. O livro passeia pela capital portuguesa focando em temas como memória, perdas, paradeiro e identidade, enquanto transforma a cidade em um verdadeiro cenário simbólico, povoado por ausências e presenças. A relação de *Réquiem* com a obra de Fernando Pessoa é essencial para a compreensão do romance. Mais do que uma simples referência, Pessoa surge como uma espécie de interlocutor invisível, um modelo de pensamento e estética que atravessa toda a obra. Assim como o poeta português multiplicava sua voz por meio de heterônimos, Tabucchi constrói um narrador que existe, ambigualmente, numa zona indefinida entre a vigília e o sonho, entre o eu e o outro. A própria estrutura fragmentária do romance, seu tom introspectivo e os diálogos com figuras que já não pertencem ao mundo dos vivos, ecoam a escrita pessoana, especialmente em obras como *O Livro do Desassossego*. Tabucchi, confesso admirador de Fernando Pessoa, homenageia o escritor e insere sua poética tanto nos personagens como no dia a dia da cidade de Lisboa.

Palavras-chave: Intertextualidade; Memória; Desassossego.

IMERSÕES NA EXPERIÊNCIA LITERÁRIA: AS RESSONÂNCIAS ENTRE MAURICE BLANCHOT E SILVINA RODRIGUES LOPES, E AS NOVAS ABORDAGENS TEÓRICAS POR MEIO DOS ENSAIOS DA AUTORA PORTUGUESA

Gustavo Saraiva Silveira (UFSM)
gustavoss200204@gmail.com

Maurice Blanchot concebe a escrita a partir de uma teorização que abrange temáticas múltiplas, consolidando um pensamento sobre a experiência literária. Trata-se de um processo que incorpora, em vertigem, elementos como a morte, o aspecto não temporal, o fascínio, a solidão e o apagamento do sujeito. Seu pensamento ainda persiste, a transitar como um perene eco pelos labirintos do universo literário. Silvina Rodrigues Lopes, pesquisadora portuguesa contemporânea, apresenta-se na atualidade como uma das grandes vozes da teoria literária, postulando em seus estudos uma crítica ampla da cultura, composta por pautas que se projetam a dialogar com os meandros da experiência. Temas como a representação, o anonimato, o ritmo e a memória entrelaçam-se em uma busca pelo “sim” da literatura. O que prevalece, no pensamento de Lopes, é a defesa de que a escrita nasce entre os fragmentos e a singularidade. O trabalho em questão propõe-se a mergulhar na obra da teórica, observando as reflexões das suas criações ensaísticas, e a maneira como em seus escritos ocorre um diálogo com as concepções de Blanchot. Como passo sequencial, o movimento analítico irá mergulhar nas proposições de Lopes, refletindo o modo como a autora apresenta novas abordagens para a experiência literária, e se há a construção de um percurso de recuperação da experiência literária.

Palavras-chaves: Experiência; Escrita; Contemporaneidade.

CU, RELIGIÃO E HISTÓRIA EM "O NOSSO REINO", DE VALTER HUGO MÃE, E HISTÓRIA DO OLHO, DE GEORGES BATAILLE

Guyherme Custódio (UFPR)
guyhermecustodio@gmail.com

Resultado da dissertação de mestrado com o mesmo título, a comunicação apresenta uma análise comparativa entre *O nosso reino* (2004), de Valter Hugo Mãe, e *História do Olho* (1928), de Georges Bataille, tendo o ânus como elo temático. Pouco explorado na literatura canônica, o ânus é aqui investigado como parte renegada do corpo e da linguagem literária. Esse apagamento é refletido na censura e marginalização de ambas as obras – o livro de Mãe foi retirado do Plano Nacional de Leitura de Portugal em 2017; o de Bataille, publicado sob pseudônimo e distribuído clandestinamente. A dissertação parte da hipótese de que a literatura tende a refletir a ideologia dominante, sendo os textos analisados formas de transgressão dessa norma. A abordagem envolve história, religião, surrealismo e filosofia, com base em autores como Michel Foucault, Javier Sáez, Sejo Carrascosa e Georges Bataille. No campo literário, fundamenta-se em Antonio Candido, Terry Eagleton e Antoine Compagnon para discutir a função social da literatura, além de Sarane Alexandrian, Mikhail Bakhtin e sua teoria do grotesco. O contexto histórico das obras é explorado por meio de estudos sobre o Estado Novo português (Simpson, Paschkes, Ribeiro de Meneses) e o pós-Primeira Guerra na Europa (Kershaw, Rémond). O surrealismo, movimento essencial para a compreensão da obra de Bataille e das rupturas simbólicas em questão, é abordado com apoio de Michael Löwy, André Breton e Eliane Robert Moraes. Assim, a comunicação pretende ampliar o debate sobre o corpo e o interdito, refletindo sobre os limites do representável na literatura.

Palavras-chave: Valter Hugo Mãe; O Nosso Reino; Literatura Comparada.

INTRODUÇÃO À LEITURA DA OBRA DE FRANCISCA POSSOLO DA COSTA

Hellio Fellipe Dalle Piagge (FCLar/UNESP)
hellio.piagge@unesp.br

O presente trabalho propõe uma introdução à leitura da obra de Francisca de Paula Possolo da Costa (1783–1838), escritora portuguesa cuja produção literária, embora significativa, permanece à margem dos estudos canônicos da literatura oitocentista. Em fase de elaboração de um projeto de mestrado, esta pesquisa objetiva compreender os contornos da sua produção e o papel que exerceu nos circuitos intelectuais de sua época. Multifacetada, Possolo se destacou pela diversidade de gêneros que cultivou – da poesia lírica à narrativa, passando pela tradução e dramaturgia – e por seu protagonismo nos salões literários, em diálogo com nomes como a Marquesa de Alorna, com quem manteve uma notável troca epistolar em verso (Anastácio, 2024). Suas obras, como *Francília*, *Pastora do Tejo* e *Henriqueta de Orleans* ou *O Heroísmo*, evidenciam a tensão entre o arcadismo tardio e os influxos românticos, centrando-se frequentemente em figuras femininas portadoras de virtude e razão. Sua prática de tradução, como em *Diálogo Sobre a Pluralidade dos Mundos*, de Fontenelle, insere-a num circuito de mediação cultural que reforça sua competência crítica e cosmopolitismo (Borges, 2006). O retraimento de sua trajetória ilustra os mecanismos simbólicos que regularam o acesso das mulheres à esfera pública letrada, conforme aponta Anastácio (2005), exigindo uma revisão crítica dos critérios de consagração literária. Este estudo, em construção, visa, portanto, reintegrar Francisca Possolo da Costa ao campo da literatura portuguesa, reconhecendo-lhe um lugar de autoria e influência no contexto cultural do século XIX.

Palavras-Chave: Francisca Possolo da Costa; Autoria Feminina; Literatura Portuguesa Oitocentista.

QUADROS E ILUSTRAÇÕES EM FOCO N' O PRIMO BASÍLIO, DE EÇA DE QUEIRÓS: UM PANORAMA DOS DETALHES ARTÍSTICO-VISUAIS

Isabela Coradini Pinheiro (UERJ)
isabela.coradini@hotmail.com

O objetivo da presente pesquisa é analisar a presença dos elementos artístico-visuais, como quadros, fotografias, esculturas e outros, na obra *O primo Basílio*, do escritor Eça de Queirós, considerando como tais componentes colaboram na produção de sentido do romance. Sendo assim, pretende-se elaborar um breve recorte sobre a representação das artes visuais na ficção queirosiana destacando que as telas e ilustrações, nas paredes ou em livros e revistas, surgem não só como um elemento enriquecedor das passagens literárias, mas também em perspectiva dialogante. Observamos que as formas múltiplas em que as artes visuais aparecem na obra, aliadas às descrições minuciosas realizadas pelo narrador, possibilitam uma série de interpretações ao leitor e têm muito a dizer sobre a Lisboa oitocentista e também sobre a vida psíquica dos personagens. Portanto, o diálogo interartes no romance não é mero elemento decorativo, mas sim uma forma utilizada por Eça de Queirós de inserir na sua ficção componentes da cultura urbana europeia e lisboeta; e de produzir significação no campo dos conflitos interiores e políticos.

Palavras-chave: Eça de Queirós; O primo Basílio; Artes visuais; Literatura Portuguesa.

**"O MITO É O NADA QUE É TUDO": A DIALÉTICA ENQUANTO
VÁLVULA INTERPRETATIVA EM "O ANO DA MORTE DE RICARDO
REIS", DE JOSÉ SARAMAGO**

Isabela Padilha Papke (UFRGS)
isabelappapke@gmail.com

Em *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, Saramago resgata o ano de 1936 para reconstituir a história de Fernando Pessoa por meio do retrato do último ano de vida de seu heterônimo Ricardo Reis. Durante a leitura da narrativa, torna-se perceptível o trabalho de Saramago em redigir uma tensão que paira entre os acontecimentos do mundo empírico e as visões de mundo do protagonista. Reis parece estar atado a uma perspectiva idealizada e puramente filosófica do mundo, enquanto uma feroz circunstância política acontecia no território português. Esse movimento, que, em uma primeira instância, pode não parecer antitético, acaba por criar uma tensão específica na trama, pelo modo estilístico com que o autor o faz. A inserção do contexto histórico português na vida de Ricardo Reis é feita de uma forma sagaz, em momentos específicos da vida pessoal do heterônimo, onde ele se divide entre dois caminhos quase sempre opostos ideologicamente. Essa conjuntura é capaz de entregar brechas aos leitores para refletirem se seu modo de observar o mundo é ou não eficaz, em sua circunstância de escritor de um país que vivencia processos históricos tão densos. Deste modo, no presente trabalho, pretende-se mostrar o como essa tensão é criada no romance de Saramago, de modo a instigar uma reflexão por trás das contradições de possuir uma visão mítica idealizada frente a um momento histórico e político especificamente denso.

Palavras-Chave: Saramago; Ricardo Reis; Dialética.

TU ÉS MEU E EU SOU TUA... O ERÓTICO ENQUANTO RUPTURA DA VASSALAGEM CORTESÃ EM FLORBELA ESPANCA

Jade Luísa Martins Barbalho (UnB)
jadebmar@gmail.com

O Tratado do Amor Cortês, escrito por André de Capelão (século XII), define uma tendência amorosa baseada na vassalagem, na qual a mulher seria ao mesmo tempo escrava da dinâmica cortesã e senhora do poeta trovador, posto que sujeita à impossibilidade da escolha no jogo erótico-amoroso. Visto isso, o Tratado influencia todo o movimento estético social que caracterizou o Trovadorismo, propagado pela Europa Ocidental até chegar ao nosso locus de estudo, a Península Ibérica (Lemaire, 2014). Assim, a lógica cortesã medieval semeia, na região onde hoje é Portugal, vasta tradição poética calcada na erótica dos trovadores, de tal modo que se atravessam séculos de influência cortesã na poesia portuguesa. Contudo, o início do século XX parece revelar uma dicção específica que confronta a lógica trovadoresca, na figura de Florbela Espanca (1894-1930), poeta que fez despontar de seus versos erotismo e sensualidades femininos acentuados, até então eclipsados pela herança cortesã. Espanca revisita e reestrutura a lírica amorosa, num manejo ímpar do erotismo melancólico – como compreendido por Agamben (2018) na erótica dos trovadores –, ao posicionar a persona poética feminina enquanto sujeito ativo na dinâmica de sedução. Portanto, este trabalho tenciona investigar o erotismo em Espanca como confronto à tradição trovadoresca, encapsulando essencialmente a posição feminina no jogo erótico. Para isso, acionamos Dal Farra (2002), Bataille (1994), Paz (1998) e Spina (2009), além dos demais teóricos já citados, tendo como horizonte a hipótese de que Espanca subverte o paradigma de vassalagem em seus versos de amor erótico.

Palavras-chave: Florbela Espanca; Erotismo; Estudos Medievais.

A EPISTOLARIDADE E O PROCESSO CRIATIVO DE EÇA DE QUEIRÓS: O PRIMO BASÍLIO

Jamila Zahara Juny (UEL)
jamila.zahara.juny@uel.br

A troca de cartas entre Eça de Queirós e seus amigos Teófilo Braga, Ramalho Ortigão e Rodrigo de Freitas, especialmente no período em que Eça escrevia *O Primo Basílio*, oferece um olhar íntimo sobre suas ideias sobre arte, literatura e sociedade. Este trabalho parte da leitura de trechos dessas cartas para entender como o autor enxergava o papel do escritor, suas próprias dúvidas e a força do Realismo como ferramenta de transformação social. A metodologia será focada na análise textual e contextual das cartas, apoiada por reflexões teóricas sobre o Realismo e a crítica literária. Os resultados mostram um Eça exigente, sensível ao processo criativo, crítico da tradição literária portuguesa e profundamente engajado com as questões sociais do seu tempo. Mais do que um romancista, ele se revela um pensador que usava a escrita de cartas como forma de reflexão e posicionamento. O estudo ajuda a entender melhor como literatura, crítica e suas ideias se entrelaçam no século XIX.

Palavras-chave: Eça de Queirós; Cartas; Realismo; Crítica Literária.

**ENTRE A TRADIÇÃO E A TRANSGRESSÃO: OS TECLADOS (1999) DE
TEOLINDA GERSÃO COMO KÜNSTLERROMAN NA LITERATURA
PORTUGUESA CONTEMPORÂNEA**

Jéssika Aparecida Santachiara Nascimento Santos (USP)
jessika.aparecida.santos@usp.br

Esta pesquisa investiga o romance português contemporâneo *Os Teclados* (1999), de Teolinda Gersão, enquanto exemplar do Bildungsroman feminino, mais especificamente, como Künstlerroman, analisando como a obra subverte a tradição do gênero ao expor rupturas com o sistema patriarcal. No que concerne ao Bildungsroman e ao Künstlerroman, examinam-se as relações entre o corpus selecionado e a tradição literária, com ênfase na ressignificação do papel da mulher. Adicionalmente, exploram-se as reverberações sociais, políticas e econômicas suscitadas pela obra. A análise propõe uma leitura do romance como Bildungsroman, ancorando-se nas contribuições de Cristiana Ferreira Pinto acerca do Bildungsroman feminino, bem como nas teorias de Franco Moretti, Mikhail Bakhtin, Georg Lukács e Wilma Maas sobre o gênero em sua vertente tradicional. Para as interpretações de cunho social, recorre-se aos fundamentos da teoria crítica feminista, mediante as reflexões de autoras como Judith Butler, Patricia Hill Collins, Nancy Fraser e bell hooks.

Palavras-chave: Künstlerroman; Bildungsroman; Mulheres; Discurso.

A ESTÉTICA DO GROTESCO EM RUBEM FONSECA E JOSÉ CARDOSO PIRES: UM OLHAR SOBRE DOIS CONTOS

João Pedro Cardoso Faccio (UNICENTRO)
joaopfaccio@hotmail.com

Este trabalho analisa como a estética do grotesco se manifesta nos contos “Olhar”, de Rubem Fonseca, e “A República dos Corvos”, de José Cardoso Pires, com foco na relação simbólica entre homem e animal. A partir de uma breve aproximação entre Brasil e Portugal, marcada por contextos políticos semelhantes e uma literatura crítica, busca-se compreender como os autores exploram os limites entre razão e instinto, humano e animal. O grotesco é adotado como linguagem estética baseada na deformidade e na fusão de opostos, rompendo categorias fixas e revelando ambivalências da existência. Em “Olhar”, Fonseca apresenta um protagonista racional que, ao se deparar com o olhar dos animais, desperta um desejo instintivo que o leva à violência, revelando uma tensão entre civilidade e brutalidade. Já em “A República dos Corvos”, Pires inverte a perspectiva ao dar voz a um corvo que observa e critica os humanos, desconstruindo a ideia de superioridade da espécie e reforçando a fluidez entre as fronteiras do humano e do animal. Em ambas as obras, o grotesco surge como recurso crítico, revelando uma realidade instável e contraditória, em que o riso e o desconforto coexistem. A análise conclui que o grotesco, longe de ser apenas estilização, funciona como chave interpretativa da condição humana, permitindo expor tensões sociais, existenciais e simbólicas com potência reflexiva e subversiva.

Palavras-chave: Grotesco; Literatura Brasileira; Literatura Portuguesa.

**O JOGO DE MASCULINIDADES EM PÃO DE AÇÚCAR:
REPRESENTAÇÕES DA MARGINALIDADE E DA VIOLÊNCIA EM
TORNO DE UMA MULHER TRANS**

João Pedro da Cunha de Almeida (UFPE)
joao.palmeida@ufpe.br

A comunicação, fruto de uma pesquisa de mestrado, pretende analisar o romance *Pão de Açúcar* (2018), do escritor português Afonso Reis Cabral, obra que ficcionaliza um crime de ódio ocorrido na cidade do Porto no ano de 2006, tendo como enfoque a narração do delito a partir da ótica dos assassinos que o cometem. Naquela ocasião, Gisberta Salce Júnior, mulher transgênero brasileira, sem teto e soropositiva, foi assassinada por um grupo de adolescentes, sendo o crime, claro ato de violência transfóbica, classificado pela Justiça Portuguesa como uma mera morte por afogamento. Nesse sentido, dentro da perspectiva dos Estudos de Memória e dos Estudos de Gênero, objetiva-se compreender as representações a partir do ponto de vista masculino, entendendo como é construída a narrativa a partir de uma memória coletiva relativa às masculinidades que se encontra inserida na discussão de gênero proposta pelo presente estudo. Dessa forma, pretende-se realizar uma comunicação acerca da representação de Gisberta Salce Júnior, e da construção das masculinidades a partir de uma análise dos adolescentes assassinos, evidenciando questões de gênero, marginalidade, transfobia e violência, ao abordar as representações dos personagens Rafael Tiago, Samuel, Fábio, Néelson, Leandro e Grilo. Para isso, a comunicação poderá utilizar as considerações de Linda Hutcheon (1991), Hayden White (1994) e Aleida Assmann (2011) para auxiliar a compreensão de questões relativas aos estudos da memória e representação, e Bourdieu (2002), Foucault (2013), Connell (2016), Bento (2015, 2017), entre outros, sobre questões de gênero ligadas à masculinidade, transgeneridade, poder e marginalidade.

Palavras-chave: Representação; Masculinidades; Afonso Reis Cabral.

**VOZES EM FAVOR DA HUMANIDADE EM GENTE DA TERCEIRA
CLASSE, DE JOSÉ RODRIGUES MIGUÉIS**

Jônatas Chagas Ramos (UERJ)
jonataschagasramos@gmail.com

José Rodrigues Miguéis (1901 - 1980) publica *Gente da terceira classe* em 1962. A partir da segunda edição, de 1971, pela Estúdios Cor, selecionamos as seis primeiras histórias para a discussão, que estão dentro do que Miguéis chama de histórias americanas. A primeira história é uma viagem em que o desamparo dos vencidos e a decadência inerente àqueles que sonham em tornar-se um explorador convive ao lado da simplicidade de outros. A segunda é a chegada desesperada de um viajante clandestino aos EUA. A terceira se torna um pouco mais esperançosa: podemos ter um encontro com a família de um trasmontano que vive em relativo conforto e alegria. Na quarta há uma certa queda: vemos o imigrante que coleta arroz ao trabalhar como limpa-vias do subway para alimentar sua família. A linha de chegada é o amante dos EUA que quer a cidadania norte-americana a todo custo. O final é a vontade de um ser marginalizado, mas mais desapegado e mais ligado à natureza. Essas histórias parecem ter um movimento. Seria ele uma possibilidade de organização lógica, como indica o autor na “Explicação ao leitor (da 1ª edição)”? Torna-se necessário discutir esses textos de José Rodrigues Miguéis nos dias em que há, infelizmente, o reaparecimento do discurso de extrema direita no mundo. Ao lermos essas histórias podemos melhor entender os anseios do ser humano e seus desejos de mudança.

Palavras-chave: Imigração; Sociedade; Marginalização.

CONTRA CORAÇÕES FRIOS E ESTREITOS: OFENSIVAS DO SENSÍVEL NAS EXPERIÊNCIAS ESTÉTICO-PEDAGÓGICAS DE SEBASTIÃO DA GAMA

Juliano Andre Kreutz (UFSM/ IFRS)
julianokreutz@gmail.com

A leitura do *Diário, registro da iniciação docente* (1948-1950) do poeta português Sebastião da Gama, associada a reflexões de Friedrich Schiller, sugere que as experiências educativas emancipatórias se instauram como eventos de caráter estético, como livre jogo entre o sensível, o entendimento, a imaginação e a vontade. Na Modernidade, época em que “corações frios” imobilizam em conceitos a complexidade movente do mundo e “corações estreitos” aferram-se a objetos pouco variados, a sensibilidade e a imaginação perdem vivacidade. Estão em questão a especialização de saberes e a divisão social do trabalho. Esse diagnóstico de Schiller, do final do século XVIII, ainda é válido. Reivindica-se uma ofensiva do sensível. Sebastião da Gama parece intuir isso e torna a escola um microcosmos para prospecção de maneiras de expandir as capacidades de sentir. As aulas são poéticas, nas formas e nas matérias, lançam mão de diferentes estratégias e recursos, e visam: a ativação das potências de criação - lêem-se os territórios existenciais, substituem-se os textos que não contagiam, dá-se ênfase à tonalidade afetiva dos encontros (alegria e entusiasmo são substratos dos atos de criação); a transformação da sensibilidade - combinam-se meios e maneiras de aprendizagem não usuais. A sala de aula, além de apresentar o mundo aos recém-chegados, suspende as experiências sensíveis habituais, em direção a uma arte de viver imprevisível, não adaptada aos esquemas de pensamento e de percepção dominantes. Ao pôr em primeiro plano os processos de criação, não os produtos, emergem pistas para a transformação da cultura.

Palavras-chave: Estética; Educação; Literatura portuguesa.

**ENTRE LUANDA E LISBOA: UMA LEITURA DE LUANDA, LISBOA,
PARAÍSO, DE DJAIMILIA PEREIRA DE ALMEIDA**

Julieny Souza do Nascimento (UFRJ)
julienysouzadonascimento@gmail.com

Luanda, Lisboa, Paraíso (2018), de Djaimilia Pereira de Almeida, escritora portuguesa de origem angolana, narra as complexas relações que moldam a vida de personagens em trânsito entre duas cidades: Luanda (Angola) e Lisboa (Portugal). A trajetória de Cartola e Aquiles, pai e filho, revela as tensões do pós-colonialismo, evidenciando questões como assimilação, exclusão e invisibilidade enfrentadas pelos imigrantes em Lisboa. O deslocamento das personagens mostra como o espaço urbano se configura como um palco de fraturas e memórias herdadas do colonialismo. Utilizando a contribuição interdisciplinar de vozes como Bhabha (1998), Certeau (1994), Lefebvre (2001), Said (2007) e Spivak (2010), o presente trabalho propõe uma leitura que enfoca a cidade como espaço material e simbólico, no qual se entrelaçam experiências e vivências pós-coloniais.

Palavras-chave: Espaço Urbano; Imigração; Pós-colonialismo.

RUBENA (1521) DO CAOS AO COSMO: A COMÉDIA DE GIL VICENTE

Keliane da Silva de Jesus (USP)
keliane.jesus@usp.br

Esta comunicação apresentará um projeto de estudo e edição da *Comédia de Rubena* (1521), de Gil Vicente, com o objetivo de preparar uma edição brasileira da obra, com fixação de texto, acompanhado de aparato filológico, incluindo notas explicativas, glossário e onomásticas. Encenada após quase duas décadas de serviço do dramaturgo à corte portuguesa, Rubena parece inaugurar novos elementos no teatro Vicentino. Apesar de pertencente ao século XVI, sua temática permanece atual no contexto brasileiro, abordando questões como a gravidez na juventude e o abandono parental. Além disso, a peça introduz inovações dramáticas relevantes para a obra vicentina e para a dramaturgia quinhentista, como a divisão em três cenas, o uso do eco, a representação de crianças e sua extensão de 1727 versos. Como se pode observar, a *Comédia de Rubena* guarda grande interesse para os estudos da literatura e dramaturgia portuguesas. No entanto, Rubena é auto ainda pouco estudado no conjunto da obra de Gil Vicente. Diferentemente de outros autos do dramaturgo, Rubena tem pouquíssimas edições publicadas, além de um número limitado de estudos. Dessa forma, uma nova edição, acompanhada de um estudo sobre o auto, irá trazer ao público brasileiro a luz de Rubena e afirmará sua pertinência para os estudos teatrais em língua portuguesa.

Palavras-Chave: Comédia de Rubena; Gil Vicente; Dramaturgia do Século XVI; Literatura Portuguesa.

**FLORBELA ESPANCA E A AUTOBIOGRAFIA DO SOFRIMENTO:
PERFORMANCE, AUTOR-PERSONAGEM E A ESCRITA COMO
CATARSE INVERTIDA**

Kelvin Pablo Domingos Mendes (UEL)
kelvindmendes@gmail.com

Florbela Espanca (1894-1930) se inscreve no campo da literatura autobiográfica não apenas pela recorrência de elementos de sua vida íntima, mas pela construção de uma persona lírica que dramatiza o sofrimento como gesto estético e existencial. O presente trabalho investiga como a poeta portuguesa articula, em sua poesia, epistolografia e seus diários, uma performance do eu que borra os limites entre a autora empírica e a voz poética, aproximando-se do que Philippe Lejeune chamou de "pacto autobiográfico". A análise centra-se em três eixos: A autoficção trágica: a construção de um autor-personagem que antecipa o desfecho suicida, transformando a escrita em profecia autorrealizável (como em Livro de Mágoas e Charneca em Flor); A teatralização da dor: a recorrência de imagens de martírio, solidão e excesso emocional como elementos performativos que convertem a experiência íntima em arte; O suicídio como paratexto: como a morte da autora ressignifica a leitura de sua obra, reforçando o mito da poeta maldita. Partindo de teóricos do autobiográfico (Lejeune, Gusdorf, Paul de Man, Derrida) e de estudos sobre literatura e suicídio (Álvarez, Primo), propõe-se que a escrita de Florbela opera uma catarse invertida: em vez de purgar a dor, a perpetua como legado literário. O trabalho dialoga ainda com a crítica feminista (Showalter, Gilbert & Gubar) para discutir como o sofrimento performatizado por Florbela desafia os cânones de gênero de seu tempo.

Palavras-chave: Escrita Autobiográfica; Suicídio e Literatura; Performance.

A EPISTOLOGRAFIA E O ENSAIO JORNALÍSTICO COMO LABORATÓRIOS DA ESCRITA LITERÁRIA DO ÚLTIMO EÇA DE QUEIRÓS

Késia Palma Kobayashi (UEL)
Kesia.santos.palma@uel.br

Este trabalho mergulha no último decênio da vida e obra de José Maria Eça de Queirós (1890-1900), período que marca uma fase de intensa transformação e, paradoxalmente, de silêncio literário para o renomado escritor português. O objetivo central é investigar as cartas pessoais e as crônicas jornalísticas produzidas nesse intervalo, buscando nelas os esboços rudimentares do pensamento estético e ideológico do autor. A hipótese que norteia este estudo é que essas manifestações textuais, muitas vezes informais e menos elaboradas que suas grandes obras ficcionais, podem oferecer pistas cruciais para a compreensão da crise criativa que o impediu de concluir ou publicar diversas obras ficcionais no final de sua vida. A fase final da vida de Eça, muitas vezes obscurecida pela grandiosidade de suas obras canônicas, revela um autor em profunda reflexão sobre os rumos da sociedade, da arte e de sua própria produção. As cartas, em sua natureza íntima e reveladora, funcionam como um diário de suas preocupações e decepções, enquanto as crônicas jornalísticas, escritas para um público mais amplo, refletem suas observações e críticas sobre o cenário político e social de sua época. Ao analisar esses documentos em conjunto, pretende-se traçar um panorama das mudanças em suas convicções artísticas e filosóficas, que, ao que tudo indica, culminaram em um impasse criativo.

Palavras-chave: Eça de Queirós; Epistolografia; Crônicas; São Cristóvão; Último Eça.

O TEMPO NÃO-NATURAL COMO RECURSO NARRATIVO DE
(DES)FIGURAÇÃO DA PERSONAGEM EM A PAIXÃO SEGUNDO
CONSTANÇA H., DE MARIA TERESA HORTA

Kethlyn Sabrina Gomes Pippi (UFSM)
kethlyn.pippi@acad.ufsm.br

Em *A paixão segundo Constança H.*, Maria Teresa Horta rompe várias convenções romanescas, tais como a estabilidade dos gêneros discursivos, os limites entre o lírico e o prosaico, a variedade de perspectivas e a confiabilidade do conteúdo ficcional. Neste trabalho, aliada às possibilidades conceituais da narratologia não-natural acerca do conceito de tempo (Richardson, 2000), mediante uma análise não hierárquica e rizomática (Deleuze; Guattari, 1995), investigo os efeitos de (des)figuração (Reis, 2018) da personagem principal através do manejo dessa categoria narrativa. Tal rasura nas delimitações da personagem, em especial nos aspectos de sua vida subjetiva, avolumam uma atmosfera difusa e fragmentária que alinhava toda a obra em uma tematização dos processos de exclusão social ancorados no estigma da loucura e no controle de corpos femininos.

Palavras-chave: Desfiguração da Personagem; Narratologia Não-natural; Estudos de Gênero.

NUANCES DO GÓTICO, DO FANTÁSTICO E DO SOBRENATURAL NA ATUALIZAÇÃO DO CONTO “A DAMA PÉ DE CABRA”, DE ALEXANDRE HERCULANO

Keuryn Stéfane Barbosa de Araújo (UERJ)
keurynaraujo@gmail.com

Este trabalho propõe uma análise da atualização do conto *A Dama Pé-de-Cabra*, incluído na coletânea *Lendas e Narrativas* (1851), de Alexandre Herculano, em relação à versão registrada no *Livro de Linhagens do Conde D. Pedro* (c. 1340). A partir desse confronto, buscam-se evidenciar continuidades e rupturas estéticas e estilísticas entre as duas versões, com ênfase nos elementos do fantástico, do sobrenatural e do sombrio, à luz da sensibilidade romântica. A investigação apoia-se nos estudos do fantástico em Tzvetan Todorov (1980) e David Roas (2014), considerando como a hesitação diante do sobrenatural estrutura a narrativa de Herculano. Paralelamente, as contribuições de Gilbert e Gubar (1979) orientam a leitura da figura da mulher monstruosa como metáfora do feminino interdito, cuja duplicidade entre beleza e abjeção mobiliza fantasias de transgressão moral e religiosa. Discute-se também o motivo do pacto e da punição, associados à culpa e à perda, em diálogo com o conceito de "romantismo sombrio" abordado por Antonio Candido (1988), que relaciona a melancolia e o medo à formação de uma sensibilidade trágica no século XIX. Assim, a reescrita de Herculano é compreendida como um exercício de recriação simbólica que converte uma lenda medieval em narrativa psicológica e existencial, ressoando as inquietações espirituais, históricas e estéticas do Romantismo português.

Palavras-chave: Fantástico; Romantismo Português; Releitura Intertextual.

IDENTIDADES E ALTERIDADES EM JOGO NO ROMANCE CASAS PARDAS, DE MARIA VELHO DA COSTA

Lara Trevisan (UFSM)
lara.trevisan@acad.ufsm.br

Nesta comunicação, proponho uma análise dos processos de individualização e afirmação de alteridade presentes no romance *Casas Pardas* (1977), de Maria Velho da Costa, e desenvolvidos mais especificamente pelas identidades femininas da obra. Para isso, detenho-me primordialmente na figuração da personagem Elvira, cuja imagem se constrói por meio das diversas vozes narrativas que a ela se direcionam, e na sua contribuição, enquanto figura polar, na constituição dos demais sujeitos da história. Como suporte teórico, aproveito-me das considerações sobre figuração de personagem de Carlos Reis e Jens Eder e nas contribuições acerca da identidade de Paul Ricoeur e de Stuart Hall. Associando narrativa e teoria, objetivo demonstrar como os dispositivos discursivos empregados pela autora potencializam vetores temáticos da obra, a saber, aqueles relacionados sobretudo às questões de classe e de gênero, à opressão multifacetada. Desse modo, espero que a ligação entre os recursos de construção e oposição das personagens e os valores axiológicos a elas vinculados sejam explicitados e compreendidos.

Palavras-chave: Maria Velho da Costa; Casas Pardas; Figuração de Personagem.

**“TORCEM-ME O CORPO DESEJOS”: EROTISMO E MODERNIDADE EM
DECADÊNCIA (1923), DE JUDITH TEIXEIRA**

Larissa Bistafa Antunes de Oliveira (UFSCar)
larissaantunes@estudante.ufscar.br

O presente trabalho propõe uma reflexão sobre a poesia de Judith Teixeira (1880-1959), figura que enfrentou importantes episódios de censura em sua época. A análise parte de como sua obra tensiona e ressignifica o erótico no contexto do Modernismo do século XX. Assim, marcada pela transgressão estética e temática, a poesia de Teixeira subverte os padrões morais de seu tempo, explorando a sexualidade como elemento central de sua expressão artística. Nesse percurso, evidencia-se como a autora constrói o erótico não apenas como uma temática sensual, mas como um instrumento capaz de confrontar os limites impostos pela censura. Desse modo, a análise centra-se na obra *Decadência* (1923), observando como, por meio de imagens marcadas pela luxúria e ambiguidade, Teixeira transita entre o erótico e o pornográfico, problematizando a própria noção de obscenidade literária. A proposta busca, portanto, inserir a escritora no debate mais amplo sobre o lugar da mulher e do erotismo na literatura portuguesa, considerando também os processos históricos de silenciamento e marginalização que perpassaram sua trajetória e ainda afetam a recepção de obras marcadas pelo desejo e pela transgressão.

Palavras-Chave: Judith Teixeira; Modernismo Português; Erotismo Literário.

A ÚNICA RAZÃO MORAL DE NOSSA EXISTÊNCIA: O ANSEIO PELO FUTURO EM ETERNIDADE, DE FERREIRA DE CASTRO

Larissa Isnardi Barreto (UNESP)
lari_isnardi@hotmail.com

Este trabalho propõe uma leitura do romance *Eternidade* (1933), de Ferreira de Castro, a partir de dois eixos. O primeiro é calcado na individualidade da experiência do luto do protagonista, Juvenal, após a morte de sua amada. Embora solitária, a experiência do luto, porém, altera a percepção de Juvenal quanto à efemeridade de todas as vidas que o cercam, potencializando seu valor aos olhos do protagonista. Essa nova percepção o leva a depurar sua sensibilidade diante das mazelas da sociedade à qual pertence, sendo essa percepção da coletividade o segundo eixo de nossa leitura. Atento à coletividade, o protagonista depara com injustiças sociais brutais: as condições de vida da classe trabalhadora da Ilha da Madeira são de precariedade extrema, contrastando com os luxuosos padrões dos turistas que frequentam o mesmo espaço. A partir das ações de Juvenal, impulsionadas pela transição entre a compreensão da individualidade e da coletividade, discutiremos as interações entre os fatos narrados na trama ficcional e seus diálogos com a realidade factual, bem como o percurso de resistência traçado pelo protagonista, Juvenal, e pelo próprio autor, Ferreira de Castro, na obra *Eternidade*.

Palavras-chave: Eternidade; Ferreira de Castro.

FÁBULAS MITOLÓGICAS EM PORTUGAL

Leonardo Zuccaro (DLCV/FFLCH/USP)
leonardo.zuccaro@usp.br

O gênero das fábulas mitológicas foi praticado entre os séculos XVI e XVIII, mais intensamente no século XVII, sobretudo na Espanha. Por isso, pesquisadores do chamado Siglo de Oro costumam considerar a fábula mitológica uma forma poética castelhana por excelência, cujo modelo de perfeição é a *Fábula de Polifemo y Galatea* de D. Luis de Góngora. Embora nunca se tenha negado que em Portugal houve tal produção, o interesse sobre as composições portuguesas foram sempre escamoteadas pelos especialistas dessa matéria. Isso se deu principalmente porque até então se conheciam poucas fábulas mitológicas produzidas por poetas portugueses, das quais a maioria se encontra impressa nos volumes da antologia setecentista chamada *Fênix renascida*. Contudo, durante nossa pesquisa de doutorado, encontramos muitos outros exemplares desse gênero, incrementando consideravelmente o corpus de fábulas mitológicas compostas em Portugal. Portanto, a presente comunicação visa a expor os resultados obtidos ao longo de nossa pesquisa de doutorado recém-encerrada, apresentando poemas que antes se encontravam escondidos em instituições arquivísticas de Portugal e, conseqüentemente, poetas pouco ou nada conhecidos hoje em dia, desvelando um dos gêneros poéticos mais praticados no século XVII português mas ainda muito pouco valorizado.

Palavras-chave: Fábulas mitológicas; Codicologia; Poesia seiscentista; Poesia portuguesa; Gêneros poéticos.

**UM RETRATO DA ARTE E DO ARTISTA NA SOCIEDADE
CONTEMPORÂNEA A PARTIR DA OBRA VAMOS COMPRAR UM
POETA (2016), DE AFONSO CRUZ (1971)**

Leticia Marina Kolb (UFPR)
prof.leticiakolb@gmail.com

Em nosso trabalho, propomos uma investigação sobre as representações da arte e do artista na literatura juvenil em língua portuguesa tendo em vista o livro *Vamos comprar um poeta* (2016), do escritor português Afonso Cruz (1971). A partir da análise de trechos da obra, estabelecemos um paralelo entre a distopia de Cruz e as dinâmicas sociais atuais que alertam para a perda da dimensão simbólica da criação artística e a lógica de monetarização das relações humanas.

Palavras-chave: Afonso Cruz; *Vamos comprar um poeta*; Arte; Artista; Consumismo.

“VIA-SE METADE AO ESPELHO PORQUE SE VIA SEM MAIS NINGUÉM”: A ALTERIDADE SOB O VIÉS DA EXPERIÊNCIA UTÓPICA EM O FILHO DE MIL HOMENS, DE VALTER HUGO MÃE

Liandra Corrêa Silva (UFMA/CNPq)
liandra.correa@discente.ufma.br

O conceito de utopia perpassa as noções de lugar desenvolvidas pela Geografia Humanista Cultural e encontra, na etimologia da própria palavra, uma negação em relação a “topos”, sugerindo um “não-lugar”, o qual se distancia de onde se vive e do que se conhece. Essa dissonância entre o espaço experienciado e o espaço idealizado traduz, de forma precisa, o cerne da experiência utópica, sobretudo aquela vinculada ao encontro com o outro: que é desconhecida e, portanto, transformadora. A partir dessa perspectiva, fundamentado nos estudos concernentes à experiência, utopia e alteridade, o presente trabalho visa tecer uma análise da obra *O filho de mil homens* (2011), do escritor português Valter Hugo Mãe. A narrativa, marcada pela melancolia característica da escrita do autor, acompanha o entrelaçamento da vida de Crisóstomo, um pescador que, sentindo-se apenas metade, busca preencher sua existência por meio do vínculo estabelecido com os demais personagens. Inserido no contexto da Novíssima Literatura Portuguesa Contemporânea, Mãe representa as relações entre o aqui e o outro lugar e dissolve as fronteiras entre o eu e o outro, fazendo emergir a alteridade, elemento basilar da experiência utópica. Como aporte teórico, a análise bibliográfica será desenvolvida com base na construção do conceito de experiência, apoiada nos trabalhos de Yi-Fu Tuan (2013), e sua conexão com a utopia, segundo Chauí (2016) e Michel Foucault (2013), a partir da leitura proposta por Christian Laval (2014); além dos estudos acerca da alteridade, concebidos por Emmanuel Lévinas (2023).

Palavras-chave: Experiência Utópica; Alteridade; O Filho de Mil | Homens; Novíssima Literatura Portuguesa Contemporânea.

TRANSFORMAR-SE PELA LINGUAGEM: A POÉTICA DO DESEJO EM HELDER E CAMÕES

Lorraina Almeida Serrão de Souza (UFF)
lorrainaalmeida@id.uff.br

Esta proposta tem como objetivo refletir sobre o fazer poético como experiência de erotismo, servidão e transfiguração do sujeito, a partir da leitura do poema *Tríptico*, de Herberto Helder. Interessa-me pensar a poesia como um espaço onde corpo e linguagem se atravessam, e no qual o sujeito poético se desfaz na experiência da alteridade. A dinâmica dos contrários, tal como formulada por Heráclito (séc. VI a.C.), fornece a base filosófica para compreender a poética helderiana: a tensão dos contrários, o um como múltiplo, o devir. A essa leitura soma-se a reflexão de Byung-Chul Han em *A Agonia do Eros* (2012), no qual o erotismo é pensado como força que exige distância, resistência e mistério. Em Helder, o erotismo não é apenas tema, mas condição da linguagem — é o que impele o poeta a ceder ao poema, como quem se oferece a um corpo amado. Nesse gesto, o eu se anula, o desejo se radicaliza, e o poema se torna lugar de sacrifício. Destarte, o soneto camoniano, *Transforma-se o amator na cousa amada*, será analisado comparativamente com o poema de Helder, uma vez que aquele evoca o princípio fundante de toda poética helderiana: a metamorfose do desejo.

Palavras-chave: Erotismo; Herberto Helder; Luís de Camões.

ENTRE NEVE E VERSOS: O INVERNO NA POESIA DE JUDITH TEIXEIRA

Luan Emanuel Lupattini (UFFS)
luanlupattini@gmail.com

A literatura, enquanto expressão da arte, reflete e questiona o mundo em que existimos, dando voz às subjetividades, questionando e confrontando as regras sociais de sua época. No contexto da modernidade portuguesa, Judith Teixeira (1880-1959) destacou-se como uma poeta transgressora, sendo alvo de censura e rejeição por sua escrita de teor erótico e simbolista. Este trabalho propõe uma análise de três poemas da autora: *Onde vou?*, *Sonho* e *4 Cantigas de Tristeza*, nos quais se pode evocar a atmosfera simbólica do Inverno. Pode-se perceber a frequência de temas como melancolia, angústia existencial e desejo, sendo sentimentos que são entrelaçados com tal estação. A análise será orientada pelas perspectivas teóricas do feminismo e dos estudos de gênero, com base em autoras como Hélène Cixous e Judith Butler. Além disso, serão utilizados conceitos da crítica literária para compreender a construção simbólica dos poemas e como eles desafiam dogmas e são representados na literatura como uma voz feminina singular, cuja potência ressoa ainda hoje. A investigação proposta busca evidenciar como Judith Teixeira, por meio de sua poesia, liga o valor simbólico dado às estações do ano e vincula a relação ao ser feminino na construção alegórica de tais sentimentos.

Palavras-chave: Arte; Feminismo; Gênero; Modernidade; Sonho.

ENTRE A TERRA E O MAR: SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN E A CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO POÉTICO DA INFÂNCIA

Luana Boiani Leite (UFFS)
luhb.leite@gmail.com

A literatura, em sua essência, contempla a expressividade e possibilita a criação de espaços artísticos que dialogam com a fantasia. Sophia de Mello Breyner Andresen, renomada poeta portuguesa do século XX, escreveu contos, ensaios, peças teatrais e foi uma voz ativa no movimento político da sua época. Em suas obras, entre outras características, buscou evocar aspectos contemplativos dos elementos da natureza, priorizando a valorização do imaginário e a criação de contextos místicos e melancólicos. Dada a importância da autora, o presente trabalho propõe uma análise literária do conto infantil *A menina do Mar*. Nesta obra, há uma dualidade entre a terra e o mar, espaços nos quais se desenrolam as ações dos personagens, assim como suas relações. A pesquisa tem como finalidade compreender como se dá a construção desse espaço poético, promovendo a reflexão sobre temas como a descoberta e a conexão com o mundo natural e a percepção dos valores literários e educativos que o conto transmite. O desenvolvimento desse estudo será orientado segundo a perspectiva de teóricos como Gaston Bachelard, Michel Collot e Mikhail Bakhtin, que tratam de conceitos como espaço e tempo poéticos e suas evocações.

Palavras-chave: Conto Infantil; Elementos; Literatura; Natureza; Simbologia.

A ÁGUA EM TRÊS CONTOS DA LITERATURA DE LÍNGUA PORTUGUESA

Luana Catita Steffler (UFPR)
luana.c.steffler@gmail.com

Resumo: O trabalho analisa comparativamente a representação da água em três contos da Literatura de Língua Portuguesa: *O Menino de Água* (2015), de Valter Hugo Mãe, *A Terceira Margem do Rio* (1962), de João Guimarães Rosa, e *Olhos d'Água* (2014), de Conceição Evaristo. Para cumprir isso, foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos: perceber quais são as construções metafóricas atribuídas ao elemento nas narrativas; compreender como o signo é desenvolvido e quais são os aspectos em comum nessas leituras; além de descrever qual a relação do elemento na construção identitária das personagens principais. Sobretudo, verificar se, na tríade de obras, a água é um símbolo passivo ou determinante enquanto cenário nos enredos narrativos analisados. A pesquisa adota uma abordagem comparatista, fundamentando-se na fortuna crítica sobre os textos, nos estudos literários que abordam a água como elemento simbólico e nas teorias do espaço literário de Brandão (2013), para examinar o papel desse elemento nas narrativas. Os resultados indicam que, embora os contos pertençam a contextos culturais e históricos distintos, as análises convergem para uma confluência: a percepção de que a água se apresenta como um símbolo identitário, relacionando-se a temas de pertencimento, sofrimento e transcendência. Dessa forma, o estudo contribui para os estudos comparatistas sobre a simbologia na Literatura e para a compreensão da água como elemento essencial na construção de significados literários, inferindo a interferência do imaginário popular na percepção das obras ficcionais.

Palavras-chave: Literatura Comparada; Água; Espaço.

TRAGICOMÉDIA DA DIÁSPORA: REESCRITAS DO MITO CLÁSSICO E DO DRAMA HUMANO EM DJAIMILIA PEREIRA DE ALMEIDA

Lucas Breda Magalhães (USP)
lucasbredam@gmail.com

Este trabalho parte da hipótese de que Djaimilia Pereira de Almeida, ao mobilizar o subtítulo “tragicomédia” em *Esse Cabelo* (2015) e ao nomear personagens com referências clássicas como “Aquiles” em *Luanda, Lisboa, Paraíso* (2018), inscreve suas narrativas numa tradição mítica que é ressignificada pela experiência da diáspora africana em contexto europeu, sobretudo àquele conectado aos mitos portugueses. O objetivo é demonstrar como a reescrita de mitos clássicos pode ser encontrada na produção literária da autora e como ela subverte os gêneros da tragédia e da comédia a partir do corpo e da vivência de personagens negras atravessadas por deslocamentos geográficos, linguísticos e identitários. Com base em uma leitura comparada entre textos clássicos de autores como Ovídio e Aristóteles e as obras *Esse Cabelo* (2015) e *Luanda, Lisboa, Paraíso* (2018), procura-se analisar as formas pelas quais elementos míticos – como metamorfose, ambivalência e heroísmo – são reinterpretados à luz da experiência pós-colonial. O trabalho propõe, portanto, que a “tragicomédia da diáspora” forjada por Djaimilia não apenas reinscreve os mitos clássicos – incluindo o da portugalidade – em novos corpos e geografias, mas também aponta para uma crítica ao cânone literário ocidental a partir das bordas da língua e da história.

Palavras-chave: Djaimilia Pereira de Almeida; Literatura Portuguesa; Mito; Drama.

“PROTEGEI-NOS, SENHOR?”: FACES DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER E AS ARMADILHAS DO SAGRADO NAS NARRATIVAS CONTÍSTICAS DE LÍDIA JORGE

Lucas Matheus da Silva de Carvalho (UEL)

lucas.matheus.silva@uel.br

Bárbara Roberta Almeida Trevisan (UEL)

barbara.trevisan@uel.br

Resumo: A violência contra a mulher, em suas diversas formas, tem se intensificado no Brasil e no mundo, evidenciando-se não como episódios isolados, mas como práticas sociais estruturantes, naturalizadas por padrões culturais e históricos. Este trabalho analisa como, nos contos *Marido* (1997) e *As três mulheres sagradas* (2014), da escritora portuguesa Lídia Jorge, a invocação à proteção divina, por meio de figuras e fórmulas sacras, opera como armadilha para o agenciamento feminino, reforçando formas sutis de violência de gênero. A análise fundamenta-se em referenciais teóricos como Beauvoir (1967), Saffioti (2004), Zolin (2009) e Segato (2013), ancorando-se na crítica feminista. A abordagem interpretativa e comparativa focaliza elementos simbólicos e religiosos presentes nos contos, investigando como as personagens femininas são atravessadas por discursos sagrados que reforçam sua submissão e invisibilidade. Busca-se demonstrar que Lídia Jorge integra um movimento de escrita feminina que pode ser lido como denúncia às estruturas patriarcais e às formas culturais de opressão legitimadas pelo sagrado. Ao evidenciar mecanismos simbólicos de controle e dinâmicas de poder que permeiam a representação da mulher em contextos religiosos, o estudo contribui para os debates entre literatura e gênero, apontando para caminhos de leitura ainda pouco explorados.

Palavras-chave: Violência de Gênero; Sagrado; Crítica Feminista.

APOLOGIA DAS LETRAS EM CORTE NA ALDEIA

Lucas Padula D'ávila (UNICAMP)
l204942@dac.unicamp.br

Publicada em 1619 (durante o domínio espanhol, portanto), *Corte na Aldeia*, de Francisco Rodrigues Lobo, pode ser enquadrado na tradição dos tratados de racionalidade de corte. Estabelecendo forte diálogo com a produção italiana do renascimento, sobretudo com *Il Libro del Cortigiano* (1528) de Baldassare Castiglione, a obra retoma a imagem do homem de corte como homem “universal”. Competente no manejo das armas e das letras, ele deve ser capaz de escrever poemas, cortejar as damas, cantar e dançar, sempre utilizando certa sprezzatura, descrita pelo tratadista italiano como algo que “oculte a arte e demonstre que o que se faz e diz é feito sem esforço, quase sem pensar” (Castiglione, 1997, p. 42). Nesse sentido, o tratado sintetiza as principais tópicos da literatura produzida em seu período, sendo. Nesse sentido, o tratado português aborda algumas das principais tópicos do período, como o elogio da literatura e da língua vulgar, a epistolografia e a articulação entre as virtudes do cortesão e categorias retóricas da conversação, sendo conforme Peter Burke, o caso de emulação “mais próximo do espírito de Castiglione” (Burke, 1997, p. 109). Chama especial atenção a conjunção das virtudes da cortesia com as da retórica. Além disso, seguindo outros tratados do período, o poeta de Leiria também aponta para a utilização das categorias da retórica clássica, com a diluição da distinção entre sermo e oratio, oriundas da tradição ciceroniana.

Palavras-chave: Corte; Defesa da Poesia; Retórica.

A REPÚBLICA DO BRASIL COMO MODELO PARA PORTUGAL - UMA IMAGEM DISTORCIDA PELAS TURVAS ÁGUAS DO ATLÂNTICO

Luiz Eduardo Martins de Freitas (USP)
luiz.eduardo.freitas@usp.br

Realizaremos uma comparação entre os romances *Triste Fim de Policarpo Quaresma* (1915) de Lima Barreto e *Próspero Fortuna* (1910) de Abel Botelho. Nosso intuito é indicar como o regime republicano é defendido neste e criticado naquele. Iniciando com o livro brasileiro, somos apresentados ao nacionalismo pueril do protagonista. Policarpo sempre se entusiasmou em relação aos assuntos nacionais, tentando mostrar como o Brasil era superior às outras nações, postura que é ironizada pelo narrador. Sua obsessão é tamanha que ele se dispõe a lutar a favor do governo na Revolta da Armada. Diante da violência que vê, o personagem muda de opinião e percebe como a gestão de Floriano Peixoto era truculenta e despótica. Por pedir para que as vidas dos derrotados fossem poupadas, Quaresma é condenado à morte. Do outro lado do Atlântico, ainda vivendo em uma monarquia, Aires Pinto, personagem da obra portuguesa, também é extremamente nacionalista. Contudo, de uma maneira diferente. Ele é adepto do republicanismo e contesta o ultimato inglês. Portugal reivindicava a região entre suas então colônias Angola e Moçambique, plano frustrado pela Inglaterra. Aires escreve duras críticas ao rei e, por ser visto como um propagandista indesejado, se torna um alvo. Com o acirramento da perseguição aos republicanos, em virtude da malfadada revolta republicana de 1891, Aires foge para o Rio de Janeiro. Exploraremos como a capital da recém proclamada República brasileira é palco de acontecimentos opostos, servindo de refúgio para o português e impondo um triste fim ao brasileiro.

Palavras-chave: *Triste Fim de Policarpo Quaresma*; *Próspero Fortuna*; República.

O USO POLÍTICO-IDEOLÓGICO DAS ILUSTRAÇÕES E IMAGENS CAMONIANAS, PUBLICADAS DURANTE O TRICENTENÁRIO DE CAMÕES (1880), POR TEÓFILO BRAGA E SEUS CORRELIGIONÁRIOS, SOB ALENTE DE BAKHTIN E PANOFISKY

Luiz Eduardo Rodrigues Amaro (UFRR/ CAPES)
eduardo.amaro@ufrr.br

A importância de Luís Vaz de Camões (1524-1580) e sua obra, *Os Lusíadas* (1572), para a construção da identidade portuguesa não está circunscrita apenas à época em que a epopeia foi publicada, nem à área em que ela se encontra. O uso de sua obra e imagem e, portanto, de toda a significação que delas emanam, ultrapassa as barreiras da arte, enveredando-se pela reconstrução do ethos, como nos mostram os trabalhos do professor Eduardo Lourenço em *O Labirinto da Saudade* (1978) e *A nau de Ícaro* seguido de *Imagem e Miragem da Lusofonia* (1999), bem como na política, por exemplo, com Teófilo Braga e seus correligionários republicanos durante o Tricentenário de Camões (1880). Repercutindo em todo o país, a comemoração desse evento deixou resquícios na mídia da época a respeito dessa toada politizada. Utilizamos Bakhtin (1895-1975) e Panofsky (1892-1968) como subsídios teóricos para analisarmos, nesse texto, ilustrações que foram publicadas durante o Tricentenário, dando ênfase a Camões agradecido à Comissão do Tricentenário, de Jacinto M. Navarro, publicada na edição nº 12 de junho de 1880 no *Penacho e Luís de Camões... Catita*, de Sebastião Sanhudo, publicada na edição nº 107, 3º ano, de 1880 no *Sorvete* a fim de evidenciarmos o uso explícito do escritor para além da literatura, demonstrando, por meio de uma análise iconográfica, que o evento teve mais que uma verve cívica: ele foi um ato político. No caso, republicano.

Palavras-chave: Camões; O Ocidente; Bakhtin; Panofsky; Política.

O (EN)TORNAR-SE DAS PAIXÕES

Luma de Almeida Espíndola (UFF)
lumaespind@gmail.com

Este trabalho faz parte da pesquisa de mestrado em desenvolvimento e consiste em uma investigação sobre a paixão como via de (re)conhecimento e criação do feminino nas obras *A paixão segundo Constança H.*, da poeta portuguesa Maria Teresa Horta, e *A paixão segundo G.H.*, da escritora brasileira Clarice Lispector. Para além do entendimento clássico de paixão a partir do par passividade e movimento, que remonta à imagem alada do deus Eros com suas flechas para ferir, compreendemos também uma terceira via a partir da filosofia de Espinosa, que abordou as paixões – alegres ou tristes – como uma causa externa que provoca a modificação do sujeito. Assim, em face de um estranho outro – a barata de G.H. ou a rival-amante de Constança –, buscamos tatear e compreender, através de um exercício de aproximação, o terreno do inominável, do indizível do amor e da loucura, que movimentam e compõem a experiência dessas mulheres na literatura como um legado, afinal, Constança é nome que perdura no tempo, como o da infanta silenciada do mítico e trágico triângulo amoroso português. A partir de um novo enredo, a autora das *Novas Cartas Portuguesas* desvela as pulsões mais íntimas de um feminino ferido, insubordinado e em intensa elaboração.

Palavras-chave: Paixão; Criação; Autoria Feminina; Espinosa; Filosofia.

A ESCRITA CONVENTUAL FEMININA NO BRASIL COLÔNIA

Luzia Ribeiro de Carvalho (UERJ)
luziarcarvalho@gmail.com

O presente projeto de pesquisa tem como objetivo localizar, identificar e analisar a literatura monástica feminina produzida pelas religiosas durante o período colonial brasileiro, período esse que entendemos como sendo ainda de uma literatura portuguesa. Essa produção do período colonial ainda não é conhecida. Ignora-se assim, no caso brasileiro, quais freiras escreveram, quais gêneros de textos compuseram, que imagens de si, de suas irmãs, do mundo e da religião representavam nesses textos. Nossa hipótese é que essa produção exista, pois investigações produzidas nos arquivos dos conventos e mosteiros de Portugal têm apresentado um grande manancial de descobertas literárias, incluindo diversas freiras autoras na história da literatura portuguesa, além das que tiveram grande visibilidade com obras publicadas ainda em vida, como Maria do Céu (1658-1753), Violante do Céu (1601-1693), Maria de Mesquita Pimentel (1581-1661), Mariana Josefa Joaquina de Jesus (1702-?), ou Maria Benta do Céu, que publicou um livro em 1763. Estudos como o de Morujão, que pesquisou a literatura conventual feminina portuguesa revelando novos nomes de escritoras, e os de Algranti, abordando a condição feminina dos conventos e recolhimentos no Brasil Colônia, comprovando que muitas eram provenientes da elite e letradas, além de pesquisas sobre a produção cultural do século XVIII, indicando que algumas freiras do Rio de Janeiro sugeriam motes para serem glosados por poetas, tornando-as poetisas, justificam esta proposta. Pretende-se, além de dar a conhecer o que era a literatura conventual feminina brasileira, demonstrar que a vida religiosa era local de oração, mas também estudo e produção literária.

Palavras-chave: Escrita feminina; Educação feminina; Literatura conventual; América Portuguesa.

ARTICULAÇÕES POSSÍVEIS ENTRE ANÁLISE DO COMPORTAMENTO E O CORPO FEMININO NO CONTO “MARIDO” DE LÍDIA JORGE

Marcella Andrade Gomes do Nascimento (UEL)
marcella.andrade@uel.br

Bárbara Roberta Almeida Trevisan (UEL)
barbara.trevisan@uel.br

É de conhecimento popular que a violência contra a mulher está relacionada ao corpo e pode englobar os aspectos psicológico, sexual, moral e patrimonial. Sob esse viés, este trabalho propõe uma análise de como a escritora portuguesa Lídia Jorge representa a violência contra o corpo feminino no conto *O Marido* presente no livro *Marido e Outros Contos* (1997). A leitura será conduzida à luz dos estudos de Simone de Beauvoir (1967), Heleieth Saffioti (2004), Burrhus Frederic Skinner (1953) e outras referências teóricas pertinentes. O estudo do conto parte de uma possível articulação entre a violência contra a mulher e a abordagem analítico-comportamental da psicologia. Tal relação é possível, visto que a prática da violência pode ser estudada como um comportamento mantido por contingências culturais, que se perpetuam por meio de reforçadores sociais, históricos e simbólicos. Ademais, objetiva-se entender como essas formas de controle social entende essas mulheres em perigo. Compreendendo essas práticas antes do ato de violência e após a concretização do crime, dando ênfase especial ao tratamento que as mesmas passam a receber. A psicologia comportamental compreende que as práticas culturais patriarcais são mantenedoras dos comportamentos de dominação, controle e violência contra o corpo feminino. O trabalho, portanto, busca evidenciar as discussões possíveis a partir dos contos de Lídia Jorge e explorar o entendimento psicológico e cultural sobre o corpo feminino e sua representação na literatura.

Palavras-chave: Conto; Corpo Feminino; Literatura Portuguesa; Lídia Jorge; Psicologia.

CRÔNICAS E IMPRESSÕES: A CONSTRUÇÃO DO IMAGINÁRIO NA OBRA DE JULIÃO QUINTINHA (1885-1968)

Marcio Roberto Pereira (UNESP-Assis)
marcio.pereira@unesp.br

Julião Quintinha (1885-1968) é considerado um dos precursores da literatura com temática colonial. Participante dos mais assíduos no Concurso de Literatura Colonial, promovido pelo Estado Novo (1933-1974), é premiado em 1928 com a obra *África Misteriosa: crônicas e impressões duma viagem jornalística nas colônias da África portuguesa*, obtendo o terceiro lugar; em 1929, fica em segundo lugar, com *Oiro africano: crônicas e impressões duma viagem jornalística na África Oriental portuguesa* e, em 1930, conquista o primeiro lugar com *A Derrocada do Império Vátua e Mousinho de Albuquerque*, no qual tem a colaboração de Francisco Toscano (1873-1943) para a escrita da obra. O trabalho aqui apresentado tem como objetivo analisar a trajetória de Júlio Quintinha e sua influência para a construção de um “império imaginado” e de um espaço exótico nas suas obras. É importante salientar que suas obras de ficção serão influenciadas por sua experiência como jornalista e suas visitas, entre os anos de 1925 e 1927, às colônias portuguesas.

Palavras-chaves: Julião Quintinha; Crônicas de Viagem; Jornalismo; Literatura Colonial.

**OS ANTÓNIOS DO ALTO DE SANTA CATARINA: ANTÓNIO FERRO E
ANTÓNIO SALAZAR, UMA LEITURA POLÍTICA DO ANO DA MORTE
DE RICARDO REIS**

Maria Amélia Bezerra Serraninho (UnB)
ameliaserraninho@gmail.com

Partimos do pressuposto de que a literatura, em toda sua potencialidade artística, pode ser lida também como uma forma de visão política do mundo, pois toda arte abriga em si uma compreensão da realidade e lhe dá acabamento ético-estético (Bakhtin, 2011). Dessa forma, esta pesquisa visa explorar e compreender as alusões e menções diretas e indiretas à figura jornalística e política de António Ferro e António de Oliveira Salazar no romance *O Ano da Morte de Ricardo Reis* (1984), de José Saramago. Observa-se uma lacuna nos estudos literários no que diz respeito ao papel da dupla política de Ferro e Salazar nesta obra. Por isso, através do viés de estudos lusitanistas de Eduardo Lourenço e das noções de dialogismo, carnavalização e polifonia bakhtinianas, propõe-se uma análise comparativa dos trechos a fim de pensar que os Velhos do alto de Santa Catarina, personagens mencionados no romance, são na realidade, uma alusão às figuras históricas de António de Oliveira Salazar e António Joaquim Tavares Ferro, de forma a explicitar a imagem construída por Saramago de dois políticos que possuem diversos traços influentes no contexto cultural e literário português, notadamente dos anos 1930.

Palavras-Chave: O Ano da Morte de Ricardo Reis; Salazar; António Ferro.

A MATERNIDADE CULPOSA PORQUE FORA DO CASAMENTO EM SEGREDO DE AMOR E PROMETIDA

Maria do Carmo Almeida de Oliveira (UEPB)
maria.carmo.almeida.oliveira@aluno.uepb.edu.br

Este trabalho propõe uma discussão sobre a maternidade nos romances *Segredo de Amor* (1942), de Maria de Figueiredo, e *Prometida* (1944), de Sarah Beirão, ambas as obras publicadas no período do Estado Novo, em que os ditames e modelos do patriarcado se tornavam mais opressores para a mulher. Nosteiam nosso estudo os seguintes questionamentos: à mulher é dado o direito de dispor do próprio corpo? As mães que engravidavam fora do casamento, em meados do século passado, sofriam um apagamento social? A morte dessas mulheres, nas narrativas de ficção, representa uma forma de apagamento punitivo? Nosso objetivo é observar como este tema está desenvolvido nos dois romances escolhidos, comparando as personagens mães e a imposição da maternidade limitada ao casamento. Discutiremos essa forma de punição da sociedade sobre a mulher com base no seguinte referencial teórico: Badinter (1980), Scott (1990), Scavone (2001), Rago (2019), Grosz (2020), dentre outros ligados ao assunto. Pretendemos chegar ao entendimento de que obras literárias podem trazer posicionamentos em torno dessa temática, de forma que se rompa com os estereótipos, para nos fazer refletir, criticar e dar visibilidade a certas realidades femininas as quais, muitas vezes, são ignoradas, como a prescrição da maternidade.

Palavras-chave: Maternidade; Apagamento Social; Representações Femininas; Maria de Figueiredo; Sara Beirão.

A MÁSCARA DA MULHER NOS CONTOS REALISTAS DE MACHADO DE ASSIS E EÇA DE QUEIRÓS

Maria Eduarda Zorzin (UFFS)
mezorzin@gmail.com

A literatura representa o mundo ao mesmo tempo em que o interroga, expondo contradições culturais e sociais. Ela permite observar como os sujeitos são retratados e, muitas vezes, moldados pelas normas sociais de seu tempo. Nos contos *Missa do Galo*, de Machado de Assis, e *Singularidades de uma rapariga louca*, de Eça de Queirós, a figura feminina ocupa um lugar de destaque, embora imersa em olhares masculinos que tentam enquadrá-la em padrões socialmente impostos. Em meio às restrições do século XIX, essas personagens fazem da ambiguidade e do silêncio uma forma de resistência. No conto machadiano, Dona Conceição surge como uma personagem complexa, construída por entre silêncios e olhares, que tensiona os limites da moral e da expectativa social. Já Eça de Queirós nos apresenta Luísa Vilaça, figura central de uma narrativa que a princípio parece tratá-la como objeto de desejo, mas que, ao final, inverte as projeções do narrador masculino. A análise propõe uma leitura comparativa dos dois contos, buscando entender como essas personagens femininas são construídas e quais recursos narrativos ajudam a moldar suas histórias. A fundamentação teórica se apoia em estudiosas como Teresa de Lauretis, Maria Rita Kehl e Sandra Gilbert, além de refletirem sobre o silenciamento e a forma como o feminino é tratado como algo exótico. Assim, pretende-se evidenciar como Dona Conceição e Luísa Vilaça não são apenas reflexos do olhar masculino, mas personagens que, em suas singularidades, revelam fissuras na estrutura social e literária de seu tempo.

Palavras-chave: Realismo; Representação Feminina; Machado de Assis; Eça de Queirós.

FRAGMENTOS DO PRETÉRITO: A MEMÓRIA EM ESTA NOITE SONHEI COM BRUEGHEL, DE FERNANDA BOTELHO

Maria Gabriela Silva de Macedo e Marques Guerra (UEFS)
gabrielaguerrauefs@gmail.com

Buscamos, com esta pesquisa, analisar a maneira como as memórias, coletiva e individual, são articuladas em *Esta noite sonhei com Brueghel*, de Fernanda Botelho, como participantes do processo de autodescoberta vivenciado por Luíza, personagem principal da referida obra. Durante a narrativa, a protagonista é atravessada pelo desencanto com alguns aspectos da vida, como o falecimento brusco de seus pais, a infelicidade matrimonial e a relação estremecida com seu marido. Para lidar com aquilo que a perturba, Luíza elabora um processo de autorreflexão crítica, potencializada a partir do contato catártico com as pinturas de Pieter Brueghel, que resulta em uma produção autobiográfica, onde questiona a realidade que está inserida, repensando sua própria identidade, enquanto busca uma faceta mais autêntica de si. Desta forma, acreditamos que a memória e a experiência estética da arte são pontos dinamizadores para a leitura desenvolvida acerca da supracitada obra de Botelho. Para isso, utilizamos os estudos que envolvem as concepções de memória desenvolvidas por: Bosi (1994), Candau (2012), Halbwachs (1976), Le Goff (2013), Ricoeur (2007) e Valverde (2014). E, também, autores que trazem reflexões acerca da experiência estética da arte, como: Dewey (2010), Dufrenne (2008) e Jauss (1979).

Palavras-chave: Esta Noite Sonhei com Brueghel; Fernanda Botelho; Memória Identitária.

AS SOMBRAS DO GÓTICO EM O ESQUELETO, DE CAMILO CASTELO BRANCO

Maria Luísa Bruno Baumgart (UEPG)
250400400014@uepg.br

O conto *O Esqueleto* (1848), de Camilo Castelo Branco, narra a trajetória de um jovem que seduz uma moça e a abandona, ignorando as consequências de seu ato. Após a morte trágica da jovem, seu irmão, tomado pelo luto e pela dor, decide preservar seus restos mortais, guardando o esqueleto como relíquia de sofrimento e vingança. A narrativa, embora breve, revela profundas camadas de morbidez, melancolia e uma visão sombria das paixões humanas. Desde o título do conto, o leitor já é convidado a construir a possibilidade de uma atmosfera lúgubre para o que será narrado: um enredo que adentra os desígnios da morte, fato incontornável da experiência humana, carregado de misticismo e crenças. Assim, pretende-se explorar a presença do gótico nesse escrito camiliano por meio das teorias de Fred Botting, que investiga os contornos e os limites do gênero, e de Nick Groom, que destaca o gótico como um espaço onde a ordem moral e social é subvertida. Além disso, também nos respaldaremos na fortuna crítica acerca da obra e do autor.

Palavras-chave: Camilo; Morte; Gótico.

O ONÍRICO E O GÓTICO COMO EXPRESSÃO DA RELIGIOSIDADE EM “O CRIME DO PADRE AMARO”, DE EÇA DE QUEIROZ

Maria Luiza Medeiros Rios (UFSM)
rios.maria@acad.ufsm.br

Um clássico da literatura realista, *O Crime do Padre Amaro* interessou ao público e à crítica em seu tempo e ainda hoje, quando análises em diferentes interpretações e estudos revelam questões ainda suscetíveis de debate na obra, sobre a sociedade e a condição humana. Nesse sentido, este trabalho – em processo de elaboração e fundamentado em estudos como os de Xênia Amaral Matos sobre o gótico no romance, Maria Leonor Machado de Sousa sobre o horror na literatura portuguesa e Sigmund Freud sobre o sonho, aliados a uma leitura concentrada dos capítulos V, XI e XIX do romance – busca examinar como a dimensão onírica e o gótico atuam como ferramentas reveladoras da subjetividade das personagens Amélia e Amaro, expondo uma concepção de religiosidade, que ora condena, ora absolve o sonhador. Essa perspectiva da figuração da personagem (Reis, 2015), nem sempre valorizada na análise dos protagonistas, torna possível observar que é no campo dos sonhos que as concepções de mundo do casal mais se afastam afinal, enquanto os sonhos de Amélia emergem no desejo e terminam no medo da condenação divina, os de Amaro emergem na autoreprovação e acabam na conciliação paradoxal do dogma e ânsias do padre. Assim, evidencia-se um discurso ancorado no conservadorismo moral, mas assimilado distintamente pelas personagens, simbolizando um aspecto relevante da obra que merece atenção.

Palavras-chave: O Crime do Padre Amaro; Figuração de Personagem; Gótico.

O LAGARTO ENTRE JOSÉS: ENCONTRO NARRATIVO DE TEXTO E XILOGRAVURA NA LITERATURA INFANTOJUVENIL

Mariana Miranda Máximo (Unicentro)
marimaximo86@gmail.com

O presente artigo propõe uma análise da obra *O Lagarto*, escrita por José Saramago e ilustrada por José Borges, centrando-se no diálogo narrativo entre palavra e imagem, compreendendo a ilustração como arte que se entrelaça à linguagem literária. Buscamos compreender como o texto e a xilogravura, ao atuarem de forma integrada, constroem uma experiência estética e simbólica que amplia as possibilidades de leitura. A obra se inscreve no campo da literatura infantojuvenil ilustrada, mobilizando repertórios simbólicos, culturais e arquetípicos que dialogam com a tradição do conto de fadas e da literatura de cordel. As xilogravuras de Borges, ancoradas na tradição popular da literatura de cordel, instauram uma poética visual própria, que tensiona, complementa e enriquece o texto de Saramago, instaurando uma narrativa visual marcada por expressividade e oralidade. O estudo considera que o livro ilustrado constitui um território narrativo compartilhado, em que textos verbal e não verbal articulam-se como forças expressivas da literatura infantojuvenil. A análise ancora-se nas contribuições de Maria Nikolajeva e Carole Scott, Walter Benjamin, Nelly Novaes Coelho, entre outros, para refletir sobre os sentidos simbólicos da obra e sobre a leitura cruzada como uma experiência estética complexa, que convoca a sensibilidade, a imaginação e a inteligência do leitor, exigindo a integração crítica das linguagens verbal e visual, articulação que favorece uma leitura sensível.

Palavras-chave: Literatura Infantojuvenil; Livro Ilustrado; Contos de Fadas.

O “AUTO DA ALMA”, A MORALIDADE EXEMPLAR DE GIL VICENTE

Marina Gialluca Domene (FFLCH – USP)
marina.domene@usp.br

Ao longo de três décadas, Gil Vicente escreveu e encenou, para a corte portuguesa, peças teatrais que serviam a um duplo propósito: entreter e edificar. Esses textos deveriam, portanto, agradar seu público ao mesmo tempo que o instruísse. Para tanto, o autor recorreu a temáticas e formas que sabia terem o poder de cumprir seu objetivo. Por isso, a tradição do teatro medieval, que desempenhava as mesmas funções de divertir e ensinar e que contava com grande prestígio popular, serviu de fonte para o teatro vicentino. Na comunicação que aqui se apresenta, temos o objetivo de explorar a relação que existe entre os textos escritos por Gil Vicente e uma forma teatral do fim do Medievo chamada “moralidade”, que é o tema para nossa pesquisa de doutoramento. Nossa proposta é discutir os contornos da moralidade e a relação que se estabelece entre estes e o *Auto da Alma*, peça escrita por Gil Vicente.

Palavras-chave: Gil Vicente; Auto da Alma; Moralidade; Alegoria; Teatro medieval

NAS ENTRELINHAS: DESNUDANDO O CORPO FEMININO NOS POEMAS DE IRENE LISBOA

Marina Otero Lemos da Silva (UERJ/CAPES)
marinaoterolemos@gmail.com

Ao publicar *Um dia e outro dia: diário de uma mulher*, em 1936, Irene Lisboa lança ao mundo um apanhado de poemas com um jogo de gêneros entre diário e poesia, mas também masculino e feminino. Por mais que o lançamento do livro seja sob o pseudônimo masculino João Falco, o subtítulo expõe o contrário: trata-se do diário de uma mulher. A marca de gênero se define nos poucos e precisos indícios do eu poético ao longo dos textos a fim de corroborar com o feminino. O que se percebe, ao longo da leitura, é um olhar atento não só para as questões de um universo que seria próprio das mulheres, mas também atento aos diferentes corpos, em especial os femininos, com que essa persona lírica se depara ao observar a cidade ao seu redor. Por vezes, o zelo com os detalhes a determinadas partes do corpo desemboca em erotismo e desnuda outras formas de perceber o outro. É importante, portanto, analisar como Irene Lisboa, através da poesia, ateu-se, ainda que discretamente, a esse erotismo atrelado ao feminino, mesmo durante os primeiros anos do Estado Novo.

Palavras-chave: Irene Lisboa; Literatura Portuguesa; Literatura de Autoria Feminina; Erotismo; Homoerotismo.

A AUTONOMIA DA LINGUAGEM E A INVENÇÃO DO EU: AMOR E POESIA EM O'NEILL E HELDER

Marinna Silva Santos (UFU)
marinnasantos7@gmail.com

A presente comunicação visa a aproximar a obra de dois autores geralmente associados ao Surrealismo português: Alexandre O'Neill e Herberto Helder, no que diz às formas poemáticas assumidas por eles quando tratam do amor. O primeiro, em célebre poema ("Um adeus português") publicado em 1958 enquanto se despedia da francesa Nora Mitrani - exilada pela ditadura salazarista -, desvela a dor da partida da amada sem contudo abandonar a força da linguagem imagética surrealista, como no verso "a luz de ombros puros", associação insólita que funda uma imagem inédita no imaginário do leitor. Já Helder, especialmente em seus poemas iniciais, traça o imaginário de um amor idealizado, descarnado, também recorrendo a associações imagéticas inesperadas como "as mãos que relampejam no escuro", de *Tríptico*, ou "dai-me uma jovem mulher [...] e seu arbusto de sangue", de *O amor em visita*. O que se depreende da comparação entre ambos os poetas é que, se em O'Neill o amor se dá de forma carnal, enquanto memória e referência do real, em Helder ele se dá como idealização e figura de linguagem. Ora, se para Michel Collot, em *Matéria-emoção*, "ao projetar-se na cena lírica e objetivar-se em uma obra, o poeta consegue ser mestre de si mesmo do lado de fora e inventar-se. O funcionamento autônomo da linguagem torna-se um meio de conhecimento e de constituição de si", depreende-se que ambos os poetas, em momentos diferentes da vida, metamorfoseiam a própria matéria vivida em efeitos de linguagem - em última instância, em poemas.

Palavras-chave: Herberto Helder; Alexandre O'Neill; Michel Collot.

**DEMOCRACIA E DIREITOS HUMANOS EM JOSÉ SARAMAGO:
CONSIDERAÇÕES A PARTIR DOS “CADERNOS DE LANZAROTE” (1993
- 1998)**

Mateus Roque da Silva (UNICAMP)
mateusroques@yahoo.com

José Saramago (1922 - 2010) pertence a uma rara linhagem de intelectuais que, como bem afirma Eduardo Lourenço (2018), escreveram depois de ter vivido. A sua longa experiência pessoal, como cidadão atuante e escritor inquieto, se organiza e se apresenta ao público em seu ofício, laureado por inúmeras premiações importantes, por meio de diversos gêneros ficcionais - como romances, poemas e contos - e não ficcionais - ensaios, conferências e diários - que, por diversas vezes, se interrelacionam em seus múltiplos planos discursivos. *Nos Cadernos de Lanzarote*, sequência de seis diários escritos entre os anos de 1993 e 1998, enquanto José Saramago encontrava-se exilado na ilha espanhola de mesmo nome, o autor português, como testemunha de seu tempo, teceu uma série de reflexões fundamentais à compreensão dos dilemas sociais, econômicos e políticos que acometeram e, de todo modo, seguem acometendo o ser humano. Dentre os inúmeros temas que são elencados e desenvolvidos ao longo do referido material, buscaremos, nesta comunicação, discutir as percepções de Saramago acerca de dois elementos fundamentais, sejam eles: 1) os contornos da atual democracia burguesa, notadamente imersa em uma grave crise estrutural, e 2) a problemática em torno das constantes ameaças e violações dos Direitos Humanos no mundo contemporâneo. De modo a aprofundarmos a reflexão que se propõe, estabeleceremos um estreito diálogo com sua fortuna crítica, especialmente com os trabalhos de Ana Paula Arnaut, Regina Zilberman, Rosani Umbach e Deivis Garlet.

Palavras-chave: José Saramago; Direitos Humanos; Democracia.

ESCRITA FURTIVA: A RAPIDEZ, DE ITALO CALVINO (1990), NA FICÇÃO DE MANUEL ABRANTES, NA TERRA DOS OUTROS (2024)

Maurício Dutra Félix (UFSCar)
mauriciofelix@estudante.ufscar.br

Italo Calvino, em seu texto *Seis propostas para o próximo milênio: lições americanas* (1990), argumenta em favor da rapidez, como uma ferramenta artística para os escritores do século XXI que, em contrapartida com seu binômio, a lentidão, fornece narrativas capazes de criar saltos temporais que se interligam a partir de laços poéticos. Apesar dessa velocidade, em pontos específicos, as diegeses se permitem prolongar, metaforicamente, como uma sanfona, formando a coesão romanesca. A partir dessa visão calviniana, meu objetivo, com este trabalho, é analisar de que maneira a obra do escritor português contemporâneo, Manuel Abrantes, *Na Terra dos Outros* (2024), utiliza-se desse mecanismo literário para acompanhar a vida de Maria do Carmo Gouveia, desde o início dos anos 70. Partindo de uma dura e pobre infância nos anos finais do Estado Novo (1933-1974) em Portugal, a narrativa seguirá, às vezes de maneira fugaz, em outras, prolongada, o crescimento, o surgimento de amores, a formação de família, dessa personagem marcada pela luta diária da sobrevivência. Com uma escrita a que denomino de “furtiva”, a história passará por momentos chave da vida de Maria do Carmo, onde o leitor pressupunha maior disposição de tempo. Isso porque, em um diálogo entre forma e conteúdo, a vida da protagonista é, também, uma “vida furtiva”, rápida, dissimulada. Portanto, este trabalho buscará analisar a obra de Abrantes em diálogo com a proposta de Italo Calvino para este novo século.

Palavras-chave: Novíssima Ficção Portuguesa; Italo Calvino; Na Terra dos Outros.

LIVROGRAFIA: LIVRO DO DESASSOSSEGO

Michelle Cardoso de Sá (UERJ)
michellecardoso11@gmail.com

A pesquisa em desenvolvimento busca discutir passagens do *Livro do Desassossego* que permitem pensar o desmantelamento da autoria da escrita, suscitado por uma crítica proveniente de uma “autobiografia sem fatos”, ao deslocar a tradição do sujeito da escrita em direção ao equívoco, ao caminho da errância, como alude Jean-Luc Nancy, em *Demanda: literatura e filosofia* (2016). Nesse sentido, o deslocamento é mimetizado como assombros da incapacidade de compreensão do mundo e do sujeito nele. Dessarte, a singular escrita moderna do L. do D. poderia ser pensada como autoinscrição da encenação da leitura, expressa na noção “história sem vida”, na qual se ensaia o aviso de um projeto de livro como fruto de uma autoria sem qualquer hipoteca e, por isso, fragmentado e faltante.

Palavras-chave: Livro do Desassossego; Leitura literária; Literatura moderna.

DISCUSSÕES DE PAUTAS FEMINISTAS NO ROMANCE DESTINOS

Michelle Thalyta Cavalcante Alves Pereira (UEPB/PPGLI/GIELLus)

michelly-54@hotmail.com

Aldinida Medeiros (UEPB/PPGLI/GIELLus)

aldinidamedeiros@gmail.com

É notório, na história da mulher, que seu envolvimento com as letras foi um passo importante para o fortalecimento das lutas feministas que resultaram em conquistas. Dessa maneira, o despertar da mulher portuguesa para o mundo das letras foi uma ferramenta positiva, ou seja, uma forma de exercer seus direitos e apresentar suas potencialidades, questionando muitas imposições da ideologia patriarcal. A presente comunicação consiste em um estudo crítico-analítico do romance *Destinos* (1945) da escritora portuguesa Sara Beirão. Percebemos, no enredo deste romance, certa ênfase nas discussões das situações da mulher, com pontos que eram, há algum tempo, pautas feministas em diversos países. O tema presente na obra envolve a leitura e a educação como vetores de conscientização e emancipação feminina e isto fica muito claro em diversas falas das personagens. Assim, a visibilidade dada à questão da leitura e educação formal é mostrada como degrau para tornar a luta das mulheres mais visível e reafirmar seu lugar e sua voz na sociedade, com igualdade de direitos e liberdade individual. Para aporte teórico, foram selecionados Ana Vicente (1998), Andradina Oliveira (2007), Constância Lima Duarte (1987), Chatarina Edfeldt (2006), Irene Vaquinhas (2000), Maria Regina Tavares da Silva (1983), dentre outros autores.

Palavras-chave: Educação; Emancipação da Mulher; Crítica Feminista; Sara Beirão; Destinos.

“HIPÓTESE REFUTADA: HÁ VIDA PARA ALÉM DA FICÇÃO”: UMA LEITURA DA OBRA ROMANESCA DE JOANA BÉRTHOLO

Milena Figueiredo Maia (PUC-SP)
milenamaia1982@gmail.com

Em sua obra romanesca – *Diálogos para o fim do mundo* (2010), *O lago do avesso* (2013), *Ecologia* (2018) e *A história de Roma* (2022) –, Joana Bértholo explora a relação entre diferentes linguagens, mídias e artes. No texto *Cartografias: a (nova) ficção portuguesa do século XXI* (2021), a pesquisadora portuguesa Ana Paula Arnaut estabelece os paradigmas da literatura por ela denominada hipercontemporânea, dentre eles, a categorização dos romances intermediais, ou seja, aqueles que, na esteira do que já foi observado em movimentos literários precedentes, estabelecem, explícita ou implicitamente, relações da escrita com mídias representativas do século XXI. Por meio do emprego de estratégias metaficcionalis, intertextuais, interartísticas e intermediais, Bértholo exige do leitor um novo e amplo olhar, não apenas direcionado ao conhecimento do exposto no texto, mas também a outras competências tecnológicas e culturais próprias do nosso tempo. Para esta análise, valer-nos-emos dos conceitos de contemporâneo (Agamben, 2009), metaficção (Hutcheon, 1984) e intermedialidade (Wolf, 2005; Reis, 2019), com o intuito de expor de que forma Bértholo cria um universo ficcional em que a ligação com o real se dá pela via do discurso e das conexões com outras linguagens. Deste modo, verificamos que a articulação entre linguagens diversas institui, nos romances da autora, uma nova relação com o empírico, ao estabelecer, tanto no plano conceitual quanto no plano formal da narrativa, uma estreita relação com o tempo presente.

Palavras-chave: Hipercontemporâneo; Intermedialidade; Metaficção; Joana Bértholo.

UM OLHAR FRAGMENTÁRIO SOBRE ALEGORIA, FORMA E AURA EM “ENSAIO SOBRE A LUCIDEZ”

Pamera Ferreira Santos (UERJ)
pamera_santos@yahoo.com.br

Esta comunicação possui duas seções que discutem o romance *Ensaio sobre a lucidez* (2004), sendo a primeira uma visão sumária e teórica sobre o título da obra; e a segunda, com maior extensão, percorre a obra analisando o destino da personagem principal, a mulher do médico. A percepção do título é feita a partir de três temas e autores, respectivamente: alegoria, Walter Benjamin (1984); ensaio, George Lukács (1910); e, aura, Didi Huberman (2015). A análise feita por esses autores contempla outras artes: dramaturgia, escrita crítica e plásticas, mas a problematização da linguagem e da imagem as tangenciam e dessas máximas a literatura é convocada. Quanto ao romance, trata-se de uma democracia em xeque. Apesar do estranho atraso para ir às urnas, há surpresa maior: 80% da população daquela cidade votaram em branco. Um momento histórico, marcado pela condução do coletivo, numa total inversão de poder. A mulher do médico, ao contrário do enredo anterior (cegueira), aparece reduzida em seu protagonismo; dentro dos fatos narrados, injustamente, irá assumir o lugar de antagonista, sendo covardemente assassinada pelo Estado que, sem provas, acusa-a de mobilizar o povo para esse resultado. Ainda mais que, após a votação, o poder público abandona-os, ainda assim, o cotidiano coletivo desenvolve-se normalmente. Por isso, numa tentativa de desespero inescrupuloso, usam a execução da mulher do médico como forma de eliminar as resistências a um poder absoluto: o capital. A fim de examinar, diligentemente, as partes e seus diálogos profícuos com as escolhas humanas contemporâneas, fragmentou-se título e obra.

Palavras-chave: Saramago; Lucidez; Século XXI.

FIOS DA MEMÓRIA: NARRATIVAS DO ESQUECIMENTO EM NOVAS CARTAS PORTUGUESAS E A TOCA DO LOBO

Patrícia Leitão de Almeida (UFRJ)
patricialeitaodealmeida@letras.ufrj.br

O presente trabalho propõe uma análise de como as *Novas cartas portuguesas* (1972), de Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Horta e Maria Velho da Costa, e o documentário *A toca do Lobo* (2015), de Catarina Mourão, trabalham narrativas sobre o esquecimento, imposto pelo período ditatorial português através de suas linguagens específicas. Apoiando-se nos fundamentos de Paul Ricoeur e Maurice Halbwachs, o estudo analisa os fios que compõem e costuram essas memórias. Por um lado, *Novas cartas portuguesas* denuncia a opressão feminina durante o período ditatorial através da multiplicidade e da fragmentação narrativa. Por outro, *A toca do Lobo* desenreda os nós da memória de uma família através de seus arquivos pessoais, revelando como o político se inscreve no espaço íntimo. A pesquisa apresenta como os trabalhos transformam materiais íntimos, respectivamente as cartas e os filmes caseiros, em memória e testemunho coletivo. Separadas por um período de quase cinco décadas, as obras se entrelaçam ao compartilhar o gesto de puxar fios esquecidos, recriando o que Halbwachs conceituaria como novos tecidos para além de uma memória oficial. Através da análise comparativa, objetiva-se refletir sobre a potência da literatura e do cinema como espaços de ressignificação da história através da memória, principalmente no que diz respeito às vozes silenciadas pelo regime ditatorial.

Palavras-chave: Novas Cartas Portuguesas; Memória; Resistência.

**O ESTRANHO DAS CASAS: POEMAS DE LUIZA NETO JORGE,
ESCULTURAS DE RACHEL WHITEREAD E AS VISÕES DE MUNDO QUE
ERGUEMOS NOS ESPAÇOS DOMÉSTICOS**

Paula Tims Carneiro Campello (UFRJ)
paulacampello@letras.ufrj.br

Pensar o mundo a partir da casa não precisa ser uma reflexão apenas sobre o familiar. Tanto a poeta portuguesa Luiza Neto Jorge quanto a escultora inglesa Rachel Whiteread estranharam, cada uma a seu tempo e à sua maneira, os espaços, os gestos e as experiências que constituem as casas. Luiza escreveu em um contexto no qual a ditadura salazarista difundia em Portugal um ideário que afirmava que a casa seria o esteio da nação. *As Casas*, série de poemas que publicou em 1964, traz, no entanto, imagens de moradas surreais, que ganham vida, movem-se de modos inesperados e vivenciam experiências mais do que tudo desestabilizadoras, como o erotismo, a festa, o luto e a solidão. Whiteread, por sua vez, começou a exibir seus trabalhos em Londres já no finalzinho da década de 1980 e segue, ainda hoje, criando moldes de objetos domésticos, de pedaços e mesmo de casas inteiras. Suas obras solidificam recantos, marcas e espaços habituais, mas algo ignorados. São peças que indagam a construção da memória e a falta de atenção que dispensamos a nossos próprios gestos em meio ao aguçamento da lógica neoliberal, que acelera a percepção do tempo e transforma os espaços e nossas relações com eles. As imagens da casa produzidas pelas duas artistas têm aproximações e distanciamentos. Mas mesmo nas diferenças elas nos abrem caminhos para pensarmos sobre como as maneiras como criamos, ocupamos e nos relacionamos com o ambiente doméstico também põem em circulação relações que extrapolam os limites do particular.

Palavras-chave: Poesia do século XX; Artes visuais; Casa; Luiza Neto Jorge; Rachel Whiteread.

**SOMBRIO APRUMO: TRAÇOS DO INSÓLITO E DO GROTESCO EM
TEATRO VERTICAL (2017), DE MANUEL ALBERTO VIEIRA**

Paulo Henrique Ribeiro Ratti (UFSCar)
phrratti@estudante.ufscar.br

Através de paisagens e seres rasurados, traduzidos em ilustrações inquietantes por Sebastião Peixoto, no decorrer de doze formas breves, que compõem o *Teatro Vertical* de Manuel Alberto Vieira, mira-se o lado mais lúgubre do animal humano. Este trabalho pretende explicitar de que maneira um certo modo de expressão peculiar irrompe na tessitura destes contos, a engendrar um estado “torto” de riso, horror, espanto, repulsa e inércia, face à obscuridade dos casos narrados, a partir das intersecções e confluências entre o insólito e o grotesco. Com base nas contribuições de Flavio García (2012), em *Vertentes teóricas e ficcionais do Insólito*; Mikhail Bakhtin (2008), em *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*; Camila Alavarce (2009), em *A ironia e suas refrações: um estudo sobre a dissonância na paródia e no riso*; entre outros.

Palavras-chave: Teatro Vertical; Insólito; Grotesco.

O MARINHEIRO DE FERNANDO PESSOA: A CRISE DO NARRADOR E A FRAGMENTAÇÃO DO EU NO TEATRO MODERNO

Pedro Henrique de Brito Borges (PUC-RIO)
oborgespedro@gmail.com

A comunicação analisa *O marinheiro*, de Fernando Pessoa, à luz da crise do narrador e do drama moderno, explorando as implicações da fragmentação do eu e da temporalidade na peça. A obra é apresentada como um exemplo emblemático do teatro estático, onde a ação é substituída pela introspecção, e a narrativa emerge como um espaço de autorreflexão e contemplação. Por meio das veladoras e do sonho do Marinheiro, Pessoa desconstrói a centralidade do presente e revela a impossibilidade de uma identidade coesa, destacando a crise existencial e narrativa que permeia a modernidade. Em diálogo com as ideias de Walter Benjamin e Peter Szondi, a comunicação investiga como *O marinheiro* transcende as convenções dramáticas clássicas, refletindo sobre memória, linguagem e a condição fragmentada do ser. Conclui-se que a peça simboliza não apenas a dissolução do narrador, mas também a transformação da literatura em um espaço de multiplicidade e questionamento existencial.

Palavras-chave: Fernando Pessoa; Crise do Narrador; Teatro Estático; Fragmentação do Eu; Modernidade Literária.

ESTA TERRA (MINHA) TÃO DISTANTE: O LUGAR DA POESIA EM RUI KNOPFLI E LEONEL NEVES

Pedro Martins Cruz de Aguiar Pereira (UERJ)
pmcap1996@gmail.com

A presente comunicação tem por intenção realizar uma leitura comparada sobre o lugar da poesia em duas obras de dois poetas lusófonos: *O País dos Outros* (1959), do poeta moçambicano Rui Knopfli (1932 - 1997), e *Memórias de Timor-Leste* (1996), do poeta português Leonel Neves (1921 - 1996). A pretensão inicial de leitura parte da intencional ambiguidade assumida pela expressão “lugar da poesia”, que permite compreender a poesia como um espaço no qual é possível habitar ao mesmo tempo que é algo que existe e habita um lugar. Essa dupla relação semântica é relevante, pois, tanto em Knopfli quanto em Neves, é notável que a poesia seja uma maneira de estabelecer uma forma de pertencimento. Esse ideal de pertencimento nas obras, entretanto, reside em pontos diferentes. Desta feita, observamos em Rui Knopfli um sentimento de estrangeiramento em terra própria, Moçambique, e é no lugar, no espaço construído pela poesia, que, de fato, existe um pertencimento do poeta. Por outro lado, nota-se, em Leonel Neves, que o ideal de pertencimento aparece como uma forma de acolhimento do estrangeiro, do outro, e a poesia existe no lugar da hospitalidade, do recebimento de outra cultura sem torná-la pitoresca. Por fim, cabe reconhecer que o lugar da poesia nesses dois poetas, como dito anteriormente, instaura-se uma forma de hospitalidade da palavra para com o outro. Nisso, foi adaptado um conceito de Paul Ricœur (1913 - 2005), hospitalidade linguística, encontrado em seu livro *Sobre a Tradução* (2011).

Palavras-chave: Literatura Comparada; Poesia; Hospitalidade.

METAFICÇÃO NA NOVÍSSIMA FICÇÃO PORTUGUESA

Penélope Eiko Aragaki Salles (UFSCar)
penelope.eiko@gmail.com

Desde a Revolução dos Cravos, Portugal tem passado por transformações políticas, sociais e culturais que reconfiguram sua identidade. Questões como crise econômica, imigração, disputas em torno da memória histórica e urgências ambientais compõem o pano de fundo de uma sociedade em constante reinvenção. Nesse cenário, a literatura surge como espaço privilegiado de reflexão sobre essas experiências. Diana Navas observa que muitos autores contemporâneos adotam uma postura crítica em relação ao passado imperial português e ao papel incerto do país na Europa atual. Esta comunicação tem como objetivo analisar de que modo os romances *Deus, Pátria e Família* (2021), de Hugo Gonçalves, e *A coleção privada de Acácio Nobre* (2017), de Patrícia Portela, se inserem no contexto da Novíssima Ficção Portuguesa – expressão cunhada por Gabriela Silva para caracterizar uma produção literária que rompe com formas narrativas tradicionais e assume um viés fortemente metaficcional. A partir do conceito de metaficção desenvolvido por Linda Hutcheon, propõe-se investigar como essas obras exploram criticamente a construção da ficção, ao mesmo tempo em que problematizam temas como nacionalismo, história e performatividade na contemporaneidade. Busca-se, assim, evidenciar como esses romances constroem narrativas que interrogam os limites da representação literária, funcionando como testemunhos simbólicos da realidade portuguesa atual e reafirmando o papel da literatura como forma de resistência e instrumento de transformação.

Palavras-chave: Novíssima Ficção Portuguesa; Metaficção; Hugo Gonçalves; Patrícia Portela.

O CONCEITO DE JUSTIÇA NAS OBRAS DE PRINCIPE, DE GIOVANNI PONTANO (1429-1503), E BREVE DOCTRINA E ENSINANÇA DE PRÍNCIPES, DE FREI ANTÓNIO DE BEJA (1493-?)

Ranieri Emanuele Mastroberardino (Fundação Araucária/UFPR)
ranimastro@gmail.com

A presente comunicação é resultado da pesquisa de doutorado em curso na Universidade Federal do Paraná (UFPR) e na Università degli Studi Roma Tre. Esta pesquisa encontra-se em um estágio avançado e propõe uma análise comparada sobre o pensamento político dos escritores Giovanni Pontano (1429-1503) e Frei António de Beja (1493-?), nos tratados políticos *De Principe* (1493) e *Breve doutrina e ensinança de príncipes* (1525). Para tal fim, os livros, concernentes ao renascimento italiano e português, são examinados como textos de aconselhamento, destinados, respectivamente, aos governantes dos autores, Alfonso II de Nápoles (1448-1495) e D. João III (1502-1557). Paralelamente a isso, destaca-se que os livros são considerados pertencentes a um gênero literário de grande importância na Idade Média e no contexto renascentista, o denominado “espelhos de príncipes”. A literatura de espelhos de príncipes, também conhecida como *specula principis*, caracterizou-se por uma variedade de obras políticas, normativas, pedagógicas e moralizadoras em torno da conduta dos soberanos, alcançando o seu ápice de produção e de divulgação durante os séculos XIV, XV e XVI. Na prática, essas obras aconselhavam os governantes a respeito de como eles deveriam agir e se comportar nas diversas situações do cotidiano. Nos livros *De Principe* e *Breve doutrina e ensinança de príncipes*, Pontano e Beja dialogavam com o conceito de justiça enquanto teciam conselhos aos seus respectivos governantes. Nesse sentido, a presente comunicação busca averiguar as aproximações e os distanciamentos acerca do modo como os dois escritores enxergavam a justiça em suas respectivas visões políticas.

Palavras-chave: Justiça; *Specula Principis*; Giovanni Pontano; Frei António de Beja.

A LÍNGUA ENTRE ESPÉCIES EM GAL FREIRE E ANDREIA C. FARIA

Raphael Felipe Pereira de Araujo (UFRJ)
raphaelfelipe.ar@gmail.com

Esta proposta de trabalho surge a partir da leitura de dois livros de poemas: *Canina* (2022), da poeta portuguesa Andreia C. Faria, e *Barbie, Brasil, Tesão* (2023), da poeta brasileira Gal Freire. Estes livros se aproximam pela presença de uma voz poética que se transfigura em experiências que estão para além do humano, de modo que as suas leitoras e leitores se defrontam com poemas que abordam temas como a animalidade, a mercadoria e a vida vegetal. Em ambos os livros, há uma reflexão sobre a relação do feminino com outras espécies, convertendo as figuras do animal e do vegetal – tradicionalmente marginalizadas pelo discurso filosófico – em espécies companheiras, para recuperar o termo de Donna Haraway, espécies que auxiliam na ruptura com uma tradição dominada pelo patriarcado, e mesmo com a ruptura de uma determinada forma de trabalhar com a língua e experienciar a linguagem. O objetivo desta comunicação é propor uma leitura que articule poemas das duas autoras, se perguntando como estes temas, que parecem ser linhas de força da poesia contemporânea, se apresentam em suas poéticas particulares, e o modo como Andreia C. Faria e Gal Freire revelam laços inesperados entre a literatura brasileira e a literatura portuguesa contemporânea.

Palavras-chave: Poesia Contemporânea; Animalidade; Autoria feminina.

ANÁLISE ESTRUTURAL DA EPISTOLOGRAFIA ENTRE: AS CARTAS DE AMOR (HERÓIDES) DE OVÍDIO E AS CARTAS PORTUGUESAS (LETTRES PORTUGAISES) DE SÓROR MARIANA ALCOFORADO

Regina Lúcia Gonçalves Pereira Silvestrini (UEM)
silvestriniregina@gmail.com

Neste artigo, traçamos um paralelo entre *As Heróides*, de Ovídio, e as *Cartas Portuguesas*, atribuídas a Sórora Mariana Alcoforado, destacando como a forma epistolar, ainda que separadas por séculos e contextos culturais distintos, deu voz ao amor ferido sob a perspectiva das mulheres, permitindo a expressão do sofrimento amoroso. Ambas as obras, não obstante a distância temporal e cultural que as distingue, revelam a intensidade das paixões e o conflito entre razão e sentimento, utilizando a carta como meio literário de elaboração subjetiva e reflexão sobre o desejo, a ausência e a memória amorosa.

Palavras-chave: As Heróides; Cartas Portuguesas; Epistolografia.

**PAISAGEM URBANA NA NOVÍSSIMA FICÇÃO PORTUGUESA: UMA
LEITURA DE PORTO À NOITE, DE AFONSO CURVAL E MORRO DA
PENA VENTOSA, DE RUI COUCEIRO**

Renan Henrique Messias de Paulo (UFSCar)
renan.messias@estudante.ufscar.br

Este trabalho propõe uma leitura comparativa das obras *Porto à noite*, de Afonso Curval, e *Morro da Pena Ventosa*, de Rui Couceiro, com foco na representação da paisagem urbana como elemento estruturante da narrativa. Ambas as obras elegem a cidade do Porto como espaço central, mas mobilizam perspectivas distintas: enquanto em *Porto à noite* prevalece uma paisagem noturna, marcada por juventude, transitoriedade e ritmo frenético, em *Morro da Pena Ventosa* a cidade é evocada pela memória, pela contemplação e pela perda. A análise apoia-se nos pressupostos da poética do espaço (Bachelard, 1978) e nos estudos sobre paisagem e lugar (Collot, 2003) e (Tuan, 1983), considerando a cidade como espaço simbólico e afetivo que molda a experiência das personagens. A leitura das duas obras permite refletir sobre diferentes modos de inscrever o espaço urbano na Novíssima Ficção Portuguesa, revelando o Porto como um território literário plural. Assim, o trabalho busca demonstrar como a paisagem literária funciona como operador narrativo e afetivo, contribuindo para a construção das subjetividades e para a atualização de imaginários urbanos na literatura portuguesa contemporânea.

Palavras-chave: Porto à Noite; Morro da Pena Ventosa; Paisagem Urbana; Espaço; Novíssima Ficção Portuguesa.

**“ACENDER DE CARÍCIAS UM TEXTO NA MEMÓRIA”: DIÁLOGOS
ENTRE O ENSAIO E A POESIA DE LUÍS MIGUEL NAVA**

Rodolpho Pereira do Amaral (UERJ)
rodolph.amaral@gmail.com

Em *Escrever a leitura*, texto presente em *O rumor da língua* (2004), Roland Barthes faz uma arguta indagação: “[...] nunca lhe aconteceu ler levantando a cabeça?” (Barthes, 2004, p. 26). A partir desse movimento, continua o autor, é que se define uma leitura que nutre, suscita ideias e abre um espaço profícuo de diálogos e de fluxo de troca. Essas proposições então se juntam às elaboradas por Carlos Mendes de Sousa (2004) acerca de a poesia de Luís Miguel Nava denotar a ideia de escrita como autognose, ou seja, o aprofundamento crítico das vozes dos outros possibilita acessar, poética e criticamente, a própria voz. A atividade crítica em Nava está intimamente vinculada ao seu texto poético, o que nos permite, assim, até visualizar o poeta a fazer o movimento traçado por Barthes: ler levantando a cabeça. Ademais, podemos indagar sobre o que influencia a nossa predileção pelos textos e que faz nos ocuparmos de um em detrimento de outro, além de entendermos essas escolhas como um jogo de espelhos que deixa rastros para o apontamento das convergências entre o texto-leitura (Barthes, 2004) e o texto-poema. Buscaremos, portanto, a partir do livro *Ensaaios* (2004) de Luís Miguel Nava, esboçar a constelação de poetas (para retomar a expressão do poeta Manuel Gusmão) à qual se vincula, da qual se nutre e com e qual dialoga.

Palavras-chave: Intertextualidade; Poeta-ensaísta; Dialogia.

FERNANDO PESSOA E FRIEDRICH NIETZSCHE: UMA SIMBIOSE TEMÁTICA ENTRE POESIA E FILOSOFIA

Rodrigo Caetano Andreu (UNESP)
caetano_andreu@yahoo.com.br

Esta comunicação propõe uma leitura comparada, para identificar a intersecção entre poesia e filosofia, de dois fragmentos textuais que problematizaram de maneira similar a experiência de criação literária frente à experiência vivida, a saber: Estética do artifício, do *Livro do desassossego* do poeta Fernando Pessoa, que através de seus Heterônimos pluralizou a reflexão sobre a criação poética; e Aquiles e Homero, do livro *Humano, demasiado humano* do filósofo Friedrich Nietzsche, que observou a relação poética entre Homero e Aquiles. Ao analisarmos historicamente a relação entre o criar poético e o criar filosófico, notamos que, a partir do romantismo alemão, muitos poetas se dedicavam a filosofia e muitos filósofos à poesia. É dessa geração que Nietzsche é herdeiro, seus textos enredados por “personagens conceituais” o aproximaram do fazer poético, principalmente com seus livros escritos em aforismos. Anos depois, em terras portuguesas, Fernando Pessoa, com sua prosa poética e sua temática existencial, centrada na percepção do sujeito que observa o mundo por ângulos singulares, possibilitou uma escritura fluida que carrega consigo temáticas sensíveis à filosofia. Veremos que ambos os fragmentos analisados trazem a ideia da dificuldade do sujeito de narrar ou expressar a experiência vivida com intensidade, deixando a outro essa tarefa, numa dicotomia entre quem vive e quem escreve. Reflexões que, além de poéticas, também são profundamente estéticas e filosóficas. Dentro da perspectiva teórica da literatura comparada, nosso objetivo é compreender melhor as nuances dessa simbiose entre poesia e filosofia, além de questionar os limites e a extensão de suas fronteiras.

Palavras-chave: Poeticidade; Filosofia; Literatura.

TRAVESSIA TEMPORAL EM HERBERTO HELDER

Rosely de Fátima Silva (USP)
roselydefatimasilva@gmail.com

O percurso da escrita poética de Herberto Helder através do tecido do tempo temporal é pleno de desvios. Ora o tempo histórico transmuta-se em retomadas textuais e permeabilidades temporais, como proposto no conto exemplar *Teorema*, em *Os Passos em Volta* (1963), e em alguns poemas de *Servidões* (2012), ora o poeta mescla autobiografia e construção poética, muitas vezes com altas voltagens de acre ironia, em obras como *Apresentação do Rosto* (1968) e *Photomaton & vox* (1979). Noutras vezes, é o tempo histórico, cronológico, que o atravessa, ratificando a natureza perene de seus afetos e temas, mesmo com o aproximar do tempo da morte. Comentar alguns pontos destas travessias temporais herbertianas é o propósito deste trabalho.

Palavras-chave: Herberto Helder; Temporalidades; Intertextualidades.

MULTIPLICIDADE DE VOZES E SENTIDOS EM “MARIDO”, DE LÍDIA JORGE

Sabrina Perpetuo Ferreira (PUC Minas)
sabrina-perpetuo@gmail.com

Este estudo propõe uma leitura do conto *Marido*, de Lídia Jorge, à luz do texto *Torre de Babel*, de Jacques Derrida. Neste, o autor analisa o ensaio *A tarefa do tradutor*, de Walter Benjamin, utilizando como metáfora o mito bíblico da Torre de Babel – narrativa que representa a confusão linguística gerada pela tentativa humana de alcançar o céu. A partir disso, Derrida defende a impossibilidade de uma comunicação plena e, por consequência, de uma tradução perfeita, pois traduzir envolve sempre lidar com rupturas e a tentativa de reconstrução de algo já fragmentado. Ampliamos essa perspectiva derridiana para refletir sobre a linguagem em si, compreendida como um sistema de diferenças e significados que se constroem em relação, e não a partir de um sentido único. É com esse olhar que nos aproximamos do conto *Marido*. A narrativa apresenta Lúcia, uma porteira que vive sob tensão diária diante da incerteza do comportamento do marido ao voltar do trabalho: pode chegar calmo ou violento, bêbado, trazendo sofrimento físico e psicológico. O cotidiano da personagem é atravessado por essa espera angustiante. No conto, identificamos elementos que dialogam com Derrida, como a presença de múltiplas línguas (português e latim) e vozes (de Lúcia, do marido e de outros personagens), criando uma atmosfera de ruído e confusão. Essa diversidade linguística simboliza a fragmentação e a multiplicidade de sentidos presentes na linguagem, alinhando-se à crítica derridiana sobre o ideal de unidade na comunicação.

Palavras-chave: Lídia Jorge; Jacques Derrida; Vozes.

A INFÂNCIA SOB A PERSPECTIVA DA DESESPERANÇA EM VALTER HUGO MÃE: UMA ANÁLISE DA DISTOPIA EM O FILHO DE MIL HOMENS

Schaylla Cristina Pereira Nunes (UFMA/FAPEMA)
schaylla.cristina@discente.ufma.br

A palavra “Distopia” habitualmente é utilizada conforme o seu uso de origem, cunhada pelo filósofo John Stuart Mill, em 1868, para descrever uma sociedade opressora, o oposto da Utopia, que estaria relacionada a uma sociedade considerada perfeita. Tendo como foco o estudo da Distopia, analisando mais profundamente os conceitos de Coelho (1981), nesta pesquisa será observada a perspectiva da desesperança associada a esse termo. Os reflexos de uma sociedade distópica na atualidade representados no romance *O Filho de Mil Homens*, de Valter Hugo Mãe (2024). A obra é uma descrição conjunta de vidas solitárias, injustiçadas e desesperançosas, que de certa forma se relacionam durante o enredo. O pescador Crisóstomo, personagem principal, é descrito no início como um pai à procura de uma figura que pudesse ser o seu filho, e logo é identificada no jovem Camilo, seu novo colega de trabalho. Considerando a representação da infância na literatura de Mãe, a responsabilidade precoce e a vida adulta na infância são alguns dos tópicos realistas abordados no romance. O presente estudo se fundamenta nas teorias de Postman Neil (1999) a respeito do desaparecimento da infância, relacionando aos estudos da Geografia Humanista Cultural sobre o pertencimento e a construção de lugar dos personagens, tendo a afetividade e o contato com o outro como ponto crucial para a sua construção pessoal. Seguindo as teorias de geógrafos como Yi-Fu Tuan (2013) e Edward Relph (2019).

Palavras-Chave: Distopia; Geografia Humanista Cultural; O filho de Mil Homens.

UMA ESCRITA, MUITAS VOZES: A VIDA E O ALÉM-MORTE NO ROMANCE O AMOR TUDO CONSEGUE, DE MARIA O'NEILL

Sérgio Luís Silva de Abreu (UERJ)
abreusergi@gmail.com

Maria O'Neill (1878-1932) chama a atenção no que tange à literatura de autoria feminina em Portugal na primeira metade do século XX, seja por sua participação política no movimento feminista, seja por seus ideais socialistas, ou ainda por suas crenças religiosas, quiçá por sua robusta produção literária. Maria O'Neill foi uma escritora e intelectual portuguesa que se envolveu em diversas frentes de interesse, mas foi sobretudo no Espiritismo que se destacou, o que lhe rendeu reconhecimento e proporcionou diversas viagens para conferências. As ideias que ali se apresentavam coadunavam com uma série de reivindicações sociais por igualdade de direitos em seu tempo, como era o caso das mulheres, já que não havia distinção de gênero na prática do Espiritismo. Além disso, as referências espíritas em sua produção literária são inegáveis, constituindo aqui o nosso objetivo principal de pesquisa. Assim, dedicar-nos-emos, nesta comunicação, a analisar *O amor tudo consegue*, romance de 1929, para evidenciar como o tema do espiritismo foi abordado e sua importância no desenvolvimento da narrativa, revelando como influenciou o meio literário e cultural em Portugal no início do século XX.

Palavras-chave: Autoria Feminina; Espiritismo; Feminismo.

O FILHO NATURAL E O ABANDONO NA INFÂNCIA EM CAMILO CASTELO BRANCO

Severina Jardeleia de Amorim Silva Cima (UERJ)
sevyamorim@gmail.com

Esta pesquisa tem como objetivo examinar as representações da infância no século XIX na produção de Camilo Castelo Branco, observando como o escritor criticava um ideal de família que excluía as crianças mais pobres, desvalidas e/ou ilegítimas. Em *O Filho Natural* e *Maria Moisés*, narrativas que integram as *Novelas do Minho*, o autor apresenta uma visão crítica e realista da sociedade portuguesa, revelando como o meio conservador e religioso condenava atitudes como o desacato à autoridade paterna e as relações sexuais fora do casamento, enquanto tolerava práticas como a exploração infantil, o infanticídio e o abandono de crianças. Já no romance *A Enjeitada*, Camilo expõe a repressão dos desejos e da sexualidade feminina, refletindo sobre os tabus impostos pela sociedade oitocentista. Além disso, a obra aborda de maneira crítica o desejo incestuoso, revelando as contradições morais e sociais que cercavam esse tema à época. Dessa forma, suas narrativas ultrapassam os tradicionais enredos de amores contrariados, proporcionando uma visão mais ampla e incisiva sobre a moralidade e as estruturas sociais do período. A análise desses textos fundamenta-se nos conceitos de infância formulados por historiadores como Philippe Ariès e Michelle Perrot, reforçando a denúncia camiliana de que, no século XIX, apenas as crianças “bem-nascidas” tinham acesso a uma infância plena.

Palavras-chave: Camilo Castelo Branco; Novelas; Infância.

FRACTAL: REFLEXOS DE UM MELANCÓLICO NA ESTÉTICA DO ROMANCE "FAZES-ME FALTA" DE INÊS PEDROSA

Sidney Prando Lindini (UFSCAR)
sidneyprandolindini@gmail.com

O objetivo deste artigo é promover uma discussão em torno da construção do personagem masculino e sua condição melancólica no romance português *Fazes-me Falta*, de Inês Pedrosa. A partir desse ponto, revisitamos o passado português, o colonialismo em África e a ditadura salazarista. Pontuando, também, o papel da memória para traçar considerações acerca da representação do fleumático e sua relação com a forma fractal do romance. *Fazes-me Falta* gira em torno da relação íntima entre dois amigos que sofre uma cisão após a morte da personagem feminina. Ele, o personagem masculino, aquele que permanece, mergulha cada vez mais em um estado melancólico decorrente da sua perda. Os monólogos dos personagens se alternam de forma intercalada ao longo da narrativa que se comporta de forma fractal. Não por acaso, o melancólico é um ser fragmentado. Portanto, deve-se buscar respaldo na tradição dos estudos da melancolia no Ocidente para melhor compreender seu reflexo no romance. A abordagem pretendida aqui visa analisar essa simbiose entre forma e conteúdo que se explica na construção psicanalítica do melancólico, bem como da influência social e histórica de Portugal. Autores de destaque como Antônio Candido, Giorgio Agamben, Linda Hutcheon, Maria Rita Kehl, Sigmund Freud e Walter Benjamin, contribuíram na construção da discussão sobre o personagem, a melancolia e o romance português contemporâneo.

Palavras-chave: Melancolia; Memória; Colonialismo.

REPRESENTAÇÕES DA MUSA NAS POÉTICAS DE ANA LUÍSA AMARAL E MARGARIDA VALE DE GATO

Tamara Roza Campos Amaral (UFF)
tamarac@id.uff.br

A palavra musa habita o imaginário poético em diferentes períodos históricos. Às musas fora concedido o dom da inspiração divina, um dos princípios da composição épica, tornando-se esse um tema presente na tradição poética. Do círculo de poetas contemporâneos(as), Ana Luísa Amaral apresenta-nos inúmeros poemas em que esta presença da musa é recuperada e posta em diálogo com os poetas inspirados por elas. Essa técnica discursiva revela uma tessitura poética que nos conduz à voz da musa, em eco através do tempo. De modo análogo, porém distinto, a poética de Margarida Vale de Gato subverte a tradição canônica da musa inspiradora ao inscrever em poemas uma série de nomes de mulheres históricas e literárias. Essa escolha opera como um gesto de ressignificação, no qual tais figuras femininas ora assumem a voz do sujeito lírico, tornando-se agentes do discurso poético, ora são homenageadas, evocadas ou tematizadas, compondo uma constelação de presenças femininas que tensionam a tradição patriarcal da poesia. Essas ressonâncias recuperam tanto a dimensão física associada ao canto, à voz e ao corpo, quanto aos aspectos ligados ao logos e à matéria do poema. Torna-se, portanto, fundamental analisar os processos de composição destas poéticas, as quais subvertem as funções tradicionalmente atribuídas à musa – inspiração mnemônica e amorosa – a partir de alguns teóricos, como Adriana Cavarero (2011), Maurice Blanchot (2005) e Jacyntho Brandão (2000), a fim de tecer uma abordagem teórica acerca da temática da musa na atualidade; Eric Havelock (1996), para pensar a voz da musa no poema contemporâneo.

Palavras-chave: Musa; Poesia Portuguesa Contemporânea; Tradição Poética.

A VIOLÊNCIA E A LINGUAGEM VAMPIRESCA DE JOSÉ CARDOSO PIRES E DALTON TREVISAN

Tatiana Percio (UFFS)
tatiana.percio@estudante.uffs.edu.br

A literatura articula o sublime e o grotesco de maneira a criar uma oscilação constante no leitor. A fruição estética que se capta em contos como *Ritual de pequenos vampiros*, de José Cardoso Pires e *O vampiro de Curitiba*, de Dalton Trevisan, pauta-se pelo desconforto, em especial pela construção narrativa da violência vivida e naturalizada no cotidiano das personagens. Os contos retratam o ambiente urbano (e, aparentemente, culto e civilizado) como espaço de marginalização e mascaramentos sociais, criando uma visão da miséria humana e sua revelação por meio da literatura. Como aspecto teórico, analisar a carnavalização da linguagem possibilita deslocar o olhar e voltar-se para as estruturas submersas do ordinário, conforme aponta Mikhail Bakhtin em sua leitura dos gêneros sério-cômicos. Dessa forma, a partir da exposição desses “vampiros” como as faces do submundo que se eleva, pode-se observar a desumanização pela linguagem como campo de reflexão social e humana.

Palavras-chaves: Vampiro; Carnavalização; Conto; Marginalização.

**NOSSA SENHORA DE TODAS AS ANGÚSTIAS: A FIGURAÇÃO
AMBIVALENTE DA SANTA MESTIÇA EM NÃO SE PODE MORAR NOS
OLHOS DE UM GATO, DE ANA MARGARIDA DE CARVALHO**

Thai Zeilmann Machado (UFSM)
thai.machado@acad.ufsm.br

Em um navio negreiro clandestino, uma “santa de pau” com “cabelos de índia” é a primeira narradora de *Não se pode morar nos olhos de um gato* (2016), de Ana Margarida de Carvalho. Logo de início, portanto, deparamo-nos com essa curiosa narradora homodiegética; onisciente por sua condição transcendente, porém impotente, uma consciência vagante presa num corpo de madeira incompleto. A figura da santa mestiça adensa-se na medida em que temos acesso tanto ao seu ponto de vista enquanto narradora – sarcástica, delatora e autodepreciativa –, quanto aos dos demais personagens em relação à entidade. Pretendo, então, analisar aspectos de ordem do discurso narrativo na figuração da Nossa Senhora das Angústias – trazendo Reis (2015) como suporte teórico, em especial no âmbito retórico-discursivo, mapeando o jogo discursivo que degrada essa personagem, à primeira vista, sacra (Bakhtin, 2014) –, assim como seu funcionamento enquanto ser ficcional e artefato textual simbólico (Eder, 2014) no romance, à luz do pós-colonialismo (Ribeiro, 2003). A fim de discorrer acerca da função da santa enquanto narradora, utilizarei as contribuições teóricas de Bal (2021) e Richardson (2006), apontando os recursos narrativos que constroem a imagem ambivalente da santa mestiça

Palavras-chave: Ana Margarida de Carvalho; Não se Pode Morar nos Olhos de um | Gato; Figuração de Personagem.

PARA CORRIGIR O ACASO: O JOGO NAS EDIÇÕES DE PEQUENOS BURGUESES

Thalles Candal Reis Fernandes (Capes/UFRJ)
thalles.candal@letras.ufrj.br

As cenas dos jogos de baralho ocupam uma posição central no enredo de *Pequenos Burgueses*, de Carlos de Oliveira, além de veicular algumas definições notáveis para o jogo e sua importância na vida daquelas personagens. Esta apresentação buscará analisar essa dimensão lúdica na obra narrativa que mais sofreu alterações no processo de reescrita do autor. Em *Pequenos Burgueses*, as dinâmicas sociais encontram à mesa de jogo um ambiente díspar onde o poder ora interfere como na vida, ora é vingado, ora é reduzido à mera sorte das cartas: um momento em que, salvo a aldrabice ou a batota (que também são recursos do jogo), as condições entre os jogadores são iguais. No entanto, o debate ao redor do jogo é mais profundo do que suas representações sociais ou econômicas, encontrando reflexos na própria visão de mundo das personagens, suas interações amorosas e fraternais, suas existências. O jogo, em *Corgos*, movimenta a economia, os afetos e os status sociais. A significação do jogo para D. Álvaro, por exemplo, é alinhada a essa concepção: “É jogador até ao fundo da alma, e com a alma não brinca ele. Senta-se, mergulha na tensão do jogo, como se mergulhasse no mistério da missa, e tenta compreendê-lo.” (Oliveira, 1992, p. 779). Pretende-se cotejar a primeira edição de 1948 em relação à edição de 1970, refundida e reescrita na versão que temos hoje à disposição, de modo a compreender a centralidade que o jogo ganha na obra de Oliveira como um todo em sua segunda metade.

Palavras-chave: Carlos de Oliveira; Pequenos Burgueses; Jogo; Reescrita.

O SUJEITO FEMININO E ESPAÇO NA LITERATURA PORTUGUESA

Vania Maria da Silva (USP)
vania.maria1519@usp.br

O geógrafo brasileiro Milton Santos foi um dos grandes pensadores sobre o espaço do homem e o homem no espaço e é dele a frase que agora recorreremos de que “o momento passado está morto como o tempo, não porém como espaço”. Tal singularidade – que dá ao espaço uma instância social, observando-o tanto no caráter objetivo, seus objetos fixos e elementos espaciais, quanto na perspectiva subjetiva, relativa aos fluxos e dinâmicas sociais, - é uma esteira pela qual possamos caminhar para entender as representações sociais do sujeito feminino na literatura portuguesa contemporânea. A categoria do espaço assume cada vez mais preponderância, ganha protagonismo e acalora as discussões sobre identidades, tendo como ambiência a literatura. As cidades possuem um texto complexo, constituído pelas operações que a organizam cotidianamente, mas sobretudo pelos inúmeros sujeitos que as experenciam. O presente trabalho investiga as relações do espaço citadino e público com a formação do sujeito feminino figurado no romance contemporâneo de autoria feminina. O corpus para análise é o romance *A Árvore das palavras*, publicado em 1997, da escritora portuguesa Teolinda Gersão, referência de criticidade sobre a história oficial de Portugal e de abordagens como o corpo e silêncio feminino, o espaço da casa e o interior de personagens que revelam tensões do patriarcalismo português. As premissas teóricas fundamentam-se: sobre espaço com Gaston Bachelard (1978), Osman Lins (1976) e Mônica Figueiredo (2011); cidade com os autores Renato Cordeiro Gomes (2008); e corpo com Mônica Figueiredo (2011), José Ornellas (2005) e Maurice Merleau-Ponty (1999).

Palavras-chave: Espaço; Cidade; Corpo feminino; Autoria Feminina; Teolinda Gersão.

ALICE IN THUNDERLAND (2020), DE TEOLINDA GERSÃO: “AS PALAVRAS NÃO DITAS QUEIMAM NA BOCA”

Venerson Cardoso Capuano Fontellas (USP)
fontellas@usp.br

Assim como o Deus bíblico criou o mundo a partir da palavra, também o fazem os escritores quando criam suas narrativas. Igualmente, por exemplo, fez Lewis Carroll ao criar a menina *Alice em Alice no País das Maravilhas* (1865) e *Alice Através do Espelho* (1871). A palavra, a partir dos pressupostos teóricos de Saussure (2015), pode ser entendida como um signo linguístico, o qual se divide em dois elementos: o significante, que é a parte sonora ou visual (letras e fonemas), e o significado, que é o conceito ou imagem associada a esse vocábulo. Por isso, é claro que não podemos separar a palavra da imagem, ou seja, a palavra da imaginação. É justamente nesse contexto que nos chamou a atenção o conto *Alice in Thunderland* (2020), de Teolinda Gersão, não só porque Alice (Liddell), a menina-inspiração de Carroll, ao se transpor em personagem, requer para si o direito à palavra, à voz, mas porque a palavra é tratada ao longo do texto por diferentes perspectivas atreladas a uma espécie de não-dito, perceptível principalmente sobre aquilo que as personagens entendem ou não entendem, o que, ao que nos parece, faz parte também das características das narrativas contemporâneas. Assim, esta comunicação tem a pretensão de não apenas apresentar e discutir como a obra aborda a temática elencada, mas também de como esse processo é verificável na bibliografia especializada.

Palavras-chave: *Alice in Thunderland*; Teolinda Gersão; Palavra.

**ENTRE O SENTIDO E A SENSACÃO: OS DIÁLOGOS PRESENTES NO
TEXTO LITERÁRIO E NA PINTURA EM DIJAIMILIA PEREIRA DE
ALMEIDA E MAFALDA IVO CRUZ**

Verônica Farias Sayão (PUCRS)
revisora.veronica@gmail.com

A literatura hipercontemporânea (Angelini; Binet, 2016) traz diferentes temáticas como eixos das obras, estando o corpo como uma delas, visto que é um instrumento que expõe as angústias humanas, sensações íntimas da carne, a emoção e o mental. Presenciamos um mundo em grande mutação, trazendo evidentes mudanças na sociedade, muitas vezes refletidas na literatura. Assim, pensar o corpo é tanto sinônimo de compreensão do mundo ao nosso redor, como de nós mesmos. Isto posto, este artigo se debruça sobre as obras *Toda a ferida é uma beleza*, de Djaimilia Pereira de Almeida (2023), e *Emma*, de Mafalda Ivo Cruz (2004), devido ao corpo permear as narrativas textual e visual de ambas, sendo costurado pela subjetividade demarcada pela dor das protagonistas. Desse modo, o objetivo deste estudo é analisar como o corpo é retratado na literatura de Almeida (2023) e de Cruz (2004), assim como compreender como as pinturas de Isabel Baraona (2023) e Joana Villaverde (2004) preenchem as lacunas simbólicas deixadas pelo texto. Para tanto, utilizei o aporte teórico sobre corpo encontrado nas obras de David Le Breton (2010), Jean-Luc Nancy (2000; 2015) e Gonçalo M. Tavares (2021), entre outros, a fim de explorar as simbologias que orbitam a corporeidade; e sobre imagem, principalmente nas obras de Roland Barthes (1984; 2009), W. J. T. Mitchell (2015) e Jacques Rancière (2005; 2015), a fim de depreender o quanto a pintura é a arte dos corpos, o eixo interno-externo que revela o conflito do indivíduo com o mundo.

Palavras-chave: Corporeidade; Violência; Pintura; Interfaces; Literatura Hipercontemporânea.

**AS VOZES QUE O LUTO LIBERTA: GESTOS DE ANÁLISE DE
PASSAGENS, DE TEOLINDA GERSÃO, A PARTIR DA MEMÓRIA
GERACIONAL**

Victória Loureiro Bulling (UFSM)
victoria.bulling@acad.ufsm.br

O romance *Passagens* (2014), da autora portuguesa Teolinda Gersão, aborda temas como o luto, a memória e a culpa, que perpassam três gerações de mulheres. Com uma escrita que além de se aventurar no enfrentamento das convenções narrativas, também é ambientada em um espaço não usual, durante o velório de uma das protagonistas, Gersão apresenta ao leitor e à leitora personagens intrigantes e misteriosas que, ao longo do romance, serão desveladas e compreendidas através de uma miríade de perspectivas narrativas diversas em seu verdadeiro ser. Neste trabalho, busco investigar a memória geracional dessa família, bem como o que as lembranças, muitas vezes forjadas, revelam sobre as três mães representadas, cujas relações são pautadas em elementos que transcendem os diálogos. As teóricas responsáveis por guiar meu mergulho profundo e analítico ao passado dessas mulheres são: Aleida Assmann, a partir de seus estudos sobre a memória de mortos e mortas e das falsas recordações, presentes na obra *Espaços de Recordação* (2011); Adrienne Rich, a partir de suas reflexões sobre as relações familiares entre mães e filhas, descritas em *Of Woman Born* (1976); e, por fim, Marianne Hirsch, em sua obra *The Generation of Postmemory* (2012), na tentativa de aproximar suas teorias sobre memória, trauma e transmissão geracional ao construir um paralelo de análise no intuito de aplicá-las às gerações familiares presentes no corpus de investigação elencado.

Palavras-chave: Memória Geracional; Maternidade; Relações familiares.

O SONO E A ILHA: LITERATURA COMPARADA, INTERSECÇÕES ENTRE MURAKAMI E SARAMAGO

Vinícius Pedroza Morelato (Unicentro)
vinicius.morelato@outlook.com

Este projeto propõe uma análise comparativa entre os contos: *Sono* (2010), de Haruki Murakami (1949), e *O Conto da Ilha Desconhecida* (1998), de José Saramago (1922-2010). A proposta parte da identificação de pontos de aproximação presentes nas narrativas, especialmente no que diz respeito à subjetividade do sujeito, à formação identitária e à noção de liberdade. Tais temas atravessam ambas as obras e revelam inquietações existenciais que dialogam com um viés próximo ao existencialismo. Nesse sentido, busca-se explorar como os protagonistas desses contos enfrentam uma jornada em direção à liberdade individual. A fundamentação teórica do estudo baseia-se na produção filosófica de Jean-Paul Sartre (1905-1980). Sartre parte de sua premissa – amplamente debatida – de que, caso Deus não exista, há pelo menos um ser cuja existência precede a essência: o homem. O estudo trabalha com três personagens: “mulher sem sono”, “homem do leme” e “mulher da limpeza”, sendo o primeiro personagem de Murakami e os dois últimos, de Saramago. Os três personagens podem ser interpretados à luz da concepção de personagem conceitual, conforme propõem Deleuze e Guattari (2010). Assim, na enunciação filosófica, não se faz algo ao dizê-lo, mas realiza-se o movimento ao pensá-lo, por intermédio de um personagem conceitual. Desse modo, os personagens conceituais são verdadeiros agentes de enunciação que atravessam diferentes planos da existência.

Palavras-chave: Existencialismo; Identidade; Murakami; Saramago; Liberdade.

O BRASIL COLONIAL SOB O OLHAR FEMININO: ANÁLISE DE DESMUNDO

Vitória Carolina Marinho (UEL)
vitoria.marinho@uel.br

Este trabalho analisa o romance *Desmundo*, de Ana Miranda, que oferece uma visão crítica sobre o Brasil colonial do século XVI pela perspectiva de uma protagonista feminina. A narrativa acompanha Oribela, uma jovem portuguesa forçada a deixar sua terra natal para se casar com um colono, revelando as condições de submissão e resistência vividas pelas mulheres europeias trazidas ao Brasil por Portugal. A análise se concentra nas relações de poder, nas questões de gênero, cultura e religião, e na violência estrutural enfrentada por mulheres. A escrita de Ana Miranda, que mistura uma linguagem arcaica com um estilo descritivo, desafiando as narrativas históricas tradicionais, traz à tona a perspectiva feminina como um elemento essencial na construção da história colonial. Este estudo busca, assim, mostrar como o romance, por meio de sua estrutura linguística, elabora uma crítica à sociedade colonial e às injustiças impostas às mulheres.

Palavras-chave: Desmundo; Ana Miranda; Condição Feminina; Brasil Colonial.

EÇA DE QUEIRÓS E A EDUCAÇÃO: AS FARPAS EM UMA CAMPANHA ALEGRE

Wilian Augusto Inês (UFPR)
wilianaugustoinês@gmail.com

A crônica foi um dos grandes instrumentos de divulgação de informações e críticas de jornalistas e literatos no século XIX. Um exemplo são os textos d'*As Farpas* – crônica mensal da política, das letras e dos costumes, folhetos escritos por Eça de Queirós (1845-1900) em coautoria com Ramalho Ortigão (1836-1915), nos quais foram disseminados inúmeros comentários críticos direcionados a diversos setores da sociedade portuguesa daquele período. Embora os folhetos tenham circulado entre 1871 e 1882, a contribuição de Eça ocorreu somente por dois anos, entre 1871 e 1872, pois o escritor abandonou a colaboração ao deixar Portugal para se tornar cônsul em Havana, Cuba. No entanto, em 1890, Ramalho Ortigão propôs a Eça que republicasse os textos de sua autoria, sugestão recebida pelo escritor com certa reticência. O aceite se deu com a condição de que a nova edição das crônicas recebesse outro nome e que passasse por uma revisão sua. A nova versão foi publicada entre 1890 e 1891 sob o título de *Uma Campanha Alegre* e teve diversas partes suprimidas por Eça. Este trabalho visa analisar a crônica publicada em outubro de 1871 n'*As Farpas* e a versão de *Uma Campanha Alegre*, averiguando as partes que foram suprimidas relacionadas à Educação, buscando identificar as possíveis motivações para a retirada desses trechos.

Palavras-chave: Eça de Queirós; *As Farpas*; *Uma Campanha Alegre*.

DRAMA EM GENTE, DRAMA EM JOGO: LUDOPESSOA E A ADAPTAÇÃO HETERONÍMICA PARA UM JOGO DE TABULEIRO

Willian Cecato dos Santos (UFFS)
willian16cecato@gmail.com

A literatura, quando integrada a estratégias pedagógicas criativas como processo de aprendizagem, excede o seu aspecto silencioso, além da leitura, podendo-se transformar em algo lúdico, possibilitando também, o aperfeiçoamento das habilidades psicomotoras. Nesse sentido, o projeto de extensão *Adamastor: laboratório de criação de jogos didáticos*, propõe o desenvolvimento de jogos, explorando o seu potencial educativo como ferramenta de mediação literária. Inserido em um contexto contemporâneo de busca por metodologias mais atrativas no ensino, especialmente no campo das humanidades, o projeto parte da gamificação para estimular a leitura e a análise da obra de Fernando Pessoa, um dos maiores nomes da literatura portuguesa. A complexidade e diversidade da produção pessoana expressa através do ortônimo e de seus principais heterônimos (Álvaro de Campos, Ricardo Reis e Alberto Caeiro) é reproduzida aqui em cartas ilustradas com versos selecionados, elementos visuais e uma mecânica de jogo interativa que demanda estratégia e sorte. A fundamentação teórica se alicerça em Linda Hutcheon, com sua visão dos caminhos de adaptação, e Johan Huizinga e Roger Caillois, com suas concepções do jogo como parte formadora da cultura e da humanidade. A proposta é abordar o jogo como suporte didático, capaz de facilitar a apropriação crítica e estética da poesia. A experiência prática em escolas e eventos acadêmicos demonstrou o êxito do projeto como recurso pedagógico, unindo os aspectos de entretenimento e leitura. O jogo LudoPessoa, portanto, busca trazer a obra de Fernando Pessoa para um âmbito mais acessível, possibilitando a visita da obra do poeta, em uma forma mais espontânea e dinâmica.

Palavras-chave: Literatura; Gamificação; Fernando Pessoa; Extensão.

“DEIXA-ME QUE FUJA”: MÓNICA, PERSONAGEM SÍMBOLO DA SUBJUGAÇÃO AO PATRIARCADO

Yasmin Andrades Scapin (UFSM)
yasminandradesscapin@gmail.com

Nycolas Tasca da Silva (UFSM)
nycolas.tasca@acad.ufsm.br)

Em *Novas Cartas Portuguesas* (1974), romance escrito por Maria Teresa Horta, Maria Isabel Barreno e Maria Velho da Costa, encontramos uma variedade de gêneros, de formas e temas em um amplo conjunto de narrativas, que se diversificam e interligam por diferentes perspectivas e personagens. Para este estudo, debruçamo-nos sobre a figuração da personagem Mónica que se multiplica em diferentes faces, mantendo como dimensão simbólica a subjugação e a resistência ao patriarcado. A metodologia adotada envolve a leitura analítica da obra, à luz de teóricos como Carlos Reis, Philippe Hamon e Judith Butler. A diegese de Mónica não é única, mas plural e reflete o contexto de diferentes mulheres em épocas distintas, vivenciando a mesma sujeição aos padrões sociais, ou a si mesmas, pelo corpo. De um lado temos as “Mónicas”, uma representação de feminino aprisionado que só encontra a liberdade através do assassinato; do outro temos as “Mónicas M”, também encarceradas, mas em si mesmas e descobrindo um outro modo de liberdade: o suicídio. Portanto, Mónica emerge como uma figura simbólica, capaz de condensar em si as tensões entre o silêncio e a voz, o desejo e a repressão, a norma e a transgressão, tornando-se um dispositivo narrativo fundamental na crítica à condição feminina imposta pelo patriarcado.

Palavras-chave: Mónica; Subjugação; Resistência.

LISTA DOS AUTORES EM ORDEM ALFABÉTICA

1. ADILSON DOS SANTOS
2. ADRIANA GIRÃO CAMPITI BRAGA
3. ADRIANA GONÇALVES DA SILVA
4. ADRIELE LIMA DE FIGUEIREDO
5. ALDINIDA DE MEDEIROS SOUZA
6. ALESSANDRA CRISTINA MOREIRA DE MAGALHÃES
7. ALESSANDRO BARBOSA
8. ALEX ALVES FOGAL
9. ALEXANDRE LEIDENS
10. ALINE CORTE
11. ALINE MAJOLO
12. ALYNE ISABELE DUARTE DA SILVA
13. AMANDA GOMES DO AMARAL
14. AMANDA JAHN RIBEIRO
15. AMANDA MACHADO SORGI
16. ANA BEATRIZ AFFONSO PENNA
17. ANA CLARA MAGALHÃES DE MEDEIROS
18. ANA CLAUDIA DA SILVA
19. ANA CRISTINA COMANDULLI DA CUNHA
20. ANA CRISTINA DA SILVA
21. ANA CRISTINA RIBEIRO BONCHRISTIANO
22. ANA LUIZA DOS SANTOS
23. ANA MARCIA ALVES SIQUEIRA
24. ANA MARIA WERTHEIMER
25. ANA PAULA DONIDA
26. ANA PAULA SILVA
27. ANDRE CARNEIRO RAMOS
28. ANDRÉ LUIZ DO AMARAL
29. ANDREIA ALVES MONTEIRO DE CASTRO
30. ANGELA GUIDA
31. ANNA KLOBUCKA
32. ANTONIO AUGUSTO NERY
33. ANTONIO MARCOS LESCANO DE OLIVEIRA
34. ANTÔNIO MARTINS DA SILVA JÚNIOR
35. ATHALYA GABRIELA SANTOS QUINAGLIA
36. BÁRBARA DEL RIO ARAÚJO
37. BÁRBARA ROBERTA ALMEIDA TREVISAN
38. BEATRIZ LOPES PRATS
39. BIANCA DE OLIVEIRA PICACCIO
40. BIANCA GOMES BORGES MACEDO
41. BIANCA ROSINA MATTIA
42. BRENO CÉSAR GÓES
43. BRUNA DA SILVA OTTO DE OLIVEIRA
44. BRUNA DE OLIVEIRA SALES
45. BRUNO LUTIANNY FAGUNDES MONÇÃO
46. CAIO JOSÉ FONTEQUE GASPAR
47. CAMILA DA SILVA ALAVARCE CAMPOS
48. CARLOS ANTÓNIO ALVES DOS REIS

49. CARLOS EDUARDO SOARES DA CRUZ
50. CARLOS GONTIJO ROSA
51. CARLOS HENRIQUE FONSECA
52. CAROLINA MONTAGNINI DO NASCIMENTO
53. CAROLINE HENRIQUE DUDA
54. CATIA MONTEIRO WANKLER
55. CECÍLIA DE OLIVEIRA CAVALCANTE
56. CINTHIA DA SILVA BELONIA
57. CINTIA BRAVO
58. CINTIA TAVARES SAVIAM
59. CLARISSE DIAS PESSÔA
60. CLAUDIA BARBIERI
61. CLAUDIA MARIA DE SOUZA AMORIM
62. CLÁUDIA MENTZ MARTINS
63. CLEOMAR PINHEIRO SOTTA
64. CRISTIANE NAVARRETE TOLOMEI
65. CYBELE REGINA MELO DOS SANTOS
66. DAIANE CRISTINA PEREIRA
67. DAIANE RODRIGUES DA SILVA
68. DANIEL MARINHO LAKS
69. DANIEL RODRIGUES DE CASTRO
70. DANIEL VECCHIO ALVES
71. DANIELA IMACULADA PEREIRA COSTA
72. DIOGO BALLESTERO FERNANDES DE OLIVEIRA
73. DOMENIQUE RANGEL DE OLIVEIRA
74. EDUARDO PRAZERES DOS SANTOS
75. EDUARDO SOCZEK MENDES
76. EDVALDO A. BERGAMO
77. ELANIR FRANÇA CARVALHO
78. ELIANA DA CONCEICÃO TOLENTINO
79. ELIANE SOARES SANTA BRÍGIDA
80. ELISÂNGELA ANELI RAMOS DE FREITAS
81. ERICK DOUGLAS NASCIMENTO DA SILVA
82. EVELYN ROCHA DE SOUZA
83. FABIANA NICOLI DIAS
84. FABIANE GILBERTO PEREIRA BICALHO
85. FABIO MARIO DA SILVA
86. FATIMA PETRAZZINI GRUBLER
87. FELIPE FRASSON FUSCO
88. FELIPE PEREIRA DE CARVALHO
89. FELIPE RODRIGUES SOARES
90. FERNANDA GAPPO LACOMBE
91. FERNANDA SAMPAIO GOMES DOS SANTOS
92. FLÁVIA MARIA FERRAZ SAMPAIO CORRADIN
93. FRANCESCO CARLO TURILLI
94. GABRIEL DÓRIA RACHWAL
95. GABRIEL FALLACI FERNANDO
96. GABRIEL FELIPE DA SILVA
97. GABRIEL VICTOR ROCHA PINEZI
98. GABRIELA FARIAS DA SILVA
99. GERALDO AUGUSTO FERNANDES

100. GERSON LUIZ ROANI
101. GÉSSICA MOREIRA RAMOS
102. GIOVANE MOURA
103. GIULIANO LELLIS ITO SANTOS
104. GUILHERME JOSÉ PURVIN DE FIGUEIREDO
105. GUSTAVO DE MELLO SÁ CARVALHO RIBEIRO
106. GUSTAVO SARAIVA SILVEIRA
107. GUYLHERME CUSTÓDIO
108. HELDER GARMES
109. HELENA ETELVINA DE LEMOS CARVALHÃO BUESCU
110. HELLIO FELLIPE DALLE PIAGGE
111. IDA MARIA SANTOS FERREIRA ALVES
112. ISABEL SCREMIN DA SILVA
113. ISABELA CORADINI PINHEIRO
114. ISABELA PADILHA PAPKE
115. IZABEL MARGATO
116. JADE LUÍSA MARTINS BARBALHO
117. JAIR ZANDONÁ
118. JAMILA ZAHARA JUNY
119. JEAN CARLOS CARNIEL
120. JEANINE GERALDO
121. JERONIMO PIZARRO JARAMILLO
122. JÉSSICA APARECIDA SANTACHIARA NASCIMENTO SANTOS
123. JOÃO PEDRO CARDOSO FACCIO
124. JOÃO PEDRO DA CUNHA DE ALMEIDA
125. JONAS JEFFERSON DE SOUZA LEITE
126. JÔNATAS CHAGAS RAMOS
127. JORGE ALBERTO URIBE LOZADA
128. JORGE VICENTE VALENTIM
129. JOSÉ CÂNDIDO DE OLIVEIRA MARTINS
130. JOSÉ CARLOS SIQUEIRA
131. JULIANO ANDRE KREUTZ
132. JULIENY SOUZA DO NASCIMENTO
133. KATRYM ALINE BORDINHÃO DOS SANTOS
134. KELIANE DA SILVA DE JESUS
135. KELVIN PABLO DOMINGOS MENDES
136. KÉSIA PALMA KOBAYASHI
137. KETHLYN SABRINA GOMES PIPPI
138. KEURYN STÉFANE BARBOSA DE ARAÚJO
139. LARA TREVISAN
140. LARISSA BISTAFA ANTUNES DE OLIVEIRA
141. LARISSA ISNARDI BARRETO
142. LEONARDO ZUCCARO
143. LETICIA MARINA KOLB
144. LETÍCIA NERY
145. LIANDRA CORRÊA SILVA
146. LORRAIN ALMEIDA SERRÃO DE SOUZA
147. LUAN EMANOEL LUPATTINI
148. LUANA BOIANI LEITE
149. LUANA CATITA STEFFLER
150. LUCAS BREDÁ MAGALHÃES

151. LUCAS MATHEUS DA SILVA DE CARVALHO
152. LUCAS PADULA D´AVILA
153. LUCIANA MORTÉO ÉBOLI
154. LUCIENE MARIE PAVANELO
155. LUIS CLAUDIO DE SANTANNA MAFFEI
156. LUIZ CARLOS SANTOS SIMON
157. LUIZ EDUARDO MARTINS DE FREITAS
158. LUIZ EDUARDO RODRIGUES AMARO
159. LUMA DE ALMEIDA ESPÍNDOLA
160. LUZIA RIBEIRO DE CARVALHO
161. MADALENA SIMOES DE ALMEIDA VAZ PINTO
162. MAGED TALAAT MOHAMED AHMED ELGEBALY
163. MANOEL BARRETO JUNIOR
164. MARCELA ANSALONI DE AZEVEDO
165. MARCELLA ANDRADE GOMES DO NASCIMENTO
166. MARCELO BRANDÃO MATTOS
167. MARCIA MANIR MIGUEL FEITOSA
168. MARCIA MARIA DE ARRUDA FRANCO
169. MARCIO JEAN FIALHO DE SOUSA
170. MARCIO ROBERTO PEREIRA
171. MARCUS DE MARTINI
172. MARIA ALICE SABAINI DE SOUZA MILANI
173. MARIA AMÉLIA BEZERRA SERRANINHO
174. MARIA APARECIDA OLIVEIRA DE CARVALHO
175. MARIA APARECIDA RIBEIRO
176. MARIA DA GLORIA BORDINI
177. MARIA DA PENHA BRANDIM DE LIMA
178. MARIA DO CARMO ALMEIDA DE OLIVEIRA
179. MARIA EDUARDA ZORZIN
180. MARIA GABRIELA SILVA DE MACEDO E MARQUES GUERRA
181. MARIA LUÍSA BRUNO BAUMGART
182. MARIA LUIZA MEDEIROS RIOS
183. MARIA LUIZA SCHER PEREIRA
184. MARIA SILVA PRADO LESSA
185. MARIA TERESA DUARTE DE JESUS GONÇALVES DO NASCIMENTO
186. MARIA THERESA ABELHA ALVES
187. MARIANA DA SILVA LIMA
188. MARIANA MIRANDA MÁXIMO
189. MARILDA BEIJO FRÓES
190. MARINA GIALLUCA DOMENE
191. MARINA OTERO LEMOS SILVA
192. MARINNA SILVA SANTOS
193. MÁRIO CESAR LUGARINHO
194. MARISA CORREA SILVA
195. MATEUS ROQUE DA SILVA
196. MAURÍCIO DUTRA FÉLIX
197. MAURO DUNDER
198. MICHELLE CARDOSO DE SÁ
199. MICHELLE THALYTA CAVALCANTE ALVES PEREIRA
200. MILENA FIGUEIREDO MAIA
201. MONICA CHAGAS DA COSTA

202. MONICA GENELHU FAGUNDES
203. NAIARA MARTINS BARROSO
204. NEFATALIN GONÇALVES NETO
205. NYCOLAS TASCA DA SILVA
206. ORIVALDO ROCHA DA SILVA
207. ORLANDO NUNES DE AMORIM
208. PAMERA FERREIRA SANTOS
209. PAOLA POMA
210. PATRICIA DA SILVA CARDOSO
211. PATRÍCIA LEITÃO DE ALMEIDA
212. PAULA TIMS CARNEIRO CAMPELLO
213. PAULO ALBERTO DA SILVA SALES
214. PAULO FERNANDO DA MOTTA DE OLIVEIRA
215. PAULO HENRIQUE RIBEIRO RATTI
216. PAULO RICARDO BRAZ DE SOUSA
217. PAULO RICARDO KRALIK ANGELINI
218. PEDRO HENRIQUE DE BRITO BORGES
219. PEDRO MARTINS CRUZ DE AGUIAR PEREIRA
220. PEDRO SCHACHT PEREIRA
221. PENÉLOPE EIKO ARAGAKI SALLES
222. RAFAELLA CRISTINA ALVES TEOTÔNIO
223. RANIERI EMANUELE MASTROBERARDINO
224. RAPHAEL FELIPE PEREIRA DE ARAUJO
225. RAQUEL BRANDÃO SERRO
226. RAQUEL TRENTIN OLIVEIRA
227. REGINA LÚCIA GONÇALVES PEREIRA SILVESTRINI
228. RENAN HENRIQUE MESSIAS DE PAULO
229. RENATO FORIN JUNIOR
230. RITA APARECIDA COELHO SANTOS
231. RITA MARIA DA SILVA MARNOTO
232. ROBERTA GUIMARÃES FRANCO FARIA DE ASSIS
233. ROBERTO BEZERRA DE MENEZES
234. ROBSON JOSÉ CUSTÓDIO
235. RODRIGO CAETANO ANDREU
236. RODRIGO VALVERDE DENUBILA
237. ROSANA APOLONIA HARMUCH
238. ROSANA CRISTINA ZANELATTO SANTOS
239. ROSANGELA SARTESCHI
240. ROSELY DE FÁTIMA SILVA
241. ROSEMARY GONCALO AFONSO
242. SABRINA PERPETUO FERREIRA
243. SABRINA SEDLMAYER PINTO
244. SAULO GOMES THIMOTEO
245. SCHAYLLA CRISTINA PEREIRA NUNES
246. SÉRGIO GUILHERME CABRAL BENTO
247. SÉRGIO LUÍS SILVA DE ABREU
248. SERGIO NAZAR DAVID
249. SÉRGIO PAULO GUIMARÃES DE SOUSA
250. SEVERINA JARDELEIA DE AMORIM SILVA CIMA
251. SIDNEY PRANDO LINDINI
252. SILEIDE FRANCE TURAN SALVADOR

253. SILVIO CESAR DOS SANTOS ALVES
254. SILVIO RENATO JORGE
255. SUELY LEITE
256. SUSANA MARIA LOUREIRO DA SILVA MATOS ANTUNES
257. SUZANA COSTA DA SILVA
258. TAMARA ROZA CAMPOS AMARAL
259. TATIANA PERCIO
260. TATIANA PREVEDELLO
261. TERCIA COSTA VALVERDE
262. TERESA CRISTINA CERDEIRA DA SILVA
263. TEREZA MARIA TAVARES DOS SANTOS JORGE
264. THAI ZEILMANN MACHADO
265. THAÍLA MOURA CABRAL
266. THALLES CANDAL REIS FERNANDES
267. ULYSSES ROCHA FILHO
268. VALERIA EVENCIO ZECCHINELLO DE CARVALHO
269. VANDA MARIA COUTINHO GARRIDO ANASTÁCIO
270. VANIA MARIA DA SILVA
271. VENERSON CARDOSO CAPUANO FONTELLAS
272. VERA LOPES DA SILVA
273. VERÔNICA FARIAS SAYÃO
274. VERONICA PRUDENTE COSTA
275. VICTÓRIA LOUREIRO BULLING
276. VINICIUS PEDROZA MORELATO
277. VINÍCIUS RICHTER GUIMARÃES
278. VITÓRIA CAROLINA MARINHO
279. VIVIANE DA SILVA VASCONCELOS
280. WILIAN AUGUSTO INÊS
281. WILLIAN CECATO DOS SANTOS
282. YASMIN ANDRADES SCAPIN

abraPlip



CATÓLICA
CEFH · CENTRO DE ESTUDOS
FILOSÓFICOS E HUMANÍSTICOS

BRAGA